

MAKTUB 1

ENTRE

AS

Arcias

DO

Tempo

KRISTEL RALSTON

FINALISTA DO 2º CONCURSO DE AUTORES INDIES DE AMAZON



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

Entre as Areias do tempo

Primeiro da série MAKTUB

Kristel Ralston

©Kristel Ralston 2018.

Entre as Areias do Tempo.

Série Maktub Livro 1.

Título original: Entre las arenas del tiempo (Maktub 1).

Todos os direitos reservados.

Todas as obras da escritora estão apoiadas por SafeCreative.

SafeCreative. N. 1807307884406

Desenho da capa: Karolina García Rojo ©Shutterstock

Tradutor: Magda Romero Jubilot.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema ou transmitida de alguma forma, ou por qualquer meio electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros métodos, sem a prévia e expressa autorização do proprietário do copyright.

Esta é uma obra literária de ficção. Lugares, nomes, circunstâncias, caracteres são produto da imaginação do autor e o uso que se faz deles é fictício; qualquer semelhança com a realidade, estabelecimentos de negócios (lojas), situações ou feitos são pura coincidência.

“As palavras nunca chegam quando o que se tem a dizer transborda a alma.”

Julio Cortázar.

Índice

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

EPÍLOGO

SOBRE A AUTORA

PRÓLOGO

Tobrath, Reino de Azhat, Médio Oriente.

O aroma dos incensos misturava-se com o ar quente do final da tarde em Azhat, um pequeno e rico país no deserto. Esse era o dia mais importante para o harém do rei, o xeque Zahr bin Wassehal Al-Muhabitti. O filho herdeiro ao trono, o príncipe Bashah, ia iniciar, como ditava a tradição, sexualmente uma concubina virgem.

As quarenta concubinas, que tinham aprendido a dar prazer, estavam numa ala paradisíaca do palácio real. Nenhuma delas era de Azhat. Todas chegaram por vontade própria desde diferentes países do Médio Oriente atraídas pela promessa, totalmente falsa, de uma vida cheia de luxos. Nenhuma delas pode abandonar o harém sem o consentimento do rei. Além de uma atitude de servilismo, aquilo considerava-se um ato de respeito pela boa vida que tinham no palácio.

Após um rigoroso exame, não só de conhecimento, mas também de um passado limpo de escândalos, todas as mulheres aprenderam que nunca podiam olhar para um rei ou príncipe nos olhos. Não se podiam dar ao luxo de pensar que eram iguais a quem ocupava os principais postos da família real.

Em Azhat, sob a tutela do rei, viúvo e com três filhos, o harém nunca foi ocupado. O rei Zahr respeitou a que foi em vida a sua rainha e único amor, Dhalilah. Apesar disso, sendo um homem enraizado aos costumes milenares, conservou o harém por esta ser uma das mais antigas tradições desde que se tem memória no país.

Contudo, para uns filhos vibrantes de testosterona ao chegarem à adolescência, sem uma mãe que os guiasse e ele ocupado com afazeres reais, o harém passou a ser necessário. Pelo menos para os dois mais novos. O príncipe mais velho e herdeiro do trono, tinha de encontrar outras formas, devido ao seu nível e também às expectativas em torno da sua vida.

De fato, o herdeiro a levar as rédias do país estava obrigado a cumprir com a tradição mais antiga de Azhat...

Durante séculos, seguiu-se um ritual em que o sucessor ao rei devia ter duas iniciações sexuais. A primeira, na terna idade dos catorze anos. E a segunda aos vinte e dois.

No primeiro caso, é iniciado por uma mulher com experiência para que lhe revele as artes do amor mais vastas ao longo de três dias e duas noites no deserto. Uma vez cumprida a missão, a concubina termina com qualquer laço que possa manter em Azhat. Esta iniciação tem como objectivo ensinar ao príncipe como se deve satisfazer e dar prazer a uma mulher em função do seu futuro, de maneira a dar um sucessor à seguinte geração de reis. Forma considerada indispensável para que o sucessor do rei seja fértil e garanta assim a continuidade da história.

Na segunda iniciação da vida sexual alteram-se os papéis. O príncipe herdeiro é quem dispõe de uma concubina virgem, que foi educada para aceitar todos os prazeres que ele estiver disposto a ensinar-lhe. Dessa maneira, os Conselheiros do Destino, como são chamados os anciões que preservam as tradições de Azhat, garantem que o conhecimento da primeira iniciação do príncipe, aos catorze anos, seja agora retribuído ao universo através da segunda e assim não haja nenhuma dívida a pagar ao destino.

Nenhum destes rituais se aplicam aos irmãos do herdeiro. Caso fosse uma mulher a herdeira ao trono, ela teria de ter um casamento por conveniência com um homem do mesmo nível de um país vizinho. Apesar da modernidade em que cresceram os príncipes e que tiveram durante as viagens e estudos no estrangeiro, seguir as tradições era a norma. Não se conhecia outra maneira de ver as

coisas, principalmente, no que dizia respeito à família real. Como a sucessão.

Adara conhecia todas estas tradições e segredos.

Aos dezoito anos, ela não era apenas uma órfã, mas a única virgem do harém. Desde que teve consciência do sítio onde foi criada, Adara entendeu que um dia ela seria a escolhida para cumprir com a segunda iniciação do príncipe herdeiro. Todas as concubinas lhe diziam que era uma honra.

Adara não conheceu os pais. O discernimento que tinha entre o bem e o mal, o correcto e o incorrecto, vinha das mulheres que a rodeavam, e principalmente dos livros que devorava.

Ela sabia o nome da mãe, Elizabeth Balfour, uma estrangeira que de visita ao país se apaixonou por um dos chefes de segurança do palácio, Malik Rizik, e ficou grávida. Casaram-se e viveram juntos três anos, até que ambos perderam a vida num acidente de helicóptero que sobrevoava o deserto.

Adara tinha ouvido que o rei não quis tomar conta dela, porque quando os pais morreram ela só tinha cinco anos. Nessa altura, o rei ainda chorava a perda da sua rainha devido a um cancro. Dá-la em adopção não era uma opção, já que o rei Zahr considerava Malik, o pai da Adara, um dos seus homens de confiança, por isso decidiu entregá-la ao harém para que, pelo menos, tivesse uma figura materna nas mulheres que ali viviam.

Dada a agitação pela morte da rainha, e os deveres reais não se podiam descuidar, o rei Zahr tinha pouco lidação com Adara, mas tinha-a presente por ser filha do seu grande amigo falecido. Quando ela fez dezasseis anos, o rei lembrou-a que quando o Bashah tivesse vinte e dois anos, ela seria a pessoa chamada a cumprir com a segunda iniciação. Nessa tarde, há dois anos, o destino da Adara ficou oficialmente decidido.

Ele lembrava-se.

Estes dois anos tinham passado demasiado rápido.

Tinha chegado o dia da segunda iniciação do príncipe herdeiro.

—Estás bem? —Perguntou com voz suave Jamilah. A mulher tinha vinte e seis anos e vinha de Ushuath, o país com que Azhat tinha vastos convénios comerciais há muito tempo e também conflitos limítrofes—. Parece que sentes um pouco... de medo?

Nervosa, Adara negou com a cabeça.

—Não tenho medo. Só que levo demasiado tempo com esta situação pendente na minha cabeça como uma gadanha.

—Terás o privilégio.

Adara não pensava o mesmo, mas como ela parecia ser a única que via como estúpidas essas tradições, ficou calada.

—Claro, Jamilah —disse com um sorriso que produziu outro na moça com quem tantas vezes tinha partilhado pensamentos, mas nunca nenhum relacionado com a rejeição delas às tradições arcaicas de Azhat.

Talvez nenhum homem a tivesse tocado. Contudo, sob a tutela de várias concubinas, Adara tinha aprendido o mais importante da arte de fazer amor. Em teoria.

Tinha visto e ouvido mais do que uma moça da sua idade devia. Não era um segredo para ninguém, que as mulheres do harém se acariciavam, tocavam e exploravam-se entre elas. Nenhuma, nunca, tinha deixado que a Adara fosse parte ativa desses momentos até que fez catorze anos, e mesmo assim, só lhe permitiram observar. Nunca participou de outra maneira, e só quando as concubinas consideravam que podia fazê-lo.

Adara pensou sempre que talvez tivesse um problema... Ninguém lhe queria dizer os motivos da relutância em deixá-la participar ativamente em situações que ela considerava plausíveis. Por acaso não era plausível o prazer sob qualquer ponto de vista sempre e quando fosse consentido?

Com o passar do tempo, Adara juntou as peças, e quando o rei lhe disse oficialmente o que aconteceria ao fazer dezoito anos, soube o porquê. As mulheres não lhe queriam dar mais do que já sabia, essa era a missão do príncipe, como parte do ritual, ensiná-la.

—Não pareces —continuou a moça da pele morena, peito pequeno e ventre plano— sabes que podes recusar ter relações com o príncipe herdeiro?

—Sim, mas isso significa o meu desterro vergonhoso deste país —sussurrou— e este é o único sítio que conheci em toda a vida, não me posso ir embora dessa maneira. Vocês são a minha família...

—Sempre te tentámos proteger. Quando chegaste eras tão pequenina. E embora te tenha conhecido quando já tinhas dez anos, a maneira como Yosoulah fala de ti e da bondade do teu coração diz muito.

—Yosoulah é a mãe que nunca tive...

—Acho que é por isso que ela cuida de nós. Tem sempre histórias para contar sobre o avô do príncipe. Disse que foi o primeiro amor dela e embora lhe magoasse ele nunca lhe ter sido fiel, não é em vão que ela era a concubina, o seu coração sempre lhe pertenceu.

Os olhos azuis brilhantes e a pele dourada da Adara diferenciavam-na do resto das concubinas. Todo o físico dela era herança da mãe inglesa, e salvo pela cultura que a rodeava ser herança do pai, ninguém que a visse podia relacioná-la com alguém pertencente ao deserto. Mas era... de coração. Por ser a única filha do homem que dedicou a sua vida ao cuidado da segurança do rei, o monarca tinha algumas considerações com ela.

Adara recebeu uma educação privilegiada dentro do palácio. Uma vez ao ano podia viajar dentro do país, com guarda-costas, e também recebeu aulas de defesa pessoal. Até que fez doze anos e teve a primeira menstruação e o corpo começou a mudar. Só nesse momento é que as viagens e as aulas terminaram, e começou a ouvir sem restrições as conversas das concubinas. A ver cenas de

sexo e prazer corporal sem penetração que, sem ela ter sido uma leitora ávida, pareciam-lhe comuns, mas não eram.

As mulheres do harém partilhavam o corpo como uma aprendizagem, uma maneira de se divertirem e explorar. Embora estivessem para dar prazer aos membros da família real, Adara apanhou várias vezes algumas a deixarem entrar soldados do palácio nos seus quartos à noite. O que aprendiam entre elas, aplicavam-no com os homens.

Adara correu, riu-se e sonhou nos confins da ala do harém, um lugar cheio de luxos, calma e pátios enormes onde se podia descansar. Todas as concubinas eram conscientes de que viviam nesse sítio por tradição, não porque fosse necessária a sua arte na cama, excepto pelos príncipes que as procuravam, inquietos e ansiosos por explorar a própria sexualidade. O único que não gostava de participar nos prazeres do harém era o príncipe Bashah.

—Sim. Perguntou-me como seria amar alguém até ao ponto de não acreditar ser possível abrir-te a outro ser humano... E manter-te fiel como Yosoulah.

—Todas chegámos aqui já adultas. Nenhuma é virgem... Só tu. E se te posso dizer uma coisa, sem te enganar, é que o amor dói e custa demasiadas lágrimas.

—Talvez porque não foi o correto?

—Ou talvez porque as classes sociais são diferentes...

Adara torceu o nariz.

—Dizes isso por alguém especial no teu passado?

—Parem de falar tanto! —Interveio Yosoulah a olhar para as duas mulheres. Com o cabelo meio grisalho e os olhos marcados com kohl, inspirava respeito e ao mesmo tempo carinho. Ninguém sabia melhor do que se falava e se fazia no palácio que ela—. Adara, é o momento de te arranjar e vestir. O príncipe Bashah espera por ti dentro de duas horas. Estás pronta?

«Não.»

—Estou.

—Ainda bem. Temos a certeza de que o príncipe cumprirá com o ritual como se faz há séculos. Lembra-te que não podes exigir nada.

«Não posso continuar a viver deste modo. A minha alma rebelde impede-me... Mas que outra vida posso ter se esta é a única que conheço?

—Assimilei bem todas as tuas palavras, Yosoulah.

A mulher observou-a com perspicácia.

—Senti sempre que eras diferente ao que pareces na realidade —disse num murmúrio enquanto a conduzia até à sala de banhos, onde a iam despir, aplicar os sais de rosas e jasmim, depilar todo o corpo e no final fazer desenhos de hena nas mãos e nos pés —. Tem cuidado, pequena Adara.

—Porquê...?

Yosoulah agarrou no cotovelo da menina que tinha criado desde que o rei a pôs ao seu cuidado com poucos meses de vida.

—Lembra-te que eu sei tudo. Sei da tua amizade com o jovem príncipe Bashah, mesmo quando a partir dos doze anos foi proibida. —Adara ficou tensa—. E sei que esta noite tudo pode mudar para ti. Não cometas um erro grave... Mais grave do que já cometeste ao saltar as regras e andar pelo palácio como se fosse teu.

Adara olhou para ela boquiaberta.

—Como...?

—Sou velha, mas não sou parva. Se algumas das mulheres do harém tivessem sabido, onde será que tu estarias agora... Os abusos de confiança castigam-se. Tem cuidado. As águas estão um agitadas.

—No harém...? —Perguntou com um sussurro. O espaço onde viviam era gigantesco. Cada concubina tinha o seu sumptuoso quarto e uma zona de prazer que, uma vez que só os irmãos mais

novos de Bashah as costumavam visitar, a maior parte do tempo estava vazia. Os príncipes quando não estavam a estudar, viajavam para jantares e reuniões diplomáticas com o rei—. Eu não vi...

—Siiihhh —sibilou Yosoulah— as relações com Ushuath. O jovem rei Hassam não é como o pai. Conhece-se bem o interesse dele em ter o controlo de todos os países que façam fronteira com o seu... E os meios que utiliza para consegui-lo, não precisamente benevolentes com quem se cruze pelo caminho, pouco honráveis.

—Acabou de subir ao trono há só cinco anos.

—Hassam não é nenhum homem nobre. Já te digo que ele tem muita ambição nos ossos. No palácio estão a tentar estabelecer um novo marco diplomático para se aproximar dele e assinar um contrato petrolífero mais benéfico, mas esse homem não está a facilitar as coisas.

—Como sabes tanto?

—Porque as paredes têm ouvidos e olhos também... Eu sou os olhos deste palácio e Jadid, o assistente do rei, os ouvidos. Trabalhamos aqui há muitas décadas. É a única pessoa em quem se pode confiar. Adara, estás a ouvir-me? A única.

—Não entendo o que é que isso tem a ver comigo...

—Tenta não criar um caos na procura de uma escapatória.

—Eu...

—Sei o que o príncipe Bashah significa para ti. Só quero que deixes de sonhar. Nunca devia ter deixado que leses tantas novelas de fantasia.

—Não li só dessas... —resmungou.

—És demasiado esperta para o teu bem, Adara. —Agarrou-a pelo cotovelo novamente para a encaminhar para o quarto —. Despe-te e deixa que as mulheres te preparem. Depois de teres relações com o príncipe podes ter a liberdade que desejas.

—Então é verdade que posso ter tudo o que deseje?

Yosoulah apertou os lábios.

—Menos o que estás a pensar.

Ambas sabiam que se tratava do coração do príncipe. Em resposta, Adara assentiu e resignou-se. Pelo menos, de momento.

Adara afastou-se da melhor amiga do harém, Jamilah, a sentir-se mal por não lhe ter contado que Bash, como ela chamava o príncipe, nunca tinha deixado de ser seu amigo, embora estivesse proibido de vê-lo desde os doze anos. Adara e Bash costumavam encontrar-se num sítio privado e abandonado do palácio, o refúgio do príncipe. Conversavam durante uma hora ou duas, assim não davam oportunidade a ninguém para suspeitar ou descobri-los. Quando Bashah lhe disse que sabia que ela era a escolhida para ser sua amante, Adara sentiu que lhe percorria pelas veias uma corrente cheia de emoção e também de algum receio.

—Estás a falar a sério? —Perguntou a Bash.

—Sim, Adara... imagino que conheces a tradição do nosso país.

—Algumas tradições são estúpidas... Desculpa.

Bash deu uma gargalhada a ver como ela estava envergonhada.

—Dizes-me as coisas na cara. Não tentas obter nada de mim, nem impressionar-me, e por isso és uma pessoa com quem gosto de estar. Talvez quando suba ao trono não te permita isso... E a minha esposa também não.

Esse foi o dia em que Adara sentiu pela primeira vez um ataque de ciúmes. Não se tinha dado conta até que ponto Bash se tinha convertido não só num amigo, mas no rapaz por quem se tinha apaixonado. Amava-o com uma força tão grande, que só a ideia de se afastar e perde-lo a dilacerava.

Contudo, amá-lo era uma péssima eleição para a sua vida. Não só porque ele era o sucessor do rei, mas porque ela não era mais do que uma orfã... Sem nada para oferecer à diferença das

moças bonitas e elegantes que, às escondidas, tinha visto passar pelo palácio durante as recepções impressionantes que a família real dava. Os cozinheiros e alguns empregados tinham carinho por ela e costumavam mimá-la um pouco. Afinal, era a única mulher que tinha crescido no palácio em circunstâncias muito diferentes das outras pessoas que trabalhavam ou viviam nos confins da linda estrutura de mármore, pedra e cimento.

Durante essas horas roubadas em que a Adara era espectadora daquelas demonstrações magníficas de liberdade e opulência, tinha visto como Bash passava de um adolescente alto e sem músculos a um homem com traços marcados, corpo atlético e voz grave e rica como o chocolate quente.

Sabia que Bash aos vinte e dois anos era um quebra-corações e ingenuamente acreditava que não seduzia as mulheres só pelo mero facto de poder fazê-lo. Não visitava o harém, havia o rumor que preferia as mulheres estrangeiras. À diferença dos irmãos mais novos... Tahír e Amir viviam as suas vidas, muito contentes por não ter nos ombros a grande responsabilidade de um dia levar as rédias do país, tal como acontecia a Bash.

—Imagino que os teus irmãos também não me deixariam falar contigo... Talvez, quando fores rei, eu já não esteja neste país. Afinal, posso fazer o que tiver vontade depois de estar... —corou— contigo.

—Onde vais? Nunca saíste de Azhat—perguntou-lhe com os olhos pretos inquisitivos emoldurados por umas pestanas grossas. Tinha a pele azeitonada e uns traços bastante sensuais. A boca era uma delícia de pecado. O tipo de boca que a Adara tinha ouvido as amigas do harém falar tantas vezes. Bocas que sabiam dar prazer às mulheres em zonas menos pensadas.

—Vou à procura das minhas raízes... a Inglaterra—respondeu-lhe às duas da madrugada no jardim que Bashah costumava usar como refúgio—. É a parte que me falta terminar. Sei tudo sobre Azhat, entendo que a minha família paterna esteja dispersa pelo mundo. Pelo menos tenho este país como referência a que pertença

a um sítio na terra. Mas não sei nada dos meus familiares ingleses... Devo ter primos, avós, tios... Gostava de os encontrar e conter-lhes a minha vida. E saber da deles.

As conversas entre eles eram um ritual atrativo, porque era um segredo que gostavam de partilhar, mas também porque era o único momento do dia em que Bashah deixava de ser um príncipe, com tudo o que isso significa, e Adara a moça do harém. Nesses momentos eram só dois amigos a conversarem. Um rapaz e uma moça com preocupações, sonhos, desejos afastados da realidade que acordavam quando saía o sol.

—Eu posso ajudar-te. Tenho recursos suficientes e ninguém tem de saber onde arranjaste dinheiro para pagar a um investigador.

—Não quero a ajuda de ninguém. Quero ir a Inglaterra, Bash.

—És sempre tão teimosa.

Ela riu-se.

—Acho que é um assunto que tenho de resolver sozinha, mas obrigada por me querereres ajudar...

Já tinham passado três meses desde aquela conversa. Cada vez a Adara via o Bash com menos frequência. Os nervos começavam a consumi-la, já que se aproximava o dia em que tinha de ver o Bash desde outra perspectiva. Não só como amigo e homem por quem se tinha apaixonado, mas também como o primeiro que lhe ia proporcionar prazer, tocar a pele nua e penetrar a carne virgem. Ao mesmo tempo era inquietante e emocionante. Porque o amava, e isso fazia uma grande diferença.

Quando começaram a encontrar-se às escondidas, tanto Adara como Bash, acordaram que se passado vinte minutos ele não aparecesse, ela devia entender que ele já não ia... O mesmo ao contrário. Contudo, já era uma afronta que durante duas semanas seguidas o príncipe a deixasse plantada todas as noites. Uma depois da outra. Bash não estava de viagem. Quando estava ela sabia, porque ele costumava contar-lhe antes. Por isso, ele agora,

simplesmente, limitava-se a não ir ao refúgio do jardim. Como se ela não merecesse mais a cortesia de ser avisada.

Uma noite, cansada de não ter notícias de Bash, Adara arriscou a entrar nos corredores do palácio que muito poucos conheciam. Chegou até ao quarto do príncipe e quando os olhos se acostumaram à escuridão, Adara sentiu uma punçada no coração. Teria adorado não ter ido aos aposentos reais.

Ao lado de Bash estava deitada uma mulher voluptuosa com traços asiáticos e cabelo preto como a noite mais profunda do deserto, completamente nua e enroscada como uma serpente veleidosa no corpo atlético do homem que amava perdidamente.

Castigando-se mentalmente por ser ingénuas, por acreditar que a forma quente e honesta que Bash tinha com ela significava alguma coisa, Adara afastou-se com sigilo e correu até ao quarto. Chorou até adormecer.

Adara não sentiu ciúmes por se considerar menos atrativa do que aquela mulher que estava com o Bash. Não. Adara era muito consciente do corpo que tinha. Tinha uma cintura esbelta, ventre plano, peito arredondado com aréolas rosadas e mamilos empinados; um traseiro firme e pernas bonitas. Praticava exercício. Nadava na piscina do harém. Sentia-se confortável nua e tinha aprendido a ter confiança nela mesma. Os ciúmes eram gerados pela incerteza de não saber o que o Bash sentia por essa mulher... Ou se sentia alguma coisa por ela.

Uma das vantagens de estar rodeada de mulheres que transpiravam sensualidade e eram abertas em muitos temas, era sentir-se bem com ela mesma... Infelizmente, as concubinas não incluíam o amor nem a ideia de abandonar o harém. Pareciam demasiado cómodas, e a Adara detestava isso. Como era possível que se conformassem com tão pouco quando existia todo um mundo à espera lá fora?

Na manhã seguinte a ter sido espectadora daquela cena nos aposentos reais, por conversas das mulheres do harém, soube que o

príncipe parecia prendado por uma japonesa, cujo o pai tinha muito interesse em investir dinheiro em Azhat e que tinha passado as últimas semanas com ela. Algumas apostavam que ia dar em casamento, mas outras garantiam que o príncipe só se podia casar com uma mulher nativa de Azhat.

Adara, que já tinha falado com Bash, sabia que o último que ele faria era seguir os protocolos. Era um príncipe rebelde... Ou talvez ela tivesse imaginado tudo. Uma vez que o rei, pouco a pouco, concedia mais responsabilidade ao jovem sucessor, talvez Bash começasse a mudar a forma de ver a vida. E aquilo, pelo menos para Adara, era uma grande perda, porque o príncipe parecia-lhe muito capaz de ser um rei revolucionário.

Uma vez, comentou-lhe que não estava a favor de ter um harém. Que lhe parecia uma escravidão estúpida, por mais que nenhuma mulher fosse tratada como tal... Mas ambos sabiam que a escravidão não estava nas correntes. O conceito ia muito além disso. Bash também lhe garantiu que os Conselheiros do Destino não tinham futuro num mundo globalizado e que quando ele subisse ao trono ia dissolver o tradicional e caduco grupo.

—Adara, a temperatura da água está boa? —Perguntou Shisheida, uma morena com olhos verdes luminosos, enquanto a ajudava a entrar na banheira enorme. Já a tinham depilado completamente, aplicado um hidratante natural nos lábios íntimos para a lubrificar ligeiramente e ao mesmo tempo tirar-lhe a inflamação da cera depilatória.

—Sim... está boa —respondeu ao regressar das suas lembranças.

Enquanto as mulheres a submergiam na água perfumada, para Adara a ideia de entregar a virgindade, o primeiro beijo e prazer ao Bash agora parecia-lhe degradante. Ia fingir que estava feliz. Que era uma mulher obediente, capaz de entrar nas águas do prazer sem protestar, uma prazer que ela conhecia na teoria e que dentro de pouco ia compreender na prática. Ou pelo menos era isso que queria fazer com que todos acreditassem.

Não lhe importava que fosse a primeira, a segunda ou a décima iniciação sexual do Bash mentiroso. Ela rebelava-se à ideia de pertencer a um homem que não podia dar a cara e falar abertamente. Rebelava-se perante esse homem novo e desconhecido que preferia ignorá-la a dizer-lhe que não a podia voltar a ver.

Adara ia ser a dona do seu próprio destino. Ela e mais ninguém.

Talvez tenha sido criada num círculo de servilismo, pela maneira de ser de Yosoulah, e os livros que, para além da fantasia, tinham informação de muitos sítios e a transformaram numa mulher com a alma ansiosa de liberdade.

Quando ainda pensava que Bash era um homem honrado, a ideia de ser dele parecia-lhe mais um presente do que uma obrigação, agora parecia-lhe uma afronta à sua integridade. Desde o momento em que Bash soube que Adara era a escolhida para a iniciação, ele disse-lhe que nunca a magoaria. Tinha-lhe mentido.

—Isso é uma promessa...? —Perguntou-lhe nervosa.

—Adara... —sussurrou antes de se inclinar e beijar com suavidade os lábios dela. O primeiro beijo dela. Uma troca inocente, quente e cheia de suspiros. A boca de Bash era conhecedora e apaixonada. Com a língua travessa conseguiu com que os lábios femininos se abrissem para ele. Possuiu-a. Consumiu-a. Segundos depois, disse um palavrão entre dentes, Bash afastou-se dela—. Desculpa.

Ela ficou em silêncio com os olhos surpreendidos e os lábios levemente inchados. O seu primeiro beijo.

—O que sentes...?

—Não te devia ter tocado... Não até...

—A iniciação. É isso? —Perguntou-lhe chateada.

—Sim.

—Amo-te, Bash— confessou-lhe com o coração— eu...

Nesse instante, ele fechou-se por completo. Adara não conseguiu voltar a ler o olhar escuro como costumava fazer.

—Sou um príncipe. Não me podes amar. Não me deves amar.

Adara deu uma gargalhada.

—Te e eu, neste espaço —abarcou o sítio em que se encontravam, resguardados pela vegetação, flores e vários pilares altos que garantiam o anonimato por completo— só somos dois amigos. Um homem e uma mulher. E como o meu coração me pertence posso entregá-lo a quem quiser. E quero dar-to, Bash. Vais recusar aceitar um presente como este?

—Não o quero. Tu és uma concubina. Só serves para um dia te deitares com um homem depois de mim, se desejares isso. — Adara olhou para ele magoada, mas Bash continuou—: Eu sou o herdeiro de um reino. Aceitar o teu amor ou se quisesse dar-te o meu seria uma estupidez.

Aquela última frase foi como uma bofetada para Adara.

—Se é assim que queres, príncipe Bashah, pois assim será — respondeu ao conter a dor que sentia nas entranhas por não o poder mandar para o diabo. Por ser o maldito príncipe.

A partir dessa noite, Bashah deixou de aparecer aos encontros com ela, deixando-a vazia e triste, a sentir-se culpada por ter lhe ter confessado os sentimentos.

Durante anos, Bash tratou-a como alguém especial... Para depois a humilhar e despreciar. O pacto entre ambos rompeu-se para sempre.

Porque não lhe disse que estava com outra mulher? Porque a beijou se havia outra? Porque continuava a encontrar-se com ela se já tinha outra à espera dele? Porque não foi sincero e direto? Assim, talvez, e só talvez, lhe tivesse doído menos.

Sentia-se traída, apesar de Bash não lhe ter feito nenhuma promessa, ela, ingenuamente, pensou que a sua lealdade estava implícita.

Com dezoito anos podia tomar as suas próprias decisões. Ela tinha um plano para deixar Azhat, embora isso significasse perder o orgulho perante Bashah. A liberdade tinha um preço e Adara estava disposta a pagá-lo. Não voltaria a pisar Azhat nunca mais na vida.

Minutos depois, as mulheres do harém começaram a desenhar-lhe na pele lindos desenhos com hena. Demoraram muito tempo a prepará-la.

—É agora —anunciou Yosoulah ao olhar para a menina que tinha criado como se fosse a sua própria filha—. O príncipe Bashah está à tua espera nos aposentos.

Adara, ocultando as suas intenções, sorriu como se esperava dela, enquanto o corpo sentia um terror desconhecido. Detestava sentir-se em desvantagem. Não só física, mas intelectual. Mesmo sabendo os prazeres que se podiam criar entre um homem e uma mulher, não estava preparada para entender como seria o seu corpo nas mãos de outro ser humano, ao tocar partes que nunca tinham sido tocadas, beijadas...

As mulheres murmuravam jubilosas, como se o acontecimento da segunda iniciação pudesse marcar uma grande diferença na vida da única virgem do harém. Não estavam enganadas, porque a partir desse dia, a vida da Adara não voltou a ser a mesma.

CAPÍTULO 1

Londres, Inglaterra.

Oito anos depois

Bohemia Embellishment era uma das empresas mais reconhecidas da Grã Bretanha e parte da Europa. Elaborar objetos de luxo em vidro e cristal da Boémia, nas suas várias possibilidades de transformação, era a especialidade da empresa face à concorrência.

A dona, Adara Lancaster, encarregava-se de verificar que cada peça passava pelos processos de excelência que se mantinham desde que a empresa foi criada, há quase um século sob a tutela da família Lancaster. Adara era responsável pela qualidade, ensinada pelo seu defunto marido Stephan.

—Sra. Lancaster —disse a secretária desde o outro lado da porta de vidro—. Tem uma chamada na linha um.

Depois de ter abandonado Azhat, no meio de uma revolta confusa que esteve a ponto de a matar, Adara conseguiu apanhar um voo para Londres. Com o coração partido, as esperanças feitas tripas e com uma joia no bolso, conseguiu sobreviver aos cinco primeiros dias.

Habituada à melhor comida, vestuário e um oásis onde dormir, o duro de uma das cidades mais cosmopolitas do mundo assustou-a. Com duas notas que conseguiu cambiar por libras pagou um albergue, onde dormiu durante as primeiras semanas.

Adoeceu, talvez pela qualidade dos alimentos num ambiente pouco limpo a que não estava acostumada. Como as náuseas não terminaram, a mulher que geria o albergue, Chianna Morris, insistiu para que fosse ao médico. Ao recusar por não ter recursos para

pagar. Chianna recomendou-lhe um amigo dela que lhe devia um favor e era um médico reputado.

Com o semblante sombrio e mais magra do que quando saiu de Azhat, Adara aceitou. O dr. Klauss diagnosticou-lhe anemia e também a surpresa de estar grávida de seis semanas. A única noite que tinha passado com Bashah teve como consequência um herdeiro ao trono.

Não se queria lembrar dessa noite. Doía-lhe muito na alma.

Assustada e preocupada, decidiu procurar trabalho com mais entusiasmo do que o débil corpo lhe permitia nesses dias. Não era fácil para uma mulher que não tinha roupa adequada e com uma gravidez que lhe causava mal-estar diário que a impulsavam a querer ficar na cama todo o dia. Não se podia dar a esse luxo. Tinha uma vida pela qual velar e preocupar-se.

Desesperada, enquanto voltava ao albergue, viu um anúncio num jornal durante a viagem de metro. Era um anúncio muito pequeno e discreto no Times. Procuravam uma mulher jovem disponível para passar uma temporada com um idoso, como cuidadora. Ofereciam-se a pagar todos os gastos, davam alojamento privado e exigiam máxima discrição. Havia um número de telefone e uma morada, onde se realizava a entrevista de trabalho.

Curiosa, mas também aterrada por poder acontecer alguma coisa à pessoa que crescia dentro dela, Adara decidiu arriscar e ir à entrevista. Não tinha nada a perder. Não tinha casa. Não tinha o homem que amava, estava perdida numa grande cidade que parecia um monstro capaz de devorar aqueles que se deixassem debilitar pelas adversidades. E ela era tudo menos frágil. Tinha, mais do que nunca, de ser forte.

Esse foi o momento em que a vida dela mudou completamente, no preciso momento em que conheceu Stephan Lancaster. De cabelo grisalho e uns olhos verdes vibrantes, era, sem dúvida, a figura de um homem brincalhão e alegre.

—Bom dia. Sou Patsy Douglas, a governanta do sr. Lancaster —disse a mulher ao recebê-la à porta. Adara pensou que lhe ia fazer um scan visual devido ao vestuário que levava. Tinha feito o melhor que podia para ter um aspecto asseado e digno, ia disposta a obter o posto de trabalho. Voltar para Azhat não era uma opção. Impossível. Não só porque lhe tirariam o filho, mas também porque o Bashah ia casar-se com outra mulher —. Imagino que venha à entrevista, menina...?

—Adara al Da... Adara Balfour — disse ao mudar o apelido por aquele que a mãe tinha de solteira. Venho à entrevista de trabalho publicada no Times ontem. Espero que o posto ainda esteja disponível... — sorriu com timidez e guardando o medo que sentia no corpo.

—Claro — abriu a grande porta que para Adara era algo similar à metade do sumptuoso palácio onde viveu toda a vida—venha por aqui, menina Balfour. Eu sou a pessoa que se encarrega de fazer as entrevistas. Gostava de beber um pouco de chá, talvez? — perguntou educadamente.

— Sim... Sim, muito obrigada —respondeu ao tentar conter a vontade de lhe gritar que preferia comer algo requintado que lhe enchesse o estômago. Os hambúrgueres de uma ou duas libras que vendiam pelas ruas para além de não a encherem ainda lhe davam vômitos.

A entrevista correu muito bem.

Conversaram sobre todos os temas possíveis, inclusive de política. Mentalmente, Adara agradeceu à Yosoulah por lhe ter posto nas mãos tantos livros e de lhe ter dado acesso à biblioteca privado do rei quando ninguém estava ali. Afinal, esperava receber os horários de trabalho. Tudo o que tinha de fazer era conversar com o dono da casa, acompanhá-lo a eventos, cozinhar de vez em quando e estar disponível para ir com ele ao médico.

Não era um trabalho com carácter sexual, nada disso, Adara teria percebido. Tinha o instinto treinado para saber esse tipo de

coisas. Uma vantagem de ter crescido num harém. Já se estava a imaginar a dormir numa cama quentinha, sem ter de correr de um lado para o outro para tentar entrar no metro sem pagar com medo de ser apanhada em flagrante.

Contudo, as suas fantasias evaporaram-se, como uma nuvem de pó levada pelo vento, no final da entrevista. Ouviu a frase habitual “entraremos em contato”, seguido de um cálido sorriso, que na realidade era uma desculpa por não lhe dar o posto laboral que a tinha feito ir até ali.

—Por favor, senhora... necessito, *preciso*, deste trabalho. Eu...
—Decidiu ser sincera— estou grávida. Não tenho ninguém. E sou muito honesta. Dê-me uma oportunidade. Peço-lhe —sussurrou com lágrimas nos olhos—. Trabalharei duro. E o meu estado não será um impedimento.

A mulher fez um sorriso de desculpa.

—Desculpe, mas não é qualificada. O senhor...

—O senhor aceita que a menina Rizik trabalhe para ele —disse uma voz desconhecida desde a porta de entrada da biblioteca.

As duas mulheres deram a volta ao mesmo tempo para o sítio onde estava o dono daquela propriedade tão bonita. Patsy levantou-se imediatamente. Adara demorou mais tempo a reagir perante o olhar implícito da governanta, e levantou-se com um sorriso tímido.

—Sou Stephan Lancaster. E embora a Patsy —olhou para a governanta com apreço— seja muito protetora, não entende que tenho voz própria. Que apesar de estar doente, não estou a morrer... ainda.

—Senhor, não diga isso —interveio a mulher de cabelos meio grisalhos. O seu vestuário era largo e simples, mas nem por isso deixava de ser elegante, notou a Adara, conhecedora da qualidade dos tecidos, da beleza dos calçados e do fácil que era, com o tempo, aprender a fazer os próprios penteados —. Esta é a menina Balfour.

O homem aproximou-se da Adara. Olhou para ela com olhos verdes amáveis. Estava muito bem barbeado. O cabelo branco penteado para trás e um fato com um corte impecável. Um *dandy* da escola antiga, notou a jovem mulher.

—Veio pelo anúncio, não foi?

—Sim, senhor —respondeu com uma ligeira inclinação da cabeça. Tal como estava acostumada a fazer com os mais velhos em Azhat.

—Patsy, deixa-nos a sós, por favor.

A mulher mostrou-se preocupada.

—Mas, senhor, nem a conhecemos e...

—Patsy —insistiu com voz firme, e ela saiu da sala. Adara sorriu com timidez e entrelaçou os dedos das duas mãos. Stephan Lancaster olhou para a jovem magra com uma expressão evidente de cansaço—: Por favor, senta-te, Adara. Posso chamar-te pelo teu primeiro nome?

—Sim, claro.

—Em troca, tu chamas-me Stephan. Nada de Sr. Lancaster nem nada do género.

Pela primeira vez, nessas longas semanas longe do país que um dia foi a sua casa, ela sorriu com o coração. Gostou daquele homem, porque lhe inspirava confiança. E isto acontecia-lhe poucas vezes com as pessoas.

—És a décima pessoa que a Patsy entrevista em dois dias, Adara. Ela é muito rígida, e como está ao serviço da minha família desde que a minha falecida esposa vivia aqui, tornou-se muito protetora. Desculpa se os modos dela te incomodaram.

—Oh, não Stephan, não. Ela foi muito simpática.

O homem ajeitou-se no sofá que estava em frente da Adara.

—Vou ser sincero contigo. Estou a morrer. Tenho um tumor cerebral que aos pouco e poucos me está a consumir. Mais cedo do

que tarde... —Adara abriu e fechou a boca—. De certeza que te perguntas onde está a minha família.

—Eu... Não tenho uma, por isso não o ia incomodar com perguntas, Stephan.

De todas as formas conto-te. Só tenho uma filha, Eugenia. Vive em Brighton e não quer saber de mim. Um velho doente é o último que a minha única e frívola filha pensa como parte da sua ocupada agenda.

Os olhos da Adara encheram-se de pasmo e pena. Talvez em Azhat as pessoas fossem mais estranhas em relação às tradições, muito mais agora que as podia comparar vivamente com as pessoas de Londres, mas respeitavam sempre os mais velhos. Sempre.

—Lamento...

—Não te digo isto para que tenhas pena, só quero chegar ao cerne deste posto que tem a Patsy desesperada, ao ponto de colocar um anúncio no jornal —disse com um sorriso—. Ela recusa-se a deixar de trabalhar, mas eu já lhe pedi que reduza a quantidade de horas de trabalho por semana. Contudo, parece que não encontra ninguém que preencha as suas expectativas. As enfermeiras vão e vêm, nesse sentido não há problema, porque às vezes sou muito rabugento.

—Isso não me anima muito —comentou com bom humor. O chá assentou-lhe muito bem, e a conversa agradável com esse homem era como um penso rápido na ferida que tinha no coração.

—Patsy fez uma promessa à minha mulher antes de morrer, que consistia em casar-me novamente e encontrar alguém para tomar conta de mim sempre. A minha querida Estella morreu de cancro nos ovários já há quinze anos.

—Que pena, lamento muito, Stephan —sussurrou com sinceridade ao ver as sombras no olhar verde desse homem com aspecto cálido.

—Obrigado, menina.

—Sobre o casamento, bem... isso é um problema de cada um, não? A verdade é que também não se encontra o amor ao virar da esquina —expressou mais por ela mesma.

Stephan riu-se com franqueza.

—Adara, antes de entrar aqui consegui ouvir que estás grávida. —Ela assentiu e baixou o olhar—. Não, olha para mim, por favor. Não te estou a censurar. Quem sou eu para te julgar? Só te pergunto porque o trabalho é muito mais do que está escrito no anúncio. Pelo menos agora conheço a tua situação.

—Não entendo.

As enfermeiras não são um problema, mas sim a promessa pela qual a Patsy se sente atada de alguma maneira à casa mais horas do que devia. É teimosa e eu prefiro que esteja com a sua família, que de certeza sentem muito a falta dela.

Então?

—Preciso de uma esposa.

—Isso é... complicado —murmurou.

—Ouve primeiro, por favor. Disseste-me que não tens família, pelo teu sotaque sei que não és britânica —ela assentiu— e de certeza que o pai da criatura é um irresponsável.

—Não é algo que eu consiga explicar com facilidade— expressou.

A última coisa que a Adara queria era lembrar-se de que tinha sido enganada e humilhada por Bashah. Dias mais tarde, quando uma revolta esteve a ponto de a matar, a vontade de escapar parecia mais viva do que nunca... Sem que ninguém se interessasse pelo seu paradeiro. Deu-se conta de como tinha estado sozinha. Do vazia que tinha sido a sua existência, e escapar de Azhat tornou-se no seu objectivo mais ambicioso. Ao chegar a Londres, e saber que estava à espera de um bebé, sentiu que essa vida era a mais preciosa, porque nunca mais voltaria a estar sozinha.

—Mmm —expressou o homem como se estivesse a analisar profundamente o significado das palavras da moça.

—A sério —insistiu ela ao vê-lo calado—. Eu...

—Calma —interrompeu com suavidade— não quero saber do teu passado, a menos que me queiras contar ou se fores uma fugitiva terei que lidar com a polícia.—Ela sorriu sem alegria e negou—. Bom. Só quero que os meus últimos dias sejam memoráveis, partilhar com alguém viagens, conversas e guardar lembranças antes de morrer. Podias ser minha neta, por isso não penses que sou um velho decrépito e ridículo.

—Eu não o vi dessa forma. Parece-me uma pessoa solitária e com mais necessidade de afeto do que companhia.

Stephan olhou-a com pena.

—Gosto que não tenhas problemas em expressar o que te vem à mente, Adara.

—A minha intenção não é ofendê-lo.

Já vivi tantas décadas que pouco ou nada me ofende facilmente. Ouve, Adara. O emprego consiste em que te cases comigo. O casamento é só uma formalidade. Não quero sexo, isso está fora dos meus limites de respeito por uma moça que, como te disse antes, podia ser minha neta. Eu só quero uma amiga, alguém com quem falar, alguém que não tenha medo de conhecer novos lugares e que contribua com um pouco de luz. Tu és essa pessoa!

—Não tem de se casar com ninguém para ter uma amiga, Stephan...

Tenho de fazê-lo se quero que a Patsy me deixe em paz e fique mais tempo fora desta casa —disse com uma gargalhada—. Casar comigo significa um grande sacrifício. Primeiro, porque ninguém deve saber que te casaste comigo como parte de um emprego. Segundo, porque ainda que possas sair com algum rapaz jovem que desejes, sem impedimentos, preferia que fosses

discreta... Que pudesses esperar até que eu morra, entendes? As pessoas iam rir-se e não é isso o que quero.

Adara ia assimilando pouco a pouco toda a informação. É uma pena que alguém tenha de pagar a uma pessoa para ter companhia. Senti tristeza por aquele homem precisar tanto de que alguém olhar por ele. Como é possível que a sua filha não queira saber dele? Adara tinha a certeza, que se tivesse conhecido o pai, nunca, mas nunca, o ia tratar assim.

—Então —disse ao tossir para limpar a garganta— um casamento só para o acompanhar às festas, viagens e conversar. É esse o trabalho?

—É isso.

«Parecia fácil.»

—Uau...

—O salário é de vinte mil libras ao mês. Além disso, terás o carro que quiseres e o motorista à tua disposição até que tenhas carta de condução. Toda a ala este da casa é tua enquanto dure o emprego. —Adara olhou para ele boquiaberta, como se não tivesse ouvido bem—. Tenho muito dinheiro, muito. E se vais ter de suportar este velho, acompanhá-lo ao médico, contratar e despedir enfermeiras, tolerar os meus maus momentos e, para além disso, fingir que não sou um trabalho para ti por leares o meu apelido perante a sociedade, então acho que é mais do que justo.

—Quanto tempo dura o emprego...? —Perguntou com os seus olhos azuis brilhantes pelo fogo que saía da chaminé interior. Era uma casa que se parecia bastante à que tinha visto na televisão durante esse tempo, Downtown Abbey. Mas a casa de Stephan, no interior, tinha toques modernos misturados com os antigos.

—Até ao dia em que morra.

Adara demorou um longo momento em assimilar a situação. Ela não tinha ninguém. Nem casa, nem dinheiro. O salário que o Stephan lhe estava a oferecer serviria para contratar um detetive

privado para que encontrasse a família materna, mas principalmente para dar um futuro ao bebé.

Pôs as mãos no regaço. Como se o seu filho ou filha pudessem dar alguma resposta à situação em que se encontrava. Teria que seguir a intuição... E a necessidade. Stephan, de facto, podia passar por seu avô, mas o olhar cauteloso e o desejo de apreço que via nele fez com que considerasse seriamente a oferta, no lugar de sair a correr se a sua condição não incluísse uma vida que dentro de sete meses chegava ao mundo.

—Compreendo. Eu... Stephan... Como estou grávida, acho que haverá dias que não posso...

—Não tens de te preocupar pelo teu bebé. Terá o meu apelido, se quiseres. Também receberá a minha proteção e gozará de todos os benefícios de ser um Lancaster. —«Exceto que o meu bebé é o próximo na sucessão ao trono num país longínquo, onde vive o pai dele... casado com outra», pensou Adara com tristeza—. Nos dias em que te sentires indispostas não tens de te preocupar. Já te disse —comentou com um sorriso— as enfermeiras vão e vêm. Uma delas pode ajudar-te. Não necessito precisamente de andar de festa em festa, os meus ossos não estão para essa correria tão árdua. As viagens ajudam-me...

—És muito generoso.

—Pelo contrário, Adara, sou muito egoísta e estou a tentar convencer-te, estou a aproveitar-me da tua necessidade de um tecto e ajuda económica.

—Só acho que estás a ser bastante honesto.

—Acho que és o tipo de moça que não aceita disparates de ninguém.

—Tento... —respondeu ao ajeitar o camisola azul.

—Um menino ou uma menina a quem possa dar o meu carinho será uma bênção, Adara. Não tenho netos, e se tivesse tenho a certeza que a minha filha não me deixaria estar com eles

como desejo —confessou—. Vou mostrar-te o mundo até que a minha doença acabe comigo. Ajuda-me a viver os meus últimos dias com um sorriso, com a vibração de alegria que rodeia alguém cheio de vida como tu. Deixa-me mudar a tua vida com as minhas posses económicas. Acho que é um acordo justo para as duas partes. Aceitas?

Ela olhou para ele durante um longo momento. E depois assentiu.

—Aceito, Stephan. Só te quero fazer um pedido.

Com um sorriso que para além de alegria significava alívio, o homem levantou-se e aproximou-se da Adara, agarrando-lhe nas mãos. Beijou-lhe os nós dos dedos com reverência. Como se ela fosse uma rainha e ele um simples mortal.

—Obrigado, Adara —disse aliviado—. O que é que tu queres?

—O meu nome verdadeiro é Adara Rizik, venho de um país chamado Azhat, no Médio Oriente. Balfour era o nome de solteira da minha mãe. Quero encontrar a minha família materna.

—Vamos tratar disso.

Ela olhou-o nos olhos. «O meu bebé. O meu bebé vai ficar bem.»

—É um acordo benéfico para os dois, Stephan... obrigado.

—E talvez um dia me contes a história que há por detrás de essa gravidez.

—Talvez —respondeu com um murmúrio suave quando ele se afastou, fazendo-lhe sinal para que entrasse no resto da mansão.

—Vamos falar com a Patsy. Ela vai mostrar-te as redondezas e assim podes trazer os teus pertences —olhou para o relógio— eu tenho de descansar. Canso-me muito facilmente. A partir de hoje, esta é a tua casa e a do teu bebé.

—Obrigado —sussurrou emocionada e com um imenso alívio por saber que o bebé não ia passar mal por falta de dinheiro. Ia ter

todo o amor que ela lhe pudesse dar. Nada ia mudar isso—. Obrigado... —repetiu.

A partir desse dia, a vida da Adara transformou-se por completo.

O som dos teclados, as impressoras, algumas gargalhadas e conversas à volta lembravam-lhe onde se encontrava. Nos escritórios centrais da sua empresa.

Observou a moldura com uma foto dela e de Stephan há quatro anos. Com o tempo aprendeu a amar aquele homem bom. Um carinho sincero e agradecido. Juntos viajaram muitíssimo por todo o mundo durante um ano. As viagens só começaram a diminuir, pouco a pouco, com o nascimento do filho da Adara, quem tinha o apelido Lancaster, e quando os negócios do Stephan o obrigavam a passar cada vez mais tempo em Inglaterra.

Ninguém podia prever que a doença do Stephan fosse tão generosa. O suficiente para o manter vivo durante mais tempo do que os médicos tinham prognosticado. Os quinze meses transformaram-me em trinta e seis.

Sob a supervisão de Stephan, aprendeu o necessário para vestir, atuar e mover-se como uma executiva de alto nível em La City. Tinha estudado muito, mesmo quando estava grávida, até obter o título profissional em Oxford. Stephan motivou-a para que se preparasse, foi ele mesmo quem a treinou com paciência para levar as rédias da Bohemia Embellishment.

Adara lutou contra as más línguas, as adversidades de ser uma mãe solteira mesmo que em título e apelido estivesse casada e de nadar num mar desconhecido. A força diária dela era o Sam. Por ele ia continuar a lutar e a fazer o que fosse necessário para o fazer feliz. Não só porque era uma parte do contrato, mas porque queria e porque o Stephan foi o homem que a salvou de uma vida cheia de sofrimento e saudade no meio de uma metrópole tão agitada e egoísta como Londres.

No dia em que o Stephan morreu, o dor da perda fê-la sumir-se numa profunda tristeza. Não tinha morto apenas um amigo, mas também o seu mentor e o homem que com conselhos e apreço lhe salvou a vida. Ao longo dos anos, o carinho pelo Stephan afirmou-se. Ele era o avô que nunca teve e a imagem masculina que o Sam precisava para crescer. Apesar da perda, ela não se deixou consumir. Stephan deixou-lhe setenta por cento da fortuna e à Patsy a percentagem restante. A única coisa que a filha biológica do Stephan levou foram as jóias que pertenceram à mãe.

Em outra moldura, no gabinete, estava Samir quando era um bebé de quatro meses. Agora, o filho tinha pouco mais de sete anos, carinhosamente, chamava-lhe Sam. Ele a imagem viva do pai, o xeque Bashah Al-Muhabitti.

Sam era uma lembrança diária do único homem que tinha amado... E que aos poucos e poucos começava a sair das memórias.

Alguém tossiu.

Adara levantou a vista. A sua secretária. Tinha-se esquecido completamente dela.

—Desculpa, Josie —disse com tom de pena— de repente desconcentrei-me.

—Oh, não te preocupes. Vais atender a chamada que está em espera ou digo que telefonem mais tarde? Tens muitos documentos para despachar antes de que termine o dia...

Adara tinha o cabelo loiro pelos ombros com capas suaves que se moviam ao compasso de como girava a cabeça. Com o passar dos anos, os olhos azuis transformaram-se em poços profundos de olhar desconfiado. E sim, todos os dias trabalhava com montes de papéis, mas nunca sacrificava o tempo que pertencia ao filho com trabalho. Nunca.

—De onde é o telefonema? —Perguntou à secretária com um olhar de desculpa. Josie Geller era uma mulher desenrascada. A única que desde o início se mostrou solidária e disposta a dar-lhe a mão.

—Estocolmo. Um pedido especial para o outono. Vai realizar-se um festival de cinema para a família real sueca e querem os nossos desenhos para a decoração. É uma oportunidade fantástica. Sempre quis conhecer a Suécia.

—Eu eu —respondeu.

Quando a Adara se casou com o Stephan houve muito poucas pessoas que a aceitaram sem problemas. Uma delas foi a Josie.

Na empresa também não acharam muito bem que uma estranha recém chegada começasse a tomar conta de temas importantes, por mais que tivesse um título da Oxford, e muito menos que três meses antes de morrer, o Stephan a tivesse designado presidente e que depois lhe legasse todo o império.

Quem gostou menos da posição de poder da Adara foi Augustus Radisson, o vice-presidente executivo, quem aspirava ao posto que agora tinha ela com a saia bem posta. Augustus fez-lhe a vida impossível ainda em vida do Stephan, e embora agora a intensidade contra ela tivesse diminuído, porque lhe demonstrou com resultados a sua capacidade de trabalho, a hostilidade mantinha-se viva como sempre.

O director-geral, Jacob Markson, era o oposto dele. Diligente, embora cauteloso, dava-lhe uma mão quando ela precisava. Afinal, tanto Radisson como Markson eram os acionista maioritários. Adara possuía setenta por cento das ações da empresa e tanto Markson como Radisson tinham quinze por cento cada um.

—Claro, lembro-me disso. OK, passa-me a chamada, obrigada. —Sorriu—. Ah, olha —disse quando a Josie estava a ponto de regressar para a mesa dela—: Não te esqueças de confirmar a minha presença para dar o discurso hoje à noite no museu. Telefona ao meu motorista para que me apanhe daqui a três horas.

—Já confirmei. Agora mesmo vou lembrar a tua maquilhadora e cabeleireira. Vais com o Sr. Dreyfus? —Perguntou com a confiança que lhe permitiam os anos de trabalho ao lado da Adara.

Desde a morte do marido, há quatro anos, era a primeira vez que a Adara pensava refazer a vida. Não com uma relação de amizade e companhia como tinha sido com o Stephan. O que desejava agora era a paixão que tinha posto de lado há muito tempo. Adorava o filho, mas nunca defendeu a ideia de deixar de ser mulher para ser mãe. Por isso, aceitou ir à inauguração de uma ala nova no Museu Britânico, sobre cultura medieval, com Oscar Dreyfus, um banqueiro de trinta e nove anos com uma reputação intocável e também atrativo.

Desde que a Adara o conheceu um ano antes, em um jogo de pólo, ele convidou-a várias vezes para sair. Ela recusava com cortesia, e desta vez —com toda a certeza— surpreendeu-o ao aceitar o encontro.

—Sim... hoje de manhã aceitei o convite dele.

—Fizeste bem —disse a Josie— esse homem é um dos solteiros mais cobiçados pelas mulheres de Londres.

—Não sei como é que tens tempo para saber de tudo e ao mesmo tempo manter este escritório em pé —expressou com um sorriso.

—Uma secretária eficiente sabe tudo.

—Claro —riu-se antes de agarrar no telefone para atender a chamada—. Adara Lancaster —disse em jeito de cumprimento à pessoa do outro lado da linha, antes de se debruçar nos seus negócios.

CAPÍTULO 2

As medidas de segurança do Brown's Hotel, localizado no luxoso e tradicional bairro londrino Mayfair, eram bastante estritas, tal como a política de discricção. Dizia-se que este hotel, fundado há mais de um século, teve como ilustres hóspedes o autor Rudyard Kipling e o científico e inventor Alexander Graham Bell.

Agora, um dos visitantes mais exigentes e reconhecidos pela sociedade europeia estava hospedado na suite mais cara, acompanhado de uma comitiva que ocupava a maioria dos quartos. De facto, o príncipe Bashah Al-Muhabitti tinha pedido para reservar todo o hotel durante a sua presença para assistir a um jantar de negócios com o Primeiro-Ministro britânico, Chase McNaill.

A presença do príncipe com quase trinta anos irradiava respeito. Ninguém se atrevia a cruzar-se com ele quando estava de mau humor. Tal como acontecia nesse preciso instante em que andava de um lado para o outro na tapete caríssima do seu quarto. Não gostava nada de ficar em hotéis, mas a luxuoso *penthouse* que tinha na área da Belgravia estava em remodelação, por isso não tinha outro remédio.

—Alteza —disse Najib, secretário e conselheiro pessoal do príncipe herdeiro. — Telefonei novamente ao assistente do Primeiro-Ministro. A reunião tem de ser adiada. Insisti que não pode ficar demasiado tempo na cidade, mas não obtive uma resposta diferente.

Com o cabelo preto perfeitamente cortado à maneira ocidental e vestido de etiqueta para o falhado jantar, o impressionante físico de Bashah costumava chamar à atenção onde

quer que fizesse acto de presença. As mulheres sentiam-se atraídas por aqueles olhos escuros como o petróleo que pareciam conjurar fantasias e promessas, assim como a pele azeitonada e o porte elegante que levava o fato à medida. Os homens de negócios e os diplomáticos invejavam a capacidade que tinha para conseguir o que desejava dos outros.

Não era só um homem respeitado, também era temido. Sabiam que ninguém podia fazer de parvo ao príncipe herdeiro de Azhat. Quando se descobriu que a sua ex-mulher, Moesha, planeava uma traição contra ele, divorciou-se de imediato e proibiu a entrada desta em Azhat.

—Telefona ao meu pai, diz-lhe que mande um dos meus irmãos. Avisa o motorista que dentro de quatro horas voltamos a Azhat —ordenou.

—Como conselheiro devo dizer-lhe que não se deve chatear com alguém como o Primeiro-Ministro McNeill, sua alteza.

E à realeza estrangeira sim? —Perguntou com desdém.

O homem de setenta anos tossiu.

—Foi algo de última hora e tem a ver com Isabelle McNeill, a filha mais velha do Primeiro-Ministro. Sabe-se que tem uma grande debilidade pelas duas filhas. Parece que uma das assistentes confundiu a agenda do dia e meteu dois eventos à mesma hora.

—E ele prefere satisfazer os caprichos da filha.

—A família é o mais importante para ele de uma maneira um pouco obsessiva. Não é a primeira vez que ele dá preferência aos seus seres queridos do que às reuniões de Estado. Embora nesta ocasião, segundo soube por fonte dignas da equipa interna, foi um erro de coordenação de um das assistentes, como lhe acabei de contar. Tente compreender, alteza, talvez exista uma via para falar com ele de alguma forma.

Bashah cruzou os braços realçando a sua postura.

—Por exemplo?

Najib sorriu aliviado pelo temperamento forte do príncipe parecer menos torcido do que o habitual. Não era em vão que tinha contacto com todos os secretários, assistentes e pessoal privado dos mais altos dignatários do mundo, sabia controlar as situações mais complexas e encontrar forma de contrariar os inconvenientes... como este.

—Há um convite para um evento, que se realiza hoje, organizado pela menina Isabelle. O convite chegou esta manhã, mas o senhor recusou-o —comentou com cuidado.

Bashah murmurou um palavrão.

—Tens a solução, Najib. Queres criar-me mais problemas do que soluções? Quanto mais depressa me for embora de Inglaterra, melhor. Tenho muitos assuntos pendentes no meu país, não quero perder tempo em Londres.

Com uma inclinação de cabeça o homem deixou o xequé sozinho.

Bashah sentou-se numa poltrona de costas altas branca. O metro noventa dele cabia perfeitamente nela. Estava de mau humor e isso não tinha nada a ver com o adiamento da reunião. Há uns anos, um investigador disse-lhe que a Adara vivia nessa cidade.

Semanas depois do início do caos em Azhat, quando as águas se acalmaram, Bashah mandou procurar quem tinha sido sua amiga e amante. Não para a levar de volta para o país. Naquele então já ele estava casado e não queria pôr em risco o acordo que tinha conseguido para terminar a guerra. Só queria saber se ela estava bem. Era consciente que a Adara tinha abandonado o país no meio do caos... E a lembrança de esse dia cheio de um olhar magoado e traído acompanhava sempre o Bashah, como um ferro quente na pele.

O relatório tinha sido concreto e contundente. Poucas semanas após chegar a Londres, Adara casou-se com um empresário destacado que podia ser avô dela. Um homem milionário que passeava de braço dado com a sua jovem e sensual esposa

pelos eventos mais concorridos de Londres. A notícia foi como uma facada no orgulho de Bashah. Principalmente, quando na última folha do relatório o detetive assinalava que ela estava à espera de um filho de Stephan Lancaster.

Só a ideia de que o corpo que tinha sido só seu, os beijos apaixonados, as curvas suaves e a inocência da Adara, tivesse sido provado por outro até deixar a semente de uma nova vida, mudou-o totalmente. Não tinha direito a sentir-se ferido, mas considerou por muito tempo, com arrogância, que a Adara era dele. Sempre a viu perto dele. Sempre acreditou que a intenção da Adara de ir-se embora de Azhat para encontrar a família materna era uma fanfarronice...

Sempre que possível evitava ir a Londres, porque vinham-lhe à mente as lembranças das fotografias feitas pelo detetive. Adara parecia feliz nelas, sorridente e algo inevitável no olhar: esperança e liberdade. Esta última ela merecia bastante.

Com um grande sentimento de culpa, pela maneira como a enganou para a levar para a cama e cumprir com a maldita tradição do país, Bashah agarrou no relatório para depositá-lo no cofre. Como se essa ação pudesse enterrar a experiência sensual mais erótica que teve na vida, e também a lembrança da única amiga que o quis por ser ele mesmo, não um príncipe.

Uma vez casado, só teve oportunidade de pensar no país. Entregou-se em absoluto na reconstrução das relações com os pequenos comerciantes, em estimular a economia e em melhorar o sistema hospitalar, enquanto que os irmãos se encarregavam do exército e da exploração consciente dos recursos naturais para comercializar com o estrangeiro.

Aquele relatório já tinha pouco mais de seis anos.

Desde então, só voltou uma vez a Londres, e proibiu a si mesmo de procurar a Adara. Não fazia sentido ir procurá-la, por mais que a sua veia possessiva e o desejo primitivo o consumissem

e seduzissem para o incentivar a sucumbir, devido à lembrança da única noite juntos.

Bashah passava a maior parte do tempo de viagem pelas comunidades mais afastadas de Azhat, falava com os chefes berberes e apoiava o pai como representante real na maioria dos eventos internacionais. O rei estava debilitado. A saúde do monarca estava a decair a passos gigantes. A medicina natural das tribos do deserto e a medicina moderna em conjunto tinham feito efeito, mas as faculdades do rei pouco a pouco deterioravam-se.

Ele era consciente da responsabilidade que tinha. Ser o sucessor ao trono era uma tarefa muito difícil, por mais privilégios que isso tivesse. Isso significava renunciar aos seus desejos pessoais, primeiro estavam os do país.

—Sua alteza, está pronto? —Perguntou Najib ao abrir a porta quando o Bashah lhe deu autorização para entrar.

Com um assentimento, o príncipe saiu do quarto. Foi seguido pelos guarda-costas e a comitiva real de segurança que o acompanhavam sempre. Fora do hotel estavam estacionados vários Range Rover com vidros polarizados, que o esperavam.

Lancaster Embellishment só tinha duas sucursais, uma em Londres e outra em Praga. No caso da segunda, esta garantia a redução de custos ao obter uma das principais matérias primas com que trabalhavam, o cristal da Boémia. E era precisamente esse material que tinha pedido Indhira Gustmann para elaborar uns lindos jarros com desenhos do período Gótico e Renascimento.

—Pronta? —Perguntou-lhe a Indhira com os seus olhos castanhos brilhantes. A organizadora do evento era uma mulher alta e com estilo.

Durante o casamento com o Stephan, Indhira foi a única que a tratou com verdadeiro apreço. Trabalhava no Museu Britânico

como coordenadora de protocolo e eventos, e durante uma visita da Adara com o Stephan tornaram-se boas amigas. Indhira só era mais velha do que ela dois anos.

Depois de algum tempo, após vários cafés, encontros sociais, conversas de amigas, a Adara disse-lhe a verdade sobre a relação com o Stephan. A mulher com o cabelo ruivo não a julgou, em troca converteu-se num grande apoio.

Só aceitou participar no discursos dessa noite por causa da Indhira.

A sua empresa não cobrou o valor correspondente à elaboração exclusiva dos jarros, que agora estavam espalhados quer pela entrada do museu quer na ala destinada à exposição. Era uma doação que fazia em nome do Stephan, o discurso era sobre o espírito da filantropia do seu defunto amigo e esposo, assim como um apoio à preservação da cultura ancestral de todos os países, especialmente a britânica.

—Sim, claro —sorriu Adara antes de se aproximar ao átrio de madeira esculpido a ouro, que se situava no meio da sala principal.

—O director do museu organizou uma breve festa para depois —disse a Indhira ao olhar discretamente para o público.— Estou feliz por teres decidido sair com o Oscar. É um bom partido.

—Não faças ilusões —sussurrou a rir-se.

—Tento não fazê-las, mas o modo como ele te devora com os olhos não deixa muita margem para as evitar —respondeu ao piscar-lhe olho.

Oscar estava sentado na primeira fila, foi pontual quando a foi buscar. Vestia um *smoking* elegante de estilista, ele era o epítome da sofisticação e todo um dandy britânico. Correto e atento. Sentia-se confortável com ele.

Sabia que ele não só a olhava com admiração profissional como homem de negócios a uma igual no campo empresário, como também como alguém disposto a tocá-la até a fazer gritar de prazer.

Um prazer que a Adara só tinha tido há oito anos com umas mãos jovens, mas conhecedoras. Com o passar do tempo, com o Sam e a vida com o Stephan, o prazer foi sempre proporcionado por conta própria.

—Talvez seja o vestido —comentou a gozar.

Indhira conteve a respiração de forma pouco elegante.

Adara levava um vestido verde azeitona até aos joelhos lindo. O tecido ajustava-se às curvas sinuosas de uma menina que parecia revelar e ao mesmo tempo proteger a sua sensualidade. Era um efeito interessante e o motivo porque o tinha vestido essa noite também. As alças eram finas e incluíam pedras preciosas. Eram um sonho. Para ela significavam o início de uma nova etapa no campo romântico com o Oscar.

Apesar do seu metro setenta, Adara não hesitou em calçar uns sapatos com saltos de agulha e ponta triangular pretos. A maquilhagem realçava os seus olhos azuis, fazia-os luzir de forma mais brilhante e amendoada. O cabelo apanhado ligeiramente à nuca davam-lhe um aspecto aristocrático e contrastava com o efeito de sensualidade do vestido.

—Vamos já começar com o evento —disse a Indhira com seriedade—. Conto contigo para a festa depois do evento?

Adara assentiu e olhou para o Oscar com um sorriso, ele retribuiu.

—Boa noite —começou Adara com a sua voz melódica quando a Indhira lhe ajustou o microfone do átrio. Pouco a pouco os murmúrios da sala foram terminando para a ouvir. A sala estava cheia. Não era para menos. A exposição tinha sido bem acolhida pela imprensa.— É um prazer para mim poder participar neste evento...

Na lista de convidados constavam alguns membros da realeza e da aristocracia britânica. Os duques de Cambridge não puderam assistir nem a rainha Isabel II. O ambiente da sala era quente e sossegado, sóbrio.

Adara falou durante dez minutos com fluidez, enriquecendo as palavras com peripécias pessoais.

—...finalmente, quero agradecer à equipa de designers da Lancaster Embellishment, e ao homem graças a quem esta noite é possível desfrutar da beleza da obra britânica num ambiente carregado da maravilhosa história medieval: Stephan Lancaster.

Os aplausos foram sonoros ao terminar o discurso.

Com um sorriso, tal como tinha aprendido, Adara percorreu a sala cheia de gente com o olhar. Até que pensou que a mente lhe estava a pregar uma partida.

Pestanejou. Não podia sair a correr perante o que desejava com todas as forças que fosse um erro. De entre a multidão destacava-se, pela sua marcada aura de poder, o último homem que esperava ver alguma vez na vida.

O príncipe Bashah Al-Muhabitti. Estava vestido com um elegante fato ocidental, que combinava perfeitamente com barba cortada com precisão. Tinha passado muito tempo. A última vez que ela se lembrava do Bash, ele não tinha barba. O homem que parecia encher a sala só com a sua presença tinha um poderoso físico, os olhos eram dois poços insondáveis e escuros. Parecia dominar o espaço só com o olhar.

Um arrepio percorreu-lhe a pele. Precisava de ar fresco.

—Adara —disse Oscar ao agarrar-lhe no braço com carinho—. Foi um discurso maravilhoso. Embora não esperasse menos de ti.

Ela afastou o olhar do fundo da sala, desses olhos pretos que eram capazes de destruí-la como tinham feito há oito anos. Agora era mais sábia, madura, embora isso não tenha impedido que durante o instante em que trocaram um olhar, a Adara não se tivesse sentido injectada por uma enorme carga de adrenalina. Quase que conseguia ouvir o sangue a percorrer-lhe as veias.

—Eu... obrigado —respondeu ao tentar levar o oxigénio aos pulmões, que de repente lhe pareciam incapazes de funcionar.

Passou o resto da noite como uma automata. A sorrir e a responder a trivialidades, embora muito consciente de que Bashah a seguia com o olhar. Adara não tinha medo de se enfrentar a nada nem a ninguém. Stephan tinha reforçado esse traço do carácter dela, incentivando-a a tomar decisões arriscadas, entrar em círculos hostis e a sair airosa. Devia muito a esse homem, e uma vez que nessa noite tinha dado um discurso em sua homenagem, ia ser forte para honrar a sua memória.

Contudo, toda a força guardada no interior não conseguia acalmar o medo que sentia perante a ideia de que Bashah soubesse que, na única noite que passaram juntos, deram vida a um ser maravilhoso. A razão de viver da Adara. A razão para fazer qualquer coisa para que o Sam estivesse a salvo.

As pessoas pensavam que Samir era fruto do casamento com o Stephan. Ela sabia que bastava que Bashah olhasse para o Sam para descobrir. O menino era uma réplica do pai, com excepção para a marca pessoal da Adara: os olhos azuis. «Não pode tirar-te o teu filho.» Repetiu uma e outra vez. E o facto de Samir ter o apelido Lancaster garantia isso.

—Indhira, fiquei muito contente por teres utilizado produtos da companhia da sra. Lancaster —disse Isobella, a filha do Primeiro-Ministro britânico, quem gostava muito de apoiar qualquer evento de carácter governamental que pudesse contribuir para a boa imagem do pai na imprensa. Gostava de se rodear de luxo e exclusividade.

—Sabes como é, Isobelle, a minha amiga não é só uma mulher bonita, como também possui um cérebro privilegiado para os negócios.

Adara riu-se com muita vontade.

—Isso é o que faz contar com amigas leais —respondeu ao olhar para a Indhira com carinho.— De qualquer forma, Isobelle, fico contente por saber que gostaste do pormenor dos jarrões. Acho que amanhã, quando abrirem as portas ao público, as pessoas vão encantar-se com as descobertas da equipa de arqueologia.

—O nosso país tem história escondida e pretendemos aproveitá-la —resumiu Indhira ao observar contente o grupo grande que nesse momento conversava em outro sítio da sala.

Este evento não era aberto ao público. O lista de convidados era ampla, mas o perfil de convidados era incomparável ao cidadão britânico comum.

—Sr. Dreyfus, dá-me um minuto? Desculpe interromper — perguntou num murmúrio e discretamente um dos empregados do museu, aproximando-se de Oscar, quem nesse momento se ria de uma piada de Althos McGallar, um artista local famoso.

—Sim, passa-se alguma coisa? —quis saber o bonito empresário com o mesmo tom baixo para não interromper a conversa que os outros membros do grupo estavam a ter.

Adara viu a troca de sussurros dissimulados ao mesmo tempo que se ria de uma piada que o marido da Isobelle, Andrew Phillips, tinha dito.

Um empregado passou com uma bandeja de canapés. Oscar aproveitou essa interrupção para dizer ao ouvido da Adara que tinha de sair.

—Espero que esteja tudo bem.

O homem atrativo dedicou-lhe um sorriso encantador, enquanto lhe acariciava o queixo com um gesto breve.

—Lembraste do acordo que se frustrou há duas semanas quando nos encontrámos numa sala do aeroporto de Atenas?

Ela lembrava-se. Tinha estado de férias com o Samir.

—Claro, estavas muito chateado nesse dia.

—Mas não o suficiente para ignorar uma mulher bonita — respondeu, fazendo-a corar.— Parece que o embaixador de Grécia me viu e me quer cumprimentar. E se for possível retomar a conversa que tivemos antes. Mas se preferires que fique, eu posso adiar a conversa para amanhã.

—Claro que não. Eu telefono ao meu motorista para me levar a casa. A sério, não te preocupes. Aproveita esta coincidência magnífica.

—Podes acompanhar-me —comentou com esperança na voz.

Ela sabia o que isso significava: passar a noite juntos depois da reunião. Adara não estava preparada para isso. Precisava de ir pouco a pouco. O beijo que deu ao Oscar no carro antes de entrar no museu foi um primeiro grande passo e não queria forçar demasiado as coisas.

—Sam...—Sentiu-se hipócrita por usar o filho como desculpa para não ter de confrontar a situação.— Não posso desaparecer assim...

—Claro —Oscar aceitou a resposta decepcionado, mas manteve a compostura.— Lamento que isto tenha surgido assim tão de repente. Lamento, a sério. Não é a noite para...

—Não te preocupes —interrompeu, pondo a mão no braço do Oscar—. Espero que o embaixador da Grécia aceite todas as tuas sugestões para que possas abrir uma sucursal do teu banco em Atenas.

—Eu também —respondeu ao inclinar-se para beijar a suave face feminina e depois despedir-se do círculo de amigos que estavam à volta.

Do outro lado da enorme sala, Bashah viu a troca de carinho com uma fúria que lhe inflamou o sangue.

Foi como se lhe tivessem dado um murro no abdómen. Como se lhe tivessem batido com a força de dois homens para lhe extrair o ar do corpo. Depois de tantos anos, ver a Adara era um impacto brutal para o qual não estava preparado. Ela tinha-se transformado numa versão mais bonita dela mesma.

O corpo dela continuava a ser uma tentação, que para um homem de sangue quente era impossível de ignorar. Com curvas

marcadas e com aquela maneira inesquecível de inclinar a cabeça quando não gostava de alguma coisa. Adara era magnífica.

Tinha tentado em vão esquecê-la e deixar as lembranças dela na caixa de Pandora. Pelos vistos, os deuses, entre as areias do tempo, decidiram-na abrir. Ele foi o primeiro homem dela e não conseguia tirar da cabeça imagens da Adara nua, já não. A certeza de que outros já tinham gozado da pele suave dela, do perfume corporal, do aroma da sua paixão e dos gemidos da sua boca, levou-o a cometer uma arbitrariedade nessa noite.

Quando Costas Meridiakos, o embaixador da Grécia em Londres e amigo seu, cumprimentou Oscar Dreyfus, Bashah pediu ao Najib para averiguar de onde e porque se conheciam. A resposta chegou de seguida, e de repente, com um impulso adequado para um possível investimento de Azhat na Grécia, Bashah conseguiu que Costas quisesse reabrir o diálogo sobre a possibilidade da abertura do banco de Dreyfus em Atenas.

—Príncipe Bashah —cumprimentou o Primeiro-Ministro britânico ao interromper o seu escrutínio desde longe— ainda bem que o encontro aqui.

Bashah virou-se para o político com a sua expressão impenetrável.

—Que coincidência —disse ao ocultar o sarcasmo pelo facto de ter orquestrado a chegada.— Eu sou uma pessoa que gosto muito de cultura, é sempre muito agradável saber que uma pessoa como o senhor parece partilhar a minha postura.

Chase McNeill, sempre gostou de rodear-se de perto com a classe privilegiada e aristocrata do mundo, assentiu.

—Espero que tenha desculpado o erro humano da minha equipa de trabalho, o que me levou a tomar a decisão tão repentina de cancelar a nossa reunião de hoje

—Não tem de se desculpar —respondeu com sinceridade. O leve descuido da equipa do político deu-lhe oportunidade para se reencontrar com o passado. E só por isso, ia deixar passar este

precalce. Mais tarde, de alguma maneira, ia cobrá-lo. Disso tinha a certeza.

—Agradeço-lhe, alteza. Diga-me, o que acha se aproveitamos este encontro casual para falarmos sobre o que pretendíamos? Para finalizar o evento há um jantar exclusivo e depois podemos falar um momento.

Com um sorriso e sem perder de vista a linda mulher de olhos azuis, que agora estava no meio de um grupo bastante animado, Bashah assentiu.

—Uma excelente ideia.

O destino tinha posto a Adara no seu radar e ele pensava aproveitar a situação. Sabia que ela o tinha visto e reconhecido. Nos olhos dela viu várias emoções ao mesmo tempo e a grande velocidade. Mas tinha a certeza de ter visto perfeitamente a indiferença que deixaram transparecer esses olhos preciosos com forma de amêndoa. Ele não estava à espera de calor, mas indiferença... Nunca nenhuma mulher o tinha tratado daquela maneira.

Bashah já não era o jovem volátil com vinte e dois anos. Agora tinha quase trinta anos e tinha amadurecido o suficiente para saber que quando se desejava algo de verdade se tinha de ir com cautela, mas sem desistir perante os obstáculos. O que mais desejava era ter de novo a Adara na cama, mas primeiro tinha de se redimir das suas ações no passado.

CAPÍTULO 3

—Que não nos tenham apresentado apropriadamente esta noite, embora saibamos que não faz falta, não impede que me aproxime a cumprimentar. Bonito discurso.

Adara, que estava a terminar de beber um gole de soda, esteve a ponto de cuspi-la. Pousou o copo em cima da mesa do buffet e virou-se lentamente.

Ela pretendeu, mas pelos vistos sem êxito, ignorar a presença de Bashah quando se deu conta que também tinha sido convidado para o jantar exclusivo. Não podia ser de outra forma, porque ele era, e sempre seria, um príncipe. Embora esse título nunca tivesse significado nada de especial para ela... Até ao dia em que a humilhou em honra do título, manchando o que juntos tinham vivido.

—Obrigado, alteza —respondeu com coragem. Nunca mais permitiria que Bashah voltasse a vulnerar a sua armadura. Talvez o tenha surpreendido nessa noite, mas não era tudo.— Gostava de continuar a conversar consigo, mas tenho de falar com a anfitriã...

Ele olhou para ela com um sorriso sardónico.

—Vamos fingir que nunca nos vimos, Adara? —Perguntou com esse tom tão delicioso como o café árabe mais requintado. Intenso. Profundo.— Ou talvez possamos conversar como velhos amigos...

—Não me permito familiaridades com ninguém de fora do meu círculo pessoal. O qual, claro, é muito reduzido.

Bashah, embora merecesse, não gostou da resposta.

—Compreendo, o que aconteceu com a pessoa que te acompanhava? —Continuou a tratá-la por tu e mudou de tema... de momento.

Quando ela caminhou para se afastar, o aroma do perfume floral da Adara, aquele que as suas células se lembravam com pasmosa clareza, envolveu o Bashah. Ele cortou-lhe o caminho com precisão. Ninguém podia dizer que entre eles existia uma tensão tal que até a ponta de uma agulha a podia romper.

—Teve um contratempo. — Adara olhou para ele com suspicácia —. A menos, claro, que a saída do Oscar tenha tido alguma coisa a ver consigo... *alteza* —disse com sarcasmo perante o olhar furioso do Bashah.

—Quero falar contigo.

—Uau... um príncipe mentiroso— soltou um riso carregado de desprezo— não sei porque me surpreende. Já estamos a conversar.

Ele pôs as mãos na cintura.

—Sozinhos.

—Uma pena, alteza, porque eu não tenho intenção de falar sobre nada consigo. E agora— devolveu um oportuno cumprimento a uma das esquinas da sala onde se realizava o jantar — tenho de abandonar esta conversa tão interessante.

Bashah deixou completamente de lado o protocolo que um príncipe devia manter, esticou a mão e agarrou a Adara pelo cotovelo. Esta desfez-se do toque como se tivesse sido mordida por uma cascavel. Ele apertou a mão.

—Janta amanhã comigo.— Tirou do bolso interno do blazer um cartão e deu-lho.— Vou estar mais três dias em Londres... Gostava de te explicar o que aconteceu em Azhat antes da revolta.

—Tenho a certeza que a tua esposa não vai aprovar que te encontres com uma mulher que só trabalhou num harém para satisfazer as tradições de um país.

Ele não a culpava pelo desprezo que a voz dela transmitia. Os olhos azuis diziam tudo.

—Ouve-me...

—Príncipe Bashah! —exclamou Gregory McDowell, assistente do Primeiro-Ministro britânico.— Que honra encontrá-lo.

—Isto não vai ficar assim, Adara —expressou baixinho só para que ela o pudesse ouvir.

—A honra é minha, sr. McDowell.

Adara sentiu que era a sua escapatória, despediu-se com um murmúrio breve a McDowell, mas olhou para o príncipe e fez uma inclinação trocista com a cabeça para depois se perder entre o grupo exclusivo de convidados.

Apertando a mandíbula, Bashah não teve outro remédio que deixá-la ir para que ele pudesse atender McDowell. Um príncipe nunca perdia a paciência nem a compostura, e ainda menos pensava ir atrás da única mulher pela qual sentia, apesar dos anos, um acesso de desejo que ameaçava causar algum escândalo de Estado se acedesse ao impulso de persegui-la e domar o ódio com beijos ardentes.

—Portou-se bem? —Perguntou a Adara a sussurrar à sua avó, Diana. Estava no quarto do Sam. O menino dormia tranquilamente.

Diana Balfour costumava tomar conta do Samir quando a neta tinha de assistir a alguns eventos à noite. Adara tentava não sair, a menos que fosse estritamente necessário. Não confiava o filho a ninguém. E parte de esses medos e desconfiança fizeram-na criar na empresa uma creche sem nenhum custo para os empregados.

Depois do primeiro ano de casamento, Stephan ajudou a Adara a encontrar a família materna. Tinha uma avó e um avô. Diana e Roger Balfour. A mãe, Elizabeth, foi filha única. Apesar de não ter primos nem tios, só a ideia de saber que contava com duas

peessoas maravilhosas ao seu lado era suficiente. Os avós sentiram-se exultantes ao conhecê-la e quando viram o Samir, apaixonaram-se por ele à primeira vista. O amor era mutuo.

—Olá, tesouro —disse Diana antes de sair do quarto do Sam. Embora fosse um menino com quase oito anos, a mulher de oitenta gostava de ver dormir o bisneto, como se dessa maneira pudesse recuperar o tempo perdido.— Fez os deveres, mas não quis comer os legumes e como teve treino de natação, assim que pôs a cabeça na almofada deixou-se dormir.

Sentaram-se as duas à mesa da cozinha. Era uma cozinha pequena, mas elegante, onde cabiam na perfeição seis pessoas.

—Obrigada avó por tomar conta dele.

—Oh, já sabes que adoro este pequeno diabinho —respondeu a sorrir enquanto servia uma chávena de chá à neta. Depois preparou uma para ela e sentou-se em frente da Adara.— O que aconteceu hoje à noite, Adara?

Os avós tinham uma casa em Mayfair, mas de vez em quando costumavam ficar no cómodo estúdio que o Stephan tinha remodelado para eles na parte traseira da propriedade.

—Não sei porque dizes isso —expressou ao beber um pouco de chá quente.

Diana afastou a chávena, inclinou-se para a frente e olhou a neta nos olhos.

—Em que momento começaste a ver-me como uma velha parva?

—Avó...

—Diz-me o que aconteceu para que tenhas essa cara preocupada.

Sendo Diana a única pessoa com quem partilhava o ADN e em quem podia confiar, Adara contou-lhe a história com o pai do Samir. A avó incentivou-a a procurá-lo e a dizer-lhe que tinha um filho, até que ela lhe disse que ele já era casado.

Adara suspirou.

—Hoje encontrei-me com o pai do Sam...

—O que aconteceu?

—Quer que jantemos juntos... Eu não quero reviver o passado.

Diana torceu o nariz.

—O destino às vezes prega-nos partidas, filha. Se durante todos estes anos não tiveste interesse por saber dele, o facto de agora o encontrares no sítio menos esperado parece-me que significa que talvez lhe devesse dar a oportunidade de o ouvir.

—Não quero que me tire o Sam —sussurrou desesperada e impotente.— Ele é meu. Posso ter todo o dinheiro do mundo, mas não sou uma princesa ou uma rainha com o poder que isso significa. Não tenho contatos em esferas tão altas... E sei que a família do Bashah pode apostar forte se sabem que o herdeiro à coroa do seu país existe e está comigo. —Era óbvio que a sua avó nunca conseguiria compreender o alcance que significava o poder de uma família real. Não era fácil explicar nem compreender, a menos que vivesse de baixo dos preceitos do que significavam essas regras.— Tenho medo...

—O menino é cidadão britânico e tem o apelido Lancaster. Esse príncipe não pode fazer nada, para além disso não disseste que ele já era casado? Já deve ter um herdeiro.

A ideia do Bashah na cama com a mulher, a dar o amor que a ela foi negado, com a intenção de procriar uma nova vida, doía intensamente. Mesmo depois de tanto tempo, a marca que esse homem lhe tinha deixado no corpo não se apagava totalmente. O que faltava para que isso acontecesse?

—Não procurei nem quis procurar nada relacionado com esse país. Muito menos sobre ele. O Stephan tentou proteger-me sempre da possibilidade de o encontrar em algum evento de Estado a que

éramos convidados e onde podia aparecer gente da realeza estrangeira. Ia o Stephan e eu ficava em casa...

—Stephan foi um homem muito bom por ter cuidado de ti— e tu, generosa por lhe devolver o carinho que a própria filha lhe negou. Mas és uma Balfour, Adara, e tens uma veia guerreira no corpo. Deves lutar pelo que queres e enfrentar o que temes.

—Não tenho nada para falar com ele, avó.

—Talvez queira o teu perdão para continuar o caminho dele em paz.

—Não tem consciência —murmurou de má vontade ao olhar para os olhos azuis, herança que ela e o filho partilhavam.— É um disparate... Por hoje já tive suficiente.

—Ou talvez te sintas aliviada ao dizer-lhe que o perdoas... ou tudo o que tens guardado há tanto tempo. Ouve o que te tem a dizer. Só assim poderás fechar, finalmente, essa ferida que ainda dói, querida. Depois podes refazer a tua vida.—Adara assentiu não muito convencida.— Este jovem com quem saíste hoje, o Oscar, parece-me um bom partido. Não conheço o pai do Sam sem ser das fotos que uma vez vi na Internet....

—Avó! —Exclamou ao dar uma gargalhada. Diana era uma bisbilhoteira e apesar da sua idade interessava-se por qualquer avanço tecnológico novo. Tinha Facebook e Twitter. Roger, quando via a mulher ao computador, revirava os olhos e seguia o seu caminho.

—Que tu não queiras que eu o conheça ou que o associe como pai do meu bisneto é um problema teu, juvenzinha. Além disso, ao comparar a imagem desse príncipe com a do meu bisneto, posso entender porque esse homem de genes tão vivos te causa tanta impressão. Não é?

—Demasiado para o meu gosto e sanidade... —sussurrou.

Diana riu-se. De aquelas que têm sapiência. Abraçou a única neta e mudou completamente de assunto, para o seu favorito: os

últimos cochichos das amigas do clube de bridge.

Vinte e quatro horas depois da exposição no Museu Britânico, o príncipe Bashah estava consternado. Só ficava mais um dia em Londres. Não podia acreditar, que uns dias fora de Azhat servissem de cenário para que tudo se complicasse durante a sua ausência.

A manhã tinha começado prometedora. Esperava que os mecanismos do destino começassem a trabalhar, com ele a fazer alguma pressão, claro, para conseguir ver a Adara novamente. Sabia que ela não lhe ia telefonar, mas de qualquer forma ia dar-lhe algum tempo para que ela pensasse que tinha uma opção. Ele tinha todos os recursos para a encontrar e ia usá-los, apesar dela não o querer ver.

Contudo, um telefonema de Azhat durante a noite trocou-lhe os planos como também a sua estância em Londres.

—Alteza —chamou Najib do outro lado da porta da suite.

—Entra, o que se passa?

O homem andou com diligência.

—Já terminaram de readequar sótão de Belgravia. Se quiser pode mudar-se esta noite.

Bashah sorriu com ironia.

—Ah, o que faz um pouco de influência e um estímulo económico para se trabalhar mais rápido. —Najib manteve-se imóvel.
— Pede que organizem as minhas coisas.

—A sua equipa de segurança dentro de um momento estará pronta para ir a Belgravia.

—Najib —chamou-o com firmeza.

—Alteza?

—Não vamos a Belgravia. Regressamos a Azhat. —Najib esperou que o Bashah continuasse.— Para além dessa instrução,

quero que encontres uma maneira de acabar com o harém. Há anos que ninguém o visita, parece-me absurdo manter com luxos mulheres que podem viver de um trabalho que não consista apenas em sorrir e mover as ancas nos bailes do palácio. O que um país antigo necessita numa era moderna é estar a par das tendências.

Najib, apegado como era às tradições e sempre pendente do protocolo, não conseguiu esconder a sua cara de espanto.

—Será feito como diz —respondeu, quando o brilho da fúria começou a aparecer no olhar do príncipe.— Mais alguma coisa, alteza?

O príncipe e xeque Bashah sempre teve a ideia de dissolver o harém. Desta vez ia convencer o pai. Nenhuma das mulheres que estiveram antes da revolta social, que aconteceu anos antes em Azhat, vivia nas redondezas do palácio, excepto a Yosoulah. Umas morreram no ataque e outras conseguiram fugir. Agora só haviam quinze concubinas novas, aparentemente para aprender jardinaria a cargo da Beatriz, uma australiana voluptuosa que tinha conquistado a atenção do príncipe Tahír.

Ele achava que a ideia de manter o harém tinha sido do Tahír, porque nas últimas vezes que Bashah falou com o pai para o dissolver, o irmão opôs-se logo. Tahír era um mulherengo reconhecido, carregava com os seus fantasmas às costas e era um rebelde sem remédio, mas a mente avançada que Bashah partilhava com os irmãos não concordava com a teimosia de Tahír para manter o harém e convencer o pai disso, nem a necessidade repentina de contratar uma australiana para ensinar, nada mais que ridículo, a cuidar de jardins no meio do deserto.

Os problemas do irmão não era uma prioridade para ele. Não depois de receber o telefonema direto do pai.

—O meu pai está à nossa espera em Azhat, Najib —indicou ao homem da barba branca e de figura redondeada.— Diz à governanta da minha casa em Belgravia para se encarregar de manter tudo no seu sítio. Voltamos assim que possível.

—O rei está bem? —perguntou, saltando o protocolo. A lealdade do secretário de Bashah era indiscutível, assim como o profundo respeito que tinha ao rei, Zahr Al-Muhabitti, um líder muito querido pelo seu povo.

—Isso não ficou muito claro pelo telefone. De qualquer forma, Najib, adia a agenda de trabalho para quando se resolva a situação em Azhat. Telefona aos secretários dos meus irmãos para saber como estão as agendas deles e coordená-las com a minha.

—Claro, alteza. —Tossiu antes de continuar.— E se a mulher que disse que provavelmente o ia procurar...

—Isto é tudo, Najib —respondeu com brusquidão.

—Vou organizar tudo —expressou o homem antes de sair da suite.

Bashah apertou os punhos. Por um momento esqueceu-se completamente que não era um homem que pudesse fazer e desfazer à sua vontade. O telefonema do pai lembrou-o das responsabilidades que tinha entre mãos, e estas não incluíam montar estratégias para levar para a cama uma mulher do passado.

Ele ainda não conseguia explicar-se como é que era possível, que passado oito anos, uma mulher fosse capaz de lhe incendiar a pele com o olhar e convidá-lo a evocar o passado como se este nunca tivesse deixado tantas marcas. Tinha de colocar o país à frente da Adara. «Mais uma vez», pensou com ironia, enquanto agarrava no casaco para começar o trajeto até ao aeroporto de Heathrow.

Paris, França.

Com o torso nu, musculado e moreno, o príncipe Tahír Al-Muhabitti, era um verdadeiro exemplar de virilidade. À diferença do irmão mais velho, Bashah, ele não tinha qualquer tipo de interesse em ocupar um posto nas lides do poder. Detestava a diplomacia.

Detestava as estúpidas normas sociais. Tinha pena do Bashah, porque durante toda a sua vida teve de se guiar por um protocolo que apontava sempre para um objectivo: reinar.

—Tahír? —Perguntou a mulher com grande peitos e cintura estreita que estava na cama. Não se lembrava do nome dela. Ela tinha data de validade: aquela mesma noite.— Está tudo bem?

Os olhos verdes do príncipe brilharam com mais interesse ao tirar o lençol que tapava o seu corpo musculado nu. Estava novamente excitado com a imagem sensual da sua amante. «A última vez», disse para si mesmo.

Em Paris, a cidade do prazer e do amor, não era nada complicado conhecer uma mulher disposta a estar com um príncipe. Embora, pensando bem, nunca nenhuma integrante do género feminino se tivesse resistido a ele. Até que conheceu a Bea. Mas não se queria lembrar dessa mulher, que agora pagava a afronta que lhe tinha feito trabalhando para ele em Azhat.

—Sim —disse com uma voz firme, antes de se erguer sobre a bonita loira, acariciar-lhe a púbis com os dedos e depois esfregá-los nesses suaves lábios íntimos.— Estás húmida —resmungou com prazer quando as pernas dela se abriram mais para ele. Tahír parou com as carícias para se inclinar e chupar com dureza um dos pontiagudos mamilos rosados. Era um prazer primitivo, onde a única emoção era o desejo.

—Por ti —sussurrou a mulher com um ronronar, dando-lhe as boas-vindas ao seu corpo. Não houve beijos, nem carícias, nem desejo, apenas um som selvagem de necessidade sexual que encheu o quarto de hotel com vistas para o Sena.

Tahír penetrou-a de uma vez com o membro longo e duro. Era a sexta mulher que levava para a cama em uma semana. Sentia um prazer retorcido ao deixar-se levar dessa maneira. Como se estivesse a castigar a Bea pelo que tinha feito... quando na realidade sentia que o castigo o estava a receber ele, já que enquanto entrava

no corpo dessa desconhecida, a única coisa em que podia pensar era no dia em que a Bea o traiu.

Sentia que estava a ser infiel a uma mulher que não era a sua esposa. Que nunca o tinha sido nem nunca o seria. Com esse pensamento a rasgar-lhe o corpo como uma faca, Tahír gemeu e as investidas tornaram-se mais potentes e despiedadas. Ouvia a amante grey a pedir-lhe mais dessa dor prazerosa. Mais do corpo dele.

Não soube em que momento a mente dele venceu o desejo. Ficou estático. Sudado. Com nojo dele mesmo.

—O que... se passa, Tahír?

Ele afastou o tronco da mulher, apoiando as palmas das mãos ao lado do corpo voluptuoso dela. Olhou para ela ofegante. Saiu da cama a lançar um olhar de maldição. Tirou o preservativo e lançou-o para o caixote do lixo. Respirava com dificuldade.

—Veste-te e vai-te embora. A noite foi entretida, mas já acabou. O meu motorista leva-te onde quiseres.

—Não... não entendo —expressou sem se importar estar nua.

—Quando sair do duche não te quero ver aqui —disse sem olhar para trás e sem lhe responder, antes de entrar na casa de banho e fechar a porta com estrondo.

Horas mais tarde, Tahír recebeu um telefonema urgente.

Num abrir e fechar de olhos, a sua equipa recolheu as suas coisas, organizou a logística da sua segurança e Tahír deixou o centro de Paris para se dirigir ao hangar que a família real de Azhat tinha no aeroporto Charles de Gaulle.

Durante o caminho manteve a cabeça em outro sítio. Apesar das suas conhecidas aventuras sexuais e escândalos ao longo da sua juventude, desta vez Tahír sentia um grande vazio. Não podia olhar nos olhos da Bea depois daquela semana em Paris. Depois de todas as mulheres com quem o fotografaram.

—Tudo bem, alteza? —Perguntou a hospedeira de bordo enquanto sobrevoavam a Europa.— Deseja beber mais alguma coisa?

Tahír observou os quatro copos vazios de whisky.

—Não. Por agora é tudo.

Barcelona, Espanha.

Percorrer as ruas de Barcelona sem nenhum membro da segurança pendente de cada passo seu era uma utopia para o príncipe Amir Al-Muhabitti. Aos vinte e sete anos, tinha sido educado não só para defender Azhat no campo de batalha, mas também para obter as melhores alianças económicas em nome do pai.

A sua maior responsabilidade recaía, como advogado com título da Cambridge, em verificar a legitimidade das sinergias comerciais realizadas pelos assessores do rei. Viajava muito e mantinha laços estreitos com magnatas de todo o mundo. Embora estivesse sempre à sombra do irmão mais velho indomável, Bashah, e do rebelde Tahír.

Desde pequenos que os três sofreram com a falta de uma mãe. O rei Zahír nunca conseguiu suprir essa falta de afeto e empatia.

Amir sabia que dentro de pouco tempo o irmão mais velho herdaria o trono. Bashah era um homem temperamental e desde que a Adara se foi embora nunca mais foi o mesmo. Amir esteve em Espanha durante os meses em que se deu a revolta social, por isso ignorava muitos pormenores do que tinha acontecido e também a relação do irmão com a Adara.

As personalidades dos três irmãos eram muito fortes. Quando estavam no mesmo espaço e tentavam chegar a um consenso era muito complicado que os temperamentos não ameaçassem voar pelos ares. Mas tal como eram ferozes para defender as suas ideias,

também o eram para defender a quem amavam. Eram três homens unidos pelo sangue e pela lealdade que esse laço tinha formado.

O caso de Tahír, com vinte e oito anos, era o cúmulo das contradições, que tinha começado na opinião de Amir depois de muitas viagens a Melbourne. Parecia que estava mais taciturno e com uma veia de amargura que nunca lhe tinha visto. Tahír era o responsável pela segurança do palácio e tratava das alianças vinculadas à formação e abastecimento de armas do exército de Azhat. Amir não conhecia outro homem que amasse mais a agitação extenuante do trabalho físico no deserto, em vez da sofisticação que ofereciam as metrópoles das nações ocidentais, que o Tahír.

—Convidas-me a beber alguma coisa? —perguntou a modo de cumprimento uma mulher, aproximando-se até ao bar do Hotel Arts de Barcelona, onde Amir estava há uma hora a desfrutar de uma bebida.

Amir tinha demasiadas preocupações na cabeça para pensar em levar para a cama uma mulher nesse momento. Os seus olhos de cor âmbar, moldurados por umas pestanas pretas densas, prestaram atenção à moça, cujo rosto em forma de coração mostrava uma pele que parecia suave ao toque.

Era uma mulher muito bonita com pele branca, cabelo castanho e olhos verdes. A beleza dela não era convencional. Tinha traços exóticos. Era linda de uma maneira única. «Provavelmente é consciente dos atributos que tem e usa-os para levar para a cama quem a possa manter», pensou com cinismo.

—Imagino que seja a apresentação que está na moda nos bares espanhóis da classe alta —respondeu com simplicidade. Tinha ido até ao famoso hotel da rua Marina porque guardava boas recordações das suas viagens de verão a Barcelona. Estava de passagem pela cidade e quis aproveitar para dar uma volta. A sua família tinha uma casa luxuosa em Pedralbes, no distrito das Corts, mas Amir pensou que, fora da mansão, podia relaxar-se da tensão que sentia. Mas parecia estar enganado—. Pede o que quiseres —disse sem interesse ao fazer um gesto ao barman.

Com um vestido preto justo e uns saltos altíssimos, ela sentou-se na cadeira ao lado. Amir viu, pela esquina do olho, que os membros da equipa de segurança começavam a aproximar, mas com um movimento rápido de mãos eles pararam.

—Chamo-me Molly Reed-Jones —continuou como se estivesse a conversar com qualquer outro grande amigo.— Queria pedir-te um favor.

Amir começou a rir-se, mas não se apresentou. Ela impossível que ela não soubesse quem ele era. O que o surpreendia era ela ter enganado os seus guarda-costas. Estes devem ter pensado que se tratava de um possível engate do príncipe, quem lhes pagava o salário, e preferiram ignorar e pensar que lhe estavam a fazer um favor.

—Não me digas...

—Podes olhar para aquele homem que está ali ao fundo? — Amir levantou uma sobrancelha ignorando o pedido dela.— Por favor... finge que me conheces. Que somos amigos. Só isso.

—Não sou uma fundação benéfica... Molly —expressou.

A moça suspirou e passou os dedos pelo cabelo nervosa.

—Eu...—levantou a sobrancelha como se de repente se tivesse dado conta de algo— acho que te conheço. Se calhar vi-te em algum sítio antes.

—Isso é interessante, embora seja um género de engate pouco criativo, devo dizer. Imagino que se perguntares a qualquer pessoa que esteja aqui a comer, também te dirá que me conhece — respondeu com cinismo, enquanto bebia um grande gole do champanhe Krug Vintage Brut do ano 1988.

—Devo estar a confundir-te com alguém...

Com um gesto aborrecido perante os gestos evidentes de nervosismo da moça, Amir olhou para o sítio que ela tinha indicado antes. Um homem forte com uma expressão má e, aparentemente, pouco paciente parecia tentar abrir caminho para chegar até onde o

Amir estava. Pelo menos, nesta ocasião, os guarda-costas, com a discricção que os caracterizava, solucionaram o problema.

—Porque te pressigue este homem? —Respondeu em troca.

Perdi uma aposta... Não sou espanhola—expressou com um sotaque inglês óbvio— pensei em ficar aqui uma temporada, mas acho que tudo correu mal afinal. Não é o que parece, acho.

—E parece-te que sou eu o chamado a cancelar essa dívida por ti? Imagino que estejas disposta a pagar-me em espécies caso ceda —disse com desprezo. Detestava as oportunistas.

A mulher engoliu em seco e levantou o queixo com orgulho. Algo respeitável, pensou Amir.

—Tentava salvar o meu irmão das dívidas do jogo —explicou com um nó na garganta.— Disse a esse homem, Gianni, que se perdoasse a vida do Theo, eu tornava-me responsável pela situação.

—Como exatamente? —Indagou ao contemplar o corpo com forma de relógio de areia. A boca ficou seca. Afastou o olhar para beber.

—Dando-lhe o que ele desejava —respondeu com evidente repulsa. Amir olhou para ela com evidente desaprovação.— Só queria que o meu irmão saísse ileso esta noite... vim a correr do casino, mas o Gianni encontrou-me —balbuciou—. Pensei que podia fugir...

—E não pagar o preço?

—Eu... eu não posso... eu... —sussurrou ao ponto de deixar cair as lágrimas que lutavam por sair dos seus grandes olhos castanhos. — Theo é a minha única família. Agora deve de estar muito longe. Fugiu num táxi com o que tinha no bolso. Eu só pensei em pirar-me por aqui, pensei que podia conseguir... Mas o Gianni e a gente dele são demasiados. Foi uma sorte encontrar alguém sozinho —disse consciente de que o resto dos comensais estavam em grupos ou eram casais.— Por favor... não sei o teu nome... mas ajuda-me. Finge que sou a tua namorada... finge que...

Chateado e cansado das mulheres que tentavam enganá-lo com mil truques, Amir tirou da carteira uma nota de cem euros e posou-a em cima do balcão. Levantou-se. Foi consciente da diferença de estatura com a linda moça com o cabelo crispado. Depois, sem lhe dar tempo para reagir ou entender alguma coisa, inclinou-se e agarrou a boca de Molly com a dele.

O impacto daquele contato chegou até à medula. O seu membro ficou vivo e o tecido das calças caras que vestia nessa noite ficou tenso. Ela gemeu e entreabriu os lábios para receber a língua de Amir. Uma língua cujo sabor se misturou com a paixão que ambos sentiram explodir em seguida.

Ele afastou-se rapidamente. Olhou para ela. Estava vermelha, com os lábios húmidos pelo beijo que acabavam de partilhar.

—Se quiseres fingir que não sabes quem sou, parece-me bem. Para a próxima vez, aprende a não jogar com tubarões, quando obviamente pertences a um aquário —terminou com dureza. Como se daquela maneira pudesse ignorar o desejo que lhe percorria as veias. Era a primeira vez que reagia com uma mulher de forma tão visceral.— Boa noite.

Uma mão pequena com unhas pouco arranjadas posou em cima do forte braço do Amir.

—Por favor... —sussurrou Molly.— Por favor, ajuda-me... Tira-me de aqui. Faço tudo o que tu quiseres.

—Nunca poderás cumprir com as minhas expectativas — respondeu com crueldade. Olhou para ela como se fosse uma mosca no seu requintado prato de manjares de alta cozinha.— E como é evidente não cumpres com as tuas promessas.

Ela afastou a mão com suavidade, a tremer e com os olhos cheios de medo. Mas mesmo assim levantou as costas determinada. «Admirável tendo em conta a situação em que se encontra», pensou Amir.

O tal Gianni começou a aproximar-se do balcão.

Sem olhar para trás e com os punhos apertados ao lado, o príncipe saiu do hotel. Uma mulher podia enganá-lo uma vez, mas duas não, disse para ele próprio.

Estava na limusine quando recebeu um telefonema que mudou tudo.

—Vamos para Pratt —pediu Amir ao motorista com tom de urgência—. Regressamos a Azhat.

Durante o caminho até ao aeroporto, Amir sentiu uma sensação estranha no peito. Como se algo inexplicável o empurrasse a fazer o caminho de volta.

Sacudiu a cabeça para esquecer a expressão desesperada dos olhos castanhos e o amuar daqueles lábios carnosos que ele tinha desfrutado.

Foi uma longa viagem.

CAPÍTULO 4

—Mãe, hoje tenho uma visita, vou ver a troca dos guardas no palácio de Buckingham. Já assinaste o papel da autorização? — perguntou Samir antes de levar à boca a tosta com doce de morango.

Tinha passado uma semana desde o dia em que a Adara, reunindo coragem e calma, telefonou para o hotel onde se hospedava o Bashah para lhe dizer que aceitava jantar com ele. Parte dessa decisão deveu-se ao facto de ter buscado informação e saber que o príncipe estava divorciado há anos. Não havia grandes pormenores, o que não surpreendeu a Adara, porque a casa real Al-Muhabitti caracterizava-se pelo hermetismo com que lidavam com as situações.

Essa não foi a única surpresa que teve. A recepcionista informou-a que o príncipe já tinha deixado o hotel. Por um lado sentiu alívio por não se enfrentar ao Bashah, por outro, a ideia de não o voltar a ver nunca mais causou-lhe um desgosto ridículo. «É melhor assim.»

Agora era livre do passado. Ela tinha cumprido com a sua parte, incentivada pela avó, mas os sinais eram claros ao ter bifurcado o caminho do Bashah e o dela.

Estava a dar-se uma oportunidade com o Oscar. Talvez não ficasse com pele de galinha de emoção, que os mamilos não ficassem tensos contra o tecido do sutiã perante a ideia de ser acariciada por ele, mas era um homem íntegro, atento e...

—Mãe! —Exclamou Samir ao arrancá-la dos seus pensamentos.
— Não me estás a prestar atenção.

Adara olhou para ele com amor. Era um bom menino. Raramente lhe negava alguma coisa, mas quando tinha de ser firme não hesitava em atuar de acordo com a situação. Vestida com um robe, que tapava a camisa de noite de seda, ela e Samir viam as notícias na televisão enquanto tomavam o pequeno-almoço.

Ela podia contratar gente para a ajudar, mas não teve pais que tomassem conta dela e não queria deixar o filho nas mãos de desconhecidos. Por necessidade, porque só tinha tempo de limpar a casa ou deixar a comida feita, devido a todos os compromissos na empresa, contratou uma senhora que se encarregava das tarefas domésticas. Mireia era uma mulher de cinquenta anos, jovial e de bom humor. Raramente tomava conta do Samir, excepto em casos de extrema urgência.

Ter encontrado os avós não foi só uma grande alegria para o coração da Adara, também foi uma bênção para o Samir. Nessa equação não podia tirar méritos ao carinho do Stephan. Ele nunca permitiu que o menino lhe chamasse pai. Surpreendeu-a quando lhe disse que o menino ia crescer e algum dia ia conhecer o verdadeiro pai, e seria uma pena investir tantos anos a chamar pai a quem não o era... Adara disse-lhe que não havia um homem melhor para ser o pai do Sam do que ele, mas Stephan não mudou de opinião e ela teve de ceder.

—Desculpa, tesouro —disse ao sorrir-lhe. Acabou de beber o chá e colocou a chávena na máquina de lavar loiça. Levo-te à escola ou hoje preferes ir de autocarro?

—Mãe...

Ela riu-se.

—Só estou a brincar! Olha, dá cá o papel para assinar a autorização. —O menino passou-o e ela assinou.— Já está. Não te esqueças que deves estar sempre...

—À vista da professora —completou o pequeno. Apesar de levar um vida cómoda, Adara tinha-lhe ensinado o valor das coisas. Não tinha todos os brinquedos que queria nem os caprichos que os

coleguinhas da escola desfrutavam de exhibir.— Não te preocupes. E hoje não quero que me levas à escola porque a mãe do Hawke levamos. Não te importas, pois não? —Perguntou com os grandes olhos azuis rodeados das densas pestanas pretas iguais às do Bashah.

Hawke Thompson era o melhor amigo do Samir e Adara confiava na Jesse, a mãe do menino.

—OK. Não sejas chato com a coitada de Jesse. —Adara inclinou-se para abraçar o filho.— Amo-te, Sam. —O menino sorriu. — Agora assegura-te que levas todos os livros. Não quero que voltes com uma nota da professora de espanhol, porque te esqueceste do livro em casa.

—Eu também te amo, mãe. Prometo que não me vou esquecer —respondeu antes de se afastar e subir a correr as escadas para buscar a mochila.

Despediu-se do Samir à porta de casa, enquanto ele entrava no carro.

Adara foi à cozinha para deixar uma nota à Sissy, a senhora que limpava e cozinhava diariamente, para nesse dia não fazer jantar. Saía há pouco tempo com o Oscar, mas para a Adara era importante saber a reação do Sam.

Nessa noite iam jantar os três. Se o menino não gostasse do Oscar, ela ia tentar fazê-lo compreender que sempre o ia amar mais a ele do que a qualquer outra pessoa no mundo. Esse dia ia ser muito agitado e estava atrasada.

Ia a pagar a televisão, quando a apresentadora começou a dar uma notícia de última hora, obrigando-a a ficar a olhar para o ecrã.

—“... o rei *Zahír bin Wassehal Al-Muhabitti*, querido líder do Reino de *Azhat no Médio Oriente* faleceu hoje às quatro da madrugada devido a uma paragem cardio-respiratória. Sabia-se que o rei já tinha problemas de saúde há muito tempo. Há três dias, o rei *Zahír* abdicou a favor do filho, o príncipe herdeiro, o xeque *Bashah bin Zahír Al-Muhabitti*. Espera-se que o funeral de Estado se realize amanhã com uma multitudinária congregação no famoso

jardim Moshat do palácio real de Azhat, que é o berço de uma das linhas reais mais antigas do Médio Oriente. Outras notícias...”.

Adara apagou a televisão com pena.

Apesar do rei a ter deixado ao cuidado de mulheres que ganhavam a vida a aprender a dar prazer com o único objetivo de dar existência a um harém, ela sabia que podia ter tido menos sorte. Talvez tenha visto coisas que uma menina de treze anos nunca devia ter visto, mas era consciente que essas mulheres converteram-se na sua família.

Nem podia imaginar o que os três amigos, pelo menos ela considerou os príncipes assim no passado, estavam a passar nesse momento. Agora entendia a partida de Bashah. Foi-se embora de Londres por causa do pai. A morte do rei significava que o sucessor tinha de encontrar em breve uma esposa com o objetivo de ter um herdeiro.

Porque será que o Bashah se divorciou, perguntou-se Adara. Deve de ter sido um verdadeiro escândalo. Os casamentos eram sagrados e a rutura só podia ocorrer se a causa fosse traição ou morte. Será que o Bashah era viúvo? Nos meios de comunicação, onde dias antes esteve à procura de informação, só mostravam a imagem de uma linda mulher que tinha sido esposa do agora rei de Azhat.

Moesha, a ex-mulher do Bashah, tinha traços exóticos. Os olhos eram tão escuros como o petróleo e o cabelo do mesmo tom, brilhante e ondulado. Vê-los juntos foi uma lembrança do passado.

Moesha foi a mulher que ele escolheu para casar antes de dizer à Adara que a amava. E como nessa altura era tão ingénua, Adara acreditou nele. No meio do desespero e da dor, ela aprendeu a diferenciar quando se amava e quando se desejava... E Bashah nunca a amou.

—O passado, no passado está... —pensou Adara em voz alta ao olhar com esperança para o vestido que ia pôr nessa noite para jantar com o Oscar. Tinha a esperança que este novo começo

significasse voltar a amar. Com um sorriso, preparou-se para o longo dia de trabalho que tinha pela frente, antes de se deixar levar pelas fantasias românticas com o Oscar.

Aos três bonitos príncipes de Azhat vestiam fatos típicos da casa Al-Muhabitti: uma abaya preta sem adornos, a túnica não só da cor dos atos de Estado, mas também dos momentos tristes como um funeral familiar, tapava o fato à medida que vestiam Bashah, Tahír e Amir. Uma demonstração da modernidade em que se moviam.

Os irmãos Al-Muhabitti tinham uma kufiyya branca na cabeça segura por um cordão triplo. Estes cordões representavam o nível hierárquico, mas geralmente no país só se usavam dois. No caso do Bashah, que acabava de ascender oficialmente como rei do Reino de Azhat, o cordão triplo que levava era da cor do ouro à diferença dos seus irmãos que era vermelho.

Convidados de todo o mundo confirmaram a presença no funeral. Decretou-se um luto nacional de duas semanas. As condolências até chegaram de um dos aliados mais importantes do país, Estados Unidos.

—Foi um dia extenuante —disse Tahír com o seu habitual semblante sombrio.— Espero que entendam se decidir partir ao amanhecer para Paris.

Os três príncipes estavam sentados na câmara dos reis. Uma sala elegante com decorações em estuque, mosaicos, portas de carvalho talhadas à mão e candeeiros que pendiam do teto com desenhos confusos e com toques de ouro. A opulência que sempre existiu não era nenhuma novidade. Contudo, os visitantes ficavam sempre espantados com a maravilhosa arquitetura da estrutura.

O palácio real contava com quarenta quartos, cinco piscinas privadas distribuídas pelos mais impensados e paradisíacos espaços com jardim. A abundância de vegetação, as palmeiras e as oliveiras

que rodeavam a espetacular entrada principal eram a marca de prosperidade do país.

Na época de mais calor, estava proibido que o milhão de habitantes saísse de casa entre as dez da manhã e as cinco da tarde, devido ao perigo dos raios solares no verão. Quem não cumpria com a exigência do departamento de saúde assumia os seus próprios riscos. Durante esse dias de calor, a atividade noturna nas lojas, locais de diversão e atividade gastronómica aumentavam.

—A tua amante de turno está à tua espera? —perguntou Amir ao olhar para o irmão mais velho com os seus intensos olhos âmbar.

Os punhos de Tahír contraíram-se. Encostou-se às costas da poltrona de ouro.

—Não acho que a minha vida sexual seja um assunto que te deva importar.

—Vou dissolver o harém —irrompeu um taciturno Bashah. A morte do pai tocou-lhe de uma forma que não imaginava possível. A semana foi marcada pela incerteza depois de ter sido convertido rei. As expectativas à sua volta eram muito altas e a pressão dos Conselheiros do Destino era asfixiante.— Acho que uma amiga tua trabalha aqui —disse a Tahír.

—E? —Perguntou como se não lhe importasse, mas os dois irmãos sabiam que por detrás da entrada da australiana no harém existia uma história que Tahír não queria contar.

—Será melhor que decidas o que fazer com ela... não pode permanecer mais tempo numa terra que não é a sua. Não penso pagar-lhe para ensinar uma estupidez como o desenho de jardins, Tahír —disse Bashah com um tom calmo que augurava tempestade se o irmão se atrevesse a contradizê-lo.— Estamos no deserto. Se quiseres resolver os teus temas de cama é melhor que não envolvas o palácio real neles.

Quando Amir, quem geralmente mediava entre os irmãos, se levantou, Tahír desistiu da ideia de se atirar ao Bashah para lhe dar um murro. Entre eles não existiam hierarquias. Se era rei, chefe do

exército ou por acaso o homem mais rico do mundo, entre eles, isso não lhe importava. Um murro, um insulto ou um abraço iam em sintonia com o humor com que estivessem. Eram só três simples mortais dentro do círculo mais íntimo. Mas lá fora, tudo mudava.

—Então imagino que vais solucionar todos os problemas ao aceitar o que os Conselheiros do Destino te pediram? Talvez devesses dissolver esses dez anciãos arcaicos —interveio Amir.

Com o pôr do sol a pôr-se sobre o palácio e o vento fresco de outono batendo as asas à volta, as cores amarelas, vermelhas e azuis dos mosaicos das janelas laterais ofereciam uma luz multicolorida espectacular. A sala era acolhedora e confortável.

—Não quero voltar a ouvir ninguém a dar-me ordens de quem devo ou não levar ao altar... ou à cama —disse Bashash com raiva. Era consciente de que tinha de ter uma esposa. Não podia ser qualquer uma, mas aquela que contribuísse com a aliança comercial mais benéfica para o país. Ele detestava as estúpidas tradições que continuavam presas ao século passado.— Não me quero casar.

Tahír soprou.

—Que pena, mas não tens outra saída —comentou Tahír ao mover os seus elegantes dedos morenos num pedaço de figo. Depois levou-o à boca.— Ninguém se esqueceu da traição de Moesha na aldeia, e tenho a certeza que tu também não. —Bashah apertou a mandíbula e bebeu o vinho italiano que costumava ter nas adegas do palácio. Quando estiveram casados, a sua ex-mulher deixou uma marca no palácio e não precisamente memorável.— É a única maneira de fazer o Hassam Al-Pakrith entender que não terá oportunidade para roubar terreno nos limites fronteiriços nem voltar a criar o caos no nosso país.

O vento começou a soprar com força. Com o mesmo sigilo com que se encarregavam das tarefas diárias do palácio, vários empregados começaram a fechar as amplas janelas para que a areia do deserto não se arrastasse para dentro. Os príncipes comeram em

silêncio até que os cinco homens saíram da sala com a mesma discrição com que entraram.

—Não é tão simples, Tahír —disse Amir quando ficaram novamente a sós.— Embora as tuas estratégias militares sejam praticamente infalíveis, Hassam vai encontrar uma maneira de subornar alguém ou de meter aqui um intruso, tal como fez no passado— Amir inclinou-se na mesa onde lhes tinham servido o jantar. A sala era à prova de som e situava-se no lado mais afastado do palácio.— Pensas deixar as tuas orgias e melodramas sexuais na Europa para regressar e tentar tirar o posto a Arkim? A tua autoridade é nominal, mesmo que as tuas decisões imperem em certas ocasiões... Tem em conta que o teu papel é o de um embaixador ou negociador para temas militares, porque um príncipe em sucessão ao trono, sem ter herdeiro, não pode arriscar a vida numa batalha no deserto...

Tahír ia levantar-se, mas a voz do novo rei impediu-o.

—Basta —interveio Bashah. O tema sobre Arkim era delicado, e não queria dar corda aos irmãos para começarem a discutir sobre um ponto que Tahír nunca quis esclarecer, para além de ter sido quem se confabulou com a Moesha para organizar a revolta que causou centenas de feridos e mortos em Azhat.— A morte do nosso pai vai dar-nos um tempo para que as águas se acalmem. Tahír — disse Bashah a olhar para o único dos irmãos que tinha herdado os olhos verdes da bisavó, uma aristocrata britânica— será melhor que encontres uma maneira de tratar dos teus assuntos desde aqui durante um tempo.

—Como digas —respondeu. Além disso, tinha um assunto pendente com uma mulher que agora vivia no palácio... No harém para ser mais concreto. Não pensava partilhar os seus pensamentos. Ele tinha uma ala completa, um rihad, na zona oeste. Ia enfrentar o que tivesse de ser à sua maneira.— Agora tenho de regressar a Paris para fechar o acordo com o Presidente Ginoit sobre os sistemas de segurança. Encontramo-nos dentro de uns dias, irmãos.

Tahír saiu com o seu passo elegante. De cada poro da pele do segundo filho do falecido rei Zahír sobressaía a requintada genética que lhe tinha dado uma postura inegável e uma aura de masculinidade viril.

—Amir —disse Bashah quando o irmão mais novo ia seguir os passos do Tahír.— Estiveste um pouco reticente para falar sobre ti como costumavas fazer antes...

—O nosso pai acabou de morrer, Bash.

—Sabes que não me refiro a isso —respondeu ao cruzar os braços. Dos três, Bashah era o mais corpulento, mas a sua elegância inata ao andar só faziam notar os músculos que ocultavam os fatos de Armani que vestia normalmente no ocidente, ou no seu país, debaixo da *abaya*.

Amir suspirou. Nem ele sabia como tratar da situação que tinha acontecido em Barcelona. Não podia chatear o irmão com os seus problemas, quando o novo rei tinha coisas melhores para se ocupar. Por exemplo: casar-se.

—Está tudo em ordem, Bash —expressou num tom equitativo.

Bashah ficou em silêncio durante muito tempo.

—Estás disposto a sacrificar qualquer coisa pelo teu país, Amir?

—Estou —respondeu sem hesitar.

Bashah sorriu.

—O Najib disse-me que a tua agenda esta preenchida.

—O telefonema do palácio há uma semana mudou a vida de todos... mas se o teu secretário falou com o meu, já deves saber que em breve vou a Burdeos. Surgiu a oportunidade para comprar uma vinha. Seria bom analisar a possibilidade de investir nesses mercados.

—É excelente. A economia não está mal, mas precisamos de mais frentes para investir —disse aliviado.— É tudo, irmão. Telefono-

te quando for necessário. Boa sorte.

Sozinho, Bashah fechou os olhos. Estava esgotado.

Desde que voltou de Londres, uma semana atrás, a última coisa que tinha esperado era assistir à cerimônia de substituição do poder. Preparou-se sempre para ser rei de Azhat, mas mesmo assim foi apanhado de surpresa. Parecia demasiado cedo... Contudo, o pai deve ter perseguido que faltava pouco tempo. A morte dele comoveu-o, e agora, como líder, tinha de se pôr ao dia com os temas mais importantes. Não tinha tempo para filosofar nem para consertar o passado.

O ponto seguinte na agenda era abolir os Conselheiros do Destino, sabia que isso ia custar-lhe um longo tempo de negociação. Tinha de começar a fazer alterações imediatamente e fazer prevalecer a sua autoridade. Depois estavam as regras de segurança. Ele e o Tahír tinham muito para falar. Ia esperar pelo regresso dele de Paris ou onde fosse que o irmão rebelde tivesse de ir.

Embora o Amir parecesse mais calmo do que o costume, enquanto conversavam, Bashah notou-lhe a veia palpitante na têmpora direita, aquele era um sinal de que estava preocupado com alguma coisa que não queria falar. O novo rei esperava que nenhum dos irmãos estivesse metido em algo demasiado gordo, inevitável era que tivessem um problema, uma vez que sempre foram contra a corrente. De momento, Bashah não tinha tempo para resolver os assuntos dos irmãos, até porque já tinha os dele e mais um país para governar. Tahír e Amir tinham de lidar com a sua própria história, mas sem se esquecerem que eram príncipes de um reino que precisava deles.

Apesar da reticência para se casar, Bashah sabia que tinha de encontrar um nova esposa. Em breve. Queria escolhê-la, não queria que a impusessem como da primeira vez. A segurança de Azhat era primordial e a imagem de um rei jovem, comprometido e com planos de formar uma família era imperativo para manter a ordem. Odiava as malditas dinastias, mas tinha crescido numa e tinha de a

perpetuar. Tinha quase trinta anos e o tempo esgotava-se para os parâmetros reais estipulados em Azhat.

Tirou a túnica com má vontade. Foi refrescar-se.

Quando pensou que já tinha os cinco sentidos perfeitamente alinhados e em funcionamento, convocou o seu secretário ao novo escritório no primeiro andar. O gabinete de trabalho de Bashah era impactante, revestido de mármore, tapetes persas, quadros caros e um mobiliário requintado.

—Najib, reúne o Conselho de Ministros —pediu.— Quero que comeces à procura de uma esposa adequada nos países vizinhos.

—Incluimos Ushuath? —perguntou com calma. Tinha assistido ao crescimento de Bashah e sabia que, apesar de sua relutância constante a voltar a casar-se, o jovem rei punha sempre o país à frente dos desejos pessoais. Sempre foi assim, até quando o rei descobriu a amizade que ele tinha com a jovem Adara Rizik e o obrigou a cumprir com as suas responsabilidades: a segunda iniciação, e no repentino caos social, casar-se.

—Não —decidiu ao lembrar-se da Moesha, a irmã do Hassam. — Tem de ser entre os países do norte, não com os do sul. É o momento de reforçar as nossas alianças.

—Assim informarei o Conselho de Ministros. Convoco os Conselheiros do Destino...? —perguntou com cautela.

—Eles pouco a pouco vão perdendo os seus direitos de participação. Vivemos numa era moderna, e a ideia de que esses anciãos acreditem que podem ditar a vida de um futuro rei desde criança parece-me incoerente.

Como homem de elevada sapiência no reino, Najib Thanus sabia que os dias dos conselheiros anciãos estavam contados, só tinha sido uma questão de tempo para o xeque Bashah decidir isso. Najib conhecia a ideologia progressista do novo rei, que acreditava que reforçar os costumes por simples superstição e, em ocasiões, por machismo, já não tinha cabimento numa mente jovem e educada num país como a Inglaterra.

CAPÍTULO 5

Quatro dias depois do jantar no restaurante italiano com Sam e Oscar, Adara sentia-se mais descontraída.

A reação do filho, quando lhe disse que iam ser uma visita regular à casa o banqueiro, foi de aceitação. O ambiente de leve tensão inicial converteu-se numa situação engraçada quando o Oscar perguntou ao Sam se achava bem que ele de vez em quando desse a mão à mãe ou um beijo. O menino assentiu, mas com um tom duro disse-lhe que se fizesse a mãe chorar, ele mesmo faria com que se arrependesse com a aplicação dos golpes de defesa pessoal aprendidos no Aikido. Essa declaração selou o início de uma relação romântica para a Adara, e também as boas vindas para uma nova oportunidade de ser feliz com a vénia de Sam.

—Sra. Lancaster —comentou Augustus com o seu tom sarcástico. Nunca escondeu que não gostava da viúva do Stephan— não sei como é possível que a junta de assessores nunca se tenha dado conta da sua falta de transparência. —Fez um sinal à sua assistente, e esta entregou umas capas azuis aos quinze assessores corporativos que se encontravam na reunião mensal de resultados e objectivos da empresa.— Roubou-nos durante anos.

Adara ficou tensa e olhou para o Augustus com raiva.

—Espero que saiba que se se atreve a levantar calúnias terá um encontro com os meus advogados, Augustus —respondeu sem nenhum vislumbre de medo, mas com firmeza na voz. Já tinha passado por coisas piores, não tinha medo daquele homem.

Com um sorriso malicioso, ele encostou-se à cadeira da mesa da sala de reuniões. Cruzou os dedos e apoiou as mãos na barriga

avultada. Nem com todo o dinheiro do mundo conseguia com que os fatos à medida de grandes estilistas lhe ficassem bem. O homem esperou um momento para a Adara abrir e ler o conteúdo da capa, e que os outros membros do conselho também o fizessem. A reação de surpresa, desgosto e depois de decepção, alegrou-o.

—Como é que isto é possível? —Perguntou o Jacob surpreso.— Adara, confiámos em ti —disse com um tom de incredulidade ao folhear as páginas uma a uma. Todos liam as filas de números que o Augustus tinha preparado com muita premeditação e tempo. O relatório era convincente.

Os murmúrios de censura à volta começaram a subir de tom.

Adara não conseguia explicar a situação. A assinatura dela estava estampada em centenas de cópias de cheques e faturas para empresas que, segundo outros documentos adicionais, não existiam. Ela lembrava-se de assinar esses cheques. Augustus preparou-lhe uma armadilha e ela caiu de cabeça.

Cinco meses após a morte do Stephan, a necessidade da Adara para manter a confiança dos altos cargos de Bohemia Embellishment levou-a a ceder a certas exigências do departamento administrativo. A principal vinha do Augustus e do seu braço direito, Gerard Santinni; propuseram contratar fornecedores novos para agilizar o trabalho e reduzir os custos de mão de obra. Venderam-lhe a ideia, e ela, pensando ainda no triste que seria o futuro sem ter o Stephan de guia, quis dar o benefício da dúvida ao Augustus.

—Caí na vossa armadilha —disse em voz alta. Até aos ouvidos dela a explicação pareceu ingénuo. Não só para uma pessoa educada numa universidade de prestígio como Oxford, mas também para uma empresária que estava há anos na chefia da empresa. Ao ver o rosto dos presentes, ela soube que tinha acabado de cometer um erro tático que prejudicava a sua credibilidade. A raiva queimava-lhe cada poro da pele. Como é que pôde dar um argumento tão estúpido para se defender? Por acaso não tinha aprendido a ser prudente e a guardar os pensamentos para ocasiões mais adequadas?— Vou contratar um auditor, se é que precisam

disso, para comprovar que não tenho nada a ver com esta farsa. — Olhou para Augustus com desprezo.— Não sei como o meu marido pôde confiar em ti. Não sei como é que eu pude. Quis fazer o melhor possível para que te sentisses, tal como os outros, apoiado pela segurança dos meus conhecimentos e abertura. Abusaste da minha confiança, Augustus. Enganaste-me. Não vais sair impune disto — disse ao tratá-lo por tu.

Ele faz um barulho de estalo com a boca.

—Sabias o que se estava a passar. Nunca o denunciaste.— Adara não tinha como refutar isso. Ao tentar confiar tinha cometido um erro terrível... e tinha colocado a perder centos de milhões de dólares em empresas fantasmas.— Os papéis passam sempre pelo teu gabinete. Tu és a beneficiária de todo esse dinheiro. Como é que com vinte e seis anos achas que pessoas que duplicam a tua idade acreditam que ignoravas o que aconteceu?

—Então serias cúmplice —espetou com dureza.— Não achas?

—Claro que não. Tu és a sócia maioritária. Eu —encolheu os ombros— só tenho uns míseros quinze por cento das ações totais.

—Adara. Exigimos uma explicação —interveio Warren Matrickson, um dos melhores amigos de Stephan e, em vida, sua mão direita.— Este relatório indica que há quatro anos que se realiza o desvio de dinheiro. Não nos surpreende que apesar da nossa boa reputação, as arcas continuem a diminuir e os custos de produção a aumentar. Está tudo claro graças a este relatório —torceu um pouco a capa antes de se pôr de pé.— Talvez sejas a dona da empresa, mas mentiste-nos descaradamente para ficares com dinheiro, enquanto que as utilidades apenas bordeavam os montantes que, quando o Stephan vivia, se repartiam.

—Pelo menos devolve todos os milhões de dólares que roubaste, pedimos a tua renúncia e a venda das ações entre os membros do conselho, como também te exigimos que te enfrentes à lei —expressou Lauren Goodward, a única mulher do conselho administrativo da gestão.

—Tens setenta e duas horas. Caso contrário, terás a autoridade à porta do teu gabinete. E, ainda que a ideia de dar conhecimento à imprensa desta situação nos traga uma dor de cabeça com o departamento de relações públicas, será a consequência das tuas ações —comentou Jacob.

Pálida, furiosa e desesperada, Adara tentou manter a compostura. Não era nada fácil, quando toda a sala lançava olhares de condenação e raiva. Onde ia buscar seiscentos milhões de libras? Até era ridículo pensar pôr à venda os bens do marido. Recusava tocar nos postos de trabalho, pondo à disposição uma percentagem da empresa. Queria sair, sim, mas pela porta grande. Como merecia. Não ia vender as ações ao Augustus por nada.

—Vou contratar um auditor —ela não era avariciosa, nem egoísta e muito menos ladra.— Vou limpar o meu nome —olhou para o Augustus, ele não conseguia esconder a euforia por a ter exposto dessa maneira diante da junta.— Vou encontrar um maneira de te tirar da minha empresa. Fica ciente disso.

—Boa sorte! —respondeu ele a gozar antes de pôr a cadeira para trás e sair com a assistente.

O resto dos executivos puseram-se de pé e começaram a sair da sala entre murmúrios e olhares acusadores.

—É uma pena, Adara, realmente confiava em ti —disse Lauren antes de sair.

Adara sentia tudo a andar à volta. Levou as mãos à cara.

Sentia-se impotente e estúpida.

Tinha tantos empregados, reuniões, pedidos, viagens... A culpa era dela por ter confiado, mas não era culpada do desvio de fundos. Nunca revia a própria conta bancária, porque desde que se casou com o Stephan, o dinheiro nunca foi um motivo de preocupação. Não tinha de se preocupar com a ideia de não ter comida para pôr na mesa, como aconteceu nos primeiros dias em Londres.

Ia encontrar uma maneira de despedir o Augustus. Ia limpar o nome dela e procurar um bom preço para vender as ações da empresa.

Não era em vão que tinha no sangue o ADN de gente lutadora.

Ao chegar a casa, Adara descontraíu-se na companhia do Samir. O filho era tudo o que precisava como lembrança do que realmente valia a pena na vida. O amor e o carinho da família. Por eles, por Samir, era capaz de tudo.

Encostado na cama, Bashah tentava conciliar o sono, depois de ter recebido uma notícia que o enfurecia ao ponto de querer descarregar a raiva com murros. Tinha os nós dos dedos das mãos magoados, porque tinha passado grande parte desse sábado na área do boxe no ginásio do palácio.

No dia seguinte ia para Londres. Ia ver o filho. E a mentirosa da Adara ia ter de o ouvir. Nunca imaginou que ela fosse capaz de lhe esconder algo tão importante. Sim, talvez ele tenha sido um cretino, mas nenhum menino tinha de pagar pelos erros dos pais. Ainda pior foi ter permitido que outro homem constasse no registo como pai do menino. Isso era imperdoável.

Durante a manhã o detective que trabalhava para ele, e a quem tinha encarregado mantê-lo informado de qualquer pormenor que o pudesse deixar vulnerável publicamente, pediu para se reunir com ele. Aquilo não era normal. Shafiq Taleb possuía discretas agências nas principais cidades do mundo, e costumava mandar um mensageiro com os dados necessários.

—Shafiq —disse ao apertar a mão do homem que media quase dois metros. Era negro de olhos verdes. Intimidava. E Bashah raramente se sentia intimidado por alguém ou por alguma coisa.— Que surpresa ver-te aqui. Senta-te.

—Majestade —respondeu.— Pediu-me que o informasse sobre qualquer pormenor que me parecesse importante.

—Sim. Suponho que me devo preocupar por vires aqui pessoalmente, normalmente envias um dos teus especialistas...

Com o rosto sem emoção, Shafiq, assentiu. Entregou-lhe um envelope.

—Há anos a minha gente disse-lhe que a sra. Lancaster tinha um filho... —Ao lembrar-se Bashah apertou a mandíbula e assentiu.— Dado que o senhor agora é rei, considereei pertinente voltar a pesquisar sobre o passado dela. Gostava de lhe dizer que é necessária uma prova de ADN, mas as fotos falam por elas mesmas, majestade.

Bashah agarrou no envelope, não sem antes olhar para os quatro serviçais que estavam na sala caso fosse precisar de alguma coisa. Com um gesto mandou-os sair. Não queria que ninguém ouvisse, o que poderia vir a ser um desastre caso se filtrasse. Embora todos os empregados fossem leais, não se queria arriscar.

Tirou as fotografias a preto e branco, uma a uma. Outras a cores. A Adara estava linda. Não importava que tipo de roupa vestisse, a figura dela sempre lhe tirou o ar. Era elegante e destilava muitíssima sensualidade. Ela era consciente dos atributos que tinha, mas nunca, que ele se lembre, utilizou o corpo para conseguir alguma coisa. Quando soube que ela se tinha casado com um homem capaz de ser avô dela, o seu conceito sobre isso mudou.

—Quando tiraram estas fotos? —perguntou Bashah ao observar a Adara com um menino de cabelo preto e sorriso cálido. Não sorria à mãe, mas ao homem que a acompanhava. Oscar Dreyfus. Bashah teve vontade de rasgar as fotos aos bocadinhos. Uma veia possessiva palpitou-lhe no sistema.

—No mesmo dia em que faleceu o seu pai e o senhor foi proclamado rei.

Bashah olhou durante um longo momento para a fotografia em que o menino se ria. Tinham feito um primeiro plano. Tinha os

olhos azuis. Exatamente como os da mãe. Mas foi o rosto que lhe deixou sem chão. Era uma cópia fiel dele com a mesma idade. Esse menino era seu filho. Não precisava de um teste de ADN. E se somava dois mais dois, as datas coincidiam. «Se tivesses investigado com profundidade no passado...» Não tinha de se censurar pelo que não tinha feito. Ia tomar medidas. Todas as que fossem necessárias para ter o seu filho onde lhe correspondia. Em Azhat. Ao seu lado.

—Que apelido tem?

—Lancaster.

O rei de Azhat sentiu a sensação de ter ácido a percorrer-lhe as veias no lugar do sangue. Adara atreveu-se a fazer passar o seu filho, o seu herdeiro, como filho de outro homem. Não a ia perdoar nunca.

—Mais alguém sabe disto? —perguntou sem esconder a raiva que o queimava por dentro. Sentia-se traído a um nível que não podia explicar.

Adara conhecia melhor do que ninguém a importância que a família tinha, mas sendo ele quem estava destinado a ocupar o posto do pai, o facto de ter um herdeiro não era só uma obrigação ou um dever, era também um benção para o reino. Mesmo assim, ela não o tentou contactar. Negou-lhe o filho, a possibilidade de o preparar para um dia reinar e privou-o da sua herança cultural.

—Não, majestade, sou eu quem me encarrego diretamente das suas investigações. Contudo, hoje pensei que devia ser eu a entregar-lhe esta informação pessoalmente. Pensei que podia ser considerado um assunto de Estado.

—Fizeste bem, Shafiq. Os teus honorários serão a dobrar.

O homem, consciente da fortuna que ia receber por prestar serviços a Azhat, manteve-se inexpressivo. Gostava do que fazia e sentia-se orgulhoso de ter a melhor reputação num mercado tão exigente como era o da aristocracia e o dos milionários do mundo.

—Há um relatório mais completo com outros aspetos do passado. Incluindo a sua ex-mulher. As suas ex-amantes. Amigos próximos e inimigos do passado. Se por acaso precisar de controlar alguma tentativa de chantagem ou filtração de informação. <está tudo apresentado em diferentes pontos.

—Obrigado, Shafiq. Vou ler o teu relatório com cuidado. Se tiveres informação adicional, já sabes que o meu escritório está sempre aberto para tais propósitos. Estamos em contato.

—Claro —respondeu ao fazer um leve gesto com a cabeça a modo de despedida.

Durante quase cinco horas, o rei leu toda a informação. O relatório era muito extenso, minucioso e pormenorizado, gostava disso. Gostava de ter tudo controlado e medido.

Agora estava a par, não só de que tinha um filho, como também dos problemas da Adara em Bohemia Embellishment. Saber que os avós da Adara estavam vivos e que faziam parte da vida dela, permitiu-lhe respirar perante todas as perguntas que tinha sobre o menino, seu herdeiro.

Por outro lado, não gostou de ler que ela viveu praticamente na pobreza durante muitos dias até que se casou com o tal Lancaster, isso removeu o sentimento de culpa que Bashah tinha cravado no peito. Parte das penúrias da Adara foram consequência das ações para cumprir com a tradição de Azhat. Eram precisas duas pessoas para procriar, e quando a seduziu ele tinha mais experiência.

O seu primeiro impulso foi apanhar um avião nessa mesma manhã, mas ao estar descontrolado podia cometer erros tácticos. Por isso, ia para Londres no dia seguinte. Não queria testemunhas. Os guarda-costas estavam avisados para passarem despercebidos.

Fechou os olhos e afastou as letras do relatório que pareciam estar impregnadas à retina. O primeiro que se recordou foi quando a Adara foi dele pela primeira vez.

Bashah considerava a Adara muito mais do que só uma amiga. E era consciente de que com ela não tinha nenhum futuro. Por mais que a desejasse com loucura e adorasse o chão que ela pisava. Simplesmente, não podia estar com ela de outro modo que não fosse na sua condição de amante como uma concubina que era ... Na madrugada em que ela lhe confessou que o amava, as suas barreiras emergiram automaticamente.

Detestou ver o rosto de pena e as lágrimas a ponto de saírem daqueles olhos azuis, mas era a única maneira de evitar criar uma situação incômoda para ambos. A mulher, que já nem se lembrava do nome, que teve como amante durante esses dias, não foi mais do que uma simples fuga para a frustração que sentia. Sabia como funcionava a mente da Adara, e nem por um segundo duvidou que ela tivesse coragem de se escapar e procurá-lo quando ele deixou de ir aos encontros de madrugada em que conversavam como se não existissem diferenças entre eles.

Talvez a Adara nunca o soubesse, mas ele ouviu o sussurro dela no silêncio da noite, quando estava com a amante e foi apanhado por ela. Isso acabou com os encontros e ele soube que com a amizade também.

No dia em que a viu vestida com aquele fato precioso branco, os olhos pretos definidos com kolh e os desenhos de hena nas mãos e nos pés, sentiu algo interior a agitar-se. Embora só tivesse vinte dois anos, tinha vivido muito nas viagens e contava com experiências. Tinha sido formado para ser rei, para tomar grandes decisões, mas nunca para a beleza que representava uma mulher que ia ser sempre sua. Porque sabia que ao ter a Adara, mais nenhuma outra lhe valia. E era uma pena, porque não pensava casar-se com ela.

No dia anterior à segunda iniciação, o pai chamou-o, disse-lhe que a relação com Ushuath era tensa e que a única maneira de evitar problemas era casar-se com Moesha Al-Pakrith.

A cerimônia começou com uma dança muito sensual oferecida pelas concubinas no pátio do palácio principal. Quando terminou,

Bashah foi cumprimentado por todos os Conselheiros do Destino e recebeu a aprovação de todos eles pelo cumprimento da tradição.

Quando o relógio marcou as nove da noite, o jantar e as festividades internas e privadas terminaram, e Bashah foi conduzido até ao quarto azul. O quarto era muito acolhedor, tinha sido construído só para o propósito que significava a iniciação sexual do herdeiro.

Com luzes ténues, os candeeiros de azeite brilhavam hipnotizantes nas esquinas da sala, que contava com uma soberba cama de madeira com quatro postes esculpidos à mão. O cheiro dos incensos milenares enchiam o quarto com um aroma agradável. As paredes tinham azulejos brilhantes, o tecto era de madeira pintada com paisagens e a casa de banho era de outro mundo. Mármore puro com decorações exóticas como as cores de um pavão real. As velas com aroma a laranja convidavam a entrar na água de rosas morna.

Era um cenário para a sedução, a Adara soube isso mal entrou. Ela não participava em nenhum dos preparativos nem nas danças. Só esperava por ser chamada.

— Estás linda — disse ao vê-la, quando a porta se abriu e ficaram sozinhos. O leve tremor dos lábios da Adara não lhe passou despercebido.

Sentiu que lhe roubava o alento. Estava vestida com um fato de seda vermelha que se ajustava às curvas, com um decote em forma de V que deixava entrever as formas do peito alto e generoso e estava descalça. Adara era uma fantasia tornada realidade para o Bashah. Desde que soube que ela seria a sua amante, à medida que avançava o tempo, os sonhos eróticos eram mais habituais.

Tinha o cabelo apanhado de forma suave. Ele sabia que estava desenhado para ele tirar os ganchos e a cascada loira cair. Os olhos sobressaíam delineados a preto, e aquela boca vermelha convidava-o a devorá-la. Adara era curvilínea e ao mesmo tempo

que tinha um carácter feroz também era carinhosa. Uma combinação que podia ser viciante.

Ela não escondeu o ressentimento que sentia por ele.

— Imagino que tenha de te agradecer pelo elogio — respondeu ácida.

Bashah aproximou-se e tirou o pano suave que levava à volta do pescoço.

— Adara — sussurrou antes de se inclinar e beijá-la na face. Ela afastou-se com a mandíbula apertada e os olhos cheios de lágrimas. Não queria chorar por ele, nem por ela, mas pelo que nunca poderia ser. Pela traição. Pelo engano. — Não chores, por favor, não chores.

— Deixaste-me à espera sem dizer uma palavra. Desprezaste os meus sentimentos por não ser da realeza... Eu vi-te, Bashah... Vi-te com ela — censurou-o com tristeza. Não conseguia esconder o que sentia. Sentia-se exposta e envergonhada. — Apesar de te ter dito o que sinto por ti... Não te importou...

Ele apertou a mandíbula.

— Ela não significou nada. Nada em absoluto.

— Assim como eu também não significarei nada depois desta noite?

— Não estás a ser justa.

Ela deu uma gargalhada sem emoção. Abraçou-se a ela mesma.

— Não posso ter relações contigo. Eu...

«Diz-lhe que vais casar-te, Bashah, diz-lhe», recomendou-lhe um voz interior. Mas se dissesse, era provável que a Adara cometesse a loucura de fugir.

— Será especial. Tu és especial.

— Das mulheres que levaste para a cama a quantas disseste o mesmo?

— Ninguém tem de saber o que se vai acontecer neste quarto — disse fugindo à pergunta.

— Tu sabes que tens de lhe entregar uma prova da minha virgindade ... — deixou escapar um suspiro — como se vivêssemos no ano mil e cem.

Ele não queria mentir-lhe, mas não tinha outra saída. Sabia que ela estava nervosa e inquieta. Não era o melhor cenário para o que desejava... E desejava-a completamente e todas as maneiras possíveis.

— Aqui a minha palavra também conta.

Ela contemplou a requintada decoração.

— Não por cima da palavra do rei ...

— Confia em mim — sussurrou ao aproximar-se. — Por favor, confia em mim.

— Não é tão fácil. Eu conheço-te, mas há vários dias... que já não sei quem és. Se és o príncipe ou o homem que... O homem com quem vou perder a virgindade esta noite. — Lentamente, a Adara levantou o rosto para o Bashah. — Disseste que não me ias magoar. Mas magoaste e vai voltar a fazê-lo hoje.

Ele negou. A sua primeira amante tinha sido muito ilustrativa no momento de lhe ensinar a arte do amor. A arte que ele pôs em prática em incontáveis ocasiões fora do harém quando se ausentava de Azhat. Nunca poderia contar essa aventuras à Adara, mas talvez ela as intuísse. Não lhe devia nada... Mas ao mesmo tempo sentia-se em dívida com ela. Era uma contradição, por um lado inquietante por outro insuportável.

— O que te chateia? — Perguntou, enquanto à volta o silêncio enchia o quarto e o calmo crepitar dos candeeiros de azeite vibravam em conjunto com as velas dispersas pelo espaço. A atmosfera era sensual e sedutora.

— Tudo isto — disse a queima-roupa e abrindo as mãos à sua volta. — Estiveste com outra... A hipocrisia por detrás desta tradição parva — sussurrou ao temer que a tivessem ouvido e a acusassem de traição. — Teres de demonstrar que sou pura, quando a pureza não nasce do corpo, mas sim do coração. Sentir que não me mereces. E talvez nunca me mereças — concluiu.

— Isso é um grande insulto — respondeu Bashah com tom de aço e agarrando-a pelos pulsos. — Pode ser que queiras que esta noite seja especial para ti, mas não confundas as coisa, Adara. Continuamos a ser iguais quando não houver ninguém presente. Depois...

Ela afastou-se com firmeza e os peitos agitaram-se. Bashah não conseguiu tirar o olhar do decote sugestivo. O tecido semi transparente jogava com a atração que podia gerar num homem.

— Sou só um corpo debaixo do teu e pronto — expressou com repulsa.

— Maldição, Adara, isto não tem de ser desta maneira! — Exclamou ao diminuir a distância e beijando-a sem se conter nem mais um segundo.

Tinham-lhe dito que a antecipação e a paciência eram necessárias para que o sexo fosse satisfatório para ambas as partes, mas com a Adara não queria saber, como nesse momento. Começou a beijá-la com avidez, impaciência e ardor, até que se deu conta que ela não lhe respondia. Mal disse outra vez e apoiou a testa na dela.

— Adara, o que queres de mim?

— O que nunca poderei ter.

Não precisava de uma explicação. Ambos sabia que era impossível terem uma relação para além dos lençóis.

— O que conseguiria se esta noite quisesses vir ter comigo sem te sentires suja ou humilhada ...? — indagou, consciente do carácter da mulher de cabelos loiros que tinha à frente e o fora de lugar da situação. Ele, um herdeiro ao trono de um local milenar,

parecia ter de implorar a uma concubina para ser sua amante. Adara podia ter nascido numas circunstâncias comuns, mas viveu noutras bem diferentes.

— Não quero ser uma obrigação.

Ele assentiu.

— Acreditas em mim se te digo que sempre te desejei ... mas sabia que não podia ser de outro modo do que esta noite?

— Convince-me..

Bashah sorriu ao ver a expressão menos nervosa da Adara.

— Estás a ver essa adaga presa num fio de ouro nessa esquina?

— Sim ...

— Trá-la aqui.

— Porquê?

Faz o que te digo, Adara. Confia em mim. Vou demonstrar-te que o podes fazer sem remorsos.

Ela fê-lo, e quando o Bashah teve a adaga nas mãos foi até à cama. Atirou os lençóis de seda para um lado e sentou-se no centro do tecido imaculado branco. Agarrou na adaga e fez cortou-se no antebraço.

— Bashah! — Exclamou ela ao aproximar-se, incrédula. — O que estás a fazer? — Tirou-lhe a adaga e agarrou a mão do Bashah entre as delas.

As gotas de sangue mancharam o lençol, o suficiente para fazer parecer a amostra necessária que esperavam os que estavam a vários metros de distância fora do quarto.

— Queres que seja especial, eu quero fazê-lo de maneira especial. Consegues fingir um orgasmo com gemidos?

Adara entendeu o que ele estava a fazer e o coração bateu com brio. Queria confiar. E ele estava a dar-lhe a oportunidade para

fazê-lo.

— Vais fazê-los acreditar que fui tua esta noite ...

Ele afirmou e foi até à casa de banho. Esticou o braço e limpou a ferida superficial, mas feita com eficiência para sangrar a quantidade necessária.

— Partimos amanhã para o deserto. Onde ninguém nos pode interromper. Vamos estar sozinhos... — disse ao aproximar-se dela. Agarrou-a pela cintura e encostou-a à sua pélvis. Adara não protestou. — Queres? Quero estar contigo. Sem que nenhuma tradição o ordene...

— Sim... — Sussurrou a Adara, antes de unir os seus lábios com os do Bashah num beijo profundo e apaixonado. Um beijo que pareceu consumi-los, abrasar os corpos e disparar a sensação de que não importava mais nada. Tratava-se daquelas ligações que aconteciam uma vez na vida, mas ambos eram demasiado jovens para entender.

Adara gemeu tal como tinha ouvido gemer às amigas do harém. Tentavam não se rir, como se nunca se tivessem distanciado e contassem uma piada aos amigos. Bashah e ela estavam deitados na cama, olhavam-se com um sorriso, mas eles sabiam que o que brilhava nos seus olhares jovens e ansiosos era o desejo.

Durante o resto da noite, conversaram, como costumavam fazer no jardim privado do príncipe. Entre conversa e conversa, houve beijos roubados, houve tempo para comer e comentar tantos temas que se tinham deixado de lado nos dias de ausência. Não faltaram as carícias eróticas, mas o Bashah em nenhum momento quebrou a promessa. Adara continuou a ser virgem essa noite, e não só isso, apesar das reticências iniciais, ela voltou a confiar na palavra do príncipe e xeque de Azhat.

Esse não foi o episódio que condenou a relação de Bashah e Adara, mas o que aconteceu no dia seguinte. Nas costas da Adara, ele falou com os Conselheiros do Destino e contou-lhes a verdade.

Incrédulos e zangados, eles estiveram a ponto de montar um espetáculo devido à mentira. Mas Bashah impôs-se, argumentou que não era justo que uma mulher fosse tratada desse modo nos tempos modernos que corriam. Por fim, mostraram-se satisfeitos quando o Bashah lhes disse que iam passar uma noite no deserto.

Essa foi a sua grande traição.

Apaixonada, sensual, entregada, a noite debaixo da estrelas do deserto foi uma das mais maravilhosas que o Bashah viveu. Penetrar o corpo húmido e disposto da Adara foi o paraíso. Ela era receptiva, voluptuosa e enlouqueciam-no os sons que fazia enquanto a beijava, chupava os mamilos deliciosos e lambia o peito generoso. Tinha um traseiro empinado e umas pernas esbeltas. Uma pele de seda pela qual era mais do que um prazer deslizar-se, uma tentação.

A brisa quente movia as cortinas da jaima com suavidade, como se o deserto estivesse a conspirar ao ser testemunha de uma noite como aquela; magia, paixão, desejo ... As velas brilhavam nos candeeiros interiores, proporcionando um ambiente único e romântico. Embora este pormenor parecesse ser só visto pela parte feminina, porque Bashah estava entusiasmado a aproveitar tudo o que pudesse desse corpo sensual e voluptuoso.

Bashah gostou de ter iniciado a Adara no sexo. Consumiu o prazer dos seus beijos como se nunca tivesse beijado ninguém. Sentia-se frenético. Viciado. E prepará-la para a penetração do seu corpo virgem foi um privilégio. Sentia-se dessa forma. Ela estava pronta e húmida quando o seu membro erecto rasgou o hímen.

— Desculpa — sussurrou ao ouvido da Adara — desculpa. A dor já passa. É só uma questão de adaptação do teu corpo.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Já está, total e completamente. Porque te amo, Bashah, embora tu nunca me possas amar ... e nunca esquecerei esta noite.

Fizeram amor de diferentes maneiras, em várias posições, e ela pareceu sempre disponível a experimentar qualquer sugestão dele. Os óleos, as frutas, os banhos foram sucedendo-se pouco a pouco como elementos indispensáveis de prazer... Ele nunca tinha tido uma amante como ela. E nunca a ia esquecer.

Quando amanheceu, o olhar preguiçoso da Adara encontrou-o vestido.

— Onde vais, Bash? — perguntou com um sorriso quando saiu do duche. Ela estava envolvida numa toalha dourada. Ele não lhe devolveu o gesto. Então, a Adara viu que ele tinha algo nas mãos. Torceu os sobrelhas até que soube do que se tratava — . Tu...! — Gritou ao aproximar-se para lhe bater no peito, sem se importar ter o cabelo húmido, o coração a bater a mil à hora e com uma dor que ia acabar com o peito dela.

Nesse instante, Bashah, inexpressivo, afastou-se dela como se tivesse lepra. Abriu a jaima, tenda típica, onde tinham dormido e fez um gesto. Um a um, os doze Conselheiros do Destino foram entrando. O príncipe entregou-lhes o lençol onde tinham feito amor. Eles olharam com aprovação para o lençol e com indiferença para a Adara.

Ela estava mortalmente pálida, mas o Bashah não se amoleceu. Não podia. <se mostrasse uma pisca de debilidade, não teria oportunidade de se afastar da Adara. Porque isso era a última coisa que queria fazer. Não queria casar-se com a Moesha ... mas era a única saída para Hassam, o rei de Ushuath, deixar de causar conflitos comerciais que podiam terminar numa guerra.

— Agora, príncipe Bashah bin Zahír Al-Muhabitti, podes casar-te com a Moesha bin Nasim Al-Pakrith tal como assinaste no contrato nupcial há cinco dias. É tempo para honrar o teu povo com um casamento que ajude a manter a paz. — O chefe do conselho olhou para a Adara e disse: — Cumpriste com a tua parte. Podes decidir ficar ou ir-te embora. Agora, és livre.

Com essas palavras a apitarem-lhe nos ouvidos, a sentir-se estúpida e também como um simples acessório de prazer, Adara reuniu toda a coragem que foi capaz. Os membros do conselho afastaram-se, mas o Bashah ficou de pé. Ela não disse nada, limitou-se a agarrar na roupa e a vestir-se na casa de banho. Cinco minutos depois saiu, perfeitamente arranjada, como se não tivesse passado a pior humilhação da sua vida. Como se o homem a quem confiou por duas vezes o coração nunca a tivesse traído.

— Adara ...

— Vais casar-te com outra. Acabaste de me humilhar diante de doze homens, doze anciãos que não sabem viver na modernidade. Mas, sabes o que é pior, Bashah? Acabaste de me perder como amiga para sempre. Talvez não te importe, mas acredita que as areias do tempo fazem o seu trabalho. Profanaste o meu corpo com uma mentira e nunca, nunca te vou perdoar.

— Se te dissesse ...

— Eu não teria acedido. Então, preferiste a mentira, mais uma vez — disse sem emoção ao abraçar a malinha de viagem que tinha enchido cheia de esperanças. Ao pensar ingenuamente que talvez o Bashah a amasse, mas que não o admitia por orgulho. Que idiota. — Que sejas feliz no teu casamento.

— Adara ... — insistiu, desta vez com muitos remorsos porque ela tinha razão. Tinha roubado algo mais puro de uma maneira falsa. «Fizeste isso pelo teu país.»

— Depois de tudo, ganhei a minha liberdade. Adeus — inclinou a cabeça de forma gozona — príncipe do Reino de Azhat, xeque Bashah Al-Muhabitti. Espero que a vida te dê exatamente o que mereces.

Bashah não a tentou deter.

No momento em que a Adara obteve a liberdade, ele perdeu a dele.

A entrada de um serviçal com uma chávena de chá quente trouxe-o de volta ao presente. Com um sorriso, Bashah, bebeu. Em breve, a Adara e ele iam ver-se. A qualquer preço, o filho ia regressar ao país onde pertencia.

Com isso em mente, sentiu a tensão a diminuir. Quando o serviçal levou o bule de chá de porcelana e jade, Bashah fechou os olhos à espera do amanhecer para preparar o regresso a Londres.

CAPÍTULO 6

Adara acendeu a luz. A casa estava em silêncio, porque Samir estava em casa de um amiguinho a fazer os deveres. Sentia a falta dele, embora soubesse que dentro de pouco estariam juntos. Confiava em poucas pessoas, e a mãe do Hawke era uma delas. Jesse disse-lhe que quando ela acabasse de jantar com Oscar lhe telefonasse, e ia deixar-lhe o Samir em casa sem nenhum problema.

Ao longo dos anos, Adara aprendeu a apoiar-se nos outros. Viveu toda a vida sob as normas de um palácio e de um harém. Londres deu-lhe liberdade para decidir e escolher. Por isso, era tão difícil para ela entregar a outra pessoa a possibilidade de ditar ou orientar o seu rumo no dia a dia.

A batalha no escritório, por outro dia consecutivo, foi insuportável. A solução para explicar tudo existia, porque no escritório estavam autorizadas três assinaturas: presidência, vice-presidente executivo e diretor geral. O que significava que, mesmo que as assinaturas dos outros dois empresários não constassem nas faturas das empresas fantasmas, sim que tinha de haver um apoio de que eles eram conscientes do que se estava a passar.

O crime perfeito não existia.

Com um gemido de cansaço, Adara abriu uma garrafa de vinho. Quando chegava a casa, e sempre que tinha a oportunidade, ela não passava este ritual por alto. Com o Stephan aprendeu a degustar um bom vinho e descobriu que para além de lhe gostar, também era benéfico para o coração. Matava dois pássaros de um tiro só, pensou com um sorriso, enquanto deixava o líquido percorrer o paladar e descer lentamente pela garganta, marcando uma marca cálida e ardente à medida que desaparecia. Fez o mesmo mais umas vezes, até que o copo se esvaziou.

Oscar estava quase a chegar a casa. Ela convidou-o para jantar. Tinha meia hora para se arranjar. Por isso, subiu as escadas apressada e entrou na suite. Preparou a banheira e deslizou-se para dentro da água.

Desceu ao mesmo tempo que soava a campainha da porta. Uma das qualidades que mais admirava no Oscar era a pontualidade.

Se ele desse o passo, e tentasse algo mais, ela aceitava. Conhecia-o há pouco mais de um ano. A atração deles era muito boa, mas quando se beijavam não havia fogo de artifício.

Adara tinha uma roupa interior preta de seda, e em vez das cuequinhas habituais, vestia uma tanga. Sentia-se atrevida, talvez fosse do vinho, mas gostava da sua nova vida. Renovada, apesar das complicações no trabalho. Quando passou pelo espelho de corpo inteiro que estava no andar de baixo, quase à entrada da casa, olhou para o seu aspeto rapidamente.

O vestido turquesa realçava-lhe as curvas e o cabelo loiro fluía com ondas definidas por debaixo dos ombros, graças ao champô natural mágico que ela mesma elaborava. Gostava de se maquilhar, sem exageros, com alguns riscos seguros e firmes que definissem os seus traços.

Preparou o melhor dos sorrisos.

—Olá Oscar... — interrompeu-se abruptamente ao encontrar o último homem que queria voltar a ver.

—A última vez que revi a minha certidão de nascimento continuava a ser Bashah Al-Muhabitti —disse o rei de Azhat ao olhá-la de cima a baixo.— Acho que não sou a pessoa que esperavas vestida dessa forma tão... entusiasta.

Ficou a olhar para ele durante vários minutos, até que por fim o cérebro pareceu reagir. O que fazia ele em Londres? Por acaso, não devia de estar a reinar feliz? Perguntou-se com sarcasmo.

—Acho que, dado o contexto e o modo com que apareceste aqui, não te vou chamar por nenhum título, Bashah —expressou com azedume. Como é que uma pessoa se preparava para ver alguém tão imponente mas que ao mesmo tempo lhe trazia lembranças agridoces?

Ele sorriu, mas a Adara notou que não era um sorriso amável. Um leve arrepio começou a percorrer-lhe a pele. Cada poro foi inundado por um vapor gelado e o coração acelerou.

—Espero que o teu casamento não tenha posto de lado as tuas boas maneiras e me convides a entrar.

Adara cruzou os braços, sem pensar que ao fazer isso realçava o peito de forma sugestiva. Ele deu-se conta. Contudo, preferiu ignorar. A fúria que lhe percorria as veias tinha sido sua companheira durante as oito horas de voo desde o deserto.

—Nunca fazes nada que não seja calculado de forma fria — comentou com acidez. — Alguns costumes não mudam com o tempo.

—Isso não é certo —respondeu com um tom perigosamente baixo... sensual.— Há muitas coisas que são espontâneas e não têm nada a ver com frieza.

Ela soprou com pouca elegância.

—Estou à espera de alguém —disse entre dentes.

—Já notei —respondeu-lhe ao fazer um movimento rápido que lhe permitiu entrar na mansão. Adara foi atrás dele para o impedir de dar mais um passo.— Uma casa muito bem cuidada —continuou Bashah com as mãos nas costas e a observar a opulência do sítio. Tinha um fato à medida que lhe ficava muitíssimo bem. Os homens como o Bashah deviam ser presos ou torturados com beijos por serem demasiado bonitos.— Suponho que chegar a Londres e casar com um velho milionário foi um golpe de sorte. Foi suficiente o dinheiro que o Stephan Lancaster te deu para fingir um orgasmo e deixares-te tocar pelas mãos arrugadas dele? Os velhos são um fetiche para ti?

Adara apertou os punhos contra as ancas. Avançou até ao Bashah de maneira ameaçadora. Sem pensar duas vezes esticou a mão e deu em cheio na cara do xeque. O som ressoou no meio do silêncio, interrompido apenas pelo tic-tac do relógio cucu que estava numa das esquinas da sala principal.

—Não te permito que fales ou menciones o nome de uma pessoa irrepreensível, nem que tentes desenhar um cenário sórdido quando não sabes a verdade —disse à queima-roupa.

Bashah tinha o olhar mais escuro do que o habitual. Parecia que se ia incendiar. A veia do pescoço palpitava. Ela não se intimidou. Ele não se moveu. Mereceu o bofetada por ser um cretino, pensou a Adara ao olhar para ele de maneira desfiante.

—Queres saber qual é a verdade? —perguntou ao ignorar o ardor que sentia na face. Era consciente de que a porta estava semi aberta. Um dos guarda-costas espreitou e Bashah fez-lhe um gesto imperceptível. O homem retirou-se discretamente.

Bashah estava acostumado a enfrentar-se a vários tipos de adversários, mas a Adara sempre foi uma muito interessante.

—Ganhei a minha liberdade há muitos anos. Tiveste o que quiseste. Não tens nenhum direito de te intrometer na minha vida. És rei, saíste em todas as notícias do mundo. Tenho pena do que aconteceu ao teu pai, afinal foi um bom governante. Queres que te felicite? —perguntou com sarcasmo.— Parabéns, *majestade* —disse a gozar.— Estás na minha casa e aqui quem manda sou eu. Estás em território britânico. Não tens nenhum tipo de poder, e se por acaso pensares que tens, então é porque estás fora de ti. Vai-te embora e não voltes, Bashah.

Ele apertou os dentes.

—Resposta errada —expressou com fúria antes de agarrá-la pelos ombros e deslizar as mãos até pressionar a cintura fina. Apertou-a contra a pélvis, sentia a suavidade daquele corpo que conhecia tão bem, e que apesar dos anos o tinha impregnado como um mapa na memória. Aspirou o aroma. Maçãs e flores. Maldita, há

tanto tempo que não cheirava a combinação de um aroma tão puro e sensual

Ela tentou afastar-se, mas os braços do Bashah pareciam de ferro.

—Larga-me! —Exclamou a debater-se com força.

Com um sorriso cruel, Bashah desceu o rosto até ao da Adara e beijou-a nos lábios com força para a calar. Ao princípio ela não respondeu, mas ele sabia perfeitamente o modo de seduzir uma mulher. A pressão inicial transformou-se numa persuasão suave que conseguiu abrir a boca feminina com um gemido, metade de raiva e a outra de desejo e com um toque de desconcerto. Bashah aproveitou para deslizar a língua e conquistar a suavidade que escondia a ambrosia onde saboreava o passado, o presente...

Adara queria gritar e lutar, mas só conseguiu com que ele aprofundasse a exploração sexual. O que mais desejava era afastá-lo, mas ao mesmo tempo, uma parte muito tonta do corpo dela, negava-se. Apertou as mãos em punho para lhe bater no peito de aço. O que conseguiu foi sentir a humilhante sensação de prazer com a erecção do Bashah.

—Adara.

A voz do Oscar foi como um balde de água fria. Afastou-se, ofegante, de um Bashah cheio de confiança e sem nenhum remorso. Ela limpou a boca com o dorso da mão, como se dessa maneira pudesse apagar a marca de um beijo ardente e devastador. Odiava-se a si mesma por ter gostado daqueles lábios... E por ter deixado que ele a continuasse a beijar.

—Oscar —disse com remorsos. Mais uma vez, Bashah arruinou a oportunidade de um novo início.— Não é o que estás a pensar — explicou com pouca convicção.

O andar firme e seguro do Oscar correspondia a um homem capaz de entrar nas salas mais elegantes sem se intimidar, como também a um homem que tinha sido traído e que estava disposto a pôr os pontos nos is.

Bashah não saiu do lado da Adara. Ela virou-lhe as costas, mas o xeque agarrou-lhe no cotovelo e reteve-a.

—Ele merece uma explicação —disse Bashah. O rei e xeque de Azhat era imponente, vários centímetros mais alto do que o atrativo banqueiro.

—Digo agora Nostradamus? —Expressou Adara chateada, afastando o cotovelo da mão de Bashah.

—Se calhar, confundi os sinais —comentou o Oscar ao olhar decepcionado para a loira sensual. Olhou com atenção para o Bashah e torceu o nariz. Viu que atrás do xeque havia uma moldura e compreendeu algo que não quis partilhar, mas que para o Bashah foi muito óbvio. A mensagem foi clara quando os olhares masculinos se cruzaram com rapidez. Oscar não tinha oportunidade, porque Bashah para além de ser o pai do filho da Adara, também era um homem com contatos suficientes para dar cabo da reputação e progresso de um banco tão forte como o Bank of Foluar, propriedade da família materna do Oscar e que ele geria.— Será melhor que me vá embora.

Adara aproximou-se e garrou-lhe na mão. O rei não moveu nem um músculo, consciente de que a situação estava do lado dele.

—Não te vás embora. Assim não... Oscar, mereces uma explicação... —disse em vão, porque, sem olhar para trás, ele saiu de casa e da sua vida.

Ela sentou-se numa poltrona e enterrou o rosto nas mãos. Não estava a chorar, só a tentar conter a vontade de assassinar com as próprias mãos aquele arrogante do deserto.

O beijo afetou tanto a ele como a Adara, mas era algo que pensava não comentar. A entrada oportuna de Oscar Dreyfus evitava-lhe um confronto no futuro.

—Imagino que a relação com o teu amante terminou —soltou com frieza.

Adara levantou a cara sem se incomodar em esconder a sua indignação.

—Não tinhas direito de me tocar.

—São necessários dois para um beijo —respondeu no seu tom aristocrático.

—Não te cansas de arruinar a vida das pessoas, pois não?

Bashah inclinou-se para a Adara.

—É melhor que tenhas cuidado com as tuas palavras, porque cada uma delas significa que te salves ou te condenes.

—Ainda não sei do que sou acusada —respondeu sarcástica— mas, se ainda não te deste conta, não estamos nos teus domínios. Estás em solo britânico. E a menos que a humanidade tenha algum lapso, na família que reina neste país não lhe corre nas veias sangue do deserto. —Levantou-se, dando um empurrão firme ao rei.

Bashah agarrou-a pelo pulso.

—Quero o meu filho. —Adara paralisou-se e ficou branca. As pernas tremeram, e olhou para o homem que um dia amou com incerteza e surpresa.— Roubaste-me praticamente oito anos da vida dele. Tentaste escondê-lo de mim. Não fizeste nenhum esforço por me contatar. Fizeste pensar a todos que esse menino é filho do Lancaster, quando no ADN corre informação genética de reis e rainhas que dominaram Azhat durante séculos —espetou com um tom de voz de aço e ameaçador.— És uma vigarista. Tiraste ao Samir um legado que é dele. Roubaste isso ao teu próprio filho durante todos estes anos.

—Isso não é justo! Tu foste com outra! —exclamou.— Não tinha nada para fazer na tua terra. Dei uma vida melhor ao meu filho. Conhece a liberdade e pode escolher. Poderá escolher sempre... Eu não tive escolha. Desde o primeiro dia que pisei o harém a minha sorte foi lançada. Agora tudo é diferente. Eu sou diferente. Se não é por conveniência, porque apareces depois de tantos anos? Se já sabias da existência do Samir, porque não me

procuraste antes? És imensamente rico e a um líder como tu não lhe faltam recursos.

—Pedi que te procurassem. O detective privado fez-me um relatório. Quando me disseram que tinhas um filho e que te tinhas casado só atei cabos, e pensei que esse filho fosse do Lancaster. Nunca pensei que tivesses ficado grávida nessa noite no deserto — respondeu entre dentes, sentindo a inegável sensação de arrependimento, porque tinha sido obtuso. Durante todos aqueles anos deixou-se levar pelo orgulho... E isso também significou pagar um preço, que agora sabia que se tratava de ter ficado fora da vida do filho. Não pensava claudicar, nem admitir a sua parte da culpa perante a Adara.

—Pior para ti —disse sem uma pisca de empatia. Como a podia ter? Meu Deus! Ela sentiu-se abandonada e sozinha no mundo.

Bashah respirava com dificuldade, porque o que mais desejava era diminuir o ardor do desejo por ela, mas ao mesmo tempo queria o filho. Estava em Inglaterra pelo seu país e pela sua gente. Sendo um rei tão jovem, precisava de estabilidade e solidez no trono. Era isso, a responsabilidade, e mais nada, o que o incentivou a ir buscar a Adara e o filho. Mas as perguntas da Adara tocaram num ponto fraco.

—Não existia a possibilidade de ficares grávida, que raios! Fui jovem, mas não foi em vão que me educaram para pensar nas consequências dos meus actos. Tu viveste num harém, parte dos conhecimentos de uma concubina é não ficar grávida.

Ela fechou um pouco os olhos.

—E eu acreditava que o machismo e a estupidez eram coisas do passado. Espanta-me o teu argumento tão pouco coerente. Acreditavas que a contra concepção é mágica e infalível? — Perguntou levantando o tom de voz e a apontar-lhe com um dedo.— No harém disseram-me que o príncipe herdeiro encarregava-se sempre de tudo. E mesmo que tivesse usado uma forma para não engravidar, a virgem era eu, não tu. Tu tinhas vantagem.

—Quero o Samir em Azhat —exigiu ao levantar-se como só um homem do seu porte real podia. O fato de três peças à medida dava-lhe um ar tão perigoso como sensual. Uma combinação letal, se ambos estivessem em outro cenário... Em outra vida... Em outro tempo.

Ela levantou os braços e deixou-os cair ao mesmo tempo, perante o descaramento do Bashah.

—Se não estás esquecido, tu estavas prometido a outra mulher quando me levaste ao deserto. Não merecias o Samir. Estive a ponto de morrer de fome na rua. —Nesta ocasião foi Bashah quem mostrou uma expressão contraída.— Aquele que dizes ser teu filho, só pela tua contribuição sexual no processo, podia ter morrido se não se tivesse apresentado a única oportunidade que tive e essa foi o Stephan. Foi um homem maravilhoso e generoso. —As narinas do Bashah abriram-se à medida que a respiração se tornava mais difícil para manter o controlo.— Continuas sem merecer o Samir, porque és tão mercenário como os teus inimigos. A única coisa que te importa é desfrutar do teu privilegiado posto e cumprir com as estúpidas normas, mesmo que estas signifiquem devastar a vida dos outros.

—Adara... —advertiu. Ninguém falava com um rei dessa maneira.— Estás a esticar-te. Não te esqueças de quem sou.

As palavras foram com o vento, porque ela continuou com a mesma paixão com que teria defendido o Bashah se ele alguma vez a tivesse amado.— Não me vais tirar o meu filho. Não vou permitir que destruas as nossas vidas. Tenho dinheiro, tanto ou mais do que tu, e posso mover o céu e a terra para o Samir estar longe das tuas artimanhas que, se não me engano, têm muito a ver com o facto de um rei necessitar de um sucessor. É melhor que arranjes uma esposa nova, Bashah, porque o Samir fica em território inglês. Estás na Grã Bretanha. Aqui as tuas ameaças não significam nada.

—Não vim só pelo meu filho —expressou ao lembrar-se da opção que tinha pensada quando voou de Azhat. Já imaginava a reação da Adara... não o beijo, isso não.— O que te venho dizer, tem

muito a ver com a única pessoa que imagino que sintas falta de verdade. Yosoulah.

Isso captou, tal como esperava, o interesse dela.

—O que se passa com ela...? —Perguntou preocupada. Certamente, a única pessoa de quem sentia falta era a mulher que tinha gerido o harém e que foi a figura materna mais próxima dela.

—Sofreu um aparatoso acidente dentro do palácio. Está muito grave. Pediu-me que te procurar. Foi sempre uma empregada leal... Quer ver-te. Compreendo que sejas uma mulher de negócios — continuou perante a consternação da Adara— e que não possas deixar o teu posto durante algum tempo.

—Suponho que o teu detective privado, porque não há outra maneira para que saibas tanto sobre a minha vida, também te contou o estado da situação interna da minha empresa.

Ele não se incomodou em negá-lo. Ela sabia perfeitamente como funcionavam as coisas no palácio e o alcance que, como líder de Azhat, ele tinha. Bashah não estaria do outro lado da sala se não soubesse já, com bastantes pormenores, o que tinha sido a sua vida.

—Entendo que as dificuldades gerem um escândalo que podia acabar com os teus dias em liberdade. —Ela cruzou os braços para não se mostrar nervosa, mas estava.— Acho que a prisão é o pior sítio para mandar uma mãe, não?

—Si vais ameaçar-me, fá-lo diretamente —soltou entre dentes. — Não gosto das tua perguntas de retórica, nem das tuas suspicácias. Fala claro para que saias da minha vida. De uma vez para sempre.

Bashah sabia que já tinha ganho a batalha e nem se preocupou em ocultar a satisfação.

—Não acho que seja tão simples como isso, Adara. Nos altos círculos financeiros internacionais soube que o Augustus Radisson tem muitas pessoas que não lhe têm aprecio. Não duvido que tenha

sido uma armadilha, mas... Isso só o posso solucionar eu... Já sabes, as influências de um rei. —Ela fulminou-o com o olhar. Estava perdida. «Maldito.»— Aceita ir a Azhat durante duas semanas e traz o meu filho. Quero que saiba que sou o pai dele. Quero que conheça as suas raízes. Yosoulah está à tua espera.

—Em troca do quê?

—Limpas o teu nome.

—E que garantias tenho que não vais tentar reter-me em Azhat ou tirar-me o meu filho?

—*O nosso filho*, Adara. E não tens nenhuma garantia. Terás de voltar a confiar em mim.

Ela soprou.

—Caso contrário?

—Farei todo o possível para levar o Samir para longe da Grã Bretanha.

—Está registado com o apelido do Stephan. Seria sequestro — expressou gozar. A frieza do Bashah levava-a a creditar que estava a falar a sério.— Além disso, imagino que queiras uma prova de ADN, e eu não te vou proporcionar isso.

Como resposta, ele dirigiu-se ao sítio, onde momentos antes o Oscar tinha pousado o olhar. Agarrou na moldura e entregou-a à Adara.

—Samir é igual a mim. Não há nenhum sequestro quando se trata do próprio filho e quem te o roubou tenta negar-te os direitos que tem. —Adara apertou os dentes com impotência.— Pelo menos tiveste a decência de pôr-lhe um nome de acordo com a cultura a que pertence. Dou-te esta noite para pensares na situação. Amanhã acaba-se o prazo. Lembra-te que posso chegar a esferas que, por mais dinheiro que tenhas, será impossível que alcances. O poder económico é uma coisa, mas o poder que tem a linhagem milenar e a posição aristocrática que ostento é outra... Uma mera informação

se consideras que podes superar os mecanismos que tenho ao meu alcance.

Com firmeza, pôs a moldura de lado. Fulminou-o com o olhar.

—És desprezível.

—Mas tenho a tua liberdade nas mãos... novamente.

Sem mais, o rei e xeque de Azhat, saiu e deixou o aroma do caríssimo perfume misturado com a sua essência varonil. Não a tentou tocar. O clique com que se fechou a porta foi seguido pelo som de vários carros a afastarem-se.

Adara permaneceu de pé um longo momento na sala vazia.

Depois do Bashah sair, ela não conseguiu dormir bem. Como poderia depois da bomba que lhe anunciou? Que cretino! Agora, sentada na cama junto ao Samir, esperava que o menino digerisse o facto de saber que o pai estava vivo. Tinha esperado uma chamada de atenção ou uma acusação. Nada disto. Samir parecia ter o sangue dos reis do deserto, como também era sereno e maduro. Embora o último se devesse a ter crescido com o Stephan.

—Então... ele vai afastar-me de ti para me ensinar a ser um rei como ele? —Perguntou ao levantar a sobrancelha.

—Nunca —respondeu com força. Abraçou o menino.— Tu não tens de fazer nada que não quiseses. Nada que não te faça feliz. Entendes? Só serão duas semanas de férias para conheceres Azhat, o país onde também pertences—suspirou.— Não importa o que acontecer, não vou deixar que ninguém te tire do meu lado. E não importa o que tenha de fazer para manter a minha palavra. De acordo?

Ele abraçou-a com a força de um menino com quase oito anos.

—Mãe... quero conhecê-lo. Quero conhecer o rei. Stephan falou-me dele. Disse-me que era um segredo nosso, e que só to podia contar no dia em que conhecesse o meu pai —olhou para a Adara com remorsos— desculpa, mãe. Tu disseste-me sempre que a palavra de uma pessoa é sagrada... perdoas-me?

Adara sentiu as lágrimas a ponto de saírem dos olhos. Nunca podia parar de agradecer ao Stephan o tanto que ele tinha feito por ela e pelo filho. Bohemia Embellishment era um legado e ela pensava ceder às exigências do Bashah para defendê-lo dos truques sujos do Augustus.

—Não tenho de te perdoar nada. Nada. Fizeste bem. És um menino maravilhoso. Amo-te, Sam.

Ia exigir ao Bashah que, em troca de ir a Azhat, nesse mesmo dia lhe desse uma prova de que ia começar a tirar as dúvidas que existiam sobre ela e que ia limpar o nome dela na empresa. Talvez ninguém exigisse nada de um rei, mas ela era a mãe do herdeiro de Azhat, e pensava utilizar essa posição para fazer o Bashah cumprir com a sua promessa. O filho nunca teria de ouvir acusações falsas sobre a mãe. Por outro lado, ela queria ver a Yosoulah. Há tanto tempo....

De manhã, antes de ir ver o Sam, telefonou à Indhira.

Confiava plenamente nos conselhos desta amiga ruiva. Disse-lhe que, apesar de poder ajudá-la a afastar o Bashah de solo britânico, através dos seus contatos com a aristocracia, isso implicava um impasse diplomático que não considerava necessário. Indhira garantiu-lhe que tanto ela como Sam eram cidadãos britânicos e, que por isso, qualquer tentativa de mantê-los em solo estrangeiro contra a vontade deles significava um sequestro.

A avó, por seu lado, pediu-lhe para se deixar de disparates e que por fim terminasse de solucionar as situações do passado. Diana Balfour garantiu-lhe que se não fechava esse capítulo desde o coração, teria sempre uma sombra a persegui-la. Antes de desligar a chamada, a avó pediu-lhe para conhecer o Bashah, porque ela e o

marido queriam que ele soubesse que a neta não estava sozinha, nem desprotegida. Eles não queriam saber se ele era o rei ou o Rato Mickey. Com esta resposta, a Adara deu uma gargalhada e descontraiu-se.

Talvez depois, se por acaso existisse uma possibilidade remota, ia deixar que o Bashah e os avós partilhassem o mesmo espaço. Ela conhecia perfeitamente aquele casal de anciões maravilhosos, e se soubessem toda a história da relação com o rei de Azhat iam sentir-se no dever de a defender. Adara achava que o melhor era manter o mais longe possível os avós do Bashah e vice versa.

Mais calma, telefonou para a Josie, sua assistente. Aquele foi o último telefonema que fez, antes do relógio marcar as oito e meia da manhã, hora a que costumava acordar o Sam aos fins de semana. Disse-lhe que ela e o Samir iam de férias duas semanas, mas que desde o estrangeiro ia estar disponível para qualquer urgência na empresa. Josie não se surpreendeu, porque uma das políticas empresariais da Adara era que, por sanidade mental, todos os empregados, até os altos cargos, deviam ter obrigatoriamente férias.

—Eu amo-te a ti, mãe.

O menino abraçou-se à cintura da mãe e fechou os olhos com um sorriso, aspirando o cheiro que lhe era tão familiar. A ideia de ir de férias parecia-lhe espetacular.

CAPÍTULO 7

Eram poucas as situações que punham nervoso o Bashah Al-Muhabitti. Conhecer o filho, o seu herdeiro, era uma delas. Quem formava os futuros reis não o fazia para situações como esta.

O telefonema da Adara não o apanhou desprevenido. De facto, já estava à espera. Não foi em vão que a deixou sem saída. Para a exigência de uma prova que indicasse que já estava a trabalhar para limpar o nome dela na empresa, ele só teve de fazer um pedido a um dos incontáveis contatos que lhe deviam favores ou desejavam fazê-lo só para sentirem um bocadinho de poder.

Agora tinha um comparativo histórico dos dados bancários com os fluxogramas de dinheiro, que incluíam as projeções dos montantes máximos e mínimos que a presidência de uma empresa, como a Bohemia Embellishment, podia receber consoante diferentes cenários económicos. Era um trabalho bastante complexo e cumpria os objetivos. Não ia limpar totalmente o nome da Adara, embora a intenção dele fosse cumprir com o acordo a conta gotas, para não lhe dar a opção de afastar o filho antes de tempo. Contudo, o relatório era importante.

Quando bateu à porta da Adara, foi ela quem abriu.

Bashah podia dizer-lhe que ficava muito bem com o vestido verde e com os sapatos cinzentos de salto alto magnólia da marca L.K.Bennet. Com o cabelo ondulado solto por debaixo dos ombros e os olhos delineados a preto, fazia com que qualquer homem lhe caísse aos pés. Por essa mesma razão, “atrativa” era um adjetivo que nunca lhe faria justiça. Ela era, simplesmente, despampanante.

Preferiu guardar os elogios para ele. Não era o momento para os partilhar, principalmente porque agora a Adara não era uma mulher que os fosse apreciar. Ia pensar que estava a gozar com ela ou a ofendê-la devido às circunstâncias passadas e presentes que os rodeavam.

—Bom dia —disse ele. Entregou-lhe o envelope com as projeções dos fluxos de dinheiro que prepararam para ele em tempo recorde. A minha parte.

—O resto? —respondeu sem se incomodar em cumprimentá-lo. Não considerava necessário forçar uma amabilidade que ambos sabiam ser uma mera hipocrisia.

—Vais obtê-lo pouco a pouco. São duas semanas. Para já, todos os membros da junta diretiva da tua empresa receberam uma cópia deste relatório. Posso garantir-te que a certeza semeada pelo Radisson sobre a tua culpabilidade será a partir de hoje menos credível —explicou, assinalando a capa.

—Com um relatório? —indagou ao levantar uma das suas delineadas sobancelhas.

—É impossível que uma quantidade de dinheiro tão grande tenha chegado à tua conta com a frequência dos fluxos que se observam no documento que o Radisson passou aos teus colegas. A tua secretária também recebeu uma cópia.

—Suponho que estejas melhor informado dos meus contatos do que eu pensava.

—Já te disse que o poder tem mais influência do que o dinheiro.

Ela olhou para ele com desconfiança. Assentiu.

—Disseste muitas mentiras, mas —agitou o relatório— acho que não tenho outra saída. Hoje durante o dia leio. —Bashah encolheu os ombros.— O Sam está a lavar os dentes —expressou ao abrir a porta.— Não me importa para nada o que tentares fazer

comigo ou com a minha empresa, mas se o magoares ou o tratares mal de alguma forma farei qualquer coisa para proteger o meu filho.

—*Nosso.*

—Vem comigo —respondeu-lhe sem se dar ao trabalho de argumentar.— Podes ser o rei de Azhat, mas em Inglaterra és só um homem, Bashah. Só isso. Se esperas um tratamento diferente, enganas-te. Não quero que o meu filho te trate de uma maneira diferente à que ele sinta. Proíbo-te que tentes ganhar a confiança dele à força, com ameaças ou com estratagemas. Está claro?

—És a única pessoa que conheço que se atreve a falar comigo dessa maneira e não é enviada ao pátio de um palácio para ser açoitada publicamente —respondeu evidentemente zangado com os comentários da mulher voluptuosa que há anos viu crescer no palácio.

—Sim, sim. Acho que os instintos medievais não abandonaram as tuas teorias para dominar as pessoas que não te têm num pedestal. Pouca sorte —expressou com o mesmo modo chateado, mas ao mesmo tempo de gozo como tinha usado o rei.

Bashah tocou-lhe com suavidade no ombro. Ela sentiu que o calor dessa mão grande e dos dedos elegantes transpassava o tecido do vestido.

—Adara... não quero brigas contigo —disse sincero.— Podes aceitar tentar quebrar a tensão que existe entre nós... podemos ser amigos.

Ela apontou-lhe o dedo.

—Tu e eu não somos amigos. Nem tenho intenção de sê-lo. Sempre que o Sam estiver presente, farei todo o possível para manter uma atmosfera agradável, mas não me leves ao limite.

Afastou-se baixando as mãos.

—Como queiras —respondeu a perder a pouca paciência que tinha.

—Muito bem.

À luz do dia a casa ainda era mais agradável, pensou o Bashah à medida que cruzava a entrada principal para se dirigir a uma pequena sala com várias estantes cheias de carrinhos de corridas de coleção. Também tinha vários sofás e uma televisão com um ecrã gigante. Ele achava que era a sala onde o filho passava a maior parte do tempo.

—Este é um dos espaços onde o Sam gosta de estar —explicou a Adara. Ele assentiu.— Volto num momento.

—Adara... —Ela olhou para ele resignada à espera de um novo confronto, mas o rei surpreendeu-a com uma simples palavra.— Obrigado.

Sem dizer nada, ela saiu da sala.

Bashah tinha as mãos dadas nas costas. Desde uma janela, observava o grande jardim traseiro da propriedade. A relva estava perfeitamente cortada. Havia dois baloiços perto de uma árvore grande e de uma lagoa artificial pequena com vários cisnes. Era uma vista encantadora. Muito diferente do majestoso deserto, onde os oásis e as montanhas rochosas deslumbravam os forasteiros.

Ele já tinha visto quase todas as fotografias com momentos da vida da Adara e do Sam. Stephan estava presente em quase todas. Ele bem que podia passar por avô da Adara. Não quis aprofundar essa ideia, por isso dedicou-se a absorver a evolução da Adara e do filho.

Fotos dela, grávida, tímida e preocupada ao princípio; depois, pouco a pouco, as fotografias mostravam uma mulher mais confiante e até ligeiramente feliz. Um *collage* de momentos: o casamento da Adara, o nascimento do Sam, o olhar turvo dela e o rosto chorão do pequeno. Havia amor e dor ... nostalgia na Adara. Nas seguintes fotos que o Bashah viu, a expressão dela parecia mais confiante e segura de si mesma. Segurava no menino, cujos traços eram tão fortes e definidos, com um amor que ele invejou. A mãe dele morreu quando ele mais precisava dela...

Bashah sentiu uma pontada de culpa no coração. Não podia imaginar como devia ter sido difícil para a Adara chegar a um país muito diferente da sua cultura e formação, grávida e a tentar sobreviver.

—Bashah —chamou-o a Adara com suavidade, tirando-o dos seus pensamentos.— Apresento-te o Samir... Carinhosamente, Sam. Também o podes chamar dessa maneira, não é, Samir? —Perguntou ao menino, que afirmou com uma súbita timidez.

Virou-se e contemplou, estupefacto, a sua pequena réplica de mão dado com a Adara. A imagem de ambos juntos, mãe e filho, conseguiu atravessar uma barreira que tinha levantado desde o dia em que soube que a Adara não podia ser a recetora de outra coisa que não fosse o desejo. Porque o objetivo dela, naquele então, era um. Só um.

O quadro que tinha diante bateu-lhe com uma certeza brutal. Nunca mais ia deixar que a Adara se afastasse dele. Não queria saber do que teria de fazer para conseguir isso. Esta era uma decisão que queria partilhar com ela.

Aproximou-se com cuidado. O menino olhava para ele com curiosidade. Adara estava tensa. O xeque não a culpava. Nessa manhã, Bashah is vestido com roupa muito ocidental e informal. Um par de calças pretas, que realçavam a forte musculatura, e uma camisa celeste com os primeiros botões desabotoados e com as mangas arregaçadas até aos cotovelos, e os sapatos com a mesma cor das calças. Adara tinha de lutar contra os remorsos, mas também contra a inegável química que, no lugar de desaparecer depois de tantos anos de ausência, parecia ainda mais explosiva.

—Olá, Sam —expressou ao esticar-lhe a mão.

—Olá, majestade —respondeu num tom solene que arrancou um sorriso ao rei. Esticou a mão, que rapidamente se viu envolvida na grande palma do pai. — Prazer em conhecê-lo.

As mãos da Adara pousavam nos ombros do menino, e com o olhar de incerteza do Bash, ela assentiu e afastou-se um pouco.

Empurrou suavemente o filho para o aproximar mais do pai.

—Não tenhas medo, meu amor —disse a mãe com doçura.—
Ele não te vai fazer mal.

Sam assentiu.

—Podes chamar-me...—começou Bashah.

—Pai? —Completo o menino com esperança na voz e, se a Adara não estava enganada, no olhar escuro do Bashah cruzou-se uma emoção muito profunda.

—Sim, podes chamar-me pai —disse ao abrir os braços, que depressa rodeavam o pequeno corpo. Abraçou-o durante um longo momento antes de se afastar— Gosto muito de te conhecer e espero que possamos ser bons amigos, Sam.

Os olhos inteligentes do pequeno sorriram.

Adara sentia-se emocionada pela situação. Não podia expressar com palavras o formigueiro que sentia no estômago. Pediu-lhes para se sentarem num sofá vermelho. Ela sentou-se numa poltrona ao lado para eles conversarem.

—Sei tudo sobre ti, pai —começou o menino.— O Stephan contou-me. Falou-me do deserto. Disse que algum dia virias aqui e que, se eu quisesse, podia chegar a ser rei. Isso é verdade?

Bashah olhou para a Adara.

—O Stephan nunca deixou que ele lhe chamasse pai —contou ela— pelo mesmo motivo que te acabou de explicar o Sam... — sussurrou perante a interrogante silenciosa.

—Sim, filho. Tu és o meu herdeiro. Primeiro serás príncipe, e quando eu morrer, serás rei.

—Não quero que morras! —Exclamou com os olhinhos azuis muito abertos.

—Isso só vai acontecer dentro de muitos, muitíssimos, anos.

Isso pareceu acalmar a repentina sensação de desassossego do menino. Sam cruzou os braços numa expressão inigualavelmente parecida à da mãe. O gesto fez com que Bashah esboçasse um sorriso.

—Isso significa que se a mãe se casa contigo será uma rainha, não é?

O xeque tossiu.

—É—respondeu consciente do som abafado que a Adara deixou escapar.— Mas talvez a tua mãe não goste da ideia.

Sam afastou-se para ir onde estava a beleza loira que o tinha cuidado contra ventos e marés. Agarrou-lhe na mão e a Adara conteve a respiração. Não só era consciente do olhar intenso do Bashah, como também, como qualquer mãe, podia ler a mente do filho. Preparou-se para a bomba que Samir lançou em seguida.

—Mãe, casas-te como o meu pai para seres uma rainha e eu um príncipe?

Ela tossiu, ignorando o formigueiro que não tinha nada a ver com prazer, mas sim com a dor de saber que nunca podia cumprir um desejo do filho com essa magnitude. Ele podia ser um príncipe, mas a Adara não podia ser uma rainha. Há anos, o Bashah deixou-lhe bem claro, que uma mulher como ela, uma concubina, nunca seria digna de uma posição tão alta.

—Agora temos coisas mais interessantes para fazer, Sam, vamos de férias ao deserto! —Expressou para suavizar a situação.

—Uaaauuu! —Exclamou o menino. De seguida esqueceu-se do assunto que representava muito mais do que ele podia imaginar. — Posso convidar o Hawke?

—Quem é? —Perguntou o Bashah ao intervir na conversa.

—É o melhor amigo do Sam —respondeu ela. Depois olhou para o filho— Esta viagem é só para ti, mas se te portares bem, de certeza que o pai deixa-te convidar o Hawke. Ah... apetece-te conhecer Azhat?

—Siiim! Vou fazer agora mesmo a mala —começou a correr para a porta, quando de repente se parou abruptamente e olhou atento para a mãe — E a escola?

—Fazes os deveres em Azhat. É a única condição para aceitar o invite do pai para passar as férias com ele.

Bashah sentiu um nó na garganta. Adara deixou a decisão nas mãos do menino. Era muito esperta, não o podia negar, deixava claro que nunca ia impor nada ao filho de ambos.

—Falas com a diretora Doverson?

Adara assentiu.

—Só se aceites fazer os deveres sem protestar em Azhat, e que me obedeças. Temos acordo, Sam?

—Claro, mãe. Aceito. Vamos quando? —Perguntou ao levantar a sobrelha.

Bashah soltou o ar que estava a conter.

—Amanhã —respondeu o rei.

O voo foi tranquilo. Pelo menos para a Adara, porque o Bashah e o Sam conversaram durante horas.

Ela tinha as emoções desencontradas. Era a primeira vez, desde a revolta que custou a vida à sua melhor amiga, que ia a Azhat. «Fazes isto pelo teu filho e pela Yosoulah», disse para si mesma numa tentativa para acalmar a ansiedade.

As nuvens e o murmúrio das vozes no avião privado impediam-na de dormir, mas tinha os olhos fechados. A viagem durava oito longas horas, e o piloto anunciou que ainda faltavam duas horas para chegarem ao aeródromo da capital e principal cidade de Azhat, Tobrath.

Era demasiado difícil escapar das lembranças, especialmente quando o culpado de que o seu último dia em Azhat tivesse sido desgarrador respirava o mesmo ar do que ela num espaço reduzido e com o cenário decorado pela única pessoa que a manteve com ganas de lutar para sobreviver: Samir. Respirou profundamente para combater a nostalgia do passado e a ansiedade pelas próximas duas semanas, mas não pôde evitar que a primeira lembrança que lhe veio à mente fosse o dia que saiu da jaima do deserto, onde deixou a alma e o coração.

Um dia que mudou tudo para sempre.

Os sábios anciãos do Conselho do Destino, que ela detestava, tentaram ignorá-la, porque a missão dela com Azhat já tinha terminado. Porque tinha entregue a sua virgindade. Porque, para eles, a Adara só servia para cumprir um cúmulo de tradições.

«Malditos Conselheiros do Destino», pensou com raiva e ignorou a pontada de dor no peito que ameaçava derrubá-la. Caminhou com a cabeça alta, afastando-se da luxuosa jaima que foi montada no deserto para eles.

Quando se montou no camelo que os ia levar até uma pequena área, onde estacionavam os veículos que conduziam ao palácio real, com os raios de sol a acariciar-lhe a pele, deixou as lágrimas correr em à medida que avançava no vaivém do dromedário.

De regresso ao palácio, contou o que tinha acontecido à Yousoulah, esta abraçou-a e deixou-a chorar até que o sol se foi apagando no horizonte. Adara levava pouco de Azhat, e agora até o Bashah lhe arrebatava o único que acreditou poder zelar: o amor que sentia por ele. Queria despedir-se das amigas do harém com a cabeça alta. Estas eram as únicas a quem podia chamar de família, ainda que nenhuma, nem a Jamilah, fosse como a Yousoulah. A mulher que a criou e a orientou como teria feito a sua própria mãe.

O carinho, aquele calor e afeto que teve sempre na memória e que existia com facilidade à sua volta, o problema é que a Yosoulah lhe dava isso a conta gotas. Agora entendia isso. Depois de tudo, as atitudes de interesse, cuidado e preparação intelectual diziam muito mais do que qualquer outra demonstração de carinho que a Adara esperasse de outro ser humano.

— Será melhor que guardes as tuas lágrimas para um homem que te ame de verdade, Adara. O teu tempo em Azhat terminou — disse Yosoulah. — Amanhã começa o Festival Anual da Cultura do país, já sabes que é a maior festa da nossa cidade, Tobrath. Tens três dias no deserto para meditar se realmente queres deixar o país.

— Não há nada para dizer ... a minha sorte já está lançada. Quero a minha liberdade e viver em carne e osso o que estiver por detrás das dunas e destes muros. Quero encontrar as minha raízes maternas. Desejo esquecer o príncipe Bashah e tudo o que tiver a ver com uma família real.

Yosoulah assentiu.

— É complicado esquecer, mas sim que podes conseguir com que a dor deixe de te afetar pouco a pouco.

— Imagino que as moças do harém já têm preparada a dança anual.

Todos os anos, o harém do palácio da família real Al-Muhabitti de Azhat preparava uma dança exótica que incluía um ritual com incensos e velas para atrair a prosperidade. Era o último número de um programa extenso que se realizava no teatro Kabahl.

Adara nunca participou na dança. Não se considerava apropriado que a mulher destinada para amante do primeiro filho do rei exibisse os seus talentos a outros. Pelo menos até ter cumprido com a sua missão.

— Sabes que sim ... Já nada te impede de fazer parte da dança, Adara. Tu viste elas a ensaiar e a dançar tantas vezes. Quiseste sempre dançar no Kabahl.

— Não é a altura certa — sussurrou.

— Pelo menos, a dança podia ajudar-te a esquecer por um momento a realidade.

— Só se houver um milagre e o rei, junto com os filhos, não assistam como ordena a tradição do festival cultural.

— Tu sabes que isso é impossível. O festival deste ano tem um matiz diferente — expressou com um tom inquieto, mas cauteloso. — As relações com Ushuath não passam pelos seus melhores dias. E, por isso, convidaram o Hassam...

Secou as lágrimas, Adara ficou curiosa.

— O que significa isso?

— Abriram-lhe as portas como demonstração de confiança. As relações diplomáticas são tensas devido ao carácter cruel e ambicioso do rei Hassam de Ushuath.

— Estou a ver ...

— Pelo menos aproveita um dia no meio do mercado da Praça Grande, depois, se te apetecer, ao entardecer vais ao teatro do pavilhão de Arcorah. Eu entendo que não queiras ver as moças a dançarem ou unir-te ao grupo na apresentação do harém, mas faz um favor a ti própria, mais que não seja leva uma boa lembrança do sítio onde nasceste. A terra não tem culpa das ações de quem a habita.

— Vou pensar nisso ... agora vou fazer a mala e reservar um bilhete de avião.

— A Jamilah vai ter saudades tuas. Sabias? Podemos prescindir dela no grupo de baile. Diverte-te com a tua amiga. Aproveita a tua liberdade... Fecha círculos. Não te vás embora sem te despedires.

— Não vou fazer isso, Yosoulah. A Jamilah adora dançar.

— Mas sabe pôr a amizade por encima do que adora, Adara. Pensa — respondeu antes de sair para organizar os últimos

preparativos da dança, ondeando a túnica verde que tinha vestida.

Na manhã seguinte, entre o alvoroço das pessoas, a Adara estava sorridente e animada com a ideia da venda dos famosos figos da região, também com a apresentação dos ilustres grupos musicais locais e a venda de artesanato cheio de pedras preciosas, esse bulício era o que ela sentia que precisava. O Festival Anual da Cultura de Azhat era lendário. Os cidadãos revestiam-se de otimismo sem se importarem com as dificuldades que estavam a passar. Por isso, a Adara decidiu contagiar-se por esse espírito.

Vestiu umas calças brancas cómodas, uma blusa de mangas compridas celeste e um hiyab, que lhe protegia o cabelo e o pescoço do inclemente sol do deserto. A roupa numa zona como Azhat existia, para além da tradição, por pragmatismo devido às ocasionais alterações bruscas de temperatura. Uma das coisas que a Adara mais gostava do seu país era poder vestir roupa ocidental. Com exceção para a época de altas temperaturas ou para os eventos de carácter festivo nacional e monárquico.

Apesar das tradições tão enraizadas impostas pelos Conselheiros do Destino, o rei e a influência ocidental dos príncipes tinham conseguido instaurar, pouco a pouco, ligeiros câmbios. Ela teria gostado que esses câmbios também tivessem sido aplicados às iniciações.

— Bom dia — cumprimentou um dos vendedores. Vestia uma túnica branca e tinha uma barba prominente salpicada de pelos brancos. A tez era negra e a ponta do nariz parecia igual a um pequeno berlinde. — Quer saber que doces temos hoje?

Ela esforçou-se para sorrir. Tinha estado de passeio sem rumo com a Jamilah e de repente estavam numa rua cheia de gente com lojas que vendiam tâmaras, frutos secos e figos, claro. Era a primeira vez que entravam tanto no centro de Tobrath, a capital de Azhat.

Nenhuma das duas pensou na possibilidade de perigo, porque, aparentemente, a cidade era segura.

— Obrigada, mas hoje já comi muito — mentiu. Devido ao sol e à intensa caminhada, doíam-lhe um pouco os pés.

— Acho que é melhor irmos — sussurrou a Jamilah. Depois olhou para o homem, que ao dissimular um sorriso, mostrou os dentes frontais de ouro. — Seguimos o nosso caminho, senhor. — Agarrou no braço da Adara e começou a abrir caminho entre as pessoas.

— Não gostei nada daquele homem — disse a Adara quando estavam a chegar ao final da rua de volta ao centro da Praça Grande.

— Há algo que não está bem neste festival. É o primeiro dia, mas a efusividade de algumas pessoas — olhou para o relógio — às quatro da tarde inquieta-me.

Adara tentou pôr de lado o que pensava ser uma paranóia.

— E se formos beber uma limonada? — Apontou para uma loja bonita, onde uma mulher de traços exóticos chamava os transeuntes com as mãos cheias de jóias e um sorriso encantador. — Parece ser uma pessoa simpática.

Jamilah encolheu os ombros.

As duas amigas decidiram passar o último dia juntas. A Adara já tinha as malas feitas no palácio e o voo para Londres saía nessa mesma noite, às onze. Tinha muito tempo pela frente para degustar dos seus doces favoritos e absorver mais um pouco da terra que ia abandonar para sempre.

— Vai contar-me porque estavas a chorar ontem? — Perguntou-lhe a Jamilah enquanto andavam. — Não quis ouvir, mas fui ter contigo para conversarmos sobre a tua viagem ao deserto e...

Adara assentiu.

— Não te preocupes ... — olhou para o céu com os olhos protegidos por uns óculos de sol. Um bando de pássaros atravessou

o firmamento. — O príncipe vai casar-se.

— Isso sabíamos todas, amiga. O que não sabíamos é que tinha levado essa mulher ao palácio na noite depois de ter estado contigo pela primeira vez — respondeu com pesar.

Olhou para a mulher com as pestanas compridas e contextura delgada. A amiga que sempre a ouviu estava a esconder-lhe o que realmente tinha acontecido na primeira noite que ela e o príncipe estiveram juntos. Já era humilhante ter vivido aquele desprezo e a traição do Bashah para ter de revivê-la ao contá-la a outra pessoa. Contou à Yousoulah, com isso cumpria com a cota do desabafo.

— Sim. Foi exatamente isso que me afligiu. Não somos um utensílio de prazer.

— Adara, sabes que estás a ser injusta e esqueces-te do objetivo das iniciações. A segunda é a maneira de retribuir com prazer a aprendizagem do príncipe na primeira.

Ela quis dar uma gargalhada, mas conteve-se. Não seria justo deixar escapar um riso cruel no momento em que queria valorizar o futuro. Um momento alegre.

— Porque não paramos de falar sobre o palácio?

Jamilah assentiu.

— Então, vamos aproveitar o dia de liberdade antes do teu voo para Londres. Espero voltar a ver-te. Vais dizer-me onde vives para te fazer uma visita?

Adara sorriu.

— Claro — mentiu.

Doía cortar todos os laços com Azhat, mas seria pior ouvir a Jamilah falar sobre o feliz que era por viver em Tobrath e, de vez em quando, deixar escapar alguma informação sobre o Bashah. Esta última parte ia ser uma tortura. E ela não era masoquista.

Chegaram a metade da praça, onde havia uma fonte de sete andares que deitava água sobre as pequenas estátuas de flores,

colibris e um jardim de pedra. Aquela era uma das fontes mais famosas. Estava revestida a ouro e cada colibri tinha olhos de rubis, os pormenores das flores tinham safiras e a base da fonte era em mármore. Demonstravam opulência, um amor pela natureza pouco comum no deserto e a abundância da qual todos deviam estar agradecidos.

— Acho que temos de ir para a fila para pedir a limonada — disse a Adara ao ver a quantidade de gente que se dirigia para o mesmo sítio que elas.

— Vale a pena — respondeu a Jamilah a sorrir.

— Corram! Corram! — Gritou alguém de algum canto da praça.

Tanto a Jamilah como a Adara começaram a sentir que de repente tudo se tinha tornado um caos. Olharam uma para a outra, assustadas, quando ocorreu a primeira explosão num hotel antigo e famoso. Foram empurradas. Olharam uma para a outra, desesperadas.

— Adara, não me largues! — Exclamou a Jamilah ao agarrar a Adara pela mão para fugirem do bulício. Outras explosões, gritos e choros encheram de repente o que até ao momento tinha sido alegre.

Com o coração acelerado, a garganta seca e o medo a palpitar nas veias, Adara agarrou na mão da Jamilah com força.

— Corramos até ao sul! — Disse a loira de mão dado com a amiga para escaparem.

Uma mulher com o rosto a sangrar atravessou-se no caminho delas.

— O que se passa? — Perguntou a Jamilah aos gritos, retendo a Adara. — O que está a acontecer? — Insistiu com a estranha.

— Há infiltrados de Ushuath com a intenção de tomar a cidade. Corram! Corram pelas vossas vidas, enquanto for possível. — Respondeu a gritar antes de ser engolida pela multidão.

O ambiente encheu-se de prantos e clamor. Havia fumo. Ouviram-se as sirenes da polícia local. Os comerciantes abandonavam as lojas sem as fechar. Os meninos perdidos chamavam pelas mães a chorar. Famílias inteiras corriam de um lado para o outro, fugiam pelas ruas para tentar escapar.

A Adara e a Jamilah, respirando agitada, conseguiram fugir do centro. Chegaram até uma zona antiga, onde pelo menos podiam respirar.

— Meu Deus — disse Jamilah. — Não posso acreditar que Ushuath esteja a fazer isto. A culpa é do rei Hassam. Ambicioso e perigoso.

Com as mãos nos joelhos e inclinada ligeiramente para a frente, Adara tentava recuperar a respiração.

— Está tudo bloqueado, Jamilah. O que fazemos?

O som das metralhadoras era a música maléfica que substituíra os flautistas que antes animavam os cidadãos que tinham aparecido para o festival de três dias.

— Olha, olha — disse um homem que se aproximou sem elas se darem conta. Era alto, muito alto, com uma cara salpicada por marcas de uma varíola mal curada. Tinha o cabelo comprido, sujo e despenteado. — Olha que belezas temos aqui hoje.

Olharam uma para a outra e gritaram para se afastarem. Outro homem cortou-lhes o caminho.

— Querem fugir, tobrathinas? — Perguntou a gozar, chamando-as da maneira como se chamavam os cidadãos de Ushuath oriundos de Tobrath, outro homem.

De repente viram-se rodeadas por cinco homens, cada um mais intimidante do que o outro. As duas amigas deram as mãos com força, olhando uma para a outra com medo, ao mesmo tempo que o caos no lugar de diminuir aumentava. Não era só isso, tanto elas com esses estranhos eram conscientes que o grito que pudessem dar nunca seriam ouvidos. Nem pela polícia, que de

certeza estava a tentar resolver a situação, nem por outros cidadãos, que deviam estar mais preocupados por salvar a própria pele.

— O que querem? — Inquiriu a Adara a olhar para aquele que parecia ser o chefe. O que tinha a cara salpicada por restos de varíola. — Quem são vocês?

— Ah, tantas perguntas — disse outro homem. Este tinha o rosto tapado. — Mas digo-te que somos enviados de Ushuath e vamos recuperar um terreno que nos pertence. — Os outros homens riram-se ao cruzar os braços. — O teu rei decidiu negociar uns limites territoriais devido ao casamento do filho com a irmã do nosso rei. Queremos a nossa princesa onde está.

— São rebeldes — sussurrou Jamliah.

Isso valeu-lhe uma bofetada que a deixou aturdida. Adara ia inclinar-se para agarrar a amiga e ajudá-la, mas o líder do grupo impediu-a puxando-lhe o braço. Apertou-lhe a carne. Fê-la gritar.

— Deixem-nos! — Pediu a Adara.

Os homens riram-se.

— Oh, és uma dessas mulherzinhas valentes. Só por isso digo-te o meu nome — disse o líder. — Rhaden. — Olhou para um dos comparsas. — Soheil, vai ver se o resto está a fazer o que deve. Até terminar o dia esta cidade será nossa.

— Então, vocês são um exército? — Perguntou a Adara ainda amparada com força pelo Rhaden.

Ele inclinou a cabeça para um lado, enquanto que o tal Soheil saiu com um colega para obedecer à ordem.

— Talvez. — Largou o braço dela para lhe agarrar no queixo com força. O olhar azul da Adara era desafiante. Ela desejava com todas as forças dizer à Jamilah para não ter medo, mas as lágrimas da amiga só pareciam aumentar a vontade que aqueles homens tinham de as assustar. — És demasiado bonita para estar a vagar pela cidade. Onde está o teu marido ou o homem que cuida de ti?

Será que agora as mulheres não têm sentido da decência? Olha para ti, estás vestida para provocar.

— As mulheres são livres em Azhat — respondeu.

Rhaden tirou-lhe com rapidez o hiyab que lhe tapava o cabelo e pescoço.

— Em Ushuath não. — Fez um sinal de assentimento com a cabeça a cada um dos rebeldes. Todos tinham a cara tapada, estavam vestido de verde escuro e tinham umas botas grossas. — Uma vez que em breve esta cidade e este país vão deixar de ser governados pelo maricas do rei Zahír, tu vai submeter-te às nossas regras.

Quando Rhaden tentou tocar num peito da Adara, esta deu-lhe um empurrão. Era impossível pará-lo, porque era mais forte e corpulento.

— Larga-me, animal! — Gritou perante a gargalhada do homem.

— O que querem? — Perguntou a Jamilah, aterrada, a sangrar do lábio devido à bofetada e a tentar desfazer-se das mãos do rebelde que a agarrava pela cintura.

— Tira a roupa — disse Rhaden antes de agarrar na Adara, tirar uma adaga e colocá-la na garganta dela. — Se te negares, a tua amiga morre.

Impotente e desesperada, Adara viu a Jamilah a obedecer.

Ninguém as ia ajudar. Ninguém.

— Prefiro morrer — sibilou a Adara quando a mão grotesca do homem deslizou pelo seu peito e depois lhe tocou com força no sexo por cima do tecido. Ela gritou com dores.

— Será melhor que penses bem, loirinha. Tu ou a tua amiga.

— Jamilah, não ... — sussurrou com a garganta seca pela força exercida ao tentar deter as lágrimas. Sentia o fio da adaga a fundir-se na sua pele dourada e, ao mesmo tempo, sentia-se culpada por

ter convidado a Jamilah para passear no dia da sua despedida pela cidade. Viu a amiga a começar a despir-se.

— Prometes-me que nos deixas ir embora quando... Quando terminarem comigo? — Perguntou a Jamilah ao deixar cair a blusa castanha para um lado com os dedos a tremer, perante o olhar cruel e de desejo dos três homens.

Não era necessário nenhum tipo de explicação. A intenção era mais do que clara. Iam violar a Jamilah um a um. Tanto Jamilah como ela eram conscientes de que quando acabassem com uma, iam pela outra.

— Violar é coisa de selvagens, vivemos no século XIX — expressou a Adara, enquanto a melhor amiga punha de lado a saia. Ela tinha um corpo magro, esbelto e proporcionado. À diferença da Adara, ela não era voluptuosa.

— Não violamos. Damos prazer à força — disse com ironia, empurrando ligeiramente a adaga ainda com a mão de grossos e toscos dedos encima da vulva da Adara. Ela sentia-se revoltada e só conseguia pensar que não estaria nessa situação se não fosse pelo Bashah. Se não tivesse estado com ele, ela bem que podia continuar no palácio... e agora estava a ponto de ser violada e ver como violavam a amiga.

O que aconteceu a seguir foi uma loucura completa.

— Solta essas mulheres! — Disse alguém que se aproximava do local onde se encontravam.

De repente, a Adara viu-se nos braços de um homem que a levantou. Meteu-a num carro. Depois ouviu gritos e disparos. Quando conseguiu olhar, enquanto se afastava naquele carro, viu o corpo da Jamilah caído imóvel. Uma mancha de sangue acompanhava o sítio onde estava a cabeça.

Adara engoliu um soluço.

— Estás bem? — Perguntou o homem. O carro ia dando saltos pelo caminho que a Adara conhecia perfeitamente. O interior do

veículo era bastante novo.

— Não ... não sei — respondeu ao olhar para a roupa toda arrugada. A pessoa que conduzia tinha o cabelo preto e curto. Os olhos eram de tom chocolate. A pele morena. Braços musculosos e tudo nele demonstrava uma energia intensa que só se podia ver em alguém habituado a mandar.

— Lamento muito que tenhas passado ... e isto da tua amiga.

— Obrigada por me resgatares ... — disse com as lágrimas a descerem pela cara. — O que se passou hoje...?

— Um grupo de rebeldes de Ushuath querem tomar a cidade. O exército e a polícia receberam o alerta há pouco tempo, mas o caos já estava montado. Estamos a tentar controlar os danos. São mais de cem homens a semear o terror até chegarem ao palácio.

— Trabalhas no palácio? — Perguntou inquieta.

— Trabalho para a polícia local.

— Não estás de turno ... Este não é um carro patrulha — expressou ao reparar que era um jeep muito moderno.

Ele negou, enquanto sorteava as ruas em alvoroço da cidade.

— Quando são precisos reforços eu venho sem pensar. Chegámos a tempo.

— Não tanto ... — murmurou com tristeza e dor ao lembrar-se da Jamilah.

— Olha — disse o bonito polícia ao tocar-lhe na mão para a confortar — não podias, nem nos piores pensamentos, podias prever uma coisa assim.

— Só sei que havia muita tensão com Ushuath ...

— Exato. Uma que sempre existiu. Não estávamos preparados, de certeza que nos vai custar alguns postos de trabalho, tanto no exército como na polícia, por ter dado por assentado que a nossa segurança não podia ser vulnerada. Para nós a honra e o dever são

inseparáveis, e achámos que tínhamos conseguido estender um ramo de oliveira a Ushuath.

— Claro ... principalmente com um convite ao próprio rei Hassam para vir ao nosso festival ... Porque vamos ao hospital? — perguntou inquieta.

— Devem ver que estás bem.

— Não quero deixar o corpo da minha amiga numa rua ...

— Voltar é arriscado. Desculpa.

Adara suspirou. Passou um longo momento até que ela voltasse a falar.

— Chamo-me Adara ...

— Sou o Raffiq — respondeu o polícia de trinta anos com a mesma suavidade, mas também com um tom desagradável. Era polícia há sete anos e adorava o que fazia. Quando era capaz de salvar pelo menos uma vida, sentia que contribuía humanamente. Mas não era por isso que não se sentia afetado por situações inesperadas pela revolta desse dia. Só esperava que os colegas que estavam a tentar controlar a situação e os rebeldes do país vizinho estivessem bem. Uma vez deixasse a salvo a moça que tinha ao lado, voltava ao centro da cidade para dar apoio.

— Obrigada por me salvar.

Ele assentiu e continuou a conduzir. Chegaram a um hospital moderno, que estava muito longe do centro. Era o sítio onde a Adara costumava ir quando estava doente. Não gostava dos médicos do palácio, e ter a liberdade de escolher quem a podia tratar era essencial.

Após ter feito os exames de rotina, disseram-lhe que estava tudo bem, pelo menos fisicamente, e Adara saiu do centro médico. O caos era no centro de Tobrath, e uma vez que estavam muito longe da zona de conflito, os poucos cidadãos à volta que ainda estavam acordados e iam de carro, embora alarmados e com medo, tinham o rosto marcado pela certeza de que já sabiam do que se

estava a passar e que a necessidade de se reguardarem era iminente.

— Estou desolada ... — sussurrou ela quando voltou ao carro do polícia. Só nesse momento, depois dos médicos lhe darem um calmante, foi consciente de que o seu salvador era bastante mais alto do que ela. — Por favor, Raffiq, faz com que alguém recupere o corpo da minha amiga ... por favor ...

Ele olhou para ela.

— Neste momento, carecemos da possibilidade de efetuar diligências que, em circunstâncias de paz, podíamos conseguir. Não te posso prometer nada. As medidas de segurança triplicaram-se. Posso levar-te a um hotel na periferia ... ou à esquadra da polícia para ficares a salvo até que controlemos a situação. Mas voltar ao centro, não...

Ela olhou para ele.

— Os meus documentos de identidade ...

— Onde vives? — Perguntou ao sentar-se no assento do condutor, e ela no de co-piloto.

Adara suspirou.

— No palácio. — Ele olhou para ela em silêncio, parecia que tentava associá-la com alguma pessoa vinculada à família real ou à aristocracia. — Faço parte do harém, Raffiq — explicou.

— Entendo — disse num tom que significava saber o que fazia uma mulher no harém do rei.

Ela negou com a cabeça.

— Não, não fazes. Não estou na cama de nenhum homem para o satisfazer... Eu... Eu sou diferente. A minha vida foi diferente das outras concubinas.

— Espero que saibas que não te posso levar ao palácio de maneira nenhuma, certo? — perguntou para terminar com o tema do que a Adara fazia ou não. Ela sentiu-se aliviada. A última coisa

que queria era aprofundar sobre a vida dela num sítio que desejava deixar atrás.

— A família real está em perigo? — Perguntou sem evitar lembrar-se do Bashah. Por culpa do mesmo homem que lhe tinha partido o coração e que a tinha empurrado a experimentar um prazer intenso perdeu uma amiga. Em outras circunstâncias, Adara teria permanecido sob proteção do palácio ou do grupo de concubinas enquanto ensaiavam no teatro para a dança dessa noite. Uma dança que a Jamilha nunca mais podia fazer...

— Se vives ali é porque isso te interessa — respondeu ao colocar as mãos no volante preto. Virou a cabeça para a direita para a olhar nos olhos — A família real está em segurança. Não te posso dar mais informação.

Ela sentiu um grande alívio. Talvez desprezasse o Bashah, mas isso não significava que o quisesse ver morto.

— Preciso de sair do país. — Raffiq torceu o nariz. — Eu... Eu já não pertença ao palácio. Ganhei a minha liberdade e estava a celebrar isso. Que irónico ... sou livre e presa ao mesmo tempo — disse a última parte num sussurro. — Podes confirmar o que te digo — agregou perante o silêncio de Raffiq.

— Sou um homem que se guia muito pelo instinto. Acredito em ti, Adara. Não posso ficar mais tempo contigo, tenho de voltar para dar apoio aos meus colegas. Não, não te estou a dizer para que saias já do carro, por favor, não me mal interpretes. — Ela suspirou aliviada. — Os aeroportos estão bloqueados. As saídas fronteiriças também, até que apanhem todos os rebeldes infiltrados e culpados deste desastre. Mas posso ajudar-te a sair. E posso ajudar-te a obter um passaporte novo.

Adara já não confiava em ninguém. Não acreditava nas boas intenções de ninguém.

— O que tenho de dar-te em troca ... ? Não tenho dinheiro ... — sussurrou ao baixar o olhar.

Raffiq esticou a mão e colocou-a, de forma impessoal, no ombro dela.

— Sou um homem honrado. Não salvo mulheres para me aproveitar delas. A minha profissão é velar pelo bem-estar dos outros, não utilizar as debilidades para satisfazer os meus desejos, qualquer tipo de desejos que pudesse ter.

— Desculpa, não quis ...

Ele assentiu e afastou a mão.

— Não tens de te desculpar. Acho que por hoje já viveste um trauma suficiente. Para onde queres viajar?

— Londres.

Raffiq ligou o motor.

— Vou ajudar-te a tratar dos papéis.

— Obrigada ... Oxalá um dia te possa compensar ...

— Não faz falta. Estás viva. Isto é suficiente para um polícia.

Essas foram as últimas palavras de Raffiq durante a viagem até que reuniram os papéis necessários. Ter contatos era uma vantagem muito grande, principalmente quando esses que tinham acesso à base de dados do sistema migratório, como era o caso do polícia. Duas horas depois, Adara sobrevoava o seu país com rumo à Grã Bretanha.

À medida que o avião ganhava altura, ela olhou pela última vez para o edifício suntuoso que se podia observar desde o céu como um pontinho na terra. Um pontinho que ela considerou como casa durante dezoito anos. O palácio real da casa Al-Muhabitti foi desaparecendo pouco a pouco até que o avião se misturou com as nuvens.

Numa corrida contra a tempo, Raffiq conseguiu nova documentação para a Adara e, também conseguiu que um dos seus contatos abrisse uma pista alternativa que costumava, noutros tempos, ser utilizada para emergências de guerra e ficava a vinte

quilómetros de distância do aeroporto principal. O mesmo amigo de Raffiq que abriu a pista, deixou-a subir a um Gulstream que ia pilotar com destino a França, mas que aceitou fazer o desvio até Grã Bretanha.

A revolta terminou com muitos mortos, feridos e perdas materiais. O exército e a polícia de Azhat conseguiram controlar a situação. Os rebeldes detidos foram julgados e condenados. Poucos dias depois de esse caos, numa tentativa de manter a frágil paz em suspenso em todos os países do Médio Oriente, celebrou-se o casamento do príncipe herdeiro de Azhat com a princesa Ushuath.

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[eLivros.info](#)

[eLivros.info](#)

[eLivros.info](#)

CAPÍTULO 8

—Mãe?

A voz do menino tirou a Adara dos seus pensamentos. Afastou o rosto da janela do avião e olhou para ele com um sorriso.

—Olá tesouro.

—Estás a chorar? —Perguntou inquieto.

Ela torceu o nariz e passou os dedos pela cara. Estava húmida. Em que momento as lembranças se converteram em lágrimas? Virou a cara para tirar um lenço da mala de viagem, que levava com ela, e secar com o tecido de algodão o rosto salgado. Tentava ignorar o olhar inquisitivo do dono do Airbus A3180 onde se encontravam. Adara voltou a concentrar-se no filho.

—Claro que não, minha vida, só me ardem um bocadinho os olhos —disse ao acariciar-lhe o cabelo com ternura— e é normal porque já estamos a voar há muito tempo. —Samir assentiu— Sentes-te bem, precisas de alguma coisa...? —perguntou. Agarrou na garrafa de água que tinha na mesinha com bordes dourados e bebeu vários goles para refrescar a garganta.

—Foi incrível falar com o pai e jogar na sala de videojogos. Este lugar é parecido com aqueles que vimos nos filmes! Espera até que conte ao Hawke, vai alucinar —expressou com entusiasmo.— O pai disse-me que és muito bonita e que vocês tinham sido amigos antes de me terem. Eu disse-lhe que és a mais bonita do mundo e que gosto muito do tio Oscar. Gostava que ele tivesse vindo passar connosco as férias. O tio vem ver-nos?

Adara engasgou-se com a água e começou a tossir. Nesse momento sentiu uma mão quente e grande a bater-lhe nas costas com precisão e suavidade.

—Bebe mais devagar —expressou Bashah com suavidade.

—O tio Oscar pode vir? —insistiu Samir com a mãe, ignorando a chispa de ciúmes que o Bashah sentiu pela ideia de que esse banqueiro tivesse tocado na Adara, e sobretudo, pela ideia de que o seu herdeiro tivesse lidado com todos os amantes que de certeza a Adara teve na vida.

—Mais tarde falamos sobre o tio Oscar —disse ao filho, mas sem deixar de olhar para o rosto corado da linda mulher com lábios sedutores.

—Não há nada para dizer —sentenciou Adara.

—Mãe, mas se o tio...

—Vai brincar, filho, com a consola da Play Station que há aqui no avião —interrompeu.— Não te esqueças de vir para aqui para te pôr o cinto de segurança, quando o piloto diga que vamos aterrar —pediu com um tom que não deixou dúvidas ao Samir que aquele não era o momento para insistir.

—Está bem, mãe.

O Rei de Azhat viu o filho ir acompanhado de Najib e uma hospedeira de bordo. Depois sentou-se ao lado da Adara, muito consciente de como ela se sentia incómoda ao lado dele. Ele sabia bem, que o desconforto não se devia à falta de conforto do avião, porque tinha capacidade para mais de cinquenta pessoas e várias salas para passar o tempo que se investia voando de um país a outro. O desconforto da Adara tinha mais a ver com a química inegável entre ambos do que com a tensão do voo ou a expectativa do que ia encontrar em Azhat.

Tal como o Bashah, os irmãos dele também tinham aviões privados devido às agendas tão diferentes que tinham e às viagens iminentes. Era quase impossível coincidirem num país ao mesmo

tempo. O rei estava vestido ao modo ocidental, um costume que parecia difícil de instaurar num país habituado a outro tipo de roupa.

Tinha tempo por diante para reinar e mudar profundamente muitos costumes arcaicos. A começar pelas iniciações. De momento, mantinha a ideia de levar as roupas tradicionais para as viagens de Estado ou a cerimónias especiais, afinal eram uma parte da identidade do país e não se podiam ignorar, nem desenraizar séculos de história de um momento para o outro. Se queria uma transformação de verdade, tinha de negociar pouco a pouco.

Adara pensou que o filho ficasse ao lado dela, não ao lado daquele homem com olhos escuros atormentados e com a barba perfeitamente cortada. Teria gostado de dizer a quem diz que com o passar dos anos os homens ficam mais bonitos, que estavam enganados. Pelo menos com o Bashah. Tentou ordenar às hormonas para que lhe dessem dignidade, enquanto o Rei de Azhat estivesse por perto. Mais tarde, podia dar-lhe um prémio se se portassem bem. «Devo de estar maluca por pensar que as hormonas são entidades pensantes», disse para ela mesma com amargura.

Por outro lado, Adara não gostou que Najib Thanus, o homenzinho, tivesse olhado para ela como se fosse um vírus perigoso. Ele teve a ousadia de tentar ensinar-lhe como se devia dirigir ao próprio filho. «Ele é o herdeiro ao trono, deve chamar-lhe alteza ou excelência, sra. Lancaster», indicou-lhe quando ela chamou o Sam pelo nome dele. Adara conteve uma resposta mordaz ou a intenção de mandá-lo ao diabo.

Não queria dar cabo do dia do Samir ao criar uma clima de tensão, por isso limitou-se a ignorar o tal Najib. Não lhe importava que ele fosse o secretário ou o conselheiro do Bashah, ela era a mãe do Sam e quem ditava as regras era ela. Era o filho dela e não pensava perdê-lo de vista, e menos ainda deixar que um desconhecido se metesse nos hábitos do menino.

—É ridículo que te enganes ao pensar que me podes evitar. Estás aqui porque foste demasiado ingénua e crédula numa empresa, onde, evidentemente, há muitos tubarões e tu és apenas

uma arraia manta —expressiu de repente Bashah ao quebrar o silêncio.

Ela voltou-se para ele.

—Que elegante comparar uma mulher a uma arraia manta. Estimulante saber isso a sangue frio.

Ele sorriu.

—Podia dizer-te com o que te comparo realmente e fazer algo muito mais interessante para que saibas o que significa ser estimulada de verdade, mas acho que me darás uma bofetada como costumava ser o teu estilo —disse a gozar.— Em duas ocasiões, se não me lembro mal —agregou enquanto ela cruzava os braços.— Vais estar nos meus domínios durante as próximas duas semanas. Não lutes contra o inevitável, Adara —sussurrou, inclinando-se para ela, que se encostou o mais possível à janela do avião.

—Dar-te uma bofetada, isso sim que é inevitável —respondeu à defensiva.

Bashah riu-se, surpreendendo-a.

—Mmm, eu inclino-me a dizer que se trata de algo mais interessante do que isso —disse ao tocar-lhe na face.— Queres averiguar o que é?

Adara afastou-lhe a mão.

—Não me toques.

—Tens a certeza de que é isso que queres? —Perguntou ao observar como os mamilos se levantavam contra a seda do sutiã traspassando a blusa lilás da Adara.

—Nunca tive tanta certeza na vida —respondeu, embora lhe servisse de pouco essa determinação na voz, quando a pele branca corava com facilidade.

—Veremos —disse ele, impassível. Claro que essa indiferença teria mudado se a Adara tivesse tido a ousadia de olhar para o vulto duro que pressionava as calças do xequê.— De momento, aproveita

o voo, enquanto o *nosso* filho joga. —Pôs-se de pé.— Falta pouco para aterrar. Tenho de tratar de alguns assuntos. Já nos vemos...

Ela levantou o queixo. O rei de pé intimidava, mas a Adara não ia dar-lhe esse prazer.

—Não te pares por mim —comentou sarcástica quando finalmente foi capaz de levar mais ar aos pulmões.

Bashah não respondeu, limitou-se a levantar a sobrancelha antes de se ir embora com o seu andar aristocrático pelo corredor do amplo avião, que tinha custado mais de oitenta milhões de libras.

Enquanto ouvia o Samir tagarelar, Adara observava em silêncio desde onde se sentava na limusina preta como pouco a pouco o deserto se abria perante os seus olhos. A parte antiga de Tobrath parecia esculpida em cima das dunas. Azhat era um dos países mais ricos e privilegiados pela natureza. Os oásis não eram atípicos nem difíceis de encontrar, assim como as colinas rochosas que ofereciam abrigo a algum viajante que precisasse de sombra no meio do sol inclemente.

À medida que a limusine ganhava velocidade foram aparecendo os vestígios da parte moderna da cidade. Edifícios magníficos e com uma arquitectura espetacular que demonstravam o progresso e a prosperidade que se tinha gerado em Tobrath nos últimos anos. Atrás de todos esses edifícios, e também entre uma rua e outra, intrometia-se o deserto sedutor e brutal.

Atravessaram a praça central e, inconscientemente, a Adara pôs a mão no peito ao pensar na Jamilah. Gostava tanto de ter o poder de mudar o que aconteceu naquele dia...

—Adara —sussurrou Bashah. Ela olhou para ele.— Só soube muito tarde o que aconteceu com a Jamilah. A revolta dos rebeldes... Lamento o que aconteceu com a tua amiga. Eu queria

ajudar-te, mas não sabia onde te encontrar. Esse dia foi muito duro e caótico para o país.

—Obrigado —respondeu de forma seca.

O trajeto desde o aeródromo pareceu curto. As ruas estavam cheias de cidadãos que iam de um sítio para o outro, os carros deslocavam-se com rapidez nas ruas asfaltadas. A fusão do moderno com o ambiente seco e chão pouco amigável realçava o magnífico trabalho que durante gerações foi realizado pelos monarcas de Azhat. O custo, tanto humano como económico, para conseguir que Tobrath tivesse um contraste tão singular e impressionante não se podia calcular, mesmo que se quisesse.

Adara desejou poder voltar no tempo. Não ter saído à rua no dia da revolta. Talvez a Jamilah ainda estivesse viva... E seria menos amargo o regresso ao país. Ao palácio.

Teria gostado de ser anónima e sair da limusine com o Samir para vaguear pelas ruas, perder-se nas lojas tradicionais ou beber infusões exóticas nos restaurantes famosos. Sentiu um nó no estômago quando viu o sítio de onde tinha saído há oito anos.

—Pai, olha, é um palácio! —gritou Samir ao agitar o braço de Bashah, afastando assim a mãe da atenção do rei.

—Também é o teu palácio, Sam —expressiu com orgulho, quando a ampla entrada flanqueada por arcos moriscos muito largos e altos lhes permitiram entrar na histórica construção.

—Uau... é como nos filmes, pai!

Bashah riu-se e começou a contar-lhe a história da cidade e dos seus antepassados. Embora a Adara preferisse ignorar, ouvia com prazer a cadência do tom de voz do xeque e rei. Ainda se lembrava de como se sentia quando partilharam aquele espaço em incontáveis madrugadas, os argumentos e a conversa do Bashah hipnotizavam-na ao compasso do olhar escuro que parecia guardar sempre uma promessa sensual. Promessas que terminaram por ser mentiras e traições.

As portas da limusine abriram-se. O rei foi rodeado pelos guarda-costas e pelo séquito habitual que lhe dava as boas-vindas cada vez que voltava de uma viagem, por poucos dias que fosse. Adara agarrou na mão do Samir, mas Bashah fez um gesto e o menino soltou-se, emocionado com tanta novidade, e correu para o pai.

Adara tentou segui-los mas foi difícil. O séquito que agora protegia o rei e o herdeiro, fechou filas enquanto ela era rodeada por outro grupo de segurança, mais pequeno, até que entraram no palácio.

—Deixem-me ir com o meu filho! —Exigiu ao Najib, que era o guia da comitiva que a levava pelo palácio.

Adara notou que o interior tinha sido mudado quase totalmente. Percorreram um sem número de corredores que ela não conhecia. Talvez a modernização do espaço incluísse novas melhorias arquitectónicas e não só decorativas.

—O Rei e o herdeiro devem estar juntos para criar uma cultura de respeito. Apesar de ser uma criança... nascida fora do casamento, como o Rei o reconheceu como seu assim será.

—Você não sabe nada sobre mim ou sobre o Samir. É melhor que se cale ou serei obrigada a ir à embaixada britânica solicitar a ajuda do meu governo para abandonar esta cidade imediatamente.

Najib fez um sinal aos quatro membros de segurança que caminhavam ao lado deles.

—A sra. Lancaster e eu continuamos sozinhos —disse Najib sem se alterar com a explosão da Adara. O pequeno grupo retirou-se.

Adara começou a ficar inquieta. O palácio era enorme e ao discutir com o Najib afastou-se do grupo que estava com o Bashah e o filho.

—Najib, que fique claro que não vou aceitar ordens de ninguém. Só vou estar aqui duas semanas.

O homem continuou a caminhar em silêncio pelos corredores revestidos a mármore.

—Compete ao Rei falar sobre isso, mas como conselheiro real posso dizer-lhe, sra. Lancaster, que o herdeiro não pode voltar ao seu país até ser maior de idade, nessa altura ele decidirá se prefere fazer metade do curso diplomático em Azhat ou na Inglaterra, tal como o pai, ou apenas num sítio...

Ela ficou perplexa.

—Está a dizer-me que estamos sequestrados neste palácio? — Perguntou ao levantar o tom de voz e a chamar a atenção dos serviçais que discretamente limpavam de um lado para o outro, organizavam e arrumavam coisas.

—Claro que não. Você é livre para se ir embora quando quiser. O herdeiro, não.

Adara parou-se, obrigando-o a fazer o mesmo. Com as mãos nas ancas, o olhar furioso e o medo metido nos ossos, decidiu dizer-lhe exatamente o que pensava.

—Oíça bem. Pode ser que aqui seja o secretário ou o assessor de quem lhe der na gana. Mas eu e o Samir somos cidadãos britânicos. Se tiver alguma dúvida, fale com o embaixador. — Afastou-se cheia de medo e começou a correr para alcançar o filho, que já ia muito à frente.

Najib limitou-se a negar com a cabeça e a caminhar com passo modesto.

Adara queria agarrar no filho e sair dali. Queria mandar tudo ao diabo e que se lixasse a empresa, que a desprestigiassem com mentiras, não queria saber. Nada tinha importância se não tivesse o filho.

Não ia deixar que sequestrassem o Samir. Tinha dores nas costas, o pescoço com contraturas e os pés já não aguentavam mais os saltos altos, para se manter elegante e digna, por causa da correria. Estava chateada. Ressentida. Desesperada.

—Samir! —Gritou ao aproximar-se de um guarda-costas.—
Samir, anda cá! Samir!

O menino voltou-se para ver a mãe, mas não conseguiu, porque andavam ao ritmo muito rápido do rei pelos amplíssimos jardins. Faltava pouco para chegar à ala especial onde o Bashah vivia agora e onde se organizou um quarto para o pequeno herdeiro.

Bashah estava ao telefone e parecia alheio à confusão que estava atrás. Sabia que o filho estava a falar com Seyid, o chefe da equipa de segurança, por isso ele aproveitou para atender uma chamada do irmão Amir, que parecia disponível para resolver um problema a todo o custo em Barcelona. Não lhe queria contar o que era e discutiam sobre isso. Uma das constantes disparidades entre os três irmãos era o hermetismo com que lidava com todas as situações devido ao alto nível de competitividade e auto-suficiência que os caracterizava.

—Desculpe, senhora, não se pode aproximar do rei nem do menino —disse um dos homens. Todos os membros de segurança vestiam-se de azul. Não vestiam os fatos típicos do país, só uma equipa especial.— Tenho de cumprir ordens.

—É o meu filho! —Disse sem se importar como os guarda-costas habituados ao silêncio e a medir o tratamento quando olhavam para ela.— Não quero saber das suas malditas ordens, ou se afastam ou afastam-vos eu com os punhos —ameaçou levantando, efetivamente, os punhos como prova fiel da intenção.

Isso foi suficiente para que um dos homens a agarrasse e a afastasse com força perante a exclamação de surpresa da Adara e o grito do Samir a pedir que deixassem a mãe em paz. Armou-se tal alarido que o Bashah terminou a chamada sem se despedir do Amir e prestou atenção àquele caos.

Ao ver o cabelo loiro em alvoroço, enquanto a dona se debatia com os seguranças aproximou-se com impeto. Detestou ver no filho uma expressão de medo.

—Larguem-na! —Gritou aos guarda-costas, que imediatamente largaram a furiosa Adara e inclinaram a cabeça em sinal de respeito. A Adara estava despenteada, corada e lançava chispas de raiva dos olhos azuis.

Sam correu até à mãe e abraçou-a pela cintura. Bashah deu uma ordem contundente e de repente toda a equipa de homens azuis desapareceram do panorama. Ficou sozinho com a Adara e o filho no lugar menos pensado. O refúgio que em tantas madrugadas foi testemunha de longas conversas proibidas entre um herdeiro ao trono e uma moça do harém.

O rei anterior, Zahr, tinha mandado renovar o palácio. Entre essas renovações os arquitectos encontraram o refúgio de Bashah, e no lugar de respeitarem os desejos do príncipe, obedeceram ao rei de então. Destruíram as paredes intrincadas do labirinto, cortaram as flores e replantaram tudo. Ampliaram o lugar e converteram-no no centro da nova distribuição do palácio. No centro havia uma linda piscina e à volta abriam-se seis caminhos marcados com pedras e madeira que conduziam a diferentes áreas. Uma de elas à ala real.

O céu estava cheio de nuvens de algodão e o sol, acompanhado da brisa fresca do deserto, seguia as três pessoas no centro do jardim.

—Mãe, porque é que aqueles homens te trataram assim? — Perguntou Sam elevando o rosto.— Pensei que todos eram simpáticos. Fizemos alguma coisa de mal?

Adara fechou os olhos e agarrou a mão de filho com força.

—Não... não fizemos nada de mal, meu amor —respondeu ao conter as lágrimas.— Hoje ainda voltamos para Londres.

—Isso não é possível —interveio Bashah suavemente, mas sem dar espaço para discussões. Embora a mulher que tinha à frente fosse tudo menos razoável.— Fizeste um pacto comigo. Eu dei-te a minha parte. Agora é a tua vez de fazer a tua... Pouco a pouco vamos limando as diferenças. É a primeira vez que eles têm ordens para manter um herdeiro longe de problemas ou algo similar.

—É uma fortaleza. Porque tens guarda-costas dentro do teu próprio palácio?

Essa era uma pergunta que não lhe ia responder. Não nesse momento. Tinha de fazer isso devido à mulher com quem foi casado. E o que menos queria era falar sobre a Moesha com a Adara. Parecia-lhe insultante, mas sabia que algum dia tinha de fazê-lo.

—Assuntos internos —respondeu parco em palavras.

Adara agarrou com mais força o Samir.

—Não me vais tirar o meu filho. Entendes, Bashah?

Ele torceu o nariz.

—Não sei de onde tiraste essa conclusão, mas...

—Não vais voltar a enganar-me! —Exclamou ao acariciar os cabelos do Sam.— Najib, esse homem parece que me odeia, disse que posso ir-me quando quiser, mas o meu filho não, que tem de ficar até ser maior de idade...

—Najib não tem autoridade para tomar decisões desse calibre e menos para comunicar as expetativas que tem. Vou falar com ele.

—Disseste que tinha de confiar em ti, mas como posso fazê-lo com este tipo de situações?

—Não dei nenhuma ordem para que te afastem do nosso filho. Pensei que estarias melhor se tivesses o teu próprio espaço e deixavas o Sam habituar-se pouco a pouco a este entorno, à cultura e ao clima. Assim descansavas, e o menino podia passar mais tempo comigo —disse com um tom agradável.

—Enquanto estiver aqui, quero o Najib longe da minha vista e da do meu filho.

—Ele já é velho, Adara, tem receios. Isto passa-lhe à medida que entenda a importância da tua presença na vida do Sam. Além disso, eu dei-lhe a minha palavra que o Sam é meu filho. As fotografias reforçam isso, contudo, sabes que Azhat é um país com

tradições muito enraizadas. Mesmo que uma prova de ADN não seja necessária para mim, sim será para o país. Não é nada pessoal.

—O que é uma prova de ADN? —Perguntou o Sam.

O rei explicou-lhe.

—É só para que fique tudo muito claro —continuou Bashah ao olhar para o filho, que o ouvia com receio.— Samir estás de férias comigo. Podes voltar quando quiseres, filho.

—E a mãe?

—Ela também.

Isso pareceu acalmar a jovem mãe.

—Para evitar mal entendidos, o que achas se for eu o guia pessoal de ambos enquanto estiverem no palácio? —Perguntou à Adara.

—Salvo quando as tuas responsabilidades te chamem e prefiras enviar alguém no teu lugar.

—Só se for estritamente necessário, e não será o Najib, já te digo antes que te queixes —expressiu.— Segue-me, por favor. Tu também, Sam, vou mostrar-vos a ala do palácio onde vivo e os vossos quartos.

—E depois posso ir brincar no jardim —apontou para o reflexo de uma piscina ao longe— e tomar banho? Parece espetacular. Eu aprendi a nadar em Londres.

—Só se a tua mãe te der autorização.

—Posso...? —Perguntou à Adara.

—Falamos sobre isso depois, Sam. Vai devagar para não tropeçares. Podes andar por onde quiseres.

Samir sorriu e esqueceu-se do incidente recente com os guarda-costas do pai. Estava fascinado com o entorno. As cores. A beleza da arquitectura. As pinturas caras que realçavam o longo hall que conduziam a uma la com incontáveis salas.

O menino abriu uma porta e ficou de boca aberta.

Nem todas as portas guardavam salas suntuosas. Em pouco tempo, com umas quantas ordens do Bashah como novo rei, já se começava a notar a mão decidida, cheia de pragmatismo e modernidade do próspero líder.

—Pai, quero ficar aqui o resto da tarde —expressou, olhando para o Bashah com entusiasmo ao abrir a porta da sala onde se guardavam os troféus e os presentes de Estado.

—Têm de trazer as tuas malas e...

—Por favor —pediu ao olhar durante o momento para o pai e durante outro para a mãe— prometo que não faço barulho. Podem trazer as malas depois, também prometo arrumar tudo como a mãe me ensinou.

Bashah teve de se rir. A forma como o menino curvava os lábios quando queria alguma coisa, era exactamente igual à da Adara quando se zangava. Impossível negar que eram mãe e filho.

Adara suspirou. Conhecia o Sam e sabia que ia usar qualquer recurso para que lhe fosse feita a vontade. Costumava ter mão firme com ele, porque não queria que fosse um menino mimado, mas cedeu devido às emoções e revelações em tão pouco tempo. O filho ficou contente e depressa desapareceu na Sala das Coleções, onde estavam os presentes de Estado que ao longo dos anos a família real Al-Muhabitti foi recebendo.

—Podia dizer-me qual é o quarto que tens para mim e para o Sam, gostava que pedisses para trazerem as malas para começar a organizar-me o quanto antes —comentou ao Bashah numa tentativa de se livrar da opressão que se criava por tantas coisas não ditas entre ambos.

O rei suspirou.

—Adara —chamou-a, parando-se no meio do corredor que parecia infinito. No final vislumbrava-se um janela amplíssima, e através do vidro no horizonte as formas das dunas davam

conta de que, apesar do fresco no interior, continuavam no meio do abrasador deserto.

—Diz —respondeu com um pé no tapete limpo de cor malva que revestia o chão.

Bashah fechou os punhos e encostou-os às ancas. Tentou esquecer a ideia de que esta mulher não lhe dava trégua e que seria sempre assim. A única culpada de ela estar de regresso a Tobrath era ela, não só como consequência do ocorrido na empresa, que foi excelente para ele chegar até ela, mas também por ter escondido o herdeiro ao trono durante tantos anos. Por o ter privado de quase oito anos da vida de Samir, e não ter dado ao menino a oportunidade de conhecer as suas raízes desde o início... Tinha tios e avô. Uma herança fora de Londres, mas que ela lhe negou.

Quando os irmãos souberam da situação, aconselharam-no a medir bem os passos. E quando os Conselheiros do Destino, que agora não influenciavam o novo líder de Azhat, e Najib souberam da existência do Samir, porque algo com esta magnitude não se podia ocultar, incentivaram-no a encontrar uma maneira de lhe tirar o menino e criá-lo em Tobrath.

Quando viu o rosto de menino com medo e a expressão desolada da Adara ao ser agarrada pelos guarda-costas, fê-lo ver que a mãe e o menino não podiam estar separados. Seria cruel e não queria deixar um legado dessa dimensão como antecedente. Tinha de falar com o Najib. O homem era muito medido nas palavras, mas parecia que quando se tratava do trono de Azhat punha-se demasiado nervoso...

Durante todo o maldito voo desde Londres, foi atormentado pelo perfume e a certeza da lembrança da Adara nos seus braços. Era difícil não a desejar quando ela desprendia uma aura inegável de suficiência e segurança. Estava cansado das mulheres dependentes e submissas. Talvez em outros tempos lhe tivessem parecido ideias para os seus objetivos: sexo. Mas a estimulação física e mental que a Adara tinha nele não se comparava com nenhuma outra oferecida por uma mulher no passado.

Os anos forneceram-se curvas mais pronunciadas e um aspecto de sensualidade voluptuosa. Quando Bashah pensava que algum homem lhe podia tocar mostrava o seu lado mais primitivo. Um lado que tentava controlar. O absurdo da situação parecia o detonante para medir os seus impulsos. Meu Deus, tinham passado oito anos! Ele teve várias amantes depois da Moesha. Era normal e natural que a Adara se tivesse casado, depois enviuvado e que o corpo lhe pedisse o prazer que podia ser proporcionado por outro corpo.

Mas mesmo assim, o raciocínio não fazia clique na líbido. Ele sempre foi possessivo com a Adara, mesmo quando soube que nunca podiam ficar juntos de outra forma que não fosse, primeiro, como amigos e em segredo, e segundo sexualmente. Agora a realidade era diferente, e mesmo assim, havia um abismo a separá-los.

—Pedi para organizarem um jantar de boas-vindas ao meu filho dentro de uns dias, disse enquanto caminhavam pela ala norte. — Gostava que assistisses, claro. És a mulher que cuidou do Samir durante todos estes anos.

Ela riu-se de forma ácida.

—Não sou uma cuidadora, entendes? —espetou. Detestava a agitação pela qual acabava de passar e não lhe ia permitir que a tratasse como um mero acessório de criança.— Sou a mãe dele!

—Pôr-te à defensiva não nos vai levar a lado nenhum. — Bashah começava a perder a paciência.— É só um jantar e terás um lugar importante nele. Vou apresentar-te a todos.

—O que dirão os teus ilustres Conselheiros do Destino de trazeres, nada mais nada menos, do que a tua antiga amante?

—Eles não têm nem voz, nem voto no meu reinado, a menos que lhes conceda. E isso é algo que não quero fazer.

—Então, quando entrar na sala que cenário me espera?

Estavam perto um do outro. A poucos centímetros, a sussurrar, para que o menino que brincava numa sala mais atrás não ouvisse. Adara podia inalar o aroma do deserto que se desprendia do corpo dele: pura masculinidade, erotismo e mistério.

Não era um segredo que cada vez que estavam juntos no mesmo espaço, qualquer termómetro capaz de detetar calor, podia derreter-se pelas altas temperaturas que alcançava. Adara tentava evitar olhar para a boca perfeitamente esculpida do Bashah, porque era um convite descarado a desejar coisas que não podia, porque a lembrança da dor parecia, nesses momentos, não se poder interpor ao desejo da sua pele e sexo.

—O de um jantar de gala —respondeu entre dentes.

—Como um macaco esperto do circo para ser motivo de gozo e especulações do público que vai assistir ao espetáculo? — Perguntou à defensiva.

Ele caminhou até ela e, automaticamente, a Adara começou a andar para trás até que sentiu nas costas a moldura grossa de um quadro de um pintor famoso de Marrocos. Olhou para um lado e para o outro. Estavam sozinhos. Só se ouviam os movimentos do filho. Como acabaram nesta situação?, perguntou-se com algum nervosismo.

—Espero que não estejas a provocar-me de propósito para me fazeres explodir de raiva —expressou com um tom grave. Esticou a mão e pousou o polegar no lábio inferior feminino. Tocou de um lado ao outro com atenção e paciência. Como se estivesse a estudá-lo... a recordá-lo. A respiração da Adara acelerou-se, mas não disse nada. — Acho que és consciente que entre nós os dois só faz falta ativar um botão para que tudo voe pelos ares...

«Como escapo desta...?», perguntou-se enquanto o seu corpo traidor ardia sem igual, ansioso de ser acariciado e tocado; provado e saciado. Como se voltasse a ter dezoito anos. Como se nada a pudesse saciar, só os dedos e a boca do homem que nesse momento a observava como um falcão observa a sua presa.

—N... não sei do que estás a falar...

—Mentirosa —sentenciou antes de se inclinar para substituir o dedo pela boca sensual.

CAPÍTULO 9

O beijo voraz do Bashah apanhou-a de surpresa e não se conseguiu afastar. Tentou protestar, descarregar com raiva as emoções que tinha acumuladas batendo-lhe com os punhos. Arranhou-o no peito por cima do tecido caro da camisa cinzenta. Mas quando o quis insultar, ele aproveitou que ela entre abriu os lábios para deslizar a língua e conquistar a dela.

A zanga e o desejo uniram-se em um tal choque frenético que até os dentes se tocaram com fervor várias vezes.

—Odeio-te —disse com rigor em um instante mínimo em que pôde levar ar à boca.

—Desejas-me —respondeu Bashah à procura da língua dela, lambendo-lhe os lindos lábios, entreabrindo-os e mordiscando-os, ao mesmo tempo que as mãos seguravam com firmeza o rosto com forma de coração.— Como eu a ti...

Os dedos femininos que antes o arranhavam, agora começavam a abandonar-se ao prazer da boca do Bashah. Aos poucos e poucos a tensão foi desaparecendo. No lugar de mostrar resistência, Adara aproximou-se mais dele. Sentiu a força do desejo dele na anca. Ele estava duro e ela húmida. Os dedos começaram a acariciá-lo por cima da roupa.

Bashah tocava-a de forma suave, mas firme. O tsunami de sensações que crescia como uma tempestade motivou-a a ceder aos avanços. Porque tinha dificuldade em resistir-lhe. Porque o corpo parecia estar enfeitiçado pelo ritmo da boca que a devorava, que a incitava e lhe roubava o ar com a forma audaz com que a beijava. O corpo musculoso e grande do Bashah emanava um calor que ia mais

além do membro duro que pressionava o corpo dela. O coração parecia estar a fazer uma prova de velocidade, e embora a zona onde se encontravam fosse fresca, a Adara pensava que a pele estava a arder perante a necessidade de despojar-se de toda a roupa para sentir, pele a pele, o prazer que há muitos anos tinha deixado de lado.

O instinto primava nesse encontro, onde os gemidos e desejo, as mãos a vaguearem pelos corpos, os dedos a apalparem a carne através da roupa iam ganhando a batalha à razão. A Adara sentiu que tudo se desvaneceu pouco a pouco, agarrou-se aos ombros do Bashah e, durante uns segundos, a realidade que conhecia deixou de existir.

Não era uma batalha fácil para a Adara, porque enquanto dava ordens ao corpo para deixar de mergulhar nesse beijo tão voraz, as mãos de Bashah acariciavam-lhe a face e o pescoço. Pôs-lhe a cabeça para trás, tão desejoso como ela, e observou-a. Adara fechou os olhos, envergonhada de si mesma pela reação visceral que teve e confusa pela força do desejo. Como se com esse gesto pudesse esquecer a sensação de ardor nos lábios e negar que os seios estavam um bocadinho mais pesados... sensíveis.

Apoiou a cabeça no peito masculino e debilmente bateu-lhe com os punhos. Ela respirou profundamente ao lembrar-se do sítio onde estavam. Sim, era a ala reservada à família real, mas para além disso, havia a possibilidade do filho sair de ali a qualquer momento e encontrá-los numa situação difícil de explicar.

Porque raios estava a seduzir a Adara como um animal no cio?, perguntou recriminando-se. Tinha as mãos pousadas, a segurar, justamente nos bojudos peitos. A ponto de lhe arrancar a blusa. Com essa mulher o cérebro fugia-lhe e deixava-o ao mercê da libido.

Bashah tinha coisas mais importantes para fazer do que estar a seduzir a Adara. Precisava de validar a existência de Samir com o seu povo. Não podia fazer isso se continuasse perto dessa loira sedutora.

Ofegante, ele agarrou-a nos ombros e afastou-a devagar.

—Adara...

—Vou tentar fazer de conta que isto não aconteceu —disse com as pernas a tremerem e abraçando-se a ela própria. Tinha o corpo febril e os sentidos ainda estavam frágeis.

—Aconteceu, embora tinha sido um erro por minha parte. Nós desejamo-nos, mas isto não nos vai levar a lado nenhum. Peço-te desculpa por este equívoco... —Respondeu o Bashah com firmeza. Largou a Adara e marcou distâncias.— Ouve, quero ser sincero contigo.

—Para variar? —perguntou retoricamente. Ela não sabia se rir ou chorar. Agora ela era o erro? Ela? Quando foi o Bashah quem provocou aquilo tudo.

Bashah ignorou a resposta da Adara.

—Os meus deveres estão por em cima dos meus desejos pessoais.

A Adara quis responder, mas manteve-se calada. Não se considerava capaz de não o mandar para o diabo nesse preciso momento, mas era mais importante o filho e a cordialidade que ele sentisse entre os pais.

—Não me digas. Imagino que em breve conheceremos uma nova candidata para o posto de esposa —expressou sem conseguir conter a nuance de amargura que tingiu a frase.

—Como rei, tenho de casar-me novamente, sim. Najib está a ajudar-me na procura da candidata idónea.

Adara deu uma gargalhada.

—Acho que já conheço esta história. Não preciso de fazer parte deste circo. Muito menos o Sam. Temos uma vida calma na Inglaterra. Percebo que sempre fui uma obrigação para ti, Bashah. E também percebo que nunca me vejas como uma mulher idónea para ocupar um lugar na realeza de algum país por ser, segundo tu e as

tuas ridículas circunstâncias, inadequada para isso. Uma simples concubina, lembra-te?

—Adara... —começou com um tom esmagado ao recordar as palavras de um jovem Bashah, de 22 anos, para uma moça simples, cujo objectivo era apenas receber e aprender a dar prazer. Um jovem Bashah com um mundo aos seus pés. Luxos, mulheres e mil de experiências para viver. Mas, acima de tudo, um Bashah cheio de arrogância e orgulho por ser o herdeiro ao trono de um país próspero no deserto, como era Azhat. Feriu a única amiga verdadeira que tinha... E agora tinha voltado a ofendê-la. Aqueles tempos...

—Adara, nada! Só me teria passado pela cabeça contar-te sobre a existência do Sam num cenário complexo e de urgência. Ganhei a minha liberdade deste palácio. Vivi. Consegui reconstruir a minha vida. Não tens direito de tentar fazer com que me sinta culpada por não te ter dito nada sobre o Samir. Perdeste qualquer direito quando as tuas mentiras tiveram consequências no amargo destino da Jamilah, mesmo que indiretamente.

—Não tentes culpar-me da morte dela.

—Saí da tua vida. Saí de Azhat. Abandonei tudo. Tu casaste de novo. Porque iria esforçar-me para que soubesses que eras pai quando o Samir já tinha encontrado um homem bom que o criou?

Ele agarrou-lhe no braço. A paixão tinha-se convertido em aversão. As narinas do Bashah alargaram-se com a respiração enquanto tentava conter a vontade de agarrá-la ou encostá-la contra a parede. Meu Deus! Tantas emoções ao mesmo tempo e o desejo continuava a predominar. Precisava de estar com uma mulher para aliviar a tensão.

—O Samir tem o direito de conhecer o seu povo e que o povo o conheça. Esse é o objetivo do jantar. Vão conhecer o meu sucessor. —Largou-a e passou os dedos pelo cabelo preto.— Serás sempre a mãe do Samir e....

—Não vou permitir que nenhuma mulher se aproxime do meu filho —sentenciou ao pensar na missão do horrível homem que trabalhava como secretário e conselheiro de Bashah.— Se quiseres ver o Samir, será sozinho. E sob as minhas condições ou podes começar a esquecer-te dele. Está claro?

O olhar escuro penetrante tornou-se insondável.

—No dia em que me voltar a casar, o meu filho será sempre uma prioridade. Nenhuma mulher terá poder para o influenciar, só tu, porque és a mãe dele. —Adara pareceu ficar um pouco mais calma com essas palavras, mas como o Bashah lhe mentiu tantas vezes já não acreditava nele.

Ela sentia-se esgotada. Não queria continuar a discutir. Não queria continuar perto do único homem que lhe manipulava o cérebro e criava um caos hormonal no sistema.

—Pede para trazerem a minha mala de viagem e a do Samir. É melhor que um dos teus serviçais nos diga onde vamos dormir. Vou aproveitar para dar uma volta até à hora do jantar.

—Como quiseres. Esta ala é suficientemente grande para não nos encontramos, por isso não tenhas medo.

—Deixei de ter medo de muitas coisas, Bashah. A única coisa que me preocupa é o Samir. Não me interessa o que fazes ou deixas de fazer com a tua vida pessoal ou profissional.

O rei voltou à sua habitual expressão dura.

—Yosoulah continua a viver no mesmo sítio de sempre. —Ela assentiu.— Quis dar-te tempo para te adaptares ao câmbio horário e a este clima quente, mas já sabes que não estás presa, és uma convidada. —Adara soprou.— Podes ir vê-la quando quiseres... Um serviçal vai entregar-te um convite formal para o jantar.

—De acordo —murmurou aliviada por mudarem de assunto.

—Adara, este é o meu palácio, o meu país, aqui quem dita as regras sou eu. Pedirei aos serviçais para que vos atendam. Todo o tempo que tiver disponível quero passá-lo com o meu filho. Ele vai

ao jantar, contigo ou sem ti. Não há discussão. Estas duas semanas são minhas e do Sam.

Ela limitou-se a voltar-lhe as costas e sentiu como estavam tensas. Contava os dias que faltavam para voltarem à Inglaterra.

Bashah ia casar-se novamente? Não queria saber disso. Podia casar-se com a primeira mulher que encontrasse pelo caminho, a ela dava-lhe igual que fosse uma princesa ou alguém que limpasse a areia à entrada do palácio. «Condenado homem e seus beijos».

Bashah tratou de vários documentos durante o resto do dia de forma automática. A chegada da Adara transtornou-o. A boca, o corpo dela... Embora o desejo parecesse mais forte do que antes, agora tinha outras prioridades. Não precisava de distrações.

Menos com a bomba que o Najib acabava de contar, o que ainda tinha piorado mais o seu humor. Observou como o seu assessor ia de um lado para o outro, gesticulando com contenção, mas com palavras que continham uma preocupação evidente. E não era exagerada. Encontravam-se num ponto delicado de transição de um rei para outro. Os líderes da região sabiam que cada pormenor, os novos acordos comerciais e os antigos, geridos pelo Amir, baseavam-se na confiança dos aliados.

Como novo rei, Bashah tinha de demonstrar solidez. A debilidade não estava permitida. Não era coerente com os seus objetivos dinásticos. O filho era tão prioritário como o seu país. A Adara devia ficar relegada aos seus interesses, porque podia trazer-lhe problemas.

—O escândalo pode cair-lhe em cima, majestade —expressou ao mesmo tempo que Bashah punha de lado uma caneta-tinteiro de ouro. Estavam no primeiro andar da ala central, onde estava o gabinete principal do xeque.— A Princesa Moesha de Ushuath disse que durante o casamento o senhor se negou a ter relações sexuais com ela, embora fosse necessário, e, por isso, resultou impossível

ter um herdeiro —tossiu— disse que a rejeitou várias vezes. A princesa e o irmão já sabem da existência do seu filho... Alegam que, dada a idade do menino, houve adultério.

Bashah encostou-se à cadeira. Cruzou os braços. Sentia como a bílis começava a borbulhar-lhe pelo corpo.

—Eu disse-te desde o início que casar com ela era uma má ideia, mas o meu pai insistiu e tu seguiste-lhe a onda. Moesha traiu o meu povo. Não lhe devo nenhuma explicação. E quero que encontres o responsável pela notícia da existência do Samir ter chegado tão depressa tão longe.

Najib assentiu com força.

—Mesmo que encontremos quem filtrou a informação antes de tempo, não nos serve de nada. O mal já está feito.

—O que será que a Moesha quer depois de tantos anos? Atrevo-me a dizer que aqui anda dedo do Hassam —disse ao apertar os dentes.

Nesse dia de manhã, o Najib tinha recebido o primeiro-secretário do Rei Hassam. Informou que a Princesa Moesha tinha ficado viúva recentemente, devido aos problemas do marido para conceber, e exigia ao Rei Bashah que concedesse o perdão à princesa.

—Quer ser indultada e que a perdoe, majestade.

Bashah deu uma gargalhada cruel.

—Com qual argumento?

—Diz que a existência de sua alteza Samir implica uma humilhação pública para a Princesa Moesha, porque ficou a saber-se que sua Majestade foi infiel durante o casamento. E uma vez que teve consequências, os traumas que...

—Já chega —disse o rei ao levantar a mãos com firmeza.— De que forma é que essa estúpida petição da Moesha através do Rei Hassam nos afeta?

—Porque uma das principais condições foi ter um herdeiro para unir os povos... Nunca houve herdeiro e...

—A Moesha aproveita-se da existência de Samir para culpar Azhat e agora a vítima é ela, e o irmão dela quer uma correção... Por orgulho. Um falso orgulho, claro.

Najib assentiu.

—Qual é a solução diplomática? —perguntou o rei.

—Anunciar o antes possível uma nova aliança matrimonial e indultá-la para manter as boas relações com o Rei Hassam, independentemente da existência da irmã.

—E qual é a solução não diplomática?

—Ignorar a situação.

—No pior dos cenários, quais são as consequências? — Perguntou o Bashah com medo da resposta.

—A guerra que o Hassam tanto deseja para deitar mão aos poços de petróleo que ficam nos limites da região. Embora continue a dizer que a revolta de há oito anos não teve nada a ver com ele, e que em Azhat decidiu ignorar-se a culpabilidade pelo bem-estar da paz dos nossos cidadãos, quem conhece o rei de Ushuath sabe que o que mais deseja é ampliar o seu território. Os limites petrolíferos são um grande incentivo para alguém tão ambicioso como ele. Temos de ter cuidado.

—A Moesha sempre temeu o irmão. Foi sempre a peça chave no tabuleiro de Hassam pela sua beleza e engenho.

—Assim é, majestade.

Bashah não tinha dúvidas da beleza da Moesha. Nem do seu corpo sensual e nem da forma desinibida com que se abria para que a possuísse. Mas faltava-lhe integridade, e por mais que temesse o irmão, ela era tão ambiciosa como o Hassam. Tinham no sangue o veneno da guerra e o cálice da traição.

—Reúne o Conselho de Ministros, Najib. Quero toda a minha equipa de segurança na sala principal. A porta fechada para analisar a situação e tomar medidas pertinentes. Não vou permitir que se exponha o meu filho.

—E a mãe...?

—Mais tarde falamos sobre a Adara.

Quando o Najib saiu da sala, Bashah pensou que desta vez não ia permitir que ninguém ditasse a forma como se ia relacionar com a Adara. Embora tal relação só fosse cordial. Ainda sentia a culpa da traição e precisava de encontrar a forma de redimir-se. «Pelo Sam. Faço isto pelo Sam.»

Adara contemplou com prazer o quarto que lhe tinham dado. Um sítio ideal por estar a uns passos do quarto do Sam.

O filho estava em êxtase. Recebia qualquer pormenor, qualquer atenção como se fosse o melhor presente de todos. Mal lhe prestava atenção, mas a Adara compreendia. Tudo era uma novidade e era normal que um menino ativo como o Sam quisesse absorver tudo.

Já estava de noite no deserto. Embora lhe tivessem dito para descerem e jantaram na sala principal, como convidados de honra, ela recusou a oferta. Uma jovem chamada Kalima era a sua ajudante e serviçal, enquanto estivessem no palácio. Também era do Samir. Nesse momento estava com ela.

Adara detestava a ideia de ter serviçais. Ela preferia dizer “assistentes” ou “ajudantes”, mas estava num palácio perdido da civilização —salvo por algumas coisas— por isso, devia habituar-se à palavra. Pelo menos os Al-Muhabitti não eram uma família real que gostasse de tratar mal quem trabalhava para eles. Todos estavam satisfeitos, quer pelo salário quer pelo tratamento.

—Tem a certeza que não quer descer? Prepararam uma mesa muito bonita em sua honra e de sua Excelência Samir —disse a moça de cabelo castanho e olhos profundos de cor chocolate. Era baixinha e a Adara não lhe dava mais de dezasseis anos. O olhar diáfano da moça recordava-lhe a ela com a mesma idade.

—Tenho a certeza, obrigada, Kalima. Antes de te ires embora diz-me uma coisa.

—Sim, senhora?

—Vives no harém? Houve um tempo que também vivi aqui, no harém, mas essa é uma história muito aborrecida e tu não tens interesse em ouvir... E nem eu de contar —comentou com um grande sorriso.

A moça corou.

—Eu... não. Não faço parte do harém.

«Mas também não é inocente», pensou a Adara ao notar que gaguejava.

—Levo o meu filho ao jantar e...

—Desculpe, senhora, mas o rei antecipou-se. —Adara torceu o nariz. Tinha dado banho ao Samir e Kalima ajudou-o. Não pensou que o Bashah fosse ter tempo tão depressa, uma vez que se acabava de dar a transição da liderança do trono.— Há meia hora que o rei levou a sua Excelência Samir. Ele disse-me claramente para a deixar descansar... —Entregou uma nota à Adara.— Quase me esquecia de lhe dar isto. Precisa de mais alguma coisa da minha parte?

Ela agarrou no papel de tom marfim com o nome escrito numa letra muito familiar. Estava fechada.

—É tudo. Podes levar o jantar. Obrigada pela tua ajuda hoje — disse ao apontar para os pratos que estavam na mesinha da sala pequenina contigua ao quarto.

O calor da tarde tinha dado lugar a uma brisa mais agradável.

Adara deixou aberta a janela da varanda que dava para a parte traseira do palácio, aos jardins suntuosos e cheios de cor, para deixar envolver-se pelo cheiro da natureza selvagem e árida. Abriu o envelope e sentou-se numa poltrona cómoda de veludo com cor mostarda.

Adara,

Kalima disse que estavas a dormir.

O Sam está comigo. Eu vou deitá-lo cedo.

B. Al-Muhabitti.

Ela olhou para a nota e depois posou-a numa mesa de mármore perto da janela. O seu sentido de proteção materno incentivava-a a ir buscar o Sam, mas sabia que era o momento de começar a deixá-lo ir pouco a pouco. Estavam numa fortaleza. Sam estava em segurança. Embora não confiasse no Bashah como homem, ela tinha visto uma determinação férrea na proteção do Samir, assim como na intenção do seu olhar de ganhar um espaço na vida do menino.

Ia tentar que nos próximos dias o tempo do filho com o Bashah fosse primordial. Nos anos seguintes, na Inglaterra, já teria todo o tempo do mundo para estar com o filho. Não podia ganhar todas as batalhas, por mais que quisesse fazer a vida negra ao Bashah em troca da dor que lhe tinha causado no passado...

Agarrou um hiyab azul que fazia conjunto com o seu vestido às flores e que lhe ressaltava a figura. Tinha umas sandálias com salto de magnólia para estar mais cómoda. Adara recusava a ideia de pôr o fato tradicional das mulheres, preferia a opção de levar roupa ocidental. Contudo, a proteção do hiyab era necessária, porque à noite costumava levantar-se nevascas de areia. Não gostava da ideia de ter o cabelo molhado e cheio de areia. Nunca gostou disso.

Perguntou a um dos guardas, que custodiava a entrada e a saída da ala privada em que se encontrava, se por acaso havia uma entrada nova para encontrar a Yosoulah.

—Não, senhora, a entrada é a mesma. Permite-me que a acompanhe? —Perguntou ao ver como a noite escurecia o caminho que estava tenuemente iluminado.

Era independente, mas não idiota, pensou ela. Não ia entrar sozinha num sítio que tinha sido remodelado e onde se podia perder desnecessariamente.

—Sim, obrigado.

Uns minutos depois estava em frente da conhecida porta preta com um ferrolho em forma de bola de cristal. A Yosoulah era bastante supersticiosa e dizia que esse ferrolho tinha passado de geração em geração na sua família e que afastava os espíritos maus dali.

Esperou vários segundos até que ouviu uns passos a aproximarem-se.

—O rei disse-me que em breve virias a Azhat —expressou a mulher com um sorriso que lhe arrugou o rosto— mas não imaginei que fosse possível. Bem-vinda, filha.

Abriu os braços e a Adara perdeu-se neles. Sentiu a fragilidade da Yosoulah. Tinha o cabelo apanhado num elegante totó. Os cabelos pretos agora tinham umas ténues mechas cinzentas. De certeza que a vaidade da sua mãe adotiva e maestra da vida tinha desafiado de forma constante a doença.

—Obrigada... —sussurrou com emoção.

—Entra, entra. Preparei um chá especial de ervas. —O local estava lindamente iluminado. O chão estava revestido por um tapete persa lilás com branco e tons dourados. Era novo, pensou a Adara. Os quadros do kamasutra, uma exibição flagrante das artes em que a Yosoulah era especialista, estavam expostos na parede nuns mosaicos pequenos. Os lábios da Adara curvaram-se num sorriso.—

Senta-te —apontou para uma cadeira gasta pelo tempo. A cadeira onde sempre se tinha sentado para conversar.— Estás fantástica. Como é que não me contaste sobre esse menino tão vivaz que é o teu filho?

—Conheceste-lo? —perguntou com ressentimento. Não gostou que o Bashah se tivesse adiantado.

Yosoulah esticou a mão e agarrou a da jovem mãe.

—O rei está orgulhoso do filho. Tem resposta para tudo —disse com um sorriso—, tal como a mãe —isso fez com que a Adara se risse, e finalmente, se tranquilizasse.— Queres contar-me porque decidiste ficar longe de mim? Por acaso fui a culpada pela tua partida? —perguntou desta vez com ressentimento.

—Desculpa, desculpa mesmo... —disse com veemência— precisava de afastar-me de tudo. Passei por momentos muito duros e incertos em Londres. Não sabia como tinham terminado as coisas no dia da revolta... tive medo que... eu...

—Tinhas medo que eu tivesse morrido —comentou.— Posso estar velha, mas sou forte como um carvalho. Os rebeldes não conseguiram chegar ao palácio. Estivemos bem guardados. O que se passou depois desse dia foi horrível. Houve mortes. Castigos. Caos... E o Bashah viu-se obrigado a casar-se com a sonsa da Moesha Al-Pakrith. Conhece-la?

—Por fotografia —disse parca em palavras. Não fazia sentido mentir.— Uma mulher exuberante e bonita. Suponho que seja o tipo do rei.

Yosoulah surpreendeu-a com uma gargalhada.

—Continuas a ter-lhe rancor...

—Não quero falar sobre o Bashah.

A mulher deu um gole no chá de gengibre com rosas. Uma combinação um pouco explosiva para o paladar, mas que deixava uma sensação de bem-estar agradável.

—Façamos o seguinte: depois de te contar o que se passou no harém e de tudo o que ocorreu durante a tua ausência, quero que me contes o que foi feito de ti durante estes anos. Principalmente sobre o teu casamento com um homem que podia ser teu avô.

—Como é que sabes do Stephan...?

Yosoulah sorriu e acendeu um incenso.

—Minha linda, tiveste tanto tempo fora que te esqueceste que tenho ouvidos e olhos onde as pessoas deste palácio nem imaginam. Pelo menos, fiquei mais calma quando soube que estavas viva... E feliz por saber que a vida te tinha dado uma segunda oportunidade ao amor.

Adara suspirou.

—És impossível! O meu casamento com o Stephan foi uma amizade carinhosa... Mais nada. Vou estar sempre agradecida por ele me ter salvo. A mim e ao meu filho.

A mulher piscou-lhe o olho.

—Então temos muito para falar durante a próxima hora —olhou para o relógio pendurado na parede. Um relógio antiquíssimo.— porque depois tenho de descansar. Acreditaste na história de que estava muito doente?

—Nunca aceiteste envelhecer, por isso acho que não. Não acreditei quando o Bashah me disse.

—Ainda bem —riu-se— agora, vamos conversar, minha querida menina.

Adara disse que sim. Era a primeira vez que se tranquilizava desde que o Bashah tinha voltado a cruzar o seu caminho. Estava longe do seu país de residência, mas Tobrath continuava a ter aquele aroma que só se cheirava ao chegar a casa.

CAPÍTULO 10

A deliberação da reunião de Estado que o Rei Bashah tinha defendido, cinco dias antes, durante quase três horas, deixou um gosto amargo para o líder de Azhat. Não gostava da ideia de conceder um indulto à ex-mulher. Ela esteve a ponto de causar uma crise de segurança, quando tentou roubar os arquivos que estavam nos escritórios do palácio para entregar ao Hassam.

A Moesha tinha um corpo de deusa, mas ao mesmo tempo era uma verme. Para conseguir a chave do escritório, que estava muito bem guardada, não hesitou em fazer uso das artes mais mundanas. Envergonhou o Bashah, a família real e o povo de Azhat. Nunca se tornou pública a infidelidade da Moesha, mas o Bashah não se esquecia disso. Os guardas que tiveram relações com a Moesha foram expulsos do país. A princesa de Ushuath foi obrigada a assinar os papéis do divórcio, sem pedir compensações, e aceitar que era uma pessoa *non-grata* com o convite de não voltar a pisar Azhat.

Agora, para manter a paz, Bashah tinha de engolir o orgulho pelo seu povo. E, principalmente, para proteger o filho. Não ia permitir que a Moesha sujasse o nome do filho. E muito menos o da Adara.

Para preservar a paz e a segurança dos cidadãos de Azhat, como também para evitar uma possível revolta como aconteceu há oito anos, seria concedido à insultada ex-princesa de Azhat e ex-mulher de Bashah Al-Muhabitti a honra de voltar para junto do rei. Não ia haver papéis nem comunicados de imprensa, nem nada do género, com desculpas sobre a suposta infidelidade do Bashah.

O rei e xeque de Azhat tinha acedido em ir a dois atos públicos com Moesha, de forma a demonstrar que mantinham boas relações, sem rancores do passado, e para dar a entender que também existia o interesse de manter uma bandeira de paz com o Rei Hassam.

O primeiro ato realizou-se essa manhã.

Bashah encontrou-se com Moesha nas instalações de uma escola rural, que acolhia alunos com poucos recursos. Era uma infraestrutura com capital local e estrangeiro que se construiu em pouco tempo e tinha sido inaugurada há dois meses. Servia para aulas grátis de idiomas aos meninos da zona.

A presença do rei e da jovem princesa, causou a agitação que o Conselho de Ministros esperava. Bashah posou com a Moesha, que não perdeu a oportunidade de encostar-se bem a ele como se tivesse direito a fazê-lo. Bashah não a podia afastar, tal passaria uma mensagem equivocada... E ela sabia disso.

Durante o breve discurso, Bashah expressou a sua alegria por saber que pouco a pouco iam haver mais salas de aulas disponíveis para acolher mais alunos. Felicitou os meninos pelos seus progressos, quando uns professores entusiasmados os incentivaram a demonstrar os seus conhecimentos sobre a cultura de Azhat em vários idiomas.

Moesha interveio para agradecer ao novo rei a sua simpatia e generosidade. Não perdeu a oportunidade para manifestar que no reino de Ushuath também defendiam uma educação de qualidade para os seus cidadãos.

—Não entendo porque montaste esta confusão, Moesha. Mas se estás a tentar causar-me problemas, aviso-te que não me importa ter de tomar medidas bélicas se for necessário afastar-te —disse depois do ato, quando a limusina os levou de volta ao palácio Al-Muhabitti para um almoço. Esse era o segundo ato... ou pelo menos era o que o Bashah esperava.

—Estou arrependida... Só queria demonstrar ao Hassam que podia ser tão astuta como ele...

—Indo para a cama com três dos meus guardas, Moesha? — perguntou farto. Olhou para os olhos amendoados e delineados com kohl. O cabelo sedoso em ondas até à costas. Tinha um fato de um tecido muito caro azul marinho que coqueteava com as suas curvas generosas. O corpo da Moesha era uma obra de arte. Mas não fazia efeito nele.— A imprensa fará o seu trabalho com a presença de ambos hoje. Acho que é suficiente para os teus objetivos e para o pedido do teu irmão de uma desculpa pública. Embora ele saiba que não a mereces. Eu faço isto pela paz da minha gente. Que fiques bem ciente disso.

—Ainda falta mais um ato, Bash —disse ao chamá-lo pelo nome que apenas o seu circulo mais intimo usava.

Ao percorrer as ruas na limusine, Bashah passou a mão pela barba cortada com precisão. Parecia-se mais a um modelo de revistas masculinas do que a um rei.

—Acho que sim —resmungou.

—Fala-me do teu filho. Quem foi a fulana com quem foste para a cama? Mas ousas recriminar as minhas infidelidades! —perguntou com confiança.

A resposta do Bashah foi um olhar escuro. Muito escuro. Um silêncio opressivo apoderou-se do interior do veículo. Ele não voltou a dirigir-lhe a palavra até que chegaram ao palácio.

—Mais uma palavra, mais uma atitude fora de lugar, Moesha, e vais ver do que sou capaz.

—Espera —disse ela ao agarrar-lhe a mão, rompendo por completo o protocolo perante uns espetadores deslumbrados dentro do palácio.

Ele ficou tenso. Ninguém tocava no rei, salvo a sua família e gente de alta estirpe. A Moesha tinha perdido todos os seus direitos. E o mero ato de tocar no Bashah parecia dar a entender que,

durante essa viagem à escola, tinham chegado a um acordo mais... pessoal.

—Tens três segundos para largar-me —murmurou com um tom brusco— e outros três para dizer-me porque montaste este número depois de tantos anos.

Ela largou-o.

—Um casamento cheio de frieza. Casei-me com ele para redimir-me dos escândalos que causei aqui...

—Tens um segundo —interrompeu com relutância.

—Continuo apaixonado por ti, e sei que tu, de algum modo, também estás de mim.

O silêncio sepulcral que se gerou na sala principal, não se deveu apenas à confissão que, sem lhe importar nada como já era habitual nela, a Moesha tinha feito. Deveu-se mais ao facto da última frase ter sido dita no preciso momento em que o Samir e a Adara desciam as escadas de caracol de mão dada.

Mãe e filho ficaram parados. No sala principal estavam pelo menos 20 pessoas. O rei notou o momento preciso em que o sorriso da Adara se converteu numa máscara fria. Ele amaldiçoou em voz baixa.

—Então este é o teu filho —disse a Moesha ao afastar-se, caminhando até às escadas.— Realmente tem a tua cara. Não há como negá-lo.

—Não te aproximes deles —disse Bashah com firmeza.

A mulher ignorou-o e continuou o caminho até às escadas.

—Olá, Excelência —a sensual morena cumprimentou o menino com um sorriso resplandecente.— Eu sou a Moesha Al-Pakrith. Amiga do teu pai, o rei.

A Adara não tinha planeado descer à área de entrada do palácio, muito menos à ala central, mas o Sam insistiu em que tinha de lhe mostrar uma porta secreta que dava para um sítio cheio de

doces. Como mãe só queria garantir que o filho não se estivesse a meter em algum sarilho, por isso decidiu acompanhá-lo. A Kalima disse-lhe que o rei estava fora do palácio, daí que a Adara não imaginasse que o ia encontrar. E menos com a ex-mulher.

—Cumprimenta, filho —pediu a Adara num sussurro. De manhã, tinha arranjado o cabelo com um rabo de cavalo exótico. Os olhos azuis estava delineados com kohl e tinha um vestido rosa-pardo que destacava a sua figura elegante, assim como a sua beleza. O lábios estavam pintados com um leve toque rosa.

Com o sol que se filtrava pela claraboia, que estava mesmo por cima das escadas, a mãe do Samir parecia uma miragem e não uma mulher real. Pelo menos não parecia para o Bashah, para quem era evidente que as duas mulheres que estavam diante dele não tinham comparação. Enquanto a Moesha possuía uma sensualidade descarada, a Adara destilava erotismo e encanto mesmo sem pretendê-lo.

—Bom dia, senhora.

O riso da ex-esposa de Bashah vibrou no ar.

—Por favor, podes chamar-me princesa Moesha. O que achas?

O menino assentiu, mas não sem antes olhar para a mãe a pedir aprovação.

—Eu sou o Samir. E ela é a minha mãe.

A Adara não gostou do olhar calculador da morena, por isso utilizou uma arma que lhe era muito útil quando tinha de enfrentar-se às pessoas em Londres. Uma máscara que não trespassava os seus verdadeiros sentimentos. Sabia que a ex-mulher do Bashah era bonita, mas pessoalmente era muito mais atrativa. Corroía-lhe as entranhas pensar no Bashah a tocar nesta tal Moesha e a fazer amor com ela. Era uma emoção ridícula... E inevitável.

—Prazer em conhecê-la... —disse a Moesha com um tom interrogante.

—Adara Lancaster —respondeu com a confiança que só tem uma mulher dona das suas emoções e de um conglomerado económico milionário. Não tinha nada para se envergonhar.

—Estive casada com o rei há uns anos atrás —comentou com um tom meloso. Depois focou a atenção no menino. — Quantos anos tens, Samir?

—Estou quase a fazer oito anos —expressou Sam com orgulho, muito alheio ao ambiente tenso.— A minha mãe e eu vamos buscar uns doces. Queres vir connosco?

—Será melhor que voltes para o hotel... princesa Moesha — interrompeu o rei antes da ex-mulher responder. Olhou para as pessoas que estavam à sua volta. Assessores de ambos os países.— Isto não é um espetáculo. É um palácio! Vão trabalhar! Fora da minha vista! —Exclamou fora de si.

Não precisava de repetir. Todos obedeceram.

Moesha deu a mão ao menino e dirigiu um sorriso malicioso à Adara. A equipa de segurança seguiu-as até chegarem à saída.

—Bash —chamou-o assim de propósito, voltando-se para ele quando os guardas do palácio abriram a porta principal.— Encontramo-nos no jantar de apresentação de Sua Excência Samir, como está estipulado. —Dito isto virou-se e continuou o caminho até que as portas se fecharam atrás dela.

Ainda faltava mais um ato. Sim. Um jantar entre o Bashah e a Moesha para encerrar a solução que tinham tomado o Conselho de Ministros e o próprio rei, com o objetivo de manter a paz com o reino de Ushuath. Estavam orgulhosos mas, à frente do orgulho e da redução dos danos, preferiam proteger os cidadãos com estratégias que não diminuíssem em absoluto o seu orgulho. E foi isso o que acabaram de fazer.

Quando Bashah voltou a prestar atenção às escadas, um dos seus ocupantes anteriores já tinha desaparecido.

Agora já entendia a frieza do Bashah durante esses dias.

Embora tivesse visto o pai do seu filho em reiteradas ocasiões ao longo dos cinco dias que estava em Tobrath, ele fazia de conta que ela era um diplomático estrangeiro, tratando-a com mera cortesia. Diria até com certa indiferença.

Na manhã seguinte à sua chegada a Tobrath, Adara encontrou o Bashah a tomar o pequeno-almoço e a conversar com o Samir numa sala sumptuosa. O filho estava a rir-se de uma piada, parecia, e ao vê-la os olhos iluminaram-se e correu para abraçá-la. Feliz por ver que o filho estava contente, abraçou-o com força.

—Bom dia, Adara. Espero que tenhas descansado — cumprimentou o Bashah friamente.

Estava muito elegante Com o fato tradicional de Azhat, o da família real. O preto e o tecido requintado davam-lhe um aspeto muito imponente. Tão alto como era e com o olhar escuro penetrante era difícil ignorá-lo ou ser indiferente a ele. Ela tentou.

—Descansei. Obrigado.

—Por favor, senta-te. Esta manhã, o Sam disse-me que costumam comer cereais ao pequeno-almoço —comentou com um tom de reprovação— eu disse-lhe que em Azhat preferimos comer fruta, tostas e alguma coisa mais... nutritiva.

Adara olhou para ele com uma expressão gelada.

—Gosto de ver que com o título de rei te deram outro adicional para ser pai e também nutricionista. —Virou-se para o Sam— Amor, depois queres ir ver a Yosoulah? A senhora que te disse que foi como uma mãe para mim. Ela disse-me que tem muita vontade de te conhecer.

—Vou levá-lo a conhecer os estábulos do palácio —interveio Bashah.— A menos, claro, que o Samir prefira ir visitar a Yosoulah.

—Claro que não, pai, prefiro ir ver os cavalos. Posso montar um? O Stephan dizia que no deserto há camelos e que os cavalos

são muito bonitos.

—Claro. Com supervisão —olhou para uma Adara zangada— e se a tua mãe der autorização.

Os olhinhos suplicantes do filho foram suficientes para ela ceder.

—Podes ir, Sam, sempre e quando obedeças. E quando voltares vamos ver a Yosoulah, claro.

—Ótimo —respondeu o menino, dando uma grande dentada ao pão com doce de figo e, depois, começou a falar sobre as expectativas do dia.

Depois, o menino foi tirar as medidas para fazer fatos à sua medida. Os fatos tradicionais dignos de um príncipe herdeiro. O poder e o dinheiro funcionava desta maneira. E era precisamente o fato típico de cor preto que o Sam tinha vestido naquela primeira manhã em Azhat. Vê-lo assim enterneceu a Adara. Nunca imaginou uma cena como aquela... Depois de tudo, nunca lhe tinha passado pela cabeça a ideia de reencontrar-se com o Bashah

Essa cena durante o pequeno-almoço marcou a pauta da rotina dos dias seguintes.

O Bashah fazia propostas ao Samir, diante da Adara, sobre as atividades que tinha programadas e, obviamente, o menino nunca dizia que não. De passeios em helicóptero a passeios em camelo, visitas ao centro da cidade e a museus, nadar em um oásis... Que menino de oito anos ia dizer que não a isso?

A Adara acompanhava o filho a todos os sítios, embora não participasse em todas as atividades, como por exemplo, nadar no oásis ou na piscina. Não conseguia deixar de admirar, boquiaberta, o físico imponente e tão viril de Bashah ou com a sua força. À medida que o tempo passava, com a indiferença do Bashah e a própria libido, ela começou a chatear-se com ela mesma. De facto, enquanto ele chamava a atenção do Sam, ele ignorava o que a Adara queria ou não fazer. Não houve alusões ao que aconteceu no corredor da

ala real entre eles nem ao passado que tinham em comum. Como se nunca tivesse acontecido.

Mas agora, depois de encontrar o Bashah com a ex-mulher no palácio, era fácil juntar as peças.

A Moesha nasceu para reinar e também tinha o porte e a beleza das mulheres que o rei gostava. A Adara ignorava as razões do divórcio, mas não era irreal a ideia de voltarem a casar-se.

—Mãe, quantos posso levar? —Perguntou o Sam, tirando a mãe dos seus pensamentos.— Há tantos que gostava de levar todos. Mas a Kalima esconde-me os doces, quando pensa que eu não me dou conta.

Adara riu-se.

—Tira só os doces que achas que vais comer. —Ele agarrou em cinco.— Muito bem. Agora temos de voltar para tomares banho. Não podes fazer a sesta com a roupa a cheirar a camelo.

—Porque não vens nadar para a piscina hoje?

«Porque me sinto vulnerável.»

—Tenho de trabalhar para a empresa a partir de aqui — comentou ao acariciar-lhe o narizinho com o dedo— é por isso que me vez tantas vezes com o portátil. Quem está de férias és tu, mas se não tomares banho voltamos já para a Inglaterra. A piscina fica para amanhã. Hoje já fizeste muitas coisas e apanhaste muito sol, que não te faz bem à saúde.

—Está bem! Vou jogar na PlayStation —disse a agarrar a mãe pela mão, fazendo-a rir enquanto iam por um corredor diferente de regresso às dependências privadas. Não tinha sido uma escolha à sorte, mas deliberada, porque a Adara queria evitar um encontro como Bashah.

Ao anoitecer, ela sentiu-se mais sozinha do que nunca.

O Sam dormia. Na Inglaterra, provavelmente, todas as lojas já estariam fechadas, por isso já não eram horas para fazer

telefonemas. Tinha saudades da ideia de ter um companheiro para toda a vida. Podia telefonar ao Oscar...

Enrolou-se na roupa de cama de cor verde. Estava despida. Quando viajava ou estava sozinha e sem o Sam, gostava de ter lençóis de cetim debaixo da pele nua. Os lençóis de dois mil fios do palácio eram uma verdadeira delícia. E não era só isso, o clima e o facto de ter livre o tempo que costumava passar no escritório, faziam com que precisasse de aspetos que habitualmente deixava de lado. Como o desejo.

Sozinha, não se importava de tocar-se e acariciar-se. Conhecia muito bem o seu corpo. Os anos no harém, as aprendizagens que ouviu e as cenas que viu tinham servido muito para ocupá-la à noite. Não era o mesmo se tivesse alguém ao seu lado, a tocá-la, a penetrar-lhe a carne e a fazê-la gemer. Ainda que não pudesse negar, que sozinha também podia ter uns orgasmos fabulosos. Até que regressava dessa viagem de prazer infinito. Quando o corpo recuperava a respiração e recordava as mãos do único amante. Os beijos que a tinham percorrido até deixar marcado cada centímetros da pele. Nessa altura, sentia-se envolvida por uma nostalgia inevitável. No dia seguinte tudo começaria de novo. As ocupações do quotidiano e a alegria que o Sam lhe dava compensavam a solidão.

Mas não nesse momento.

Podia fazer o trabalho de olhos fechados. Conferências por vídeo. Chamadas telefónicas. A secretária dizia-lhe, diariamente, que a tensão devido à situação económica estava a gerar conflitos, mas que, pelo menos, a ideia de ela ser culpada de uma transferência ilegal de fundos tinha deixado de ser uma constante nos gabinetes dos altos executivos. A Adara não podia dizer-lhe que isso se devia ao acordo que tinha feito com o Bashah.

Queria telefonar à Indhira, mas a amiga estava a fazer um tour pelos Estados Unidos. Por isso, mesmo a enganar-se de que contava com alguém, marcou o número de telefone da Indhira e

deixou-lhe uma mensagem de voz a dizer-lhe que estava tudo bem. Algo que, em teoria era verdade, mas na prática não.

A lua brilhava e as estrelas pareciam um lençol de diamantes brilhantes no céu. Era meia-noite. Conhecia um sítio que ninguém tinha acesso, só ela. Tinha-o descoberto quando só tinha oito anos. Era um pequeno oásis a dez minutos de distância a pé.

Sem hesitar, abriu o roupeiro. Agarrou na roupa interior e vestiu-a. Vestiu um vestido comprido cor de cereja e uma hiyab branca. Calçou umas botas confortáveis para andar no deserto. Fazia-lhe falta uma aventura. Um momento a sós. E era precisamente o que ia ter.

Com um suspiro de alívio, apagou a luz e seguiu o caminho.

CAPÍTULO 11

Bashah acabava de sair do duche. Levava uma toalha à volta da cintura. Os rastos húmidos de algumas gotas ainda deslizavam pelos peitorais até se perderem no quadriculado caminho dos abdominais. Passou as mãos pelo cabelo húmido e agitou a cabeça par retirar o excesso de água. Tinha sido um dia complicado.

Depois da Moesha se ir embora, o Najib absorveu-o, quase completamente, para tratar de temas financeiros e de investimentos. Teve uma vídeo-conferência com o irmão Amir, quem continuava a fazer sabe-se lá o quê em Barcelona, enquanto que o Tahír ignorava os seus telefonemas. Por volta das cinco da tarde foi ter com o Sam para darem uma volta de camelo, já que o menino estava muito entusiasmado com a ideia.

Bashah não ficou surpreendido por a Adara ter deixado o menino ir sozinho acompanhado pela Kalima. Entendia a atitude dela depois de ver a Moesha. Não devia nenhuma explicação à Adara, e, mesmo assim, sentia que a tinha traído. O mais provável era que ela pensasse que estava a reconciliar-se com a ex-mulher devido à necessidade de ratificar a estabilidade no trono como homem de confiança e de família.

O facto de ter um filho fora do casamento não ia ajudar, e por isso precisava de uma esposa. Embora a mente feminina sempre o surpreendesse com tantas voltas e voltas e conclusões, desta vez achava que entendia a forma de pensar da Adara.

—Al-Muhabitti —respondeu ao atender o telefone.

—Olá irmãozinho, estavas à minha procura?

Bashah suspirou.

—Tahír, não sei em que problemas estás metido, mas preciso que telefonas ao chefe de segurança interna. Amanhã à noite é a apresentação do meu filho aos ministros, conselheiros e pessoas de confiança mais próximas. Vêm alguns dirigentes locais.

—Porque achas que não te respondi?

—Acho que tem a ver com alguma mulher a fazer-te um fellatio.

A gargalhada rouca e grave do Tahír dizia tudo.

—Sempre tão direto.

—Contigo não se pode ser de outra forma —respondeu o rei.— Imagino que a calma com que falas signifique que trataste do tema da segurança.

—Sim, irmão —disse com um tom mais sério.— Esta tarde estive reunido com alguns interessados na aplicação de uma nova tecnologia nas câmaras de segurança e no sistema de controlo através de drones. Pareceu-me muito interessante. Amanhã falamos. Acho que vale a pena.

—Vamos estudar isto, então. O nosso pai geria tudo à maneira antiga. Precisamos de substituir os vigilantes e os guardas por sistemas mais sofisticados.

—Para isso temos o teu irmão Tahír —disse novamente num tom simpático.— Como amanhã à tarde estou em Azhat para conhecer pessoalmente o meu sobrinho, informo-te que gostava de incluir uma pessoa à lista de convidados. Este é outro dos motivos da minha chamada.

—As amantes não estão permitidas —disse o rei.

—Que chatice... acho que vou divertir-me com as do harém.

—Até amanhã, irmão —interrompeu o Bashah desligando o telefone.

Pôs o telefone de lado e aproximou-se da varanda decorada com arcos moriscos. Um grande candeeiro que estava no tecto

central iluminava com força o espaço revestido com tapetes, sofás confortáveis e uma cama amplíssima. Os tons dourados, brancos e toques de terracota davam um ar cálido ao quarto.

O Bashah gostava das janelas do seu quarto enorme, principalmente à noite. Tinha uma vista ampla, quer do pátio interior quer do exterior. Por motivos de segurança estava numa localização estratégica e, por insistência própria, descrição. Ele podia observar, mas do exterior não o podiam ver.

Era isto o que mais gostava.

Tinha um reinado complicado pela frente. Nenhum dia seria fácil, mas estava disposto a fazer prevalecer o apelido e a honra Al-Muhabitti. Ia a afastar-se da janela com isso em mente quando um movimento no exterior o deteve. O último vestígio do que parecia ser a saia de um vestido feminino perdeu-se numa curva do corredor do jardim do pátio interior.

Bashah torceu o nariz.

—Majestade —disse Najib com voz de sono.

—Manda os tipos da segurança darem uma volta.

—Está a acontecer alguma coisa? —Perguntou mais acordado.

—É isso que quero saber —respondeu impaciente. Najib era um um assessor muito válido, mas a idade e a sua forma inflexível de pensar tornavam-no num candidato pouco idóneo para continuar a assisti-lo, pensou Bashah. E custava-lhe, porque o Najib tinha trabalhado com o pai dele, mas em breve teria de prescindir dos serviços do sexagenário.— Não alarmes ninguém. Talvez ver movimentos no jardim seja só o efeito do cansaço. Talvez seja só o vento, mas quero assegurar-me.

—OK, majestade. Vou ver o que se passa.

Esta era outra situação delicada. O Najib não podia estar a cem por cento em horas muito tardias. O Bashah precisava de alguém mais jovem, porque tinha uma agenda muito ocupada e

imprevisível. Talvez pudesse arranjar outro posto para o seu secretário e conselheiro. Mais tarde...

Por outro lado, Bashah podia garantir que tinha a melhor equipa de segurança. Depois da revolta, há oito anos, o falecido rei decidiu fazer uma limpeza e ficou com os melhores polícias, militares e guardas que lutaram arduamente para retirar os rebeldes. Despediu uns elementos e premiou outros.

Depois da transição do rei, O primeiro passo do Bashah foi convocar o conselho de ministros. Os irmãos dele, Tahír e Amir, estiveram presentes. Discutiram sobre as novas promoções e postos nas forças de segurança, milícias e polícias de Tobrath. Os líderes de cada uma das quinze cidades de Azhat estiveram presentes e aceitaram ampliar o novo plano de segurança em conjunto.

Deixando tudo nas mãos do Najib, Bashah caminhou até à cama e afastou os lençóis, não sem antes tirar a toalha que cobria a nudez. Agarrou no tablet e começou a ler. Podia estar cansado, mas até receber notícias do Najib ou do chefe da equipa do controlo nocturno não ia pregar olho.

Adara caminhou com cuidado através do pequeno labirinto. Não lhe custou fazer o percurso, já que o caminho estava discretamente iluminado com pequenos focos LED. Contou, tal como se lembrava, o número de passos para chegar até uma trepadeira que dava a uma porta de metal. Abriu-a.

Entrou em outro corredor que a levou para fora da fortaleza do palácio. Mesmo na parte traseira. Em ambos os lados havia uma parede de árvores e ouviam-se os passos dos guardas. Não ia ter problemas. Os guardas impediam a entrada não a saída.

Andou durante dez minutos até que conseguiu ver a única palmeira que tinha exactamente três cactus à volta. Sorriu.

Com a lanterna iluminou o caminho até que ouviu o movimento da água à noite. O vento era fresco, forte, mas não havia perigo de uma tempestade de areia, que foi o que a preocupou mais antes de decidir sair. Conhecia o deserto e as condições meteorológicas.

Avançou até uma pedra gigante e encontrou um oásis discreto. Não entendia como é que ninguém do palácio o tinha descoberto. Estava perfeitamente oculto devido ao seu tamanho, e graças à quantidade de rochas e ao matagal que o rodeava. Era fácil ignorá-lo.

A lua era o seu farol.

A Adara estava a tirar o vestido quando ouviu passos. Apressou-se a abotoar os botões.

—Quem está aí? —Perguntou nervosa.

Em menos de dois segundos uma figura surgiu da escuridão. Devido às sombras não conseguia identificar o rosto. Embora fosse evidente que era um homem. Os alarmes começaram a soar na mente da Adara e imediatamente arrependeu-se de ter sido tão imprudente. Passaram-se muitos anos, com o progresso da cidade, provavelmente, alguém que já tinha descoberto o oásis.

—Uma mulher sozinha não devia estar aqui a estas horas — expressou uma voz masculina desconhecida.

Adara tentou levantar a lanterna, mas com os nervos deixou-a cair na areia sem conseguir acendê-la. Ao mesmo tempo que a figura se aproximava, ela retrocedia.

—Quem é o senhor?

Então, a luz da lua bateu em cheio no rosto anguloso do intruso.

—Trabalho para a família real e pediram-me para comprovar que estava tudo em ordem, porque o rei viu algo fora do comum no jardim. Imagino que seja inofensiva.

—O que o faz pensar que não tenho uma arma?

—Eu segui-a —continuou o estranho ao aproximar-se mais da Adara ao mesmo tempo que ela andava para trás.— Passaram-se os anos e não me reconheces.

Ela surpreendeu-se, tropeçou num monte de plantas desérticas e caiu de rabo no chão. Com o tacto encontrou a lanterna, ligou-a e focou o homem.

—Tu...? —Fechou um bocadinho os olhos.— Raffiq...?

—Raffiq Sadid, chefe da segurança nocturna do palácio —disse com um sorriso.— Adara —esticou o braço para ajudá-la a levantar-se e ela aceitou— pela tua expressão desconcertada, acho que te lembras de mim —disse a brincar.

Incrédula, Adara assentiu.

—Uau... nunca pensei voltar a ver-te... eu...

O homem riu-se. Um riso fresco e masculino.

—Nem eu. —Ligou a rádio e disse— Tudo despejado. Não há intrusos. Diz a Sua Majestade que a situação está controlada. A sra. Lancaster saiu a —Adara fez-lhe um sinal com a cabeça— apanhar ar. Vou levá-la para dentro sã e salva. Câmbio.

Sem conseguir evitar, ela aproximou-se e agarrou-lhe nas mãos com firmeza.

—Salvaste-me a vida, e não tive tempo para agradecer-te. De facto, salvaste a minha vida e a do meu filho...

Ele retirou as mãos com suavidade.

—Naquela ocasião disse-te que para um polícia salvar uma vida já é um agradecimento suficiente. Acho que não seja apropriado um contato entre nós os dois.

—Entendo —respondeu.— Só estou contente por ver alguém conhecido e que se tenha portado bem comigo no passado... Como acabaste a trabalhar para os Al-Muhabitti?

—Depois daquele dia em que morreram tantas pessoas, o Rei Zahír fez uma limpeza de todas as áreas vinculadas à segurança do

palácio, como também à segurança dos cidadãos. Muitos foram promovidos e outros despedidos.

—A ti promoveram-te.

Ele assentiu.

—Com os anos fui subindo posições até ao dia em que o novo xeque se tornou líder do país e deram-me o posto de estratega e agente na qualidade de responsável pela segurança nocturna. Pelo caminho de volta ao palácio conto-te tudo.

—Quero nadar... foi por isso que vim aqui —queixou-se.— Não conseguia dormir. Só quero estar um bocado sozinha.

—Adorava deixar-te fazer isso, mas não posso. Tenho responsabilidades, e uma delas é salvaguardar a mãe dos herdeiros. Pensei que o nome de Adara, que me proporcionaram esta noite antes de iniciar o turno, fosse só uma coincidência com o teu. Não há muitas mulheres com o teu nome.

—É uma longa história a da Adara Lancaster —disse ela.

—Como a de todos —respondeu Raffiq com um sorriso.

Raffiq era corpulento quando o conheceu, mas agora estava mais... imponente. O corpo tinha ganhado músculos e o rosto dureza. Perguntava-se que situações teria vivido para que isso tivesse acontecido.

—Vais falar sobre este sítio a alguém?

—Se não quiseres, não. Mas vou pedir que verifiquem os arredores para saber que há alguma coisa que nos tenha escapado no processo para manter a segurança da família real.

—Preferia que não.

—Não me esquecerei disso —esticou o braço— vamos, senhora?

—Uf... fazes-me sentir velha, Raffiq... Posso chamar-te assim e tratar-te por tu, não é? Não me digas que tenho de manter as formalidades.

Raffiq riu-se.

—Sempre que te pareça adequado e não estejam presentes outras pessoas, eu não me importo. Na presença de outros não é correto. Podia dar lugar a más interpretações. Gosto muito do meu trabalho. Não queria incomodar o rei.

—Porque ias incomodar?

—Imagino que não tens ideia de como foi a vida do Rei Bashah, quando era príncipe e enquanto esteve casado com a princesa Moesha.

—Não sei, estive desligada de Azhat durante muitos anos...

—É melhor que o rei te conte quando considerar oportuno. Temos um código estrito de silêncio para certas situações.

—Isso não me agrada.

Raffiq olhou para ela com um sorriso.

—Acho que tu e a minha esposa fariam uma boa dupla. Vou apresentar-ta em alguma ocasião enquanto estiveres por aqui.

—Será uma honra —disse. «Claro. Como é que um homem como este não ia estar casado?»

Resignada à ideia de não poder estar no seu espaço, mas contente por se ter reencontrado com o seu salvador de anos atrás, Adara seguiu o Raffiq de volta ao palácio real. Durante o caminho conversaram de tudo um pouco.

Ela gostou da conversa agradável e riu-se com alguns comentários do Raffiq. Ouviu com atenção como ele conheceu a mulher e o medo que teve durante o parto que trouxe ao mundo os gémeos. Pelo menos tinha um amigo no palácio que não a ignoraria nem a trataria como se fosse um mero objeto decorativo, pensou enquanto chegavam à porta da ala privada.

—Foi um prazer voltar a vê-la. Boa noite, senhora Lancaster.

—Nunca terei palavras suficientes para te agradecer o que fizeste por mim e pelo Samir há anos.

O chefe de segurança só lhe sorriu e assentiu com a cabeça a modo de resposta. Adara caminhou até ao quarto. Não queria fazer barulho, por isso descalçou-se e agarrou nos sapatos. Talvez não tenha sido muito rápida, porque quando faltavam apenas alguns passos para virar à direita e entrar no quarto, apareceu o Bashah em tronco nu, com os braços cruzados, realçando os músculos, e com uma expressão chateada.

—A jogar às casinhas à meia-noite com um homem casado, Adara? —Perguntou com voz dura e com uma expressão que ela nunca tinha visto nele.

Ela olhou para a porta do quarto onde o filho dormia. A muito poucos passos do quarto dela. Queria afastar-se, porque a presença do Bashah a contrariava, e também porque uma parte muito íntima estava particularmente alegre por ver o físico do rei. À volta não havia guardas. Estavam todos colocados em lugar estrategicamente discretos para não verem nem ouvirem. Pagavam-lhes para isso.

—Não te diz respeito se ando a jogar às casinhas ou se saio para andar a cavalo —respondeu altiva.— As tuas perguntas estão fora de lugar.

—Enganas-te —disse ao aproximar-se.

Adara esquivou-o e começou a afastar-se. A última coisa que queria era enfrentá-lo. Por acaso era pecado querer estar sozinha ou conversar com um velho amigo? Meu Deus!

Quando passou pela porta aberta do quarto do Bashah, uma mão firme agarrou-a e pô-la dentro sem lhe dar tempo para mover-se. O som firme da porta informou-a que estava fechada no mesmo espaço que um rei furioso sem explicação.

—Deixa-me sair —exigiu ao olhar para ele. Ele tinha todo o peso do corpo apoiado contra a porta. Um pé apoiado no material de madeira grossa e outro no tapete.— Agora mesmo!

—Não até que me dê uma explicação.

Adara levantou os braços e depois deixou-os cair num gesto de impaciência. Afastou-se, embora não tivesse nenhum sítio por onde escapar. Caminhou até ficar perto de um pequeno banco no centro do quarto. Onde estava conseguia ver um pequeno espaço contíguo, de onde fumegava a água de um jacuzzi rodeado por bonitas plantas e paredes de mosaico.

—Estou à espera —insistiu o rei ao olhar para ela de cima a baixo.

—Não tenho nada para te dizer.

—As medidas de segurança ativaram-se quando pensei ter visto um intruso. Pedi a um dos meus melhores homens para fazer uma ronda adicional. E o que é que encontro? Que a mulher que deve respeitar-se por ser a mãe do meu único filho, um filho que ainda não foi apresentado oficialmente aos súbditos, está a seduzir o chefe da equipa de segurança.

Adara aproximou-se dele com as mãos fechadas numa atitude ameaçadora.

—Não te atrevas a insultar-me dessa forma, Bashah Al-Muhabitti! Sempre que pudeste fizeste-me a vida num inferno. Por causa da tua arrogância fiquei grávida aos 18 anos. Por causa do teu egocentrismo estive a ponto de morrer com essa maldita revolta que roubou a vida à minha melhor amiga do deserto —gritou sem se dar conta que as lágrimas caíam cara abaixo— e agora, que tento ter um pouco de paz sozinha, atreves-te a acusar-me de tentar seduzir um homem que trabalha para ti.

Bashah apertava os dentes e respirava com dificuldade, tentando conter a raiva por a ter visto coquetear com outro à frente dele. Porque pareceu-lhe ver uma cena idêntica à da Moesha com outro homem.

—Adara... —advertiu.

Ela ignorou-o.

—Mas nada disso é suficiente para ti! —Exclamou fora de si. O cabelo estava meio despenteado. As bochechas vermelhas e a respiração agitada.— Ameaçaste deixar o meu bom nome na lama, na Inglaterra, se não viesse a Azhat com o meu filho *O meu filho*. E aqui estou, para quê? Para que tragas a tua ex-mulher a dar passeios de reconhecimento pelo palácio e para que olhe para o Samir como se fosse um macaco no circo? Porque é ela a mulher que têm em consideração para que voltes a casar-te? A mesma mulher por quem me rompestes o coração em mil pedaços? — Empurrou-o com todas as suas forças.— Mas o que é que te passa?

Ele afastou-se da porta e agarrou-a pelos pulsos com os seus dedos grossos e elegantes. Tinha as mãos grandes e levemente calosas. Isto dava cabo da preparação que os três príncipes tiveram. Não só no âmbito intelectual, mas também em treinos de campo e trabalhos duros que, numa tentativa de forjar o seu carácter, tinha sido obrigado a fazer por ordem do falecido Rei Zahír.

—Isto é o que me está a passar —rugiu antes de apertá-la ao corpo e capturar a boca dela.

Ela empurrou-a para o afastar, mas foi impossível. Uma parte dela queria afastá-lo e outra tê-lo o mais perto possível. Manteve as mãos nos braços musculados e sentiu os dedos arderem ao tocarem a pele quente.

—Deixa-me... imbecil! —Protestou, mordendo-lhe com força o lábio inferior até que sentiu o sabor metálico do sangue. Bashah começou a suavizar a forma como a beijava. Contornando a boca com a língua, sugando com a intensidade precisa.— Não... magoaste-me... humilhaste-me —gemeu subjugada.

—Desculpa, Adara... —disse ao apoiar a testa na dela. Ele agarrou o rosto dela entre as mãos e enterrou os dedos nos cabelos loiros.— Desculpa, lamento tanto que nem podes imaginar... tive de fazer isso, embora fosse o que menos queria... Tive de fazê-lo... — enxugou-lhe as lágrimas com os dedos polegares— por favor, não chores.

Ela bateu-lhe sem força no peito.

—Deambulei pelas ruas de Londres por sítios horríveis para poder sobreviver. Se não tivesse sido pelo Stephan...

—Não quero ouvir falar de outros homens que passaram pela tua cama. Odeio a ideia —disse firme.

Adara afastou-se, abraçando-se a si mesma. Olhou para o horizonte. Aquele horizonte cheio de um manto de estrelas à meia noite.

—Não tiveste amantes suficientes depois do teu casamento? — Perguntou ressentida.— Não consumaste o casamento com a Moesha com o objetivo de procriar? Bashah, que direito tens tu de recriminar os meus possíveis amantes?

—Nenhum... —respondeu ao olhar para o lindo perfil dela. Mesmo assim...—apertou a ponte do nariz com o dedo índice e pulgar durante uns segundos.— Talvez porque fui o teu primeiro amante. Porque agora sei que és a mãe do meu filho...

Ela olhou diretamente naqueles olhos pretos profundos.

—O Stephan e eu tivemos um casamento sem condimento sexual —expressou em voz baixa. Se não fosse pelo silêncio da noite, ele não teria ouvido—. Ele foi o amigo que precisava naquele momento. Pedi-me em casamento em troca de acompanhá-lo a eventos e a estar com ele durante os seus últimos anos de vida. Eu obtia uma soma de dinheiro considerável para manter o Samir, e o meu filho estava protegido pelo apelido dele. Não ia ser um bastardo —sussurrou com a voz trêmula.— Deu-me uma casa, um abrigo e a sua amizade. Esteve ao meu lado a apoiar-me como devia ter feito o homem que deixou uma semente no meu ventre... Recusou que o Sam o chamasse de pai. Falava-lhe de ti. O que dizes disto, Bashah? O que se diz disto? —Perguntou novamente.

Essa revelação foi como uma bofetada para o Bashah. A magnitude do que tinha feito à Adara não tinha nome. Sentia-se como uma larva. Devia ter-lhe confessado a verdade há oito anos. Falar-lhe sobre o seu casamento iminente. E deixar o facto da falsa

virgindade entregue tal como estava. Mas foi egoísta e como a desejava de forma tão intensa, sacrificou a amizade, a confiança e as lembranças com ela por uma noite de paixão.

—Não tinha ideia... eu...

—O Oscar é um amigo. Cortejou-me durante um ano. Comecei a tentar refazer a minha vida social, porque o Sam está mais crescido. Então chegaste tu para dar cabo de tudo. Por acaso não te cansas de devastar a minha vida? E depois ousas acusar-me de coquetear com o Raffiq.

Ele olhou para ela durante um longo momento.

—Dizes o nome dele... Porquê?

—Esse homem —apontou para a porta como se assim pudesse personificar a figura do amigo— que trabalha para ti foi quem salvou o teu filho, Bashah. Na tarde depois de estarmos juntos, ele tirou-me da praça. Arranjou os documentos para mim. Pôs-me no último avião comercial com rumo a Londres. Deu-me uma vida nova. Esse homem merece o teu respeito.

—Desde que voltei a ver-te não consigo deixar de pensar em ti — murmurou enquanto caminhava na direção dela. Sem perder o contato visual em nenhum momento.— Nenhuma mulher, nenhuma, pôde ocupar o lugar que deixaste. O meu casamento com a Moesha foi um acordo político.

Ela riu-se.

—Não me digas, esta é a tua nova linha de desculpas?

—Mereço que me digas isso... Mereço que me desprezes, não tenho como defender a minha culpa. Fui egoísta e magoei-te de uma forma imperdoável.

—Uma aceitação interessante —disse irónica, enquanto o vento que entrava pela janela refrescava o quarto.

—E não tinhas de aliviar a minha angustia neandertal de pensar em ti com outros. Porque não houve outros, pois não?

—De tudo o que te disse só chegas a essa conclusão? —
Indagou ao revirar os olhos.

—Não. Devo muito ao Stephan Lancaster por ter cuidado de ti e do meu filho. Por alentar no Samir a curiosidade e o interesse pelo seu pai biológico, pelo seu país... Obrigado por falares ao Stephan sobre mim. Se não tivesse sido assim, o nosso filho não saberia tudo o que sabe agora sobre Azhat.

—Como é que não ia falar do homem que me ridicularizou em frente de um grupo de anciões anacrónicos numa noite que achei mágica, mas que terminou por ser um autêntico pesadelo ao acordar?

—Adara...

—Diz-me de uma vez por todas o que queres de mim! Não posso passar os próximos dias inquieta com a possibilidade de me encurralares num corredor e me faças perder a cabeça. Não posso estar perto de ti e do Samir para que me trates como um simples embaixador da boa vontade. Com indiferença e altivez.

—É isso que achas que faço?

—Não pode ser outra coisa. Sei que só sou um meio para chegar a um fim. E esse fim é criar para ti um espaço no coração do Samir. Mas as crianças não são assim tão fáceis de convencer. Precisam de presença, estás disposto a dar-lhe isso? Não quero que magoes o Sam. Ele está entusiasmado contigo. E eu não posso deixar a minha empresa e os meus empregados de lado porque de repente apareceste na vida do Samir.

—Talvez seja melhor irmos passo a passo, Adara. Reconheço que te magoei. E, sinceramente, peço-te desculpas —disse com um tom conciliador à medida que a tensão da discussão ia acalmando aos poucos e poucos. Esticou a mão para acariciar a face com receio de afastar... não o fez—. Pelo menos podes tentar que os próximos dias sejam menos pesados?

—E depois...?

—Vamos vendo.

—Só vou estar aqui mais dez dias, Bashah.

—Gostava que confiasses em mim de novo.

—Isso não é algo que se peça e se tenha. Ganha-se.

—Eu sei. Por isso, deixa-me tentar. Vamos ser amigos de novo... Como nos velhos tempos. Embora nada volte a ser igual, podemos recomeçar desde aqui.

—Não quero que o Sam sofra de maneira nenhuma. É o melhor que tenho no mundo e estou disposta a matar se alguém lhe fizer mal. Entendes?

Um sorriso apareceu no rosto viril de Bashah.

—A tua paixão está em cada aspeto da tua vida —colocou-lhe um pouco de cabelo detrás da orelha— e será impossível continuar a fingir indiferença e altivez —comentou ao repetir as palavras ditas anteriormente pela Adara— quando a tensão sexual entre nós continua a crescer.

—Não tenho solução para isso... Além disso, vais casar-te com a Moesha... outra vez...

Bashah olhou para ela com intensidade.

—Podem oferecer-me reinos, mas nunca mais voltaria a casar com essa mulher. Isto tem a ver com um assunto com o irmão dela, o Hassam. Estamos a tentar conter problemas, Adara. Amanhã à noite, durante o jantar em homenagem ao Samir, vou vê-la. —Ela fez uma careta.— É um número político para calar o ânimo conflituoso do Rei de Ushuath e preservar a paz em Azhat. Não queremos outra revolta. A Moesha causou demasiados problemas enquanto viveu aqui... mas não quero falar sobre ela. —Adara encolheu os ombros como se lhe fosse indiferente, mas não era assim.— Com respeito ao Raffiq, agora que entendo o que significa realmente para ti, vou dar-lhe uma recompensa adicional por ter salvado a ti e ao meu filho não nascido nessa altura —ela assentiu, murmurando um «obrigado».— Agora quero falar sobre nós.

—Não existe um... —Bashah silenciou-a, colocando os dedos nos lábios.— O quê?

Ele esticou uma mão para agarrar na mão dela.

—O desejo que sinto por ti dá comigo em maluco. A lembrança do sabor dos teus beijos consome-me a todas as horas. Não consigo concentrar-me se não te tenho nos meus braços... Consegues entender isso?

Ela olhou-o indecisa, mordendo o lábio inferior, e voltou a olhar para ele decidida. Não queria voltar a enganar-se. Ele tinha-lhe pedido desculpas... e embora não fosse suficiente para apagar a dor de todos esses anos... O corpo dela desejava-o. Já não era a moça com ilusões que se tinha apaixonado por um homem impossível. Podia viver uma aventura durante o tempo que estivesse em Azhat. Podia separar as emoções do desejo? Ela achava que sim.

Adara apertou a mão do Bashah.

—O que quer que seja que isto implique só pode durar o tempo que eu estiver aqui. Não quero falsas promessas. Se tens de escolher uma esposa, então fá-lo quando eu já não estiver aqui. A segurança emocional do Sam é fundamental para mim—Temia que o Bashah se cortasse. Não era um homem de ultimatoss, mas ela não tinha nada a perder, salvo a forma de ter prazer sexual que sabia que o Bashah podia proporcionar-lhe. Nenhuma mulher com quem te cases deve estar perto do meu filho sem a minha supervisão. Estas são as minhas condições.

—Se o meu destino fosse diferente, Adara, nunca te teria deixado ir embora como o fiz... Teria ido à tua procura e teria tentado que uma relação entre nós funcionasse. Éramos jovens... imaturos... Não posso oferecer amor, porque por cima das minhas emoções está o meu dever. Pelo menos nesse aspeto não teremos problemas.

Ela suspirou. Era o mais próximo ao apreço sincero que lhe tinha mostrado o homem que um dia foi seu amigo. O seu primeiro amor, amante e confidente.

—De qualquer forma, ninguém neste palácio teria permitido. — Apontou para ela mesma.— É impossível que a minha herança seja compatível com as que se espera das casas reais que tentam alinhar-se por riqueza e também por política. O teu destino e o meu estavam marcados. E continuam a estar —expressou com um cinismo realista muito pouco habitual nela. Talvez fosse o momento de tirar a venda da fantasia, o resquício do ressentimento e abraçar a vida tal como se apresentava, pensou.— Isto é o que há...

Ele não podia refutar. Adara tinha razão. Os destinos deles eram diferentes e o povo nunca aceitaria uma rainha que tivesse sido criada num harém... Contudo, este raciocínio não impediu que as palavras da Adara lhe batessem como um balde de água fria. Bashah notou que nem na expressão do rosto nem na determinada voz doce havia restos da moça inquieta, curiosa e do riso com quem cresceu. Perguntava-se quanto de culpa teria ele nisso...

—Discutir sobre o passado não vai mudar nada e, menos ainda, as circunstâncias do meu nascimento. Contudo, sei que posso tentar fazer com que esta química que existe apague de alguma maneira a dor que te causei no passado.

—O sexo não consegue isso...

—Tenho as minhas condições —respondeu em troca.

Ela olhou para ele com suspicácia.

—Se quiseres tentar a sorte...

Bashah sorriu ao sentir como a tensão começava a dissolver-se. A marca dela nunca desapareceria, mas pelo menos podia diminuir o ressentimento e a dor. Era uma trégua que ambos precisavam.

—Gosto dos riscos calculados. Neste caso —disse ao inclinar-se para ela— não quero que estejas com mais nenhum homem. Só te quero para mim. Quando e onde for. Não, não protestes. A ideia dá para os dois. —Adara riu-se. Foi como um ar fresco para a consciência arrependida do Bashah em relação ao passado.— O que achas?

Uma voz interior gritava à Adara para ter cuidado. Mas já chegava tarde, porque já tinha tomado uma decisão.

Com os braços rodeou-lhe o pescoço, aproximando-o dela.

—Acho que devíamos começar já... —murmurou com um tom de gozo contra os lábios do homem que um dia amou.

Com uma gargalhada, ele abraçou-a.

CAPÍTULO 12

Ela alegrou-se por sentir a dureza do corpo forte do Bashah contra o dela quando a pegou ao colo. Agarrou-se ao pescoço dele para não cair, mas no lugar de deixá-la na cama sentou-a no colo. Pouco a pouco começou a despi-la, e à medida que o fazia beijava a pele que ficava exposta. Quando ela ficou só de cuequinhas e sutiã, ele pediu-lhe para ela se sentar em cima dele.

—És linda —sussurrou ao acariciar-lhe as costas com delicadeza.— As tuas curvas são perfeitas e tentadoras. Deixas-me beijar-te?

—Não sei porque estás a pedir autorização —expressou com a voz ligeiramente trémula. Sabia que estava húmida e expectante. Mesmo passado tantos anos, o corpo sabia reconhecer o toque de um amante especialista, e o dela respondia ao toque do Bashah.

Ele sorriu.

—Porque desta vez quero fazê-lo bem.

—Vou deixar que faças algo mais do que beijar-me, Bash... — disse ao tratá-lo pela alcinha. O rei sentiu uma alegria inexplicável. — Por isso deixemos de lado as palavras.

Bashah diminuiu os centímetros que separavam a boca dele da de Adara, e beijou-a com fervor. Com a língua acariciou a dela e sentiu o sabor único que a caracterizava. Uma mistura de doçura, desafio e desejo. Para ela foi como se as portas do paraíso se abrissem e começasse a saborear as delícias que ainda estavam no início, porque o sabor erótico dele era viciante, assim como o aroma picante da pele dele que lhe começava a obcecar os sentidos.

Ele beijou-a profunda e apaixonadamente para apropriar-se do sabor dela, embora não se conseguisse saciar. Queria mais. Desejava mais. Ele soltou um grunhido de satisfação masculina, quando conseguiu desfazer-se do sutiã e o atirou para o tapete. Os dois peitos redondos com mamilos requintados apareceram à frente dele. Gloriosos e sedutores. Baixou a cabeça até aos peitos eretos e lambeu-os, enquanto as mãos moldavam o peito.

—Deliciosos —murmurou embelezado.

—Oh, Bashah —gemeu Adara pondo a cabeça para trás, enquanto deixava que se fizesse magia com o seu corpo. O peito estava à altura do rosto do amante.

—Adoro-os—sussurrou ao agarrar um dos seios antes de se aproximar com a boca e brincar com o mamilo. Depois sugou, primeiro devagarinho, depois com mais força.

—Mais... —gemeu, enterrando as unhas nos braços fortes de pele morena. Uma pele ardente e deliciosa que ela queria saborear o resto da noite.

Quando o rei prestou atenção ao outro peito, Adara achou que ia ter um orgasmo nesse mesmo momento. Nenhuma imagem podia ser tão erótica como o mero facto de contemplar o Bashah a enlouquecê-la com os dentes, dedos e língua. Sentiu como os pelos da barba do Bashah, perfeitamente cortada, lhe percorriam a parte inferior do peito ao mesmo tempo que lhe beijava os contornos e lambia os mamilos até que sentiu uma dor agradável por estarem tão tensos. Puxou-os como se estivesse a alimentar-se, moldando-os com a língua.

—Quero que estejas louca de desejo e que o meu nome seja a única coisa que pronuncies e te lembres —expressou com um inegável tom possessivo na sua voz rouca.

Não foi em vão que a Adara se criou entre mulheres especialistas em dar prazer. Saindo da deliciosa névoa de prazer, antes do Bashah deslizar a mão para dentro das cuequinhas e tocar o sexo húmido dela, ela antecipou-se. Com esforço, agarrou no rosto

do rei com um sorriso, antes de lhe dar um beijo com dureza e intensidade, que ele recebeu com fome e sorveu a língua feminina profundamente. Ela percorreu com os dedos a pele morena, e depois com as unhas. Apalpou todos os músculos dos antebraços, braços e depois apoiou-se nos peitorais. Com um sorriso e sem deixar de o beijar, fez força para a frente e ambos caíram no colchão.

—Bruxinha —sussurrou ele, antes da Adara agarrar no membro dele e apertá-lo com vontade.

—Quero dar-te prazer antes de que me dêes a mim.

—Não é assim como...

—Siiihhh —interrompeu-o antes de deslizar com muita felicidade os bóxeres do Bashah, deixando que o membro comprido e grosso vibrasse em liberdade.— És magnífico —disse com admiração.

Ele deixou escapar um grunhido e olhou para ela com intensidade antes de esticar as mãos e apertar os mamilos da Adara. Ela sabia o que ele queria, inclinou-se e esfregou o peito no Bashah, sentindo como o pelo dos peitorais lhe acariciavam os contornos. Mordeu-lhe o lábio inferior e piscou-lhe o olho. Começou a descer, beijando os abdominais esculpidos, enquanto que a mão acariciava com lentidão o membro de cima a baixo e vice-versa.

Bashah sentia-se subjugado. Os olhos azuis brilhavam com um inconfundível toque de sensualidade e erotismo. Excitou-se só por a ver em cima dele, dominando-o. O modo em que os generosos peitos se moviam e o cabelo levemente despenteado davam-lhe um aspeto decadente. O que mais desejava era agarrá-la pela cintura, pô-la debaixo dele e penetrar a carne suave.

Conteve-se. Fez um grande esforço. Desejava que a noite fosse diferente. Ambos iam ter prazer... Mas queria que a Adara o saboreasse como tinha fantasiado há tantos anos. Demasiados... Apoiou-se nos cotovelos para conseguir ver a magia que ela fazia no seu membro.

—Adara... —pronunciou com agônico prazer quando sentiu os lábios carnosos rodearem a ponta roma do seu membro e lambê-lo como se fosse a sandes mais requintada que tinha provado. Meu Deus, que visão erótica! Ela ainda tinha as cuequinhas postas, mas ele já estava todo nu.— Ainda tens muita roupa —sussurrou.

Ela riu-se suavemente, chupando o membro do Bashah até que o ouviu gemer.

—Eu sei, mas esse é um problema que tens de resolver depois —respondeu com um sorriso antes de colocar a mão esquerda debaixo do membro, agarrar decidida os testículos, acariciando-os, enquanto a boca fazia maravilhas, e a mão livre arranhava com ganas o torso.

Deslizou a língua à volta da glande quente e lambeu uma gota da pura essência com deleite. Bebeu tudo o que conseguiu. Chupou-o com força, acariciando a veia sensível que tendia por debaixo da cabeça do membro.

—Meu Deus... Adara... —ofegou com total abandono caindo no colchão, segundos antes do membro ter fluido a sua essência na boca da Adara. Ela não parou de o acariciar até que ele terminou.

Ele tinha os olhos fechados e sentiu como a boca da Adara começava a percorrer o caminho ascendente. Passando pelas virilhas, subindo pelas costas, peitorais, ombros até chegar à boca para convidá-lo a provar-se a si próprio. Bashah recebeu-a com deleite, beijando-a com vontade.

—Acho que gostaste... —murmurou ela a rir-se.

—Quantos homem gozaram das tuas artes, Adara?

Ela parou em seco e Bashah maldisse abrindo os olhos. Como se tivesse regressado de uma viagem longa e benevolente.

—Isto...

—Esquece, Bashah.

—Não —respondeu a retê-la pelos pulsos, quando ela quis afastar-se— embora a ideia de teres tido relações com...

—Não houve mais ninguém desde aquela vez no deserto — murmurou. Teria gostado de estar calada, mas não fazia sentido.— Como te disse, a minha relação com o Stephan não era mais do que uma amizade carregada de carinho e interesse mutuo. E quando comecei a sair com o Oscar...

—Apareci oportunamente —disse com uma satisfação masculina impossível de ocultar, e que conseguiu que a Adara revirasse os olhos.

Ela não conseguiu evitar esboçar um meio sorriso. Foi nesse momento que o Bashah aproveitou para agarrar numa pontinha das cuequinhas pretas e arrancá-las com uma precisão que a surpreendeu.

—Preciso de estar dentro de ti —sussurrou puxando-a para a pôr debaixo dele.— Consegues entender isso?

Adara assentiu.

—Devia perguntar-te quantas mulheres ocuparam a tua cama durante estes anos...

—Ias sentir-te melhor? —perguntou deslizando uma mão por debaixo da anca da Adara, deixando-a em cima da nádega. Aproximou-a mais do seu corpo e ela foi consciente da ereção.

Ela sentiu o pelo das pernas firmes e viris dele roçarem com as dela. O ritmo da respiração acelerou-se. Bashah encostou o sexo contra a anca dela com segundas intenções. À espera de uma resposta.

—Não...

—Então, deixemos que as terceiras pessoas fiquem onde devem estar esta e todas as noite em que estivermos juntos, Adara: fora da cama.

—Eu... —Com o olhar ele fez amor com ela. Percorrendo cada ponto do corpo dela, enquanto a mão quente se movia depois da nádega e encostava o sexo contra as ancas. Meu Deus, este homem era uma verdadeira obra de masculinidade. Não se cansava de olhar

para ele. Nunca se ia esquecer dos beijos dele nem da forma como ele entrava nela... E menos ainda se não fosse um, mas sim vários... vários momentos de encontros apaixonados. Um arrepio percorreu-a.

—Para de pensar, beleza —expressou como se lhe tivesse lido o pensamento.

Ela perdeu-se nos olhos escuros e viu inclinar-se para o seu peito. Começou a lambê-los com suavidade, movendo-se em círculos concêntricos com a língua especialista. Chegou ao mamilo e meteu-o na boca, chupou-o enquanto a sentia tremer de prazer e arquear as costas. Repetiu a mesma carícia no outro peito, sem parar de balançar-se contra ela.

—Bash...

«Proteção. Demónios... não tinha proteção.»

—Não tenho...

Agitada, suada como ele, agarrou-lhe no queixo.

—Eu tomo a pílula.

—Acho que não quero saber porquê.

Ela sorriu.

—Imagina, mas dissemos que íamos deixar as terceiras pessoas fora da cama, não foi?

Ele não respondeu. Inclinou-se para a beijar antes de abrir caminho pelas pregas húmidas e empurrar com um só movimento até ao mais profundo do seu ser. Conquistando esse caminho que apenas ele tinha traçado. Silenciou o grito da Adara com a boca e empurrou de novo, possuindo-a, enquanto que com cada investida ela respondia com gemidos e as ancas iam ao encontro dele.

Os corpos chocavam numa cadeia silenciosa, que dava tanto prazer como torturava. Dava um gozo enorme, mas também ferrava a pele. Cada movimento era mais forte, cada gemido mais intenso e mais agónico. As penetrações deixavam-na a tremer, quando ele se

retirava ela só desejava que o membro duro e quente voltasse a entrar nela. O tormento do desejo a ponto de chegar ao seu ponto máxima era maravilhoso e fazia-os querer chegar mais longe.

—És deliciosa... —gemeu antes de enterrar o rosto no pescoço feminino, aspirando o cheiro dela e lambendo a delicada orelha.— Dás comigo em maluco...

Esta foi a última declaração do Bashah antes de penetrar pela última vez o corpo da Adara com uma longa e potente investida. Ela sentiu-se tão preenchida por ele, que bastou com que os dedos dele acariciassem a humidade que tapava o clítoris para explodir num grito, ao mesmo tempo que ele tomava conta do corredor íntimo.

—Bash...

As paredes da Adara sugaram o membro do Bashah e no instante em que ela se arqueou a penetração foi mais profunda, e quando o orgasmo arrasou os sentidos de Bashah ele deu um gemido gutural Foi tudo tão intenso, que pensou que estava em queda livre... E o único paraquedas era o prazer.

—Adara...

Passaram-se vários segundos sem dizer nada.

A forma como tinham tido sexo não era habitual nos outros casais. Ambos sabiam isso. Não tinha a ver com a posição ou com o número de orgasmos. Neste caso, o que superava toda a lógica, era a química e o modo de entender as necessidades do outro.

Bashah tentou recuperar o fôlego. Agora entendia porque tinha sido impossível esquecer o corpo da Adara, a maneira como vibrava quando estava dentro daquele corpo delicioso que o perseguiu sempre que teve sexo com outra mulher, também entendia porque tinha sido inútil tentar esquecer a sensualidade com que ela aprendeu a fazer amor. Ela tinha sido dele, e uma voz primitiva dizia-lhe que continuava a sê-lo. Que não houve mais ninguém depois dele.

—Bash...? —Perguntou a voz suave e insegura ao seu lado.

Ele virou-se com um sorriso e apoiou de lado o corpo nu indolente. Apoiou a cabeça na palma da mão esquerda.

—És linda. Muito bonita, Adara. E com o tempo ainda ficaste mais bonita —expressou com sinceridade.— Não tens cicatriz —disse ao esticar os dedos livres para acariciar o ventre plano de Adara.— O teu corpo ainda é mais sensual.

Ela olhou para ele durante uns segundos para voltar a falar.

—Foi um parto natural —sussurrou comovida pela suavidade que emanava o olhar escuro. Sentia que voltavam a ser, por uns instantes, os mesmos jovens que se encontravam às escondidas num lugar do palácio de madrugada.— Estive cinco horas com contrações.

Ele apertou os dedos inconscientemente e ela tapou-os com a mão.

—Devias ter-me dito... Devia estar ali para ti —expressou com remorsos.

—Bash, estavas casado. Não fazia sentido mexer no que tinha deixado para trás... Pensei que de certeza já tinhas um herdeiro a caminho e que não ias querer um filho nascido em circunstâncias pouco convencionais —disse sem remorsos.— Entendes?

A mão masculina desceu até chegar à púbis. Acariciou os encaracolados pelos dourados escondidos no centro das suas fantasias. Ela fechou os olhos e sentiu os dedos a avançarem e pousarem-se no clítoris.

—Bash...

—Sim? —Indagou distraído na humidade da Adara.

Com o pulgar tocou no clítoris e introduziu o dedo do meio no suave canal. A mão ficou presa no meio das pernas. Ela suspirou e sentiu magia no corpo. Adara sentiu que o corpo começava a abrir-se para ele, como se já soubesse que bastavam as caricias daquele homem para ter prazer. E assim era.

—Olha para mim, Adara —sussurrou. Ela olhou. Encontrou-se com o olhar negro impregnado de um fogo que cozia a fogo lento, um fogo que tinha aprendido a controlar e acabar com tudo o que desejava. Um fogo capaz de derreter vontades... como a dela.— Assim —continuou a acariciar o clítoris e, desta vez, penetrou-a com dois dedos como se fosse o seu membro, entrando e saindo, humedecendo-a e lubrificando-a— sim, sente a paixão a percorrer as tuas veias... assim...

—Oh, Bash... —gemeu pondo a cabeça para trás, ele não parava de acariciá-la ao mesmo tempo que se inclinava para chupar o mamilo ereto que tinha perto—. Meu Deus...

Com um sorriso no rosto, plácida e saciada, Adara pouco a pouco voltou a centrar o olhar no homem que tinha ao lado.

—Gosto de ter ver a ter um orgasmo. —A mão da Adara subiu pelo perna do Bashah e chegou até à virilha. Não se surpreendeu ver como o membro masculino voltava a estar ereto. Ele agarrou-lhe na mão com firme suavidade.— Ainda não.

Ela fez um pucheiro e o Bashah inclinou-se para beijá-la.

—Conta-me coisas sobre o Samir...

—Bashah, acho que não...

—É meu filho. Perdi anos da vida dele, pelo menos conta-me alguma coisa. Como faziam os berberes para manterem as lendas.

—Posso-te enviar fotografias e vídeos.

Ele negou.

—Não é suficiente, Adara.

—Parece-te que este é o melhor momento?

—Estamos juntos. Fizemos amor apaixonadamente, eu desejo-te —apontou para ele mesmo e ela sorriu perante a evidente ereção — como é notório. A verdade é que quero aproveitar esta trégua e saber mais sobre a vida do Samir e da tua.

—Porque tens medo que amanhã nos chateemos e te mande passear?

Ele sorriu.

—Já encontrei uma maneira de fazer-te mudar de opinião quando te chateares —murmurou ao inclinar-se para a beijar profundamente.— Então, falas-me sobre ele?

Era um dos seus temas favoritos, sem dúvida.

—Samir é um menino que nasceu um pouco prematuro. Adiantou-se três semanas. O parto foi induzido, não houve necessidade de fazer uma cesariana. Foi um bebé saudável, mas não me deixava dormir, não era grande dorminhoco. Não era só isso, era que...

Estiveram a conversar durante muito tempo.

Adara contou-lhe com todos os pormenores todas as desavenças que viveu, como também os momentos de alegria como mãe e no plano profissional quando obteve o diploma da universidade. Bashah ouvia atento sem interromper.

Sem se darem conta, começou a amanhecer e Adara percebeu que ele mal tinha contado alguma coisa sobre a sua vida durante esses anos. Torceu o nariz.

—Já não temos de nos esconder para falar —disse o Bashah mais calmo ao ouvir que o filho tinha sido criado com amor e respeito. Que a vida do Samir tinha conhecimentos da cultura da Azhat. Que a Adara lhe tinha ensinado a falar azhuala, o idioma do reino. E que Stephan tinha sido o homem a quem devia o facto do filho saber da sua existência. Ia encarregar-se para que nunca faltassem flores na sua tumba.

—Bashah, ninguém tem de saber nada sobre os nossos encontros. De facto, não quero que saibam, espero que respeites isso. Eu sou uma moça do harém. Não quero converter-me numa mulher etiquetada para sempre como «a amante do rei».

Ele soltou um grunhido de desaprovação.

—Não fales dessa maneira! Sou o rei —disse com autoridade como se isso explicasse tudo.— Não penso esconder-me pelos cantos para fazer amor contigo quando tiver vontade. —Ela riu-se.— Porque te ris?

—Não estou a ter sexo com um rei, só com o homem que há por trás do título, e preferia manter as coisas dessa maneira —expressou subindo para o colo dele.— Não quero criar falatórios nem más intenções que possam prejudicar o Samir.

—Ninguém se atreverá a falar do meu filho ou de ti —declarou.

Ela sorriu. Gostava do tom possessivo e protetor, mas sabia que não tinham nada a ver com sentimentos de prazer alheios ao prazer. Pelo menos no caso dele. Em relação ao Samir, tinha a certeza que o Bashah amava o filho. Reconhecia isso pela maneira como o cuidava quando saiam para conhecer a cidade, quando lhe explicava com paciência temas que Sam não conseguia entender porque não era nativo de Azhat, mas principalmente pelo sorriso e olhar que Bashah tinha quando observava o primogénito.

—Enquanto estiveres presente provavelmente contêm-se, mas as traições? As pessoas que não seguem a ideia de serem leais ao rei? Falarão e em algum momento vão trazer problemas.

—Adara...

— Não discutas. Desta vez, será à minha maneira... *majestade* —sussurrou com um tom de gozo sensual antes de começar a deslizar-se sobre o ereto membro e mostrar-lhe exatamente ao que se referia.

CAPÍTULO 13

Quase ao amanhecer, Adara saiu sigilosamente do quarto onde tinha gozado de uma sensualidade que ainda vibrava em cada poro seu. Com as sandálias na mão caminhou para o quarto. Não reparou que o Najib aproximava-se das dependências reais, tal como era costume dele, para iniciar o dia dando pormenores ao Rei. Era o único membro da política que tinha, devido ao cargo que exercia, o privilégio de poder entrar na zona privada do Rei.

Quando a Adara desapareceu da visão do ancião, este torceu o nariz. Aos anos que trabalhava no palácio e nunca teve problemas por falta de concentração de um líder. Não podia permitir que esta moça de moral duvidosa, por mais que fosse mãe do herdeiro de Bashah, distraísse o Rei das suas obrigações iminentes.

Com o rosto sério e com a mente a trabalhar, Najib dirigiu-se ao quarto real. Tinha de encontrar o quanto antes uma esposa para convertê-la em rainha. Azhat era um país de tradições. Bashah devia pensar mais nisso do que nas suas ideias modernas. Tentou não se mostrar preocupado e bateu à porta do Rei. Este demorou alguns minutos a responder-lhe.

—Bom dia, Majestade.

—Najib —respondeu numa saída de cama, o que o fez parecer mais perigoso e despiedado.— Porque não me chamaste antes de vir?

—Todas as manhãs temos...

—De agora em diante as coisas vão mudar. —Najib manteve a boca fechada, mas isso não significava que tivesse gostado. Ele não ia permitir que um jovem cheio de poder e testosterona arruinasse o

seu país.— Quando quiseres falar comigo, telefonas-me. À hora que for. Não quero ver-te deambular por aqui até que nos reunamos no meu escritório no outro andar. Está claro?

—Mas...

—Está claro? —Insistiu incomodado, não só pela intromissão, mas pelo facto de ter acordado à procura do calor da Adara e não o ter encontrado. Por um momento teve receio que tudo tivesse sido uma fantasia sua, mas o cheiro tão doce que ela deixou impregnado nos lençóis era real... Tal como a sensação que tinha da marca das unhas dela nas costas.— Acho que antes te permitia demasiadas liberdades, porque o meu pai te apreciava, e eu também, mas acho que é o momento de estabelecer limites.

O homem ficou com os nervos tensos. Nunca ninguém se tinha atrevido a falar-lhe naquele modo mordaz, desprezando a sua entrega ao país.

—Sou seu assessor e secretário. O meu dever é...

—Eu decido qual é o teu dever e o dos outros, entendido, Najib?

—Sim, Majestade —respondeu.— Tenho preparada a sua agenda e a de Sua Excelência Samir, aguardo por si no escritório principal para começar a trabalhar.

Bashah assentiu e fechou a porta.

Foi com um sorriso de satisfação sexual e com um assobio matinal nada habitual que o Bashah foi tomar banho. Tinha feito várias vezes amor com a Adara, em diferentes posições e intensidades. Só de se lembrar excitava-se. Podia aliviar-se com a mão, contudo preferia guardar o desejo para quando estivesse com ela. Assim era a única maneira em que pensava livrar-se de toda a ardência da lembrança da pele de seda dela.

—Mãe, eu não gosto deste fato, pareço uma menina — resmungou o Samir, enquanto a mãe e a Kalima o ajudavam a vestir-se.

Vestiram-lhe uma túnica muito elegante no preto habitual e debaixo tinha um fato à medida de um estilista ocidental. Tinha uma kufiyya branca com bordes cinzentos e bordada com pequenos diamantes, para além do cordão triplo que significava a sua posição na família real: príncipe e herdeiro. Seria assim que o reconheceriam publicamente.

Apesar da Adara não ser a esposa de Bashah, se o rei reconhecia o filho perante a sociedade, ninguém ia contrariar a sua decisão. Desta forma, o príncipe designado como herdeiro não seria questionado sobre a sua origem e podia converter-se em rei tal como uma menino que nascesse dentro do casamento.

Adara agachou-se em frente do filho.

—Samir, tens de ser educado e mostrar-te orgulhoso por vestir esta roupa. É a roupa que usam os príncipes e a família real de Azhat.

—Então, eu sou um príncipe de verdade? —Perguntou com um sorriso.

Ela assentiu.

—Claro. O teu pai, Bashah, é o Rei e isso converte-te em príncipe. Por isso, debes comportar-te bem esta noite, o teu povo deve sentir-se orgulhoso de ti. De acordo?

—Tu não levas um destes. És a minha mãe.

«Ah, meu querido Samir», pensou com doçura.

—Eu não faço parte da família real —acariciou-lhe o nariz com o dedo.— Mas tu sim, e hoje é uma ocasião especial para celebrar a tua existência. Lembra-te que esta noite é muito importante para o teu pai.

Adara tinha um vestido vermelho de seda com pedras preciosas na cintura, que acentuava a sua silhueta e destacava as

curvas. O corte sereia favorecia-a. O vestido só tinha uma manga com tecido transparente vermelho, que tapava o ombro até ao pulso. A Yosoulah tinha-a maquilhado. A mulher estava contente por ter conhecido o Samir. Passaram uma tarde os dois juntos a falarem sobre as lendas de Tobrath.

—Esta tarde, o meu pai disse-me que tinha de sentar-me ao lado dele...

—Sim, mas eu não posso sentar-me na mesma mesa que tu, meu amor —respondeu a olhar para a mesma cor dos seus olhos azuis iguais aos do menino.— Hoje vamos adaptar-nos ao que nos digam, sem protestar, e vamos sorrir. Como prémio, se te portares bem, levo-te a andar a cavalo no deserto. O que achas?

O olhar de dúvida do Samir iluminou-se.

—Mega fixe, mãe!

Ela riu-se. Sentia-se pletórica pelo filho. Não podia pedir mais. Ainda lhe doíam as pernas devido à intensa forma de fazer amor com o Bashah. Estava ansiosa pela próxima vez.

Bateram à porta quando ela estava a terminar de pôr umas preciosas argolas de safira que a Yosoulah lhe tinha dado. Kalima foi abrir. Com uma profunda reverência, a moça cumprimentou o rei em pessoa.

—Pai! —Gritou o Samir com um sorriso de orelha a orelha. O Rei agarrou-o ao colo e sorriu.— Pareço-me a ti!

—Claro que sim, filho —respondeu a rir-se.

Adara virou-se. Esperava não dizer nada, porque o Bashah estava impressionante. O cheiro dele chegava-lhe até às fossas nasais como um veneno capaz de derreter o que queria. Aquele rosto aristocrático com um olhar pecaminoso cravou-se no dela, antes de delinear um sorriso lento, predador.

—Estás linda —disse Bashah com um assentimento e olhando para ela dos pés à cabeça.— E esse vestido... favorece-te. —O tom de voz de repente ficou grave, contrariou-o a ideia de outros

homens olharem para a Adara do modo sensual como ele estava a fazer naquele momento. Uma estupidez, porque só ia estar com ela nos próximos dias, já que quando pronunciasse os votos de casamento a outra mulher tudo seria levado de uma maneira civilizada.— Não te esqueceste de como realçar os teus olhos azuis.

—Yosoulah gostou muito da nossa sessão de maquilhagem — respondeu sorridente e ignorante os pensamentos que cruzavam a mente masculina.

O rei dirigiu-se a Kalima.

—Tens todas as instruções para a Adara?

A moça assentiu. Nem sempre calhava a uma moça tão jovem encarregar-se de ajudar à amante de um rei e menos estar na presença do líder máximo do país.

—Lamento que esta noite não possas sentar-te ao lado do Samir—disse Bashah ao aproximar-se da Adara. Com uma mão acariciou-lhe o rosto e com a outra agarrava a do filho.— Há muitas reformas para fazer e, entre elas, penso estipular que a mãe dos meus filhos esteja sempre, em todas as ocasiões, na mesma mesa comigo e com eles.

«Filhos», pensou a Adara. Claro, Bashah tinha a obrigação de voltar a casar-se e era impossível que não quisesse ter mais filhos. A verdade é que durante o tempo que o viu com o Samir foi notório que o Bashah tinha jeito para as crianças. Mas esse comentário lembrava-a, sem ter sido feito com essa intenção, que eles apenas tinham encontros sexuais. O melhor é que ela tivesse isso bem presente, que não se esquecesse.

—Não te preocupes, Bash... —olhou para o Samir.— Estás pronto?

—Nós os príncipes estamos sempre prontos, mãe.

A desenvoltura do Samir fez com que os pais se rissem.

Desceram juntos até à ante-sala que dava para o salão principal. Adara ia atrás do rei, ela ia lembrar-lhe que isso precisava

de ser modificado. Kalima ia ser a sua companhia ao longo da noite, caso precisasse de alguma coisa. A mãe do príncipe Samir só achava que ia precisar de muita paciência se entre os convidados estivesse a ex-mulher de Bashah.

Quando chegaram à elegante ante-sala de jade e mármore negra, Adara viu que as portas contíguas se abriam e apareceram Tahír e Amir. A expressão dela iluminou-se. Sem pensar muito bem no que estava a fazer, correu ao encontro dos que tinham sido seus amigos há muitos anos.

—Meu Deus, como estás bonita, Adara! —Exclamou o Tahír com um sorriso que derretia corações em qualquer sítio. Abraçou-a e com um arranhar de garganta de Najib largou-a.

—Mudaste tanto... que alegria ver-te —disse ela, alheia à expressão possessiva do Bashah, mas este não podia fazer nada, porque era o rei e os guardas estavam à espera da ordem para abrir as portas para que a família real completa pudesse dar início à noite.

Amir deu uma cotovelada ao Tahír.

—De certeza que te alegra mais ver a mim, mocinha —expressou o outro irmão ao abraça-la com menos efusividade, mas nem por isso carente de sinceridade. Amir era o mais contido dos três irmãos.

—Claro que sim, Amir —respondeu a Adara sorridente.

Os dois príncipes, embora não tivessem tido demasiado contato com ela devido às viagens que faziam e por estarem proibidos de se relacionarem com as moças do harém, a não ser que fosse por motivos óbvios, foram companheiros de travessuras quando o Rei Zahír lhe permitia estar com eles até que fez 18 anos. Pouco a pouco as circunstâncias foram mudando e afastaram-se. Mas o apreço e o carinho sempre estiveram presentes. Agora comprovava isso.

Adara achava que se os príncipes tivessem estado em Azhat no dia da revolta ou se tivessem sabido o que o irmão planeava

fazer com ela, tinham-o chamado à atenção. Mas nunca poderia comprovar essas hipóteses.

—Apresento-vos o meu filho, Samir. —Chamou o filho e este afastou-se do Bashah para ir ter com ela.— Olha, Samir, estes são os teus tios. Tahír —o príncipe olhou espantado para o menino por ele ser tão parecido com o irmão mais velho, e apertou-lhe a mão alegremente.— E este é o Amir —Samir esticou a mão, e o príncipe sorridente apertou-lha.

—O meu filho é muito parecido comigo, não acham? — Perguntou o Bashah aproximando-se dos irmãos e cumprimentando-os com um abraço.— Obrigado por virem.

—Às ordens do rei —murmurou o Tahír com insolência e a Adara teve de se rir. Bashah fulminou-a com o olhar, mas não por estar chateado... Era algo mais parecido a ciúmes.— Já é tarde — disse Amir— o velho Najib pode matar-nos com os olhos de fúria devido ao atraso.

—É o meu secretário e conselheiro —avisou Bashah.

—Tem um pensamento demasiado obsoleto para o meu gosto —opinou Amir com estoicismo. Virou-se para a Adara— Imagino que não te possas sentar à mesa connosco, mas se precisares de alguma coisa diz-me, Adara.

—OK, obrigada...

—O mesmo digo eu —disse Tahír.

—Se ela precisar de algo diz-me a mim, meus pares de jarras —disse Bashah enfurecido, mas no lugar de preocupar os irmãos fê-los rir.— Deixem-se de palhaçadas porque já está na hora de entrar no salão!

—Majestade, siga-me, por favor —interveio Najib. Atrás havia uma comitiva de 10 guarda-costas para os príncipes. Najib não gostava desse carácter desenfadado que parecia propiciar a amante do rei. Tinha de apressar os planos para conseguir um candidata adequada para o casamento real.— Excelências —expressou com

reverência para os príncipes, incluído Samir, que de repente se puseram solenes.

Adara sorriu-se.

—Encontramo-nos mais tarde —sussurrou o rei ao ouvido da Adara, com discreta sensualidade. Ela tremeu de desejo, mas não respondeu com mais de um sorriso e um piscar de olho de confiança ao filho.

Bashah agarrou na mão do Samir com firmeza e com um assentimento de cabeça os guardas abriram as portas brancas e douradas que davam acesso ao grande salão. As portas deram passagem aos membros da família real e também às especulações sobre a sereia vestida de vermelho que entrou atrás de toda a comitiva real e dos guarda-costas, indo discretamente para uma das mesas contíguas à principal, sentando-se ao lado de uma serviçal do palácio.

No palácio real da família Al-Muhabitti apresentaram-se duzentos convidados. Dignatários de reinos próximos e prominentes amigos de Bashah de vários países europeus. O banquete tinha variedade de carnes, peixe e especiarias. Os aromas deliciosos espalhavam-se pelo salão abrindo o apetite dos mais destacados convidados.

Minutos depois de todos se terem sentado nos seus sítios, chegou a princesa Moesha de braço dado com o irmão Hassam. Apesar dos convidados se mostrarem indiferentes ao atraso dos príncipes do país conflitivo, as mulheres que conheciam a Moesha não deixaram de olhar para ela durante grande parte da noite. Ora olhavam para a mãe do herdeiro de Azhat, ora olhavam para a ex-mulher do rei.

Bashah deu um discurso sincero e pragmático sobre as relações com os outros países. Insistiu em manterem a unidade, a paz e a cooperação para que todos os países do Médio Oriente progressassem na adaptação aos novos desígnios do século em que

viviam. Com um sorriso fez um sinal e um dos serviçais ajudou o pequeno Samir a pôr-se ao lado do pai.

—Para mim é uma verdadeira honra e orgulho apresentar-vos o meu herdeiro, o príncipe Samir. Sangue do meu sangue, com o ADN de séculos incontáveis da história dinástica dos Al-Muhabitti. Brindo por ele, pela sua saúde, longa vida e preparação para que um dia ele também possa reinar e amar este país tanto como eu.

—Viva ao príncipe Samir! Que as estrelas do seu destino marquem o seu bem-estar e a consciência dos seus antepassados deixe marca nas suas sábias decisões —expressou Umman, o especialista em protocolo. Aquela era a resposta que se devia dar naquela noite.

Depois das palavras de Umman, houve aplausos sonoros.

O jantar foi melhor do que se esperava.

Ninguém perguntou sobre o papel da mãe do pequeno príncipe, pois este contava com a aprovação dos tios e do representante máximo das tribos nómadas do deserto, os berberes, assim como de todos os dirigentes das 15 cidades do país que tinham comparecido ao ato. Quando o relógio marcou as onze e meia já se tinham passado três horas.

Desde a sua mesa, Adara falou com os convidados que lhe apresentaram os maiores respetos como mãe do Samir, embora não tenha sido anunciada como tal. Era muito óbvio devido à cor dos olhos do menino e à maneira como o pequeno príncipe procurava constantemente o olhar de aprovação da mãe. Ela estava esgotada e via que o filho começava a fechar os olhinhos com sono. Queria pegar-lhe ao colo e ir deitá-lo.

Pelo menos sentia-se contente por todos saberem da existência do Samir. Tinha o sítio que lhe correspondia em Azhat, na família real. Suspirou aliviada, porque tinha medo que a noite tivesse sido um fiasco. Mas isso parecia que ia mudar, porque viu a maneira como a Moesha não parava de falar ao ouvido do Bashah. Ele sorria cortês e isso incomodava-a.

—A dama permite-me uma dança? —Perguntou um convidado em tom baixo e educado, quando um grupo musical local começou a tocar uma música calma. Giancarlo Ferrante, um conde italiano que fez o curso de para-quedas com o Bashah durante os anos aventureiros do xeque árabe.

Ela observou-o.

—Desculpe, estou à espera do meu filho... —respondeu com o mesmo tom de voz discreto.

—O príncipe Samir?

—Sim.

—Isso quer dizer que...

—Giancarlo —entreviu Bashah com um sorriso, mas com um olhar de aviso ao amigo. Os italianos sabem quando um homem marca o seu território, e era isso que o Bashah estava a fazer.— Mas já que sabes, posso confirmar-te que sim. A Adara é a mãe do Samir. —O menino sorriu quando mencionaram o nome dele tal como o pai tinha feito.— Pelo nosso filho, contámos com a honra de sua presença esta noite.

Adara assentiu.

À volta os convidados estavam de conversa, uns de pé, outros dançavam com grácil facilidade num ambiente agradável, embora formal. O Rei tentava cumprimentar a todos e estar um momento com cada um sem perder de vista o filho. Durante a festa teve de suportar as insinuações da Moesha e as carícias por debaixo da mesa por parte dela. Se não fosse por Hassam estar presente, teria-lhe pedido para retirar-se. Conseguir que o irmão da Moesha estivesse presente era uma enorme conquista a nível diplomático. Queria acabar com as brigas do passado e que o Reino de de Ushuath aceitasse o herdeiro.

—Mãe —disse o menino— um príncipe pode cansar-se, não é?

Bashah sorriu, incapaz de continuar chateado por um dos melhores amigos ter tentado levar a Adara para a pista de dança.

Sabia que ela não aceitaria, não pelo que houvesse entre eles, mas porque conhecia perfeitamente o protocolo. Se dava um passo em falso o único prejudicado seria o Samir, e Bashah sabia o quanto Adara amava o filho.

—Sim, meu amor —respondeu em voz baixa. Negava-se a tratar o filho como o Najib lhe tinha indicado dias antes, mas também não queria gerar conversas, por isso mudava o volume de voz segundo lhe convinha.— Queres ir descansar?

Samir olhou para o pai e apertou-lhe a mão.

—Sim? —quis saber o rei com voz alta.

—Permite que me retire... Majestade? —perguntou com um tom firme tal como a mãe lhe tinha ensinado que devia fazer quando quisesse algo do pai em público.

Surpreendido, o Rei olhou para a Adara agradecido, já que estava a ouvir o Giancarlo e dois embaixadores que tinham ficado de conversa no lugar de irem dançar ou falar com outros diplomáticos.

Após as respetivas formalidades, Adara, na companhia da Kalima, saiu com o príncipe Samir até à ala do palácio que ocupavam, sendo muito consciente do olhar do Bashah enquanto saiam.

Najib observou tudo o que acontecia à volta da amante do rei sem perder um único pormenor. Podia agradecer-lhe por ter seguido o protocolo e por se ter comportado como devia, em vez de pensar que era parte da realeza e tentar atuar de acordo com esse pensamento. Embora isso não a eximisse do facto de distrair o Rei.

Quando teve oportunidade aproximou-se da princesa Moesha, quem nesse momento acabava de falar com um dos príncipes da Bélgica.

—Alteza Sereníssima de Ushuath —disse Najib ao inclinar-se— sempre tão soberba e elegante em cada ocasião.

Ela sorriu. Não era segredo para ninguém que Najib não gostava dela. Quando lhe deu jeito, enquanto estava casada com o

Bashah, deu-lhe a oportunidade de brilhar ao lado do marido, mas quando se deu conta que o planos não iam sair como tinha imaginado disse-lhe. Quem é que a denunciou ao Bashah quando tentou roubar para o irmão os mapas do palácio?

—Estou cansadíssima. O clima aqui continua a ser insuportável... —suspirou.— Se vieste ter comigo é porque queres alguma coisa. Ou estou enganada? De certeza que o teu rei tem de cumprir uma missão e que não se está a levar a cabo tal como tu esperavas —bebeu do seu copo um delicioso líquido almiscarado.— Conta-me.

Najib esboçou um sorriso frio. Tão frio como o seu coração.

—A tua presença deixou o Bashah stressado e complicou a agenda de trabalho dele.

—Não me digas...

—Cumprimos com a nossa parte. Agora é o momento de resolveres os teus assuntos com o Rei Hassam, em casa.

Ela olhou para ele com um sorriso a dançar-lhe nos lábios.

—Lembro-te que não vivo neste palácio. Não me interessa nada que não seja voltar a conquistar o teu rei. Então, talvez, deixes de trabalhar aqui e de incomodar as pessoas que se tentam divertir um pouco —expressão alusiva à sua infidelidade com os guardas do palácio anos antes.

Najib olhou para ela com um brilho de triunfo.

—O rei vai casar-se.

—Com aquela plebeia que é a mãe do filho dele? —Riu-se— Duvido, Najib. Deixa de espalhar o teu veneno estrategicamente para conseguires o que queres.

—Já escolheu esposa.

Isso deixou-a em silêncio.

—Quem é?

—Pruaneth, a princesa de Jusamita. —Estava a mentir, mas era a candidata idónea para ocupar o posto de rainha e ele tinha todas as intenções de procurar uma aproximação com a casa real de Barcalam.— Uma mulher disposta a sacrificar tudo pelo seu povo.

—Essa aldeia a este, perdida no cu de Judas? —perguntou incrédula.— Não... eu conheço-te, Najib. Aqui há mais alguma coisa.

—É tudo o que tenho para lhe dizer, Alteza... Enviaremos-lhe o convite para o casamento real, claro.

Moesha olhou para ele com raiva. «Velho intrometido.»

—Voltarei a reinar. E quando o fizer vou encarregar-me que alguém encontre uma maneira de te tirar do caminho.

—O meu país está sempre primeiro. Por cima de tudo está a minha lealdade a Azhat, mesmo que pelo caminho tenha de colecionar inimigos. A Princesa, por exemplo, é e sempre será uma grande amiga de Azhat.

—E essa lealdade está por por cima da que deverias ter ao rei? —perguntou com malícia.

—Não posso responder a essa pergunta.

—Claro que não —disse gozosa— porque se o fizesses podia acusar-te de traição. —Encolheu os ombros. Olhou para o irmão, que a observava com um gesto interrogante, e sorriu. Hassam acalmou-se.— Se não queres uma guerra no teu precioso país que arraste o teu rei, é melhor que não me voltes a falar... Najib. E se for verdade que o Bashah se volta a casar, desejo-lhe o pior do mundo, uma mulher estéril e muita infelicidade—expressou sorridente.

O homenzinho apertou os dedos dos pés nos apertados sapatos pretos.

—Excelência, tenha uma noite estupenda e um regresso em segurança ao seu próspero reino —disse com voz reverente e firme antes de lhe fazer uma vénia e afastar-se.

Afastou-se dela com a satisfação de a ter tirado do caminho sem causar nenhuma crise. A mulher era uma víbora, mas sabia que

quando o Bashah tomava uma decisão não voltava atrás. Pelo menos nesse sentido Najib contava com uma vantagem, como era o homem de confiança do rei estava a par de todos os passos que este dava. Moesha sabia disso, por isso acreditou nele... Para alívio do secretário do rei.

No meio de sorrisos, e enquanto trabalhava para o rei no que restou do jantar, começou a planejar uma maneira de convencer os pais da princesa Pruaneth de Barcalam, segunda na linha de sucessão ao trono de Jusamita, que um casamento com Azhat era a saída perfeita para os problemas que tinham com a falta de novos poços petrolíferos para competir com os outros países da região.

Tinha de ser rápido e tirar de uma vez por todas a Adara Lancaster da vida do Rei Bashah, mas antes tinha de encontrar todos os meios para que o príncipe Samir ficasse para sempre em Tobrath. Com ou sem a mãe.

CAPÍTULO 14

—Espero que te tenhas divertido com o Giancarlo —expressou Bashah na manhã seguinte.

Já passava da meia-noite e tinha saído com a Adara para caminharem pelos arredores exteriores ao jardim traseiro do palácio. Não se incomodava minimamente pelos comentários que se pudessem fazer sobre a sua vida sexual, mas a sua gestão como líder de Azhat era inquestionável, porque Bashah amava a terra em que nasceu para governar. Pela Adara estava a ser discreto como tinham combinado. Por isso, agora, à uma da manhã, caminhavam nos arredores do palácio como costumavam fazer quando eram jovens.

—Uma pessoa muito agradável, tenho de dizer. Mas também qual é o italiano que não o é? —Perguntou só para picá-lo um bocadinho. Gostava deste Bashah. Parecia que os muros começavam a desmoronar-se paulatinamente.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

—Achas? —Indagou ao retomar o passo, enquanto a Adara o guiava.

—Sim, claro —respondeu marcando o passo.

—Mmm...

A pedido do Bashah, Raffiq era o encarregado da segurança nessa noite. Ele tinha cumprido a promessa de dar-lhe uma grande bonificação e benefícios por ter ajudado a Adara anos atrás. O guarda, discreto, estava a metros de distância e outros homens guardavam os exteriores do palácio.

Adara esperou para ouvir se o Raffiq os seguia, mas parecia que não. Antes do Bashah se juntar a ela, depois da sua agitada agenda de trabalho, ela pediu ao Raffiq que quando chegassem perto do sítio onde se escondia o oásis, o seu refúgio pessoal, lhes desse privacidade. O homem cumpriu com a sua palavra de honra. Embora tenha dito à Adara que rapidamente enviaria os seus homens para comprovar que o lugar era seguro. Uma vez comprovado que o era, disse-lhe que estava tudo controlado.

—Chegámos —disse ela sorridente. Vestia uma túnica turquesa e, devido à hora, o hiyab tinha ficado no roupeiro. A promessa de uma temperatura agradável tranquilizou-a sobre a proteção contra uma possível trovoada. Levava o cabelo apanhado numa trança que chegava até debaixo dos ombros e os olhos estavam delineados com Kohl.— Silêncio e ouve com atenção.

Bashah queria responder, mas os dedos suaves da Adara pousaram-lhe nos lábios e a cabeça de cabelos loiros fez uma negação.

—Um oásis...? Passei tantas vezes, tantos anos por aqui e nunca pensei que houvesse algo assim...

Ela sorriu.

Agarrou-lhe na mão e caminharam até ao sítio preciso. Durante uns segundos o rei ficou espantado com a envoltória do sítio. Pedras grandes rodeavam um espaço acolhedor, cuja extensão não ultrapassava os 400 metros. A vegetação abundante era como uma muralha alta que deixava que só a luz do horizonte iluminasse o caminho.

—Como um ninho protegido por árvores, areia suave e água. Isto é uma beleza, Adara. Quando descobriste isto? —Perguntou espantado.

—Há muitos anos. Quando era uma menina. A jogar às escondidas com o Tahír —sorriu ao lembrar-se daqueles tempos— e devo dizer que sempre que vinha a este sítio como refugio, ganhava sempre o jogo.

Ele riu-se, mas parou de repente quando reparou numa grande manta grossa perto das água. Virou-se para olhar para a Adara.

—Uma tentativa para seduzir-me? —indagou sensualmente acariciando-lhe a bochecha. Ela apegou-se ao calor que emanava essa mão forte.

—Queria passar tempo contigo de uma maneira diferente. Não é em vão que aprendi tantas coisas no harém.

—Sou a tua cobaia —disse sorridente e com um desejo que começava a subir-lhe pelo sangue.

—Deixas-me que te toque como quero?

Bashah agarrou-lhe no rosto para que tivesse a certeza do que ia ouvir em seguida.

—Quando tu quiseres e como tu quiseres... Tal como penso fazê-lo eu.

A tremer de antecipação, ela assentiu e afastou-se. Descalçou-se e foi até à palmeira. Durante um momento livre à tarde, Adara tomou as medidas necessárias para seduzir o Bashah. A pele ardente e morena provocava-lhe um ardor especial nos dedos porque queria tocá-la, beijá-la... Esta noite pensava fazer muito mais do que só acariciá-la.

Tirou de trás da palmeira uma pequena tigela que, como lhe ensinou Yosoulah, continuava quente. Perto da tigela havia um pincel grosso. Com um sorriso afastou-se e girou-se. Bashah continuava no sítio onde o tinha deixado. Olhava para ela, metade com picardia e a outra intrigado.

—Preparaste tudo tu sozinha?

Ela piscou-lhe o olho.

—Claro. Anda cá.

—Sim, senhora.

Bashah pôs-se de pé em cima da manta.

—Começa a tirar a roupa pouco a pouco —indicou com um enorme sorriso e com os olhos brilhantes de desejo.

—E tu?

—Depois. Muito depois. Agora dá-me prazer.

Bashah dedicou-lhe um meio sorriso, percorreu-lhe o corpo com um olhar incendiário, reconhecendo-a como igual nas artes do amor. Começou a tirar a roupa, peça por peça. Adara continha a respiração perante o espetáculo masculino que tinha à frente dela. Conhecia cada cantinho do corpo desse homem, e mesmo assim não se cansava dele.

—Melhor? —Indagou quando ficou em boxers.

—T-o-d-o, Majestade —disse aproximando-se. Quando Bashah tentou tocar-lhe, ela afastou-se num salto brincalhão.— Vamos. Depois podes fazer comigo o que quiseres.

—Vais dar-me tanta liberdade?

—Simplesmente será a mesma que estou a ter para te dar prazer, Bash.

Os boxers desceram pelas ancas do Bashah até que o membro ereto ficou à vista com todo o seu esplendor, vibrante e com uma leve humidade na ponta. A primeira gota de desejo em essência. Ela podia ver como custava ao Bashah não a tocar. E apreciava muitíssimo a sua confiança...

Adara começou a mexer a mistura de chocolate com os morangos cortados aos bocadinhos. Estavam na temperatura perfeita.

—Não devia pôr isso? —perguntou.

—Devas ficar calado e aproveitar. Isso é chocolate? —Ela assentiu—. Mmm... vou ficar todo peganhoso.

Ela riu-se.

—Não, claro que não vais ficar todo peganhoso. Eu vou tratar de tudo —falou mais baixo e os olhos azuis brilharam com o desejo—

para que fiques imaculado. Se me tocares ou se te moveres, acaba-se tudo. Lembra-te que eu estou vestida e posso ir-me embora facilmente.

—Isso é uma armadilha.

—Mera estratégia —respondeu com um sorriso no rosto antes de agachar-se à frente dele, agarrar no pincel e empapá-lo com uma generosa quantidade de líquido espesso.— Agora podes desfrutar dela. —Seguidamente pincelou a mistura à volta do sexo do Bashah. Ele reclamou, mas deviso à ameaça da Adara não se moveu nem tentou tocá-la. O líquido estava morno e isso aumentava a sensibilidade.

—Adara...

—Adoro chocolate —sussurrou antes de se inclinar para lambar com erótica determinação a doce glande. Chupou-o e lambeu-o, Bashah gemia de prazer.— E eu adoro-te...

—Bruxinha. Eu... oh... —calou-se quando o pincel lhe percorreu o membro, cobrindo-o totalmente com a mistura, depois Adara submergiu a boca esfomeada para o lambar, chupando e enloquecendo-o.

—O melhor que provei até agora —disse sem deixar de olhar para ele, percorrendo com a ponta de língua desde a base do membro ereto, depois começou a brincar em círculos, engolindo cada gota, cada pedacinho de morango, abocando o máximo possível, embora fosse complicado pôr na boca um sexo tão grande como o de Bashah. Ia por partes, às vezes com muita vontade e desejo, outras suave, rápido e lento. Tentava dar-lhe o mesmo prazer que ele lhe tinha dado quando lhe fez sexo oral no dia anterior, deixando-o completamente à sua mercê. Tanto foi que ela soube o momento preciso em que ele não aguentou mais a tortura.

—Estou a vir-me... Deixa-me tocar-te, maldição, Adara... — resmungou entre dentes. Antes nenhuma mulher lhe tinha feito algo igual, nem o tinha seduzido com as mesmas intenções, com o olhar

e com o corpo. Era impossível ter outra mulher na cama que não fosse a Adara. E, que diabo, não queria fazê-lo.

Essa certeza de Bashah foi dissipada rapidamente, quando sentiu que os espasmos do clímax eram iminentes.

—Podes tocar-me..., mas não acariciar-me —sussurrou antes de chupá-lo novamente. Com um gemido de alívio, Bashah enterrou os dedos nos cabelos loiros e empurrou a cabeça da Adara contra o sexo de forma suave e contínua.

Ele não aguentou muito mais e a Adara sentiu como o pénis duro e largo batia contra a garganta e deixava a essência mais íntima em cada espasmo. As mãos pequenas continuaram a acariciar as nádegas duras do Bashah, cravando as unhas pintadas de tom rubi nos músculos perfeitos, enquanto que com a boca bebia a última gota da paixão almiscrada.

Inevitavelmente, Bashah teve de se sentar em cima da manta que durante a tarde Adara colocou de forma estratégica. As pernas não aguentavam mais, o corpo precisava de recuperar-se. Deitou-se de barriga para cima para recuperar o fôlego. Que mulher!, pensou com um sorriso de satisfação. O melhor sexo oral que já tinha tido... Adara tinha-se superado a si mesma, arrastando-o sem remédio às suas fantasias mais profundas.

Intrigado por não ouvir mais o suave movimento da água pelo vento, abriu os olhos. Levantou-se apoiando-se nos cotovelos e perguntando-se onde estaria ela. Olhou para a água e ficou paralisado.

Nua. Com o cabelo solto e selvagem no luar da noite, Adara olhava para ele com um sorriso. A água só a tapava até aos joelhos. A pedra grande que escondia esse refúgio estava um pouco mais longe, o que indicava que se ela continuasse a andar a água podia chegar até ao peito.

—Vais demorar muito em recuperar... Majestade? —Perguntou a rir-se ao ver a expressão de interesse masculina.

Bashah levantou-se. Não disse nada até começar a andar.

—Apesar de ter gostado muito de te saborear, estou convencida que ficar peganhoso de chocolate não era a tua ideia mais atrativa para hoje, estou enganada? —quis saber, enquanto levava as mãos ao peito para se acariciar a si mesma.— Não dizes nada, está tudo bem? —Continuou a observar como o homem que podia dar com ela em louca com só um olhar avançava até à água para ficar em frente dela.— Bashah...?

—Torturaste-me —disse com a voz rouca.— A última coisa que quero depois disso —apontou para a manta onde ela lhe deu um prazer indescritível— é falar. Tenho em mente algo melhor.

Gemeu quando lhe envolveu os peitos com as mãos e lhe apertou os mamilos já eretos. Primeiro com suavidade e depois ávido, inclinou a cabeça para chupá-los. Ela agarrou-se ao Bashah e começou a acariciar-lhe o membro. Houve um momento em que a boca masculina a chupou com tanta perícia que ela simplesmente pôs a cabeça para trás, vendo-se obrigada a retirar o membro ereto e quente.

Sem dar-se conta, teve as mãos do Bashah a tocarem-lhe o corpo todo e com a boca beijava a dela com uma fome incontrolável. Gemidos e sussurros incompreensíveis misturaram-se num compasso marcado pelas mãos avariciosas que tentavam tocar a maior quantidade da pele do outro. Adara deitou-se com as costas na pedra e com a ondulação da água no peito.

—Pronta?

—Bash, o que...?

Ele agarrou-a pelas ancas e virou-a.

—Apoia as mãos com força na pedra. —Ela não protestou, virou-se para satisfazê-lo. Os dedos de Bashah desceram até ao clítoris da Adara, estava húmida apesar da água. Muito húmida. Estava na perfeição para a ideia que tinha na cabeça.

—Bash... —sussurrou quando sentiu que ele a levantava com as mãos nas ancas até penetrar a vulva desde atrás.

—Se te estiver a magoar diz-me —exigiu antes de começar a dar-lhe. Sentia-se tão bem. As ondas da água criadas à volta pela fricção eram um acompanhante perfeito para o clima quase místico que havia entre eles. Ali eram livres para pedir e exigir como em nenhum outro sítio.— Meu Deus, estás tão húmida e suave. —A água ajudava a aguentar o peso da Adara, acomodando-a às penetrações sem clemência. Gostava dos gemidos que ela fazia cada vez que se afundava no interior dela.

—Mais rápido —pediu ela ao sentir a entrar o membro quente e poderoso. O peito estava tenso, pesado e o movimento de ambos faziam-na consciente da sensibilidade.— Oh, meu Deus, vou....!

Com um gemido de libertação Bashah agarrou-a pela cintura e abraçou-a, colando-a totalmente à sua pélvis, enquanto continuava encaixado nela. Adara teve um orgasmo que lhe nublou a mente, só estava consciente de como os seus lábios íntimos e as paredes internas introduziam o membro de Bashah. Era a primeira vez que fazia sexo na água e nunca se ia esquecer desta experiência. Como nunca tinha podido nem ia poder esquecer o homem que lhe davam tantas delícias.

A noite foi inesquecível.

Voltaram ao palácio e por Samir cada um dormiu no seu próprio quarto. O menino não devia saber do que se passava com os pais, porque nenhum dos dois tinham falado sobre uma relação para além dos oito dias que restavam da licença que a Adara tinha e das férias do Samir a meio do período escolar em Londres.

Já no quarto, o rei deitou a olhar para o tecto. Com as mãos atrás da cabeça e tapado com um lençol branco, o homem podia posar para uma revista para mulheres e fazer muito dinheiro. A combinação da sua personalidade misteriosa e da paixão que transmitiam os olhos tornavam-no irresistível. O toque da sua postura só era uma confirmação de que às vezes os deuses podiam ser especialmente injustos ao darem tanta beleza a só uma criatura terrena.

Mas Bashah não se dava conta de como era atrativo. Tinha outras coisas em mente. Por exemplo, tentar encontrar uma resposta ao facto de nunca se ter sentido como se sentia na cama com a Adara. Não importava onde quer que tivessem sexo. Quando estava com ela a realidade em que vivia desaparecia. Eram só eles os dois, suspensos no mundo em que viviam. Sentia a plenitude. Atrevia-se até a dizer que sentia felicidade de uma maneira diferente à que sentia noutros planos diferentes da vida.

Estava demasiado cansado para continuar a analisar as emoções que sentia. Afinal, carecia de sentido. Ou não?

Dois dias mais tarde, o apelido de Samir já tinha mudado e já contava com um passaporte especial como príncipe herdeiro de Azhat. Agora era, legalmente, um Al-Muhabitti. A dupla nacionalidade era já um facto e tinha sido celebrada no palácio com um apoio muito privado onde a Adara se sentou à mesa com o rei. Não houve convidados, nem os ministros, e muito menos os Conselheiros do Destino. Adara agradeceu por isso.

Durante o brinde, Bashah olhou para ela com um olhar cheio de ternura.

—Pela mãe do meu filho. Obrigado, Adara, por teres cuidado do Sam todos estes anos —disse ao começar o breve discurso.

Adara tinha olhado para ele e escutado com o coração acelerado. O tremor que lhe percorreu a coluna vertebral não tinha nada a ver com as lembranças das noites nos braços de um amante especialista. Era uma coisa muito mais profunda. Mais complexa. Pela segunda vez na vida voltou a apaixonar-se pelo Bashah. Pela segunda vez acabou por cometer um grande erro, porque o que eles partilhavam tinha uma clara data de validade.

Quando Bashah lhe propôs que o Samir tivesse um passaporte como membro da realeza e o apelido Al-Muhabitti, ela hesitou um minuto. Não queria confundir tudo, mas Bashah tranquilizou-a ao

dizer-lhe que era o melhor para o menino, porque depois de tantos anos era justo que ele pudesse escolher o tempo que queria passar em um ou outro sítio.

—Eu não penso separar-me do Samir —disse-lhe com força.

—Ninguém vai pedir-te isso. Mas algum dia o Sam vai ser maior de idade. Tem o direito e a obrigação de mostrar que não é só britânico, mas também um cidadão de Azhat.

Embora ela não quisesse ele convenceu-a, aquela era a herança legítima de Samir.

—De acordo.

Os serviçais do palácio mostrava-se muito abertos à amante do rei. Por mais que tentassem ser discretos com a relação que tinham, a forma como o Bashah a tratava era mais eloquente que qualquer tentativa de prudência. Muitos serviçais já estavam há muito tempo no palácio e conheciam a Adara desde pequenina. Nem a paternidade do rei nem muito menos o facto dela partilhar a cama dele durante esses dias, acalmavam o apreço que se tinham. Depois de tudo, de alguma maneira, a Adara sempre foi um membro deles.

Nessa mesma tarde, depois da celebração em honra do Samir, Bashah teve de sair de Tobrath. Tinha uma reunião em Lisboa com empresários importantes. Uma viagem com mais de 10 horas de voo que ele queria adiar, mas que era impossível.

Alguns produtores portugueses queriam exportar os seus famosos licores ao Médio Oriente. Bashah queria ampliar os negócios comerciais. Já contava com fornecedores de queijo e champanhe na Itália e França, mas investimentos extras nunca eram rejeitados. Ele queria prosperidade e ia consegui-la pouco a pouco. Precisava de fazer câmbios radicais para melhorar a versatilidade comercial de Azhat como também quebrar os tabus das tradições ou pensamentos arcaicos.

—Vais ter saudades minhas? —Perguntou à Adara antes de sair da ala privada do palácio. Agarrou-lhe no rosto com as mãos e olhou para ela com um sorriso.

—Depende... —sussurrou com um sorriso.

—Isto parece-me a aproximação de uma proposta que vai manter-me um pouco distraído. —Ela riu-se.— Então não estou enganado.

Adara pôs-se em bicos dos pés para rodear-lhe o pescoço com os braços. Olhou para um lado e para o outro, não fosse o Samir aparecer, antes de atrair o rosto do Bashah para o seu e beijá-lo com paixão. Depois de um momento, Bashah afastou-se e apoiou a testa na dela.

—No outro dia fui ao teu gabinete, pareceu-me que lhe faltava um pouco de... cor?

Bashah riu-se .

—Não me digas, e que cor é essa?

—Se voltares a Tobrath em muito pouco tempo digo-te.

Com uma gargalhada Bashah afastou-se. Nesse exato momento pareceu o Samir.

—Pai, tens de ver o que aprendi hoje! Essam ensinou-me a lutar com a espada.

Aproximou-se do filho e pegou-lhe ao colo.

—A esgrima é uma disciplina em que deves ser cuidadoso — disse ao dar-lhe um beijo na cabeça com cabelos iguais aos seus. Pô-lo o chão.— Tenho de ir de viagem, mas em breve estou de volta. Eu telefono-te, OK?

—Onde vais, pai? Restam-nos poucos dias. —A lembrança dita em voz alta não foi motivo de alegria para os pais, que eram conscientes de que essa viagem ia tirar-lhes dias valiosos de prazer e longas conversas para partilhar, não só como amantes, mas também com o Samir. O menino tinha aprendido a amar o país e a adaptar-se a todo com grande facilidade.

—Vou a Portugal reunir-me com uns empresários.

—Ah... OK—disse o menino. Então, adeus.

O homem do deserto sorriu.

—Adeus, filho. —Olhou para a Adara— Eu...

Alguém tossiu. Bashah não se queria virar para ver quem tinha sido. Adara suspirou. Najib acabava de chegar para apressar o rei e começar uma jornada de trabalho para as seguintes 48 horas fora do país.

Bashah sentiu que a cena parecia demasiado doméstica, agitando-lhe algo dentro do seu espírito rebelde. Em vez de dizer à Adara que estava ansioso por voltar e que ia ter saudades dela, o Rei de Azhat pôs pés ao caminho e seguiu o assistente pessoal.

Três dias depois, as notícias dos principais telejornais e jornais deram cabo do mundo da Adara.

CAPÍTULO 15

Parecia que estava a viver a mesma situação de há anos. Não era justo que passasse pelo mesmo, pensou Adara com um peso no coração que nunca tinha sentido. Nem quando tinha 18 anos.

Olhava para o filho a brincar, um menino que ignorava a situação que tinha posto o mundo da Adara em *Jeopardy*. O Samir na piscina do palácio parecia um peixe dentro de água. Os cuidadores tomavam conta dele para que não lhe faltasse nada. Kalima brincava com o Samir dentro da piscina.

Três dias antes, a imprensa local anunciou a chegada do Rei de Azhat a Portugal. Até ali tudo normal e dentro do conhecimento da Adara. Contudo a notícia que chegou nessa manhã quase a fez cuspir o café preto que estava a beber. A primeira reação que teve foi fazer a mala, depois pensou que isso era uma cobardia. Decidiu dar umas horas ao Bashah para que ele lhe telefonasse a contar o que tinha acontecido.

No jornal dizia que Bashah Al-Muhabitti, Xequ e Rei de Azhat, estava comprometido com uma beleza jovem do Reino de Jusamita, ao este de Azhat. A princesa Pruaneth de Barcalam e os seus pais tinham sido convidados a passar uns dias em Portugal, enquanto o jovem rei realizava negócios. Parecia que o romance tinha sido um segredo até ao dia em que um comunicado deu a conhecer o próximo casamento real no Médio Oriente.

A imagem central da reportagem era a de Bashah a rir-se com a tal Pruaneth, quem —para aumentar o desassossego da Adara— era uma beleza de pele azeitonada, olhos pretos, traços finos e uma cabelo castanho que parecia brilhar com vida própria.

Ela sabia que Bashah sempre gostou de mulheres exóticas. Adara por ser loira e de olhos azuis era exótica num país onde a pele bronzeada e morena primava. A princesa Jusamita era uma mistura única que a tornava linda.

Estava muito ciumenta... E muito magoada. Numa das fotografias do jornal estava o Bashah com o Samir durante a apresentação. A Casa Real Al-Muhabitti tinha enviado várias imagens oficiais a diversos meios de comunicação.

Por acaso ele não lhe tinha prometido dar a notícia de um iminente casamento primeiro a ela? Porque lhe pediu sinceridade? E Bashah prometeu dá-la. Agora notava, decepcionada, que lhe tinha mentido mais uma vez.

Continuava à espera do telefonema de Bashah ou de algum indício de que tudo era uma mentira criada pelos jornais com a intenção de vender mais exemplares, algo habitual quando se tratava da realeza. Ele costumava telefonar ao Samir às 10 da manhã, mas já eram três da tarde e não havia sinais dele.

O pior não era só estar apaixonada por um homem que a magoava tanto e não ser correspondida, mas a deslealdade. Tinha tido relações com a tal Pruneath? Bashah devia de se ter rido muito da sua falta de suspicácia.

Focou o olhar na água azul da piscina.

Algo dentro dela despertou ao ver a forma despreocupada com que o filho se ria. O medo. Há muito, muitíssimo tempo que não o sentia. Antes de ir para Portugal, Bashah convenceu-a a dar o apelido Al-Muhabitti a Samir. Não era só isso. O menino agora também era um cidadão de Azhat. Se já tinha planeado comprometer-se com outra, o melhor modo de reter o herdeiro era com todos os rigores da lei: passaporte e nacionalidade. Reconhecimento público. Como fui estúpida!, recriminou-se com dureza.

Desde o principio em Londres, quando se ofereceu para salvar a sua reputação —e por antonomasia a de Stephan— limpando o seu

bom nome das más artes organizadas por Augustus Radisson, Bashah já tinha tido planeado. Porque sabia que tinha um filho. Desde então tinha feito todo o possível para tê-lo no seu terreno... E ela pôs-lhe tudo de bandeja.

Lembrou-se das palavras que uma vez o Bashah lhe disse. Nos últimos dias tinha-se desculpado por muitas coisas, mas agora já nada parecia sincero. «*Tu és uma concubina. Só serves para um dia te deitares com um homem depois de mim, se desejares isso. Eu sou um herdeiro de um reino. Aceitar o teu amor ou sequer pensar em dar-te o meu é uma estupidez*». O que tinha feito ela ao propor-lhe uma relação que só durasse os 15 dias que ia estar com o Samir no país? Simplesmente reafirmou o que ele, desde jovem, já pensava sobre ela. E ao pensar nas palavras ditas pelo Bashah com tanta certeza e aspereza, sentiu um vazio e uma insegurança que só o carinho do Stephan tinha conseguido dissipar com paciência.

Sim. Apesar dos anos, das mudanças na vida de cada um e do perfil profissional que tinham, Bashah continuava a pensar que ela só servia para ter sexo com um homem pelo simples facto de ter crescido num harém. Por ter sido prisioneira de umas tradições estúpidas e obsoletas.

Voltou à realidade quando a mão de Yosoulah lhe tocou no braço.

—Adara? Estás pálida, filha. Porque não dás um mergulho com o Sam?

Com um nó na garganta olhou à volta. Tudo era lindo. Ela amava aquele país... Amava o rei daquele país... Mas nenhum amor se comparava ao que tinha pelo filho e nem ao que tinha por ela mesma. Tomou uma decisão. Ainda tinha a possibilidade de formar uma família. De dar um pai ao filho. E essa possibilidade não estava em terras do deserto.

—Tens de me ajudar a sair de aqui.

—Já se acabaram as férias?

—Imagino que tenhas lido o jornal esta manhã —expressou amargurada. Pôs-se de pé e Yosoulah imitou-a.

—Li, mas acho que deve haver uma explicação para este assunto. Conheço este rei. Ele não é como o pai dele. Filha, espera que ele volte de Portugal.

Ela negou-se e fez um sinal à Kalima para tirar o menino da água. O menino fez uma birra, mas o olhar severo da mãe fê-lo obedecer.

—Utilizou-me duas vezes. O passo seguinte é ficar com o meu filho.

Yosoulah agarrou-a pelo pulso quando ela se ia embora.

—Sam é o herdeiro do reino, não pode sair sem a autorização do rei.

—Prometo que me ponho em contato contigo.

—Mas...

—Eu também tenho os meus recursos para sair deste país sem ser vista. Tal como te disse, em Londres sou uma mulher milionária. Tenho influências. Vou-me embora com o Samir. Não quero saber do preço que tenha de pagar por tirar o meu filho de Azhat. Além disso, tenho de gerir uma empresa, e já não posso continuar a fazê-lo de tão longe. Tenho uma vida longe de aqui e o Samir também. Os meus avós contam comigo.

Yosoulah olhou para ela durante o momento e depois assentiu.

—Achas que te apaixonaste pela segunda vez, mas o que se passa é que o amor que sempre sentiste pelo Bashah nunca deixou de existir. —Ela manteve-se impassível e a mulher largou-a contrariada.— Que faças uma boa viagem, eu não farei nada para deter-te e também não vou contar os teus planos. Tem cuidado, isso sim, porque o Najib tem olhos por todo o palácio.

Adara riu-se.

—Tu também.

—Os meus contatos não traem, meu amor —disse com um tom de voz enigmático antes de agarrar na bengala.

A jovem de cabelos loiros aproximou-se dela e deu-lhe um abraço.

—Por favor, tem cuidado. Toma a medicação e tem em conta as recomendações do dr. Rumtaç, sim? Essa queda mal te permite mover. Para a próxima vez que nos vejamos quero ver-te recuperada totalmente. Tu foste uma das principais razões porque voltei a Azhat. Não quero ter de voltar a Azhat devido a más notícias sobre a tua saúde. De acordo?

Com pena, Yosoulah assentiu e viu partir a mulher que tinha criado como se fosse a sua própria filha.

Bashah estava muito zangado, furioso. Estava a ponto de arrebentar.

O seu próprio assessor pessoal tinha ignorado a sua autoridade. Há horas que sabia da notícia do seu compromisso por um comentário de «parabéns» durante o pequeno-almoço. Estava a tentar solucionar o inconveniente.

Neste momento sentia-se impotente. Não podia criar um escândalo ao desmentir publicamente a situação. Se ainda fosse príncipe herdeiro podia ter mais liberdade de ação, mas como rei não podia ser indelicado com outra família real.

Pruneath era uma mulher lindíssima. Ele conhecia-la de diversas atividades onde os membros da realeza se encontravam. Ficou surpreendido por encontrá-la com os pais em Lisboa. Estiveram a conversar num bar e a recordar histórias da juventude. Pru, como lhe chamavam os amigos, tinha um sentido de humor muito aguçado e Bashah ficou de conversa com ela algum tempo.

Com uma compilação de diferentes jornais, contando com os online abertos no seu iPad, Bashah entendeu que tudo tinha sido

orquestrado por alguém. O seu segundo assessor, com quem às vezes viajava, Dumma, garantiu-lhe que não tinha nada a ver com a almoço repentino e o convite aos Reis de Jusamita. Por isso, só restava uma pessoa.

—Najib, o que menos preciso são problemas e o que fizeste é imperdoável. Como te atreves a emitir um comunicado da Casa Real sem a minha autorização? Para além de mencionares um casamento com Pruneath de Baracam! Mas de onde tiraste este número teatral?

Sem um ápice de arrependimento, e satisfeito por sentir que estava a servir o seu país, o assessor ajustou os cordões duplos que amarravam o seu kufiyya.

Estavam numa sala privada do hotel, onde o Bashah se tinha reunido com os empresários portugueses. Devido à quantidade de cláusulas que ambas as partes estavam a pôr em consideração, os dois dias previsto inicialmente converteram-se em três. Para além da chegada da família real de Jusamita e da confusão diplomática armada pelo Najib, o rei não tinha ideia de quando podia sair de Lisboa.

—Majestade, para nós está sempre primeiro a continuidade da Casa Al-Muhabitti, a sua estabilidade como rei, e sendo tão jovem a exigência de contrair casamento é imperante.

—Eu já tenho um herdeiro! —Gritou Bashah fora de si. O assessor nem disse palavra.— O meu país é sempre a prioridade número um. Ao teres orquestrado esta situação forçosa só provas o teu descontentamento comigo como teu líder. E isso é uma traição.

O rosto do Najib ficou pálido.

—A relação que tem com a sra. Lancaster é inapropriada, os meios de comunicação não podem saber disso —balbuciou.— Ela fez parte de um harém, tem a reputação de uma...

Bashah deu dois passos em frente e agarrou o homem pelos colarinhos, obrigando-o a calar-se. O som de surpresa do Dumma fê-lo soltar o assessor principal.

—A relação que tenha ou não com uma mulher não te diz respeito. Ou te encarregas de solucionar esta situação que armaste ou desterro-te de Azhat. De momento estás fora do meu círculo de confiança. A tua última missão é emendar o desastre que acabaste de criar.

Najib apertou os dedos num gesto de nervosismo.

—Majestade, eu...

—Vai reunir-te com quem tenhas de fazê-lo, porque quero regressar ainda hoje a Azhat! —Exigiu com um tom implacável. Quando Najib saiu da sala, o rei virou-se para o Dumma, um homem de 40 anos que olhava para ele com cautela— Vais assumir as funções do Najib enquanto ele soluciona esta situação. Organiza uma reunião privada com os reis e a princesa da Casa Real de Barcalam. E comunica-me de imediato com o palácio em Tobrath.

—Claro, Majestade.

Adara estava no aeroporto. Tinha o filho colado ao lado dela. Samir tinha feito birra para sair da piscina e por voltar a Inglaterra antes do tempo. Ainda lhe restavam uns dias em Tobrath, disse-lhe com tristeza. O que mais comoveu a Adara foi quando o filho lhe pediu para, pelo menos, o deixar despedir-se do pai. Como é que se explica a um menino de oito anos que o pai é um canalha mentiroso?

—Está quieto, filho. Não vai acontecer nada —explicou ao Samir enquanto eram rodeados por seguranças do aeroporto internacional. O que mais detestava era ver o filho com medo ou triste. E ele estava assim nesse momento por causa do Bashah e do maldito sentido de dever baseado na deslealdade para conseguir o que queria.

—Lamento, mas deram-nos ordens expressas que Sua Alteza Samir Al-Muhabitti não pode abandonar o país sem o prévio

consentimento do rei —disse-lhe um dos membros do departamento migratório.— Contudo, a sra. Lancaster tem total liberdade de movimentos. Pode sair e entrar quando quiser.

Colocando a mão à volta dos ombros do Samir, Adara olhou furiosa para o polícia.

—Oiga bem. Samir não é alteza nem palhaçada nenhuma. É simplesmente o meu filho. Cidadão britânico. E se não me deixarem sair deste aeroporto, vou diretamente à embaixada do meu país para que saibam que um cidadão britânico está retido contra a sua vontade. Está claro?

Eram nove da noite. Estavam na sala do controlo migratório há quatro horas. Adara estava exausta e o filho também. Não ia deixar ali o Samir. Nem louca. O avião privado de Bohemia Embellishment já tinha aterrado há três horas, uma vez que também tinha escritório em Praga, cidade que ficava mais perto de Azhat. Até ao aeroporto de Heathrow em Londres havia oito horas de voo.

—Sua Alteza também é cidadão deste país, sra. Lancaster — abanou o passaporte do menino— e nós só obedecemos às ordens do rei. Lamento...

Furiosa e doida com as brincadeiras estúpidas do Bashah, Adara agarrou na mão de Samir e foram até um sofá.

—Muito bem! Então, terá de trazer-me todas as comodidades que lhe peça até que o seu rei tenha a decência de aparecer e solucionar esta imbecilidade. Vamos começar com uma tábua de queijos suíços, vinho italiano, gambas empanadas com molho de caviar de beluga e para o meu filho o que ele quiser. —Pelo menos isso iluminou o olhar do Samir, que se atreveu a pedir gelados, batatas fritas, hamburguers e tudo o que a mãe não o deixava comer diariamente.— Também se vai negar a este pedido? — Perguntou com má vontade perante o olhar atónito do agente principal, que tentava por todos os meios manter a cordialidade.

Nenhum dos cinco agentes protestou. Não estavam dispostos a enfrentarem-se à mãe do futuro rei.

—Não é costume, sra. Lancaster, trazer alimentos a esta área.

Adara não aguentou mais, de um salto levantou-se e deu um murro na superfície de metal que fazia de mesa de centro da salinha. Samir sobressaltou-se, porque a mãe raramente se chateava a tal ponto.

—A mim não me interessam as suas restrições, quero que traga exatamente o que lhe pedi, a-g-o-r-a! Ou por acaso vão deixar a Sua Alteza Samir morrer de fome? —Perguntou com insolência. Não queria saber se dava a ideia errada de uma mulher caprichosa que se queixava de tudo. Estava farta.

Samir riu-se, os seguranças assentiram como cordeirinhos e desapareceram em menos de nada para cumprir com o pedido. Como não a iam deixar sair do seu sítio, ela ia fazer-lhes a vida impossível.

Perto da uma hora da manhã, a cabecinha do Samir repousava nas pernas dela dormido. Adara acariciava-lhe os cabelos escuros com doçura.

Estava esgotada. Quanto tempo mais teria de esperar?

Um murmúrio tão pouco habitual numa sala tão silenciosa pô-la em alerta. Pelos passos parecia que se aproximava um exército. O filho não acordou em absoluto. A porta de metal reforçado e insonorizada abriu-se de repente e apareceu a inconfundível figura do Rei de Azhat. Ia vestido com uma túnica branca e a kufiyya amarrada com três cordões. O traje só acentuava o seu poder e a potente masculinidade. Contudo, nada disso conseguiu mitigar o que a Adara sentia.

—Deixem-nos sozinhos. Quero as câmaras de vigilância apagadas e os microfones desta sala também —pediu o rei e a ordem foi cumprida de imediato.

A sala ficou vazia.

—Boa noite —disse ao olhar para ela.

Os olhos pretos continham uma alta dose de perigo e também de promessas, mas a Adara não queria dar a oportunidade a que a consumissem. Preferiu que o desgosto causado pelas falsas máscaras utilizadas pelo Bashah desde o início comandasse, mas mesmo assim aquele lugar secreto e íntimo no meio das pernas não se absteve de palpitar.

—É boa, realmente? —perguntou.

Bashah teve uma manhã muito agitada para não falar da tarde. Depois das ordens que deu, Najib conseguiu solucionar o tema do casamento com Pruneath, pelo menos a nível diplomático. Ainda bem que os reis e a filha continuavam em Lisboa. Embora se tenham mostrado surpreendidos e consternados pela imprudência de uma pessoa encarregada de manter as boas relações. Aceitaram as desculpas de Najib, mas muito mais as de Bashah.

Como a noite já estava adiantada para tratar deste assunto com a imprensa de Azhat, Dumma trataria disso na manhã seguinte na qualidade de novo secretário e assistente pessoal do rei. Najib foi despedido. Antes de sair do palácio só tinha autorização para terminar qualquer gestão que lhe faltasse concluir. O rei não tinha nenhuma vontade de reviver o pesadelo diplomático das horas anteriores e tinha consciência que devia uma explicação à Adara.

Quando por fim aterrou em Tobrath, o chefe da segurança do aeroporto e responsável pelo departamento migratório pediu uma reunião urgente ao Bashah. Comentou-lhe que a mãe do príncipe herdeiro queria levá-lo de volta para a Inglaterra e devido a ordens dadas por ele mesmo de novo a mão de Najib pensou Bashah estavam retidos há várias horas, porque a Adara negava-se a afastar-se do filho.

Bashah não esperava menos dela. Era uma mãe amorosa e preocupada. Tinha criado bem o Samir. Era um menino consciente, muito esperto e com um coração muito grande. Como é que não poderia ser se ela o recebeu de braços abertos? Adara podia tê-lo envenenado contra ele, mas não o fez. Esse gesto ficava-lhe muito bem e deixava o Bashah na posição de cretino.

—Tive uma viagem muito estressante. Preferia não falar sobre isso, mas quero dizer-te que a ideia do compromisso com a princesa Pruneath foi do Najib.

Ela ficou calada.

—Não dizes nada?

—A tua «explicação é tão escueta que só me explica uma coisa, Bashah. Vi as fotografias do jornal. A forma como te rias com essa princesa —ele passou a mão pelo rosto, esgotado e frustrado.— Acho que gostas de ideia de ter várias amantes ao mesmo tempo. Como nos teus anos de juventude, não?

Sam começou a acordar.

—O que é que achas se voltamos ao palácio e amanhã esclarecemos tudo?

—O que é que te parece se vais para o diabo e me deixas voltar com o meu filho para a Inglaterra?

—Adara...

—Pai...? —Perguntou o menino abrindo os olhos. Esboçou um sorriso.— Não nos queriam deixar ir, mas a mãe obrigou-os a trazerem-nos muita comida —disse a bocejar.

Bashah avançou e agachou-se para ficar à mesma altura do que o Samir.

—Ainda bem que te satisfizeram, filho. Queres voltar para a Inglaterra?

—Não, mas a mãe diz que tenho de voltar à escola e que ela tem de trabalhar. Sabes, é que hoje vi-a a chorar. —Disse inocente.— Não gosto de vê-la assim... acho que tem saudades tuas.

—Sam, o teu pai não se interessa por esses pozinhos que andam no ar e fazem chorar. Já te expliquei isso, filho —disse com suavidade.

Bashah sentiu-se muito mal pelo mau estar que tinha causado e esticou a mão para agarrar a dela. Recusou-a.

—Adara, não vou casar-me —explicou ao deixar cair a mão para um lado.— Será que podes acreditar em mim? Será que podes confiar na minha palavra?

«Uma vez suficiente. Duas..., não.»

—Não vai funcionar. Somos de mundos diferentes. Sempre fomos. Não posso deixar aqui o Samir —disse com um leve tremor na voz.— Vou pôr-me em contato contigo através dos meus advogados para tratarmos do tema das visitas e das viagens. De momento, agradeço que autorizes a nossa partida. O meu avião está à espera...

—Eu não tive nada a ver com a proibição de saída do Sam. Nunca te separaria dele.

Ela suspirou.

—Acho que não é uma conversa para termos em frente do menino. —Ela levantou-se do sofá e Sam fez o mesmo com preguiça.

—Temos de falar sobre isto.

Ela negou.

—Merecemos tranquilidade. Isso só encontro em Inglaterra e tu nos teus afazeres como líder de um país, tal como sempre.

—E nós? —perguntou.

—Acabou.

—*Habiba...*

Adara dirigiu-lhe um olhar gelado.

—Não sou o teu amor nem nada de querido para ti — respondeu referindo-se ao significado dessa palavra afectuosa.— Durante estes dias só fui a tua... —Sam olhava curiosa, por isso ela conteve-se e agregou— Só fui a mãe do Sam e, independente de estar ou não apaixonada por ti, a verdade é que este sítio não é para mim. E agora voltamos para a Inglaterra.

—Eu não sabia de nada, foi tudo montado pelo Najib — explicou com a esperança no peito ao ouvi-la dizer que podia ou não estar apaixonada por ele. E se ainda estava...? Será que queria que ele lhe confessasse que estava primeiro?

—Isso já não tem importância.

—Porque não ficas mais uns dias e esclareçamos tudo isto...?

«Diz-me que te importo de verdade, para além dos lençóis de seda e não só por ser a mãe do Samir...»

—Estaremos em contato, como te disse — respondeu ela referindo-se à pergunta.— Agora, o Samir e eu já podemos ir-nos?

—Não, mãe, quero voltar para o palácio, para a piscina. O senhor dos camelos disse que amanhã me leva para conhecer uma zona muito bonita — interveio Sam abanando a mão da mãe. Ela apertou-a com suavidade duas vezes. Este gesto era suficiente para menino saber que devia estar calado.

—Filho, depois falamos. Esta é uma conversa de adultos — sussurrou.

Bashah olhou para um e para outro. Partia-lhe o coração a ideia de não ver o filho todos os dias. Tinha-se habituado a ele, às suas coisas e às suas perguntas.

—É o que queres, Adara? — indagou.

No passado foi um jovem impulsivo e egoísta. Com o passar do tempo, pouco a pouco, as circunstâncias obrigaram-no a observar mais os outros e as necessidades destes antes das suas. Porque era um rei e o seu povo merecia um bom líder. A morte do pai tornou-o mais consciente do que nunca da importância do seu papel.

Mas agora, depois de ter partilhado estes dias com a Adara e o Samir, amava o filho e dava-se conta que sem a ela não era ninguém. Viveu a sua vida numa espécie de letargo, dissipada pelas obrigações, festas e jantares de Estado.

Em Portugal, em cada reunião que teve, em cada sítio que fez visitas oficiais e em cada conversa, sentiu uma estranha sensação de

vazio. Ao ter a Adara em frente, a certeza de que a falta dela era a razão do vazio bateu-lhe como um machado no estômago. Contudo, era ela quem estava a ponto de lhe dizer algo que ele não queria ouvir da boca que tantas vezes tinha beijado.

Ele não era nada sem ela. Tudo o que fez naqueles dias, a cada sítio que foi, a cada reunião que assistiu sentiu uma sensação de vazio. Por muito que negasse reconhecer, a causa de tudo isso encontrava-se naquele momento em frente dele, a ponto de dizer o que não queria ouvir.

—É —mentiu com o coração na garganta. Tinha-se acostumado tanto a ele... A ideia de não voltar a tocar-lhe era demasiado dura, mas sabia que era melhor assim.

Ele olhou para ela durante um longo momento.

Durante a viagem de regresso reviveu todas as situações de esses dias. As noites. Os risos. A paixão. As anedotas com as brincadeiras do Samir e o facto de finalmente se ter explicado o passado. Mas as desculpas que a Adara dizia ter aceitado, com o objetivo de fechar esse capítulo entre ambos, pareciam não ser sinceras. Bashah lamentava.

Em Lisboa, quando leu a notícia do seu suposto compromisso com Pruaneth ficou furioso, não só pela mentira de Najib, mas porque a ideia de estar com outra mulher que não fosse a Adara parecia-lhe absurda e sem sentido. Tinha a certeza que essas emoções, esse vazio que sentia que só se evaporava quando estava com ela tinha de ser amor. Porque a sensação de plenitude e paz que tinha ao lado dessa mulher nunca tinha sentido com outra. Só com ela.

E agora ia ser abandonado pela Adara. Com ela não podia dar nada por sentado. Tinha as emoções num remoinho, principalmente agora que lhe acabava de mencionar a possibilidade de nestes dias se ter volto a apaixonar por ele.

Bashah nunca tinha posto as emoções à disposição de nenhuma mulher nem tinha permitido que estas o confundissem...

Que o mantivessem num estado de expectativa perene para ver, tocar ou simplesmente ouvir. Ele nunca tinha amado... Até agora. Contudo, deixar o coração nas mãos de outro ser humano não era uma opção. Isso tornava-o vulnerável... Muito mais do que já se sentia. E desta vez, não pensava fazê-lo.

—Se essa é a tua decisão, Adara. —Ela assentiu.— Então, será como quiseres. —Bashah dirigiu-se até à porta e bateu duas vezes para que abrissem. Entraram os guarda-costas reais e também o chefe da migração. Bashah dirigiu-se a eles— A sra. Lancaster e o príncipe Samir voltam à Inglaterra. Tratem da saída do avião da senhora e façam o que ela pedir. Desde hoje, Najib Thurán já não trabalha mais no palácio, todas as suas ordens não estão autorizadas, assim como os seus cartões de acesso às áreas privadas de Tobrath, onde só têm acesso os membros da família real. Dumma Vartan é o meu novo secretário, por isso tomem todas as medidas pertinentes.

Os seguranças assentiram.

—Bashah... —chamou Adara. Se existia um pouco de justiça no mundo, talvez fosse possível sobreviver com o coração destroçado pela segunda, e irreparável, vez. Foi ela quem propôs uma aventura. A culpa por o amar era só sua e ia assumi-la do modo mais digno.— Gostava de despedir-me de uma forma menos hostil....

Ele virou-se com uma expressão no rosto ilegível.

—Tomou a sua decisão e, por favor, sra. Lancaster, refira-se a mim de acordo com o meu cargo. Sou o rei de um país.

Olhou para ela com indiferença. Isso foi uma bofetada para ela.

—És o pai do meu filho —respondeu sem medo.

—Não está em dúvida—disse a gozar.— Os advogados do palácio irão a Londres para resolver o assunto sobre as visitas ao meu filho.—Não houve palavras de despedida. Também não faziam falta. Estava tudo dito. Bashah saiu da sala do aeroporto escoltado pelos seguranças.

Adara caminhou até ao avião como uma automata. Só a conversa com o Samir durante as primeiras longas horas de regresso a Londres a levaram a pensar que tinha tomado a decisão mais acertada. O menino merecia que a mãe tivesse uma relação de amor correspondido. Um ambiente emocionalmente saudável ajudava a criar um melhor ser humano. E ela só queria o melhor para o Sam.

Seria uma tortura acompanhar o filho às sessões de Estado em Azhat, e ver o Bashah casado com outra mulher. Fosse ou não a tal princesa de Jusamita. Bastava imaginá-lo com outra para sentir uma força superior a espetar-lhe uma faca sem clemência no coração.

Fechou os olhos e pôs o assento para trás e abraçou o Samir. Juntos abraçaram-se num carinho imperecedeiro que une uma mãe a um filho. Mas nessa equação fazia falta um coração que acabavam de deixar a milhares de km de distância.

Durante a viagem ao Médio Oriente, Samir teve saudades dos avós, mas nunca pensou que ter um pai fosse tão incrível, por isso agora sentia muito a sua falta. Devido à alteração horária ainda tinha sono. A mãe tinha-lhe dito que a primeira noite seria um pouco difícil para adormecer, mas para não estar preocupado que no dia seguinte tudo voltava à normalidade.

Ele acreditava em tudo o que a mãe dizia.

No quarto dele procurou o telefone que o pai lhe tinha dado com o seu número privado para que lhe telefonasse sempre que quisesse. E nesse momento, sem lhe importar as horas que eram em Azhat, ele queria telefonar-lhe. Marcou o número e esperou. A voz do pai soou forte e firme.

—Olá, campeão! Chegaste bem?

—Olá, pai —sorriu e sentou-se na cama. Gostava muito do Iron Man, por isso tanto o edredom como os lençóis eram desse super

herói da Marvel.— Sim. Já estou há seis horas em Londres. — Suspirou— Não consigo dormir.

—É normal. Pelo câmbio horário. Como está a tua mãe? — Como o menino ficou calado o Rei de Azhat insistiu— Passa-se alguma coisa, filho?

—Não sei se te posso contar. A mãe não sabe que...

—Podes dizer-me o que quiseses —expressou do outro lado Bashah. A ideia de que algo tivesse acontecido à Adara provocou-lhe incerteza e angústia.— Sou o teu pai e estarei sempre aqui para te apoiar em todas as situações. Conta-me, o que é que aconteceu com a tua mãe?

Samir coçou a cabeça pensativo. Se o pai lhe estava a dizer que podia confiar nele é porque podia. Suspirou efusivamente.

—Eu não quis espiar, sabes?

—Tenho a certeza que não, campeão.

—OK... passado um bocado de termos chegado, desfiz as malas e quis dormir, mas não podia. Por isso, desci para beber um copo de leite morno, isso faz-me bem quando não consigo dormir, e ouvi a avó a falar com a mãe no quarto que está a uns metros do meu. Antes das escadas para ir à cozinha...

—Estou a ver. —Como podia apressar o filho a contar o que se tinha passado concretamente? Um dia teria de lhe explicar como fazer uma síntese.— Continua, por favor. O que quer que seja que me contes será um segredo entre nós.

—De acordo... é que a mãe estava a chorar. Como costuma fazer quando me magoo ou me dói alguma coisa. Ou seja, a chorar como choram as meninas, pai. —Bashah encostou o telefone à orelha com força. Meu Deus, detestava saber isso.— Mas eu não deixei que me vissem. Quando a bisavó Diana lhe perguntou porque não tinha ficado mais uns dias em Azhat como estava planeado...

—Filho, o que aconteceu?

—Prometes que não dizes nada à mãe?

Bashah contou até cinco.

—Eu prometo, filho.

—Bem, a mãe disse que te amava com todo o coração, e que tu não a amavas porque te ias casar com outra senhora. Pai, porque é que não gostas da mãe? A minha mãe é muito bonita... O Stephan e o tio Oscar diziam sempre isso.

Como é que podia pensar que ele não a queria, que não a amava? Meu Deus! O coração dele chamava pelo dela. «Idiota, porque não lhe confessaste? Além disso, fizeste todo o possível para fechar as emoções.»

—Eu... filho, já tomaste o copo de leite? —Perguntou para mudar de tema.— Será melhor que tentes dormir. Quando venhas de novo visitar-me, vou pedir que te levem a passear até um oásis precioso onde até podemos acampar.

—A sério? —Perguntou esquecendo-se do que acabou de confessar ao pai. Era mais emocionante a ideia de ir a um oásis.— Posso contar aos meus amigos da escola? Vão alucinar!

Bashah deu uma gargalhada.

—Claro que sim, campeão. Claro que sim. Agora vai descansar, que eu tenho de tratar de uns documentos. Está bem?

—Sim, pai. Amo-te.

—Eu também te amo, Sam.

Quando se terminou a comunicação, o rei ficou em silêncio. O filho acabava de sacudir-lhe as emoções. Bashah ia tomar as rédias do assunto.

CAPÍTULO 16

Adara estava há uma semana em Londres.

Era a pior semana da sua vida desde que se lembrava. A avó recebeu-a de braços abertos e ouviu o que se passou em Azhat com paciência e carinho. Quando terminou, Arada estava exausta, como se tivesse desintoxicado de uma bebedeira, e dormiu 10 horas seguidas.

Samir estava triste, porque se tinha habituado ao Bashah, a estar com ele, a conhecer Azhat e a deixar-se mimar pela surpreendente capacidade histriónica de Kalima, como também pela natureza exótica de Tobrath. Mas como qualquer menino da sua idade, as saudades do pai foram levemente mitigadas pelos telefonemas e também pela promessa de se encontrarem em breve. Ele tinha sido aceite na liga infantil de cricket da escola e agora essa era a sua distração. Adara dava um ponto a favor ao desporto.

Noutro cenário, a situação na empresa teria sido outra.

Adara podia conceder méritos ao Bashah no âmbito corporativo. Ele tinha cumprido a sua parte do acordo, embora ela tenha abandonado Azhat antes dos 15 dias acordados entre ambos. Ele encarregou-se que o nome e a reputação dela na Bohemia Embellishment ficasse fora de dúvidas perante os olhos dos membros da junta, apresentando provas financeiras fidedignas.

Alguns dos altos executivos reflexionaram e concluíram que Adara cometeu um erro de boa fé ao confiar que tudo o que assinava não tinha outro fim que o estipulado nos documentos, sem sequer suspeitar que por trás desses documentos se escondia uma trama para desprestigiá-la. Ela teve de expor as suas razões e também disse que houve um excesso de confiança com a equipa com quem trabalhava. Os executivos, de forma unanime, exigiram a

Augustus Radisson uma desculpa e que pagasse todo o dinheiro do seu próprio bolso, e mesmo cumprindo isso não descartavam a possibilidade de tomar ações para encontrar um modo legal para expulsá-lo da empresa.

Na opinião da Adara ainda ia demorar um pouco até que o clima de trabalho com a junta de altos executivos voltasse ao normal. Radisson aceitou o que lhe pediram e até lhe ofereceu como pedido de desculpas um ramo de orquídeas do Hawaí.

Ia demorar uns meses até que a vissem como antes: uma mulher trabalhadora e com força para levar as coisas para a frente. Em vez da imagem de empresária demasiado condescendente ou fiada dos outros. Para que é que existiam as relações públicas numa empresa? Ia elaborar um plano para retificar a sua posição de poder na empresa. Ainda bem que isto só se sabia em Londres. Assim não tinha de se chatear a pensar em Praga e na hierarquia que ela, claro, dirigia.

Apesar do ressentimento que Augustus sentia, teve a ousadia de lhe fazer uma proposta de negócios quando o tornado abandonou a sessão corporativa que durou perto de 10 horas. Ele disse-lhe que queria continuar na empresa, mas que queria ir para Praga, em troca não venderia o seu pacote de ações ao primeiro milionário que lhe fizesse uma boa oferta. Garantiu-lhe que não queria continuar a dar-se mal com ela nem a fazer-lhe armadilhas, porque com isso também se prejudicava a ele mesmo.

Ela ficou impactada com aquela declaração, mas negou-se a aceitar a proposta de negócios. Depois do caos que tinha sido a sua vida, o que menos merecia era que o cretino do Augustus continuasse a trabalhar na Bohemia Embellishment, por mais dinheiro que tivesse. A empresa era um legado que o Stephan lhe tinha deixado a ela e ao Samir.

A atitude dela foi promover Jacob Markson como vice-presidente executivo da empresa com sede em Londres, enquanto que Augustus foi submetido a uma auditoria e investigação por negócios e concorrência desleal. Adara lembrava-se que um dia

Bashah comentou que Radisson não tinha precisamente fama de ser muito diligente, nem muito menos honroso na sua vida laboral longe de Bohemia Embellishment.

Sabia que tinha de ver a cara de Augustus no tribunal, mas não se importava. Jacob e ela tinham chegado a um acordo e tinham o apoio da junta. Entre todos pensavam em eliminar da empresa a besta do Radisson, nem que fosse por via penal. Que lhe ia tirar tempo era uma certeza, mas estava farta de ter de tolerar na sua vida situações incómodas ou que lhe causassem más memórias, e ainda pior, tolerar as más gestões corporativas.

Ela continuaria a ser a presidente de Bohemia Embellishment. Adara também promoveu a Lauren Goodward como nova diretora geral de qualidade e transferiu-a para Praga. Com o tempo encontraria um substituto para o posto que Markson deixava vazio devido à promoção.

Por outro lado, os advogados da Casa Real Al-Muhabitti tinham entrado em contato com ela, e ela mandou-os falar com a sua equipa jurídica. As visitas de Samir a Azhat foram estipuladas para que o menino passasse um fim de semana, um verão completo com Bashah e outro com ela, um Natal e um Ano Novo num país e o outro ano noutra. Era um acordo justo. Embora ela não soubesse como ia superar a tristeza de não estar com o filho nessas datas tão especiais, como tinha feito desde que o segurou nos braços pela primeira vez.

Ela tentava não ouvir as notícias do seu país natal, mas não deixou de telefonar à Yosoulah. Não a ia perder de vista novamente. Estava a recuperar muito rapidamente da queda da semana passada e, segundo ela, as marcas já quase não se notavam. Talvez porque a conhecia ou talvez por prudência, Yosoulah não mencionou o rei em nenhuma ocasião. E a Adara agradeceu-lhe em silêncio. Houve uma manhã em que conseguiu convencer os avós a fazerem uma vídeo conferência com Yosoulah. Eles agradeceram-lhe por a terem criado, independentemente das realidades que viveram nessa altura.

Adara clicou no botão direito do rato e enviou um email. Segundos depois a Josie entrou no gabinete com o seu sorriso habitual. Adara devolveu-lhe o gesto. Era fácil trabalhar com a sua assistente, as suas vibrações positivas tinham-na ajudado a manter a cabeça fria.

—Sim? —Perguntou a Adara.

—Temos um pedido especial para um casamento. Acaba de chegar, mas se o aceitamos ou não depende de ti.

«Nada como um maravilhoso projeto laboral para ocupar o dia.»

—Pelo teu entusiasmo se disser «não», farás com que me arrependa com os teus cafés sem açúcar —disse com uma gargalhada.

—Ainda bem que me conheces —respondeu e entregou-lhe o documento.— Vai ajudar-nos muito a criar uma linha de trabalho nova para incluir no catálogo e...

Quando leu o pedido, Adara sentiu um punçada no peito, como se lhe estivessem a espetar no coração. Deixou de ouvir o que a Josie dizia. «Como é que o pai do seu filho se atrevia a ser tão insensível?», pensou Adara ao olhar para o pedido de decoração de todo o Salão Minerva do palácio real de Azhat para a cerimónia do próximo casamento do rei.

O montante a pagar era uma loucura. A condição era que ela fosse responsável por tudo, até dos mais mínimos pormenores. Nunca lhe tinha importado menos o dinheiro ou a riqueza proveniente do seu trabalho como nesse instante.

—Por acaso chegou algum convite para o casamento? — Perguntou ao tentar esconder o tremor que sentia na pele. Todos os dias, a todas as horas sentia a falta do rei de olhos pretos, da sua voz, do seu riso, dos seus beijos...

—De momento só pediram o trabalho. —Encolheu os ombros. — Imagino que os convites cheguem o antes possível se te quiserem

convidar...

—Compreendo. Dá-me a data do casamento. —Josie ditou.—
Uau... —disse ao encostar-se à cadeira executiva ergonómica— isto dá-nos uma margem de trabalho de oito dias.

Josie assentiu.

—Queres que pergunte quais são as preferências da noiva em relação ao estilo ou tipo de decoração que gostasse de ter de acordo com a nossa linha de trabalho com o vidro...? —Indagou com hesitação.

O que o Bashah estava a fazer era cruel, pensou a Adara. Mais uma demonstração de que só a queria para... Suspirou e deixou a folha de lado.

Ia deixar-lhe claro que ela não se amedrontava com nenhum desafio. Era evidente que ele esperava que ela se retratasse. Não lhe ia dar esse gosto.

—Se não enviaram instruções é porque tenho liberdade total.

—Posso telefonar a pedir o contato da noiva e assim falas diretamente com ela e...

—Josie. Não. Deixa isto comigo.

A última coisa que queria era ter de falar com a mulher que ia ficar com o homem que amava. Meu Deus. Quando irá acabar esta tortura? Mas daria o seu melhor. Seria tão memorável que, a tentativa de Bashah para a castigar por há uma semana ter abandonado Azhat, ia converter-se numa lembrança constante sobre quem tinha deixado uma marca na decoração do casamento. E não seria a equipa de trabalho do palácio nem um parente da noiva. Seria Adara Lancaster, e todos iam falar de Bohemia Embellishment.

A melhor publicidade era o que queriam as casas reais ao contratar vários serviços para os casamentos devido à numerosa imprensa internacional e às reportagens aos fornecedores. Adara queria destacar e dar uma bofetada de luva branca ao quer que fosse que o cretino do Bashah tinha inventado.

—De acordo, tu mandas —respondeu a sorrir.

—Reúne toda a equipa de trabalho. Organiza uma sessão online com os desenhadores. Quero ter tudo pronto e preparado para fazer moldes e entrar a trabalhar o antes possível.

—Sim, senhora.

O dia finalmente tinha chegado, pensou Bashah ao olhar para a sua aparência no espelho do quarto. Nos dias anteriores tinha tido problemas sérios para gerar uma alteração tão grande como a que acabava de fazer. Foram momentos de grande tensão. Um dos seus assessores até lhe aconselhou a fazer um inquérito no palácio para saber se estavam de acordo com o seu casamento iminente. Mas depois, o tal assessor desistiu.

No palácio de Tobrath, vários juristas e representantes das 15 cidades de Azhat deixaram no ar que o rei podia ser destituído se insistisse em casar sem a aprovação dos Conselheiros do Destino, já que eles eram quem aprovavam ou não os casamentos reais, tendo em conta a ideia de manter firmemente as tradições.

Os Conselheiros do Destino opuseram-se em força ao casamento, porque queriam ser eles a escolher a candidata, como sempre tinham feito. Depois do fiasco com o Najib, e muito zangado porque estes anciões julgavam-se ser a divindade na Terra, Bashah dissolveu o conselho. Não queria saber mais deles. Mais tarde ia analisar as tradições que ia ou não manter no país.

Era o rei, sim, mas também queria ouvir os líderes de outras cidades. Com eles teve uma longa conversa. No final, eles aceitaram as explicações e deram o seu apoio. Todo este processo, desde a decisão de casar-se pelo bem-estar do trono e da estabilidade do país, foi complicado. Ele feriu muitas susceptibilidades, mas não se preocupou porque ia casar-se com a pessoa que considerou idónea para o posto. E no caso do casamento, o único critério que podia estar contra ele era o seu. Afinal era ele quem se deitava na cama e

fazia amor com a mulher que seria sua esposa para o resto da vida. Ou pelo menos, era essa a ideia... Que fosse para sempre.

Bashah queria ser um líder democrático, sem medos, longe de ser uma marioneta sujeita a tradicionalismos caducos. Queria uma reforma das leis com caráter progressista, consciente e que tivesse em conta o bem estar do povo.

—Precisa de mais alguma coisa, Majestade? —Perguntou Dumma com um tom solene.

Tê-lo designado para substituir o demente do Najib tinha sido uma decisão acertada. Bashah estava contente com o desempenho dele e partilhavam visões semelhantes sobre o futuro de Azhat.

—Não, Dumma, tenta que esteja tudo em ordem. Eu termino o que falta. Obrigado pela tua ajuda neste processo.

—Claro, Majestade, estou aqui para o servir. —Retirou-se depois de honrar Bashah com uma leve inclinação.

Depois de uma conversa esclarecedora com os irmãos, tomou a decisão de arriscar-se e apostar por um casamento com uma noiva escolhida por ele. Como ditava a tradição, tinha escrito os seus votos e também mandou preparar o melhor banquete. Os convites distribuíram-se com rapidez.

Quando Adara confirmou, através da sua assistente Josie Geller, que assistiria ao evento em nome de Bohemia Embellishment, sentiu-se satisfeito. Também sabia que ela, por nenhuma razão, levaria o Sam, muito menos sozinho, quando tanto ela como o menino ignoravam o novo ambiente e o protocolo em que este ia acontecer. Bashah queria que ela visse tudo o que podia ter... todo o que tinha deixado escapar ao abandonar Azhat.

Bashah escolheu para padrinho de casamento o irmão Tahír, e Amir para dar um discurso tradicional de parabéns ao novo casal. Era um momento importante e tinha-lhe custado muito deixar as emoções para trás das costas para abrir uma brecha que lhe permitisse jogar a última cartada. Estava a arriscar tudo o que era e podia ser essa noite. Não fazia isso só pelo povo, mas também por

ele. Era a primeira vez que estava a ser egoísta e esperava que valesse a pena.

—Irmão —chamou o Tahír ao entrar no quarto do Bashah. Não havia necessidade de ser anunciado. O rei não era obtuso nem ridículo com protocolos com a família, salvo quando estavam em público.— Pronto por fim?

—Ao desafiar as regras estou a correr um risco muito alto — respondeu. Tinha vestido um kufiyya dourado com os três cordões que alguém da família real devia levar. A túnica branca perfeitamente engomada tinha sido confeccionada especialmente para esse dia. No peito tinha um alfinete de diamantes com safiras, que representava a família real. Durante séculos, os reis de Azhat usaram-no no dia do seu casamento.

—O casamento não é para mim, Bash, mas acho que a ti te vai sentar muito bem. Além disso, não me fales de regras —sorriu— já sabes que vivo segundo as minhas regras. Ainda bem que não tenho de preocupar-me com a ideia de ser rei.

Bashah deu uma gargalhada. Aproximou-se do irmão e deu-lhe um abraço.

—Sempre a dar-me confiança —disse com sarcasmo. Deu a volta, quando entrou mais alguém- Era Amir— Recém chegado de Espanha, hum?

—Bash —cumprimentou o príncipe sem responder. Não pensava discutir em público o que tinha acontecido em Espanha semanas antes, mesmo que esse público fosse a sua família.— Desejo-te muita sorte para hoje. Há que ter tomates para o que vais fazer.

—Como se tu te quisesses casar, Amir —disse Tahír.

—Tanto como tu —respondeu-lhe o mais novo dos três. Amir era incorrigível, mas não tão mulherengo como o Tahír, mesmo assim guardava os seus próprios segredos que não queria partilhar com os irmãos.— Vamos para o salão?

Respirou profundamente, consciente de que quando atravessasse a porta o seu destino seria lançado à sorte. Bashah assentiu e saiu em direção ao Salão Minerva acompanhado pelos irmãos.

De acordo com o seu critério profissional, estava tudo perfeito.

Adara supervisionou todos os pequenos pormenores e agora, pessoalmente, estava orgulhosa dos seus empregados. As mesas do copo d'água estavam decoradas com vasos talhados à mão com os escudos de Azhat e da família real. Os presentes de vidro dos noivos que iam ser entregues no final da cerimónia aos convidados estavam dentro de caixinhas de madeira guardados numa sala ao lado.

Nos cantos do imenso salão havia um conjunto de flores brancas que unia os vasos gigantes. Também foram talhados em moldes especiais vários candeeiros a óleo, que simulavam o que noutra época tinha sido a iluminação, e à mão foram esculpidos detalhes intrincados sobrepostos, dentro as chamas das velas brancas piscavam e marcavam o caminho para o altar.

O casamento real não se celebrava em nenhuma igreja. O costume era decorar o Salão Minerva, que dava para cerca de 40 mesas para 10 pessoas cada uma, e montar um altar novo e moderno, de acordo com a época em que o novo rei ia liderar o seu povo. Embora Adara não tenha participado na decoração em si, mas sim na elaboração de pequenos detalhes, pareceu-lhe que a equipa contratada para criar o ambiente o tinha convertido num sonho romântico... e ao pensar que era tudo para outra mulher sentiu uma enorme tristeza. Talvez um dia pudesse casar-se com um homem que a amasse de verdade, pensou.

Nessa noite, Adara levava um fato em tom de água-marinha que se ajustava às curvas. O tecido delineava perfeitamente cada pedacinho do corpo dela. Tinha comprado o vestido de propósito. Porque queria que a mulher do Bashah visse como alguém que foi

criado no harém, sem lugar na família real ou sem fortuna de berço, fosse a contribuidora para que o ambiente desse casamento fosse soberbo. E também porque queria que o Bashah se lembrasse do que tinha perdido por ter sido idiota.

Podia tentar aprender a viver sem ele. Talvez ao vê-lo com outra, beijando-a na cara dela —ainda que estivesse a ponto de ser masoquista— fosse o veneno letal para pôr um ponto às suas fantasias românticas. Como se deixava de amar alguém que na verdade nunca tinha tirado do mais profundo da sua alma? Talvez numa nova faceta da sua vida ela devesse trabalhar como filósofa, pensou ela a rir-se de si mesma e da situação tão dantesca em que se encontrava.

Podia afirmar que à noite já não chorava até se sentir esgotada, mas tinha o coração partido e tinha dificuldade em encontrar uma forma de reconstruir as peças. Outro puzzle para a lista, pensou enquanto cruzava a perna direita em cima da esquerda com movimentos elegantes. De baixo do vestido sobressaíam as sandálias salto agulha, que tapavam os pés delicados, com pedicura em tom vermelho sangue, com tiras finas salpicadas de cristais Swarovski.

Na cabeça levava um adereço que a Yosoulah lhe tinha feito. E ela mesma maquilhou-se com os produtos dela. Não era em vão que se tinha criado num harém, onde um dos principais objetivos em estar bela em todas as ocasiões. Quando se queria mimar, pagava para que a maquilhassem. Desta vez, preferiu fazê-lo ela mesma. Não estava por prazer em Azhat, mas por trabalho. Um trabalho que terminava no dia seguinte.

Tinha estado tão ocupada a colocar tudo na posição que ela queria, que ignorou a pontada de curiosidade por saber quem era a noiva. Ela preferia ver a feliz noiva no momento da cerimónia, e que a princesa ou filha de diplomáticos, ou quem quer que fosse essa mulher, com só a sua presença lhe deixasse claro que o Bashah que já não era um homem livre. Nem para o amar nem para pensar nele.

Suspirou a olhar à volta.

Tudo era sóbrio, vibrante e romântico. Contava as horas para se ir embora e acabar para sempre com aquele capítulo.

Era difícil não deixar voar os pensamentos.

Como é que Bashah se tinha apaixonado em tão pouco tempo? Principalmente depois do que tinha partilhado com ela durante uns dias tão... intensos?, pensou sentada na última mesa do salão. O filho, como lhe correspondia no protocolo real, estava sentado na primeira mesa.

Assim que o Tahír e o Amir a viram chegar foram ter com ela para lhe agradecer por ter aceite o trabalho.

—Negócios são negócios —respondeu-lhes com um sorriso.

—É bom ter-te em Azhat —disse Amir com um sorriso amável. Dos três irmãos, ele era o mais diplomático. Embora, os três soubessem dissimular muito bem as emoções em frente de terceiros.

—Obrigado, Amir.

—Encontramo-nos mais tarde. Ficas, certo? —Disse Tahír.

—Vou tentar fazê-lo.

Um dia o filho ia partir corações, pensou enquanto observava o Sam com o fato tradicional do país. Todos os Al-Muhabitti tinham genes que deviam ser guardados por terem a capacidade de acabar com o bom juízo feminino.

Era sábado, por isso o Sam não teve de faltar à escola. O único inconveniente seria o jet-lag, devido às horas de diferença com Londres. Dentro de pouco tempo começava a cerimónia.

Quando o rei entrou no salão o murmúrio dos convidados foi interrompido. Todos se puseram de pé, até ela. Embora não quisesse ter nenhum tipo de deferência.

Bashah era o arquétipo do poder masculino.

Adara afastou o olhar da entrada, quando os seus olhos se cruzaram. Foi um choque que tocou até à última célula do seu corpo. A intensidade era demasiada e a dor começava a querer abrir

a ferida que, pelo menos com pensamentos reflexivos, tinha tentado fechar a tudo o custo. Olhou para o relógio. A tradição dizia que a noiva tinha de chegar quinze minutos depois do noivo. Quinze minutos para fechar o seu destino.

Quando o Rei e Xeque Bashah Al-Muhabitti chegou ao final do corredor de mármore, o oficiante da cerimónia esperava paciente que o rei lhe desse algum sinal para dar início à celebração antes da entrada da noiva. A cada lado do rei estavam os príncipes. A sala estava cheia.

Os murmúrios voltaram a ouvir-se, quando rei agarrou no microfone.

«O que está a fazer?» —inquiriu uma voz.

«Porque se salta o protocolo? Tem de esperar pela noiva antes de falar» —disse outra pessoa.

«Não devia de já estar casado antes de se dirigir aos presentes?» —Perguntou uma voz gritona.

As perguntas à volta chegavam até à Adara, que tentava ignorá-las. A verdade é que também estava intrigada. Numa cerimónia o noivo nunca falava.

Virou a cabeça para procurar a Yosoulah entre os presentes. Encontrou-a, com um sorriso, sentada numa mesa ao longe onde também estavam os seus avós. Perante a insistência de Samir, que queria que os avós conhecessem Azhat, Adara consentiu o filho, mas antes pediu à Josie para telefonar a Dumma para saber se era possível, uma vez que se tratava de um pedido de última hora do príncipe herdeiro. E não se tratava só disso, se calhar a noiva não ia gostar da ideia de ter a família da ex-amante do seu futuro marido presente.

O tal Dumma parecia ter-lhe consideração e apreço, ou pelo menos era isso que a Adara pensava. Tanto ao telefone como pessoalmente era sempre muito cordial com ela. Pelo menos a sombra e o aborrecimento do Najib parecia ter desaparecido.

—Este dia para mim é muito importante —começou a dizer Bashah perante uma sala em completo silêncio.— Ser rei é uma grande responsabilidade e uma enorme honra que me foi concedida. Nasci com privilégios, tal como muitos de vocês, mas também tive de pagar um preço muito alto por eles. Sou consciente que um rei deve velar sempre pelo seu povo. Contudo, durante os últimos dias comecei a questionar-me sobre o tipo de rei que seria se estou vazio por dentro? Que classe de emoções posso transmitir que não sejam as relacionadas com a diplomacia ou com o sentido de dever perante tudo, para que possa ser empático a um nível que não esteja relacionado com a hierarquia que ocupo em Azhat? E que classe de rei serei se não for capaz de desafiar os convencionalismos por algo em que realmente acredito?

Todos ouviam absortos o à vontade com que ele falava, ainda que alguns curiosos se perguntavam se era a introdução para dizer o muito que desejava converter-se num homem casado.

—Há muitos anos tive uma grande amiga. Posso dizer que a única pessoa sincera que não tinha medo de dizer-me na cara os meus defeitos quando os outros de desfaziam em elogios, mesmo quando não os merecia —continuou num tom grave e varonil. Adara, que tentava olhar para outro lado para não se perder na virilidade de Bashah, foi atraída como um íman pelas suas palavras e finalmente claudicou, olhou para ele — e não sabem o refrescante que era, para um homem acostumado a ter tudo o que desejava, uma dose de realidade. A minha falta de maturidade fez com que, de um modo imperdoável, perdesse a confiança que essa amiga tinha depositado em mim —relatou, enquanto começava a caminhar pelo corredor a passo lento — e quando me reencontrei com ela aceitei um acordo que sabia que não ia ser suficiente. A minha soberbia fez-me acreditar que partilhar uns dias significava esquecer o passado. Como estava enganado. Mas esses foram dois dos meus erros...

Bashah chegou perto da Adara, que olhava incrédula para a audiência que era de chefes de tribos nómadas do deserto a representantes das casas reais da Europa e Ásia.

—O que estás a fazer...? —Perguntou a Adara a sussurrar, enquanto ele olhava para ela com intensidade. Ela detestava ser o centro das atenções dessa maneira. Involuntariamente, soube que estava a corar. Não entendia o jogo do Bashah.

Ele não respondeu, continuou com o discurso dele— O terceiro, e o maior erro, foi não lhe ter confessado o vazio que me senti sem ela durante todos estes anos. Que ninguém conseguiu preencher o espaço que ela deixou na minha vida há 8 anos. E há duas semanas também não a devia ter deixado ir embora sem me ter esforçado mais para conseguir a confiança dela... credibilidade. —Adara involuntariamente colocou a mão no peito, sentindo como a sua incrédula perspetiva da realidade começava a abrir caminho ao que parecia uma grande declaração de amor.— Nunca devi ter deixado o meu orgulho falar, devia ter arriscado primeiro o meu coração como ela fez comigo. Fui demasiado parvo e não vi o que tinha à frente dos olhos.

—Bashah... —murmurou ela, perdida nos olhos pretos dele, com o coração agitado e as lágrimas a ponto de derramarem-se. Sentia as pernas a tremerem. Nada tinha sentido. Nada. Não tinha olhos para mais ninguém que não fosse o homem cuja voz parecia embrulhar-lhe a aura, levá-la ao colo e enchê-la de cores vivas.

—Então, quando entrei em razão, tomei uma decisão arriscada. Desafiei a tradição. Quebrei protocolos. Tive grandes discussões durante estes dias. Finalmente, organizei um casamento. Contratei os melhores serviços do mundo para que este dia fosse perfeito. Convidei as pessoas mais importantes para mim a nível pessoal, profissional e aristocrático. —Bashah meteu uma mão no bolso. As pessoas que estavam na mesma mesa que a Adara afastaram-se para dar espaço ao rei, até que ele ficou a escassos centímetros de uns expressivos olhos azuis.— Mas só me falta uma coisa deste casamento.

«Este vai ser um grande titular», disse um dos convidados, enquanto que a Yosoulah agarrava ansiosa a mão da avó da Adara.

—Posso ser um rei, ter dinheiro, propriedades e poder. Mas nada disso tem valor se a mulher que amo, a mãe do meu filho, estiver longe de mim. Sou um rei incompleto, porque faz-me falta a única pessoa que é capaz de pôr o meu mundo a girar de forma correta. —Abriu a mão e viu-se um lindo anel de diamantes e safiras.

Perante a surpresa de todos os presentes, o Rei Bashah bin Zahír Al-Muhabitti, Xequê do Reino de Azhat, colocou-se de joelhos no chão de mármore e mostrou-lhe o anel.

Ele olhou para ela nos olhos, com amor e sinceridade.

—Ajoelho-me perante ti, porque amar-te faz-me mais humilde. Porque quero passar a minha vida contigo. Porque não importa quem dá o primeiro passo, quando o objetivo é estar juntos. Porque não há herança, posição social nem passado, que me impeça de querer-te e sentir-te mais perfeita do que já és para mim. Nenhum outro homem te vai amar mais do que eu. Dá-me a honra de ser teu marido, Adara. Por favor, *habiba*, casa-te comigo.

Com as lágrimas a caírem pela cara. Ela olhou para ele. Ele apagou o microfone e colocou-o de lado.

Ninguém se mexia.

Ninguém ousava interromper um momento inaudito e comovedor como esse. Não havia protocolo. Nem tradições. Só a força mais poderosa é capaz de pôr um homem de joelhos: o amor.

Bashah, um rei poderoso, um homem orgulhoso e altivo, tinha-se inclinado, pondo as emoções de lado, sem se importar com o golpe que poderia receber com uma resposta negativa. Estava a apostar tudo diante das pessoas mais importantes do mundo. Presidentes, ministros, reis... Arriscou-se a organizar um casamento ao qual a Adara podia ou não comparecer. Estava a apostar tudo, não só o seu coração, mas também a forma como os seus súbditos e homólogos o veriam para sempre.

Adara percebeu, por fim, tudo a que o Bashah se estava a enfrentar. E conhecendo como conhecia as tradições do país, sentiu que a camada de gelo que tinha começado a formar por ele, como

uma concha emocional, se partia até se dissolver totalmente. Não tinha visto por lado nenhum os Conselheiros do Destino, e isto só podia significar uma coisa: Bashah desafiou-os... E dissolveu-os. Por ela. Por esse casamento...

—Agora já sou digna de ti? —Perguntou num sussurro só para ele. Só eles entendiam a razão daquela pergunta, por aquelas palavras que ainda pareciam flotar como fantasmas às voltas. Mereciam um final. Uma resposta.

—Sempre foste, *habiba* —respondeu solene.— Sou eu quem te ama e, embora não mereça, espero muito ter uma oportunidade para ser digno do teu amor.

—Amei-te a vida toda... —Disse Adara com a voz embargada e um soluço.— Não me interessa o tempo que passe, acho que este amor que existe no meu peito nunca se vai apagar...

—Isto significa que aceitas casar-te comigo, ser a minha esposa e a minha rainha?

Ela assentiu.

—Isto significa que aceito ser a tua esposa, que te peço desculpas por ser tão casmurra e tão orgulhosa. Também significa que sou a mulher que estará sempre disposta a amar-te, e de agora em diante darei o meu melhor para que esta seja uma nova era para Azhat. Sim, quero casar-me contigo —disse rindo-se entre lágrimas, quando ele se levantou e lhe pôs o anel no dedo, antes de lhe dar um abraço perante os aplausos dos assistentes, dos flashes das câmaras fotográficas e do sorriso de quem oficiava a cerimónia, e beijou-a como só faz um homem apaixonado.

—Amo-te, Bash —sussurrou ela contra a boca pecaminosa do rei.— Amo-te.

Ouviu-se um riso que vinha da mesa de honra.

—Os meus pais vão casar-se! —Exclamou o Samir, fazendo com que todos se rissem.

EPÍLOGO

Cinco anos depois.

Tobrath, Reino de Azhat.

Adara Al-Muhabitti, rainha de Azhat, celebrava o quinto aniversário de casada.

Depois da cerimónia que teve lugar no Salão Minerva no palácio real, anos antes, ele perguntou-lhe se queria repetir o casamento de forma simbólica num espaço mais pequeno. Adara respondeu-lhe que tal como tinha sido, para além da cerimónia e da festa, para ela o mais importante tinham sido as palavras dele, a forma como tinha demonstrado o seu amor, arriscando-se a organizar um casamento sem ter a certeza se ela ia assistir e até que fosse aceitar o pedido.

Adara e Bashah tinham negociado a forma de continuar na empresa Bohemia Embellishment, e finalmente ela decidiu tentar organizar o tempo entre Tobrath, Londres e, de forma esporádica, Praga. Mas passado um ano e meia de casada, deu-se conta que estava demasiado esgotada para manter esse ritmo. Por isso, decidiu vender a empresa e dedicar-se à consultoria financeira e dar workshops sobre empreendedorismo empresarial em algumas universidades.

Ela e o Samir foram viver no palácio real em Azhat, mas passavam os verões em Londres perto dos avós da Adara. Yosoulah tinha falecido há dois anos com um ataque cardíaco fulminante. Uma morte que deixou a Adara muito triste.

Dumma era um assistente excelente para o Bashah, principalmente porque todos os dias deixava um espaço livre na

agenda para que os reis estivessem juntos. De facto, passaram a lua de mel num sítio que guardava uma necessidade de reivindicação. O deserto.

—Boa noite, senhora Al-Muhabitti —sussurrou uma voz que não parava de cativá-la. Adara afastou o olhar da janela para contemplar o marido.

—Bash... —murmurou antes de se deixar envolver por aqueles braços que a tinham abraçado com amor tantas noites.

—Tiveste saudades minhas hoje?

—Só um bocadinho —respondeu. A agenda de trabalho de Bashah estava bastante agitada, porque se debatia no deserto uma nova lei de controlo dos limites e um mercado comum para impulsionar a venda de petróleo à Europa. Não era um assunto fácil, e o rei não partilhava tudo o que queria com o Samir e Adara.— E tu?

Bashah começou a fazer-lhe cócegas e ela riu-se. Rapidamente os risos foram transformados em suspiros quando ele a puxou pela cintura, colando-a firmemente ao corpo para a beijar. Com o joelho separou-lhe ligeiramente as pernas e acariciou-a com uma paixão que não tinha fim. Só aumentava com ardência. Tocava-a como se nunca fosse suficiente.

As línguas enredavam-se numa batalha doce.

—Não façam isso! —Exclamou o Sam no corredor. Estava quase a fazer 13 anos e a entrar numa etapa difícil. Os pais tentavam educá-lo como a um jovem sem privilégios. Era melhor para o Sam entender que um dia ia reinar e que não podia defraudar-se a si mesmo com disparates.

Adara e Bashah separaram-se sem soltar as mãos. Ele beijou a esposa na face. A sua rainha.

—Onde vais? —Perguntou Bashah quando reparou na roupa típica do deserto que o filho levava vestida.

—O tio Tahír vai ensinar-me os métodos de combate no deserto.

—Não me digas —respondeu a Adara.— E pediste autorização a quem?

—Ele disse-me que todos os príncipes têm de saber como se defender.

Bashah riu-se.

—Um argumento que o meu irmão daria, sem dúvida. Vai então, mas tenta não demorar. Hoje vêm visitar-nos membros da UNESCO e querem conhecer-te pessoalmente.

Samir torceu o nariz de uma maneira muito parecida à da mãe quando não tinha outro remédio que não fosse aceitar. Era compreensível que um jovem de 12 anos quisesse aprender coisas mais interativas do que assistir a encontros oficiais. Mas esse era o destino dele e tinha de o assumir.

—De acordo.

De novo só, Bashah agarrou-a pela cintura.

—Tenho um presente de aniversário especial para ti.

—Ah, sim? —Perguntou com um sorriso coqueto. Uns dias antes, durante uma viagem a Paris onde se encontrou com a amiga Indhira e também com a antiga assistente pessoal na Bohemia Embellishment, Josie, comprou um conjunto de lingerie que ia pôr o marido louco.

—Claro. —Bashah garrou na mão dela e levou-a para o quarto de ambos. O palácio continuava no processo de remodelação, os acabamentos antigos misturavam-se com desenhos muito modernos e ao mesmo tempo confortáveis. Abriu uma gaveta e tirou uma caixinha.— Feliz aniversário, Adara, amo-te com todo o meu coração.

Ela olhou para ele com doçura e abriu a caixa.

Um colar precioso em forma de relógio de areia do tamanho de um polegar. Ele disse-lhe que no lugar de areia do deserto havia ouro e que estava feito de diamantes.

—Bash... é lindo! —Ele colocou-se atrás dela para tirar-lhe o colar que levava posto e colocou-o. Depois beijou a pele do pescoço da Adara com suma dedicação, antes de a voltar para si e olhar para o seu rosto bonito. Não se arrependia de nada. Estava agradecido até das coisas negativas, porque sem elas não se teria atrevido a ser sincero e a declarasse do modo que fez. —Obrigado, meu amor.

Ele agarrou-lhe na mão.

—Não interessa o que aconteça à nossa volta ou as circunstâncias que tenhamos que passar, enquanto nos tivermos um ao outro poderemos contornar as adversidades e deixamos que se percam nas areias do tempo.

Adara pôs a mão do Bashah no ventre ainda liso.

—Temos à nossa espera uma aventura nova juntos, e o nosso filho Samir terá a função de irmão mais velho —disse sorridente perante o olhar carregado de emoção do Bashah.

Ele abraçou-a e segurou-a contra o peito, no lugar precioso onde o seu coração batia sempre por ela.

SOBRE A AUTORA

Kristel Ralston, escritora equatoriana de novela romântica e ávida leitora do género, é apaixonada por histórias que decorrem em palácios e castelos na Europa. Embora gostasse da sua profissão como jornalista, decidiu dar uma viragem na carreira e ir para o velho continente fazer um mestrado em Relações Públicas. Durante o período que viveu na Europa leu várias novelas românticas que a cativaram e a incentivaram a escrever o seu primeiro manuscrito. Desde então, nem na sua variada biblioteca pessoal nem na sua agenda semanal faltam livros deste género literário.

A novela "Laços de Cristal", foi um dos cinco manuscritos finalistas anunciados no II Concurso Literário de Autores Indie (2015), promovido por Amazon, Diario El Mundo, Audible e Esfera de Libros. Este concurso recebeu mais de 1,200 manuscritos de diferentes géneros literários de expressão hispana de 37 países. Kristel foi a única latino-americana entre os cinco finalistas do concurso.

A autora também foi finalista do concurso de novela romântica Leer y Leer 2013, organizado pela Editorial Vestales da Argentina, e é co-administradora do blog literário "Escribe Romántica". Kristel Ralston publicou várias novelas como Enquanto Não Estavas, Ponto de Quebra, A Vingança Enganada, O Preço do Passado, Um Acordo Inconveniente, Laços de Cristel, Sob as Tuas Condições, O Último Risco, Voltar para Ti, Um Capricho do Destino, Desafiando o Coração, Mais Além do Pôr do Sol, Um Orgulho Tonto, entre outras.

Actualmente, Kristel vive em Guayaquil, Ecuador, e acredita firmemente que os sonhos se tornam realidade. Durante o tempo livre diverte-se a escrever novelas que convidam os leitores a não deixarem de sonhar com finais felizes.

Mais sobre a autora: www.kristel-ralston.com

Pode segui-la no Twitter @KristelRalston ou
www.facebook.com/KristelRalston,Books